# PACTO SINISTRO

PATRICIA HIGHSMITH



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."***

# Pacto Sinistro

## Patricia Highsmith

Tradução de

*Tite de Lemos*

Título original

*Strangers on a Train*

EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

© 1950 by Patricia Highsmith

Direitos adquiridos para a língua portuguesa, no Brasil, pela
EDITORA NOVA FRONTEIRA S.A.
Rua Maria Angélica, 168 — Lagoa — CEP 22.461
Rio de Janeiro — RJ
Tel.: 246-8066
Endereço Telegráfico: NEOFRONT

Revisão :Luiz Augusto Mesquita, Jorge Uranga

CIP-Brasil. Catalogação na fonte

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

---

H541p
Highsmith, Patricia.
Pacto sinistro / Patricia Highsmith; tradução de Tite de Lemos. — Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
Tradução de: *Strangers on a train*
1. Romance estadunidense I. Título

81-0385 CDD-813
CDU-820(73)-31

---

# 1

O trem rasgava a paisagem num ritmo raivoso e irregular. Fazia paradas cada vez mais frequentes em estações cada vez menores, onde se detinha impaciente por um instante, antes de uma nova investida à pradaria. O avanço, contudo, era imperceptível. A pradaria apenas ondulava, como uma enorme manta de tons róseos que tivesse sido displicentemente estendida. Quanto mais rápido ia o trem, mais flutuava, inatingível, a paisagem.

Guy desviou os olhos da janela e afundou de volta em seu assento.

Miriam adiaria o divórcio o quanto pudesse, pensou. Talvez nem quisesse o divórcio, apenas dinheiro. Conseguiria ele algum dia que lhe concedesse o divórcio?

Deu-se conta de que o ódio paralisava seu raciocínio, conduzindo-o a vielas escuras ao invés das amplas estradas que a lógica lhe apontara em Nova York. Podia pressentir Miriam logo adiante, não muito longe agora, com suas sardas e seus sinais e a irradiar aquela espécie de calor insalubre, como a pradaria lá fora. Soturna e cruel.

Num gesto automático procurou o maço de cigarros, pela décima vez lembrou-se de que não era permitido fumar no vagão Pullman, mas ainda assim puxou um cigarro. Bateu-o duas vezes no mostrador do relógio de pulso, viu as horas, 5:12, como se agora aquilo tivesse um significado especial, e ajustou o cigarro no canto da boca antes de acendê-lo com o fósforo envolto pela mão em concha. O cigarro substituiu o fósforo no vão da sua mão e ele se pôs a fumar com tragadas regulares e vagarosas. Seus olhos castanhos insistiam em contemplar com fascínio o persistente passar da paisagem do lado de lá da janela. Uma ponta do seu colarinho branco pulou sobre o maxilar e, sob os reflexos que o lusco-fusco começava a projetar contra a vidraça, emprestou-lhe um ar século-passado, reforçado por seus cabelos pretos que cresciam fartos e

livres sobre o crânio e atrás assentavam rentes. A rebeldia dos cabelos e o longo nariz aquilino faziam-no aparentar firme determinação ou sugeriam a iminência de alguma ação, embora, de frente, as sobrancelhas espessas e retas, assim como a boca, marcassem seus traços de reserva e quietude. Usava calças de flanela já sem vinco, um casaco escuro que caía frouxamente sobre o corpo delgado — e que revelava um pálido tom violeta sob a incidência da luz — e uma gravata de lã cor de tomate, negligentemente atada.

Não acreditava que Miriam fosse ter uma criança, a menos que o quisesse. Isso indicaria que o amante estava disposto a desposá-la. Mas por que pedira que viesse? Não precisava dele para ter o divórcio. E por que voltava ele ao mesmo tema sombrio em torno do qual especulava fazia já quatro dias, desde que recebera sua carta? Miriam não precisou de mais do que cinco ou seis linhas para lhe comunicar, na sua caligrafia redonda, que ia ter um filho, e queria vê-lo. Sua gravidez era uma garantia para o divórcio, avaliou. Por que então estava nervoso? Atormentava-o acima de tudo a desconfiança de que, em alguma inalcançável profundeza de si mesmo, pudesse estar sentindo ciúmes porque ela ia parir o filho de outro homem e tempos atrás abortara o seu. Não; era vergonha o sentimento que o mortificava, disse de si para si, a vergonha de um dia ter amado uma pessoa como Miriam. Amassou o cigarro contra a grade do aquecedor. O toco rolou até junto de seus pés e ele o chutou de volta para baixo do aquecedor.

Tinha tanto agora, de que se ocupar. O divórcio, o trabalho na Flórida — era praticamente certo que o conselho aprovasse suas plantas, e a resposta viria esta semana — e Anne. Podiam começar a fazer seus planos, ele e Anne. Durante mais de um ano aguardara ansiosamente que algo — isto — acontecesse para afinal libertar-se. Deleitado, sentiu explodir a felicidade dentro de si e relaxou na poltrona confortável. Os últimos três anos, na verdade, passara-os à espera de que aquilo acontecesse. Poderia ter comprado o divórcio, é claro, mas nunca conseguira ter tanto dinheiro de sobra para fazê-lo. Iniciara uma carreira de arquiteto sem a segurança do emprego em firma alguma, não fora nada fácil, e ainda hoje não o era. Miriam nunca pleiteara uma pensão, mas flagelava-o por outros meios, mencionando-o, em Metcalf, como se os dois ainda desfrutassem do melhor dos entendimentos e ele tivesse viajado a Nova York apenas na tentativa de estabelecer-se até, por fim, poder chamá-la. De tempos em tempos ela escrevia pedindo dinheiro, somas pequenas, irritantemente pequenas, que não lhe negava porque afinal, para ela, seria muito fácil — e tão natural — deflagrar uma campanha contra ele em Metcalf; e a mãe dele vivia em Metcalf.

Um rapaz alto e louro, vestindo um terno cor de ferrugem, ocupou o assento em frente ao de Guy e, com um sorriso vagamente amistoso, escorregou para um

canto. Guy fitou seu rosto pequeno e descolorido. Bem no meio de sua testa via-se uma gigantesca espinha. Guy voltou novamente os olhos para a janela.

O jovem em frente parecia conjeturar se começava uma conversa ou se dava uma cochilada. O cotovelo ia e vinha pelo peitoril da janela, e toda vez que se abriam as grossas pestanas os olhos cinzentos, injetados de sangue, se fixavam nele, e o plácido sorriso se recompunha. Dava a impressão de ter bebido um pouco.

Guy abriu seu livro mas os pensamentos se puseram a vaguear meia página depois. Olhou para cima, quando a carreira de alvas luzes fluorescentes bruxuleou no teto do vagão, deixou que os olhos corressem até o cigarro por acender, girando entre dedos ossudos atrás de um dos encostos, e até o monograma de ouro que tremeluzia espetado na gravata “do rapaz à sua frente. CAB, lia-se no monograma. E a gravata, de seda verde, exibia, pintadas a mão, palmeiras de um alaranjado escandaloso. O comprido corpo ferruginoso esparramava-se agora, vulnerável, a cabeça atirada para trás de tal modo que a espinha enorme ou furúnculo despontava sobre a testa como a recente erupção de um pico culminante. Era um rosto interessante, embora Guy não soubesse dizer por quê. Não parecia jovem nem velho, tampouco inteligente ou idiota de todo. Entre a testa estreita e protuberante e o queixo saliente, encovava-se numa depressão degenerescente, fundo na altura da fina linha da boca e ainda mais fundo nas cavidades azuladas onde se agarravam os pequenos leques das pálpebras. A pele era lisa como a de uma menina, com textura de cera, como se todas as suas impurezas tivessem sido canalizadas para nutrir a erupção.

Guy leu mais alguns parágrafos. A compreensão do que as palavras queriam dizer só fez espicaçar-lhe a ansiedade. Que utilidade poderá ter Platão para você, com Miriam, perguntou-lhe uma voz interior. Já lhe fizera a pergunta em Nova York, ainda assim ele trouxera o livro, antigo texto de que se servira no secundário, num curso de filosofia, e que agora representava uma autoindulgência, quem sabe uma maneira de compensar-se por ter de fazer a viagem ao encontro de Miriam. Olhou pela janela e, reparando em sua própria imagem, ajeitou a ponta virada do colarinho. Anne sempre fazia isso. De repente sentiu-se desamparado sem ela. Mudou de posição e sem querer esbarrou no pé do rapaz adormecido. Fascinado, viu contraírem-se as pestanas e se abrirem os olhos injetados. Quem sabe não teriam estado todo o tempo a observá-lo, através das pálpebras entreabertas?

— Desculpe — murmurou Guy.

— Tudo bem — disse o outro. Ergueu-se na poltrona e sacudiu a cabeça num movimento brusco. — Onde estamos?

— Entrando no Texas.

O rapaz louro tirou um frasco dourado do bolso, abriu-o e ofereceu-o com amabilidade.

— Não, obrigado — disse Guy. Pôde então reparar que a mulher sentada do outro lado do corredor, cuja vista, desde St. Louis, não se afastara um só instante do tricô em seu colo, arriscou um olhar para a cena no exato momento em que a garrafinha era levantada com um chacoalhar metálico.

— Qual é o seu destino? — O sorriso era agora uma úmida e tênue meia-lua.

— Metcalf — disse Guy.

— Hum. Ótima cidade, Metcalf. Vai a negócios? — Os olhos inflamados piscaram polidamente.

— Vou.

— Que tipo de negócios?

Guy afastou os olhos do livro, a contragosto.

— Sou arquiteto.

— Ah! — uma exclamação de ávido interesse. — Construção de casas, essas coisas?

— Isso.

— Tenho a impressão de que não me apresentei. — Semiergueu-se. — Bruno. Charles Anthony Bruno.

Guy apertou sua mão rapidamente.

— Guy Haines.

— Satisfação em conhecê-lo. Mora em Nova York? — A voz roufenha de barítono soou artificial, como se falasse só para manter-se desperto.

— Moro.

— Eu, em Long Island. Estou indo a Santa Fé para um pequeno período de férias. Conhece Santa Fé?

Guy fez que não com a cabeça.

— Lugar excelente para uma relaxada. — Sorriu, exibindo dentes de má qualidade. — Muita arquitetura dos índios, acho eu.

Um fiscal parou ao lado, no corredor, picotando bilhetes.

— Sua poltrona? — perguntou a Bruno.

Bruno recostou-se, ocupando possessivamente o seu espaço.

— Tenho uma cabine no vagão seguinte.

— Número três?

— Acho que sim. É.

O fiscal foi em frente.

— Esses sujeitos! — murmurou Bruno, chegando-se para a frente e olhando divertido pela janela.

Guy voltou ao livro, mas a presença aborrecida e importuna do outro — ele parecia estar sempre a ponto de dizer alguma coisa, de uma hora para a outra — impedia-o de concentrar-se. Guy considerou a possibilidade de ir jantar, mas por algum motivo permaneceu sentado. O trem reduzia outra vez a velocidade. Quando Bruno deu a impressão de que finalmente ia falar, Guy levantou-se, passou para outro vagão e pulou os degraus. O chão rangeu sob seus pés antes que o trem parasse completamente.

O ar mais orgânico, carregado pelo anoitecer, golpeou-o como um travesseiro asfixiante. Havia no ar um cheiro de cascalho poeirento e aquecido pelo calor do sol, misturado a óleo e metal quente. Estava com fome e demorou-se nas imediações do vagão-restaurante, caminhando em passadas lentas, as mãos nos bolsos, inspirando fundo embora a atmosfera não o agradasse. Um Constellation zumbiu no céu, rumo ao sul, com suas luzes, vermelhas, verdes e brancas. Anne deve ter feito ontem essa mesma rota, pensou, a caminho do México. E ele deveria estar a seu lado. Ela sugerira que viajassem juntos até Metcalf. Não fosse por Miriam, ele poderia ter-lhe pedido que passasse um dia lá e conhecesse sua mãe. Ou mesmo, independente de Miriam, se ele fosse outro tipo de pessoa, se pudesse simplesmente não ligar, lá falara com Anne sobre Miriam, já lhe contara praticamente tudo, mas para ele era insuportável a perspectiva de um encontro entre as duas. Preferia vir sozinho, de trem, para poder também pensar. E o que pensara até então? De que valiam a razão e a lógica quando se tratava de Miriam?

Ouviu-se um aviso de partida, mas Guy zanzou até o último instante, quando por fim içou-se para o vagão-restaurante, atrás do seu jantar.

O garçom acabara de anotar o seu pedido quando o rapaz louro surgiu gingando à porta do vagão, o jeito um tanto selvagem, cigarrinho na boca. Guy afastara-o por completo dos pensamentos, e a comprida imagem cor de ferrugem não passava agora de uma lembrança vagamente desagradável. Guy captou-lhe o sorriso, quando o rapaz o avistou.

— Pensei que tinha perdido o trem — disse Bruno, jovial, puxando uma cadeira.

— Se não se incomoda, Sr. Bruno, gostaria de ter alguns minutos de privacidade. Preciso pensar um pouco.

Bruno livrou-se do cigarro que começava a queimar-lhe os dedos e olhou com perplexidade para o interlocutor. Estava mais embriagado do que ainda há pouco. Seu olhar parecia mais enevoado do que nunca.

— Podemos ter toda a tranquilidade na minha cabine. Podíamos jantar lá. Que tal?

— Obrigado, prefiro ficar aqui.

— Ah, mas eu insisto. Garçom! — Bruno bateu palmas. — Por favor, transfira o pedido aqui do cavalheiro para a cabine número três e me leve um filé ao ponto com batatas fritas e torta de maçã. E dois uísques com soda, o mais depressa possível, certo? — Olhou para Guy e sorriu, com aquele seu sorriso mole e sequioso. — Okay?

Guy protestou, mas por fim levantou-se e acompanhou-o. Que importância tinha afinal de contas? E, de resto, não estava ele completamente saturado de si mesmo?

A pedida dos uísques teria sido dispensável, a não ser para que mandassem copos e gelos. As quatro garrafas de uísque escocês enfileiradas sobre uma valise de crocodilo eram as únicas peças bem arrumadas no pequeno aposento. Malas e baús guarda-roupas impediam toda circulação, exceto em uma pequena e labiríntica zona central; sobre eles empilhavam-se desordenadamente roupas e materiais esportivos, raquetes de tênis, um saco com tacos de golfe, um par de máquinas fotográficas, um cesto de vime com frutas e vinho acondicionado em papel fúcsia. Revistas variadas, historietas em quadrinhos e romances populares cobriam a poltrona junto à janela. Havia também uma caixa de bombons com uma fita vermelha sobre a tampa.

— Parece um tanto esportivo... — disse Bruno como quem pede desculpas.

— Simpático. — Guy esboçou um sorriso. O lugar o divertia e dava-lhe uma bem-vinda sensação de isolamento. Com o sorriso relaxaram-se as suas sobrancelhas escuras e toda a expressão de seu rosto se transformou. Seus olhos examinavam, agora o mundo visível. Enfiou-se, ágil, pelos estreitos corredores entre as malas, observando as coisas como um gato curioso.

— Novinha em folha. Nunca encostou numa bola — informou Bruno, empunhando uma raquete de tênis para que o outro comprovasse. — Minha mãe me faz carregar toda essa tralha, na esperança de me manter longe dos bares. Enfim, podem servir para pôr no prego, se algum dia eu ficar a perigo. Gosto de beber quando viajo. Realça as coisas, não acha? — Os *highballs* chegaram e Bruno reforçou-os com o conteúdo de uma das garrafas. — Sente-se. Tire o paletó.

Mas nenhum dos dois sentou-se ou tirou o casaco. Houve um constrangedor hiato de silêncio em que um parecia não ter nada a dizer ao outro. Guy tomou um gole do *highball*, que parecia escocês puro, e olhou para o chão em desordem. Bruno tinha pés esquisitos, reparou, ou talvez fossem os sapatos. Eram pequenos, cor marrom-claro, com um bico comprido e afilado como o queixo proeminente de Bruno. Pés com aparência um pouco antiquada. E Bruno não era tão esbelto como pensara. Suas pernas compridas pareciam ter peso, e o corpo se arredondava.

— Espero que não tenha ficado aborrecido — disse Bruno, cauteloso — quando apareci no vagão-restaurante.

— Não, não.

— Estava me sentindo sozinho, sabe como é.

Guy disse algo sobre a solidão de quem viaja sozinho numa cabine e quase tropeçou em alguma coisa: a alça de uma Rolleiflex. Ficou um risco fundo em sua caixa de couro. Tinha consciência de que Bruno o observava furtivamente. Ia entediar-se, claro. Por que viera? Angustiado, teve vontade de voltar para o vagão-restaurante. Foi quando chegou o garçom trazendo uma bandeja coberta por uma tampa metálica. Ele rapidamente improvisou uma mesa e o cheiro da carne grelhada revigorou Guy. Bruno insistiu tão desesperadamente em pagar a conta que Guy desistiu. Para Bruno, um enorme filé com champignons. Para Guy um hambúrguer.

— Está construindo o quê em Metcalf?

— Nada — disse Guy. — Minha mãe mora lá.

— Ah — disse Bruno com interesse. — Vai visitá-la? É a sua cidade?

— É. Nasci lá.

— Você não tem muito jeito de texano. — Bruno espalhou ketchup em tudo, no bife e nas batatas fritas, e com todo cuidado catou a salsa. — Há quanto tempo não vai à sua casa?

— Uns dois anos.

— Seu pai também mora lá?

— Meu pai já morreu.

— Hum. Você se dá bem com a sua mãe?

Guy disse que sim. O gosto do uísque escocês, embora não ligasse muito para isso, era agradável porque lhe lembrava Anne, Ela bebia escocês, quando bebia. Era bem como ela, dourado, cheio de luz, produto de esmerada perícia. — Onde você mora em Long Island?

— Great Neck.

Anne morava bem mais adiante em Long Island.

— Numa casa que chamo de O Canil — continuou Bruno. — Rodeada de cornisos[1], e dentro dela pessoas que vivem numa espécie de canil, inclusive o chofer. — Riu, de repente, com visível prazer, e tornou a debruçar-se sobre a comida.

Olhando agora para ele, Guy via apenas o topo da cabeça estreita e de cabelos ralos — e a espinha protuberante. Não prestara atenção na espinha desde que o vira cochilando, mas agora, voltando a reparar nela, pareceu-lhe algo chocante e monstruoso, separado do resto. — Por quê? — perguntou Guy.

— Meu pai. Um sacana. Também me entendo bem com a minha mãe. Minha mãe chega a Santa Fé dentro de uns dois dias.

— Que bom.

— É isso aí — disse Bruno, mas num tom de quem contesta.

— Nos divertimos demais, juntos — relaxando, jogando golfe. Às vezes até vamos juntos a festas. — Riu, ao mesmo tempo envergonhado e orgulhoso, com um jeito subitamente jovem e inseguro. — Você acha alguma graça?

— Não — disse Guy.

— Eu só queria era ter a minha própria gaita. Olhe só, este ano eu devia começar a receber as minhas rendas, mas meu pai está impedindo. Ele desvia para a sua própria conta bancária. Você pode pensar que exagero, mas hoje em dia não tenho mais dinheiro na mão do que quando era estudante com tudo pago. De vez em quando sou obrigado a pedir cem dólares a minha mãe. — Sorriu, resoluto.

— Devia ter deixado que eu pagasse a conta.

— Aaah, não! — protestou Bruno. — O que digo é que é uma miséria dos diabos você ser roubado pelo próprio pai. O pior é que o dinheiro, nem é dele, é o dinheiro da família da minha mãe. — Parou para que Guy fizesse algum comentário.

— E sua mãe não tem nada a dizer a respeito?

— Meu pai botou lá o nome dele, quando eu era criança — rugiu Bruno.

— Ah. — Guy ficou imaginando quantas pessoas Bruno teria conhecido, pago jantares e contado a mesma história sobre o pai.

— Por que ele agiu assim?

Bruno fez um gesto de desalento com as mãos e em seguida escondeu-as rápido, nos bolsos.

— Eu disse que ele é um sacana, não disse? Rouba quem puder. Fica falando que não me dá o dinheiro porque eu não quero trabalhar, mas é mentira. Acha que minha mãe e eu já temos uma vida boa demais. Está sempre bolando esquemas para atrapalhar.

Guy visualizava-os, a ele e à mãe, uma senhora da sociedade de Long Island, ainda jovem e cheia de rímel nas pestanas, que eventualmente, como o filho, achava graça em companhias barulhentas.

— Você estudou em que universidade?

— Harvard. Estava no segundo ano quando fui posto para fora. Bebida e jogo. — Encolheu os ombros estreitos. — Nada a ver com você hein? Está certo, sou um vagabundo, e daí? — Verteu mais uísque nos dois copos.

— Quem disse que você é um vagabundo?

— Meu pai. Devia ter tido um filho legal e sossegado como você. Assim todo mundo teria ficado feliz.

— O que leva você a pensar que sou legal e sossegado?

— Ora, você é um sujeito sério, escolheu uma profissão. Arquitetura. Mas eu não estou a fim de trabalhar. Não preciso, percebe? Não sou escritor, nem pintor, nem músico. Por que uma pessoa deve ser obrigada a trabalhar, se não precisa? Não passa de uma maneira segura de ter uma úlcera. Meu pai tem úlcera. Pois é. Ele ainda tem esperanças de que um dia eu participe do seu negócio de ferragens. Mas eu lhe digo que negócios, qualquer espécie de negócios, não passam de falcatruas legalizadas, do mesmo jeito que o casamento é a fornicação legalizada. Não estou certo?

Guy olhou-o de esguelha e borrifou sal em uma batata frita espetada em seu garfo. Comia devagar, saboreando a comida e até divertindo-se vagamente com Bruno, assim como o divertiria um espetáculo apresentado num palco distante. Na verdade pensava em Anne. Por vezes o tênue mas contínuo sonho em que ela se apresentava a ele, em sua mente, parecia mais real do que o mundo palpável, que lhe chegava fragmentado, através de imagens circunstanciais, como o risco na caixa da Rolleiflex, o longo cigarro que Bruno afundara na rodela de manteiga, o vidro partido do retrato do pai que Bruno atirara no corredor, conforme a história que estava contando. Ocorreu a Guy que talvez tivesse tempo para encontrar-se com Anne no México, depois de Miriam e antes da Flórida. Se resolvesse rápido o problema com Miriam, poderia voar para o México e ir também de avião para Palm Beach. Não lhe ocorrera antes por falta de condições financeiras. Mas, se conseguisse o contrato de Palm Beach, por que não?

— Pode imaginar desaforo maior? Trancar a garagem com o meu próprio carro lá dentro? — A voz de Bruno falhou e se transformou num guincho.

— Por quê? — perguntou Guy.

— Só porque ele sabia que eu precisava muito do carro naquela noite! Meus amigos acabaram me apanhando, e o que foi que ele ganhou com isso?

Guy não sabia o que dizer.

— Ele fica com as chaves?

— Ele tirou as *minhas chaves*. Entrou no meu quarto e tirou! Por isso estava com medo de mim. Saiu de casa naquela noite, estava tão apavorado. — Bruno reclinara-se em sua cadeira, respirando pesadamente e trincando uma unha. Alguns pequenos feixes de cabelo, escurecidos pelo suor, movimentavam-se como antenas sobre a testa. — Minha mãe não estava em casa, do contrário aquilo nunca teria acontecido, é claro.

— Claro — ecoou Guy, sem querer. Toda a conversa que haviam mantido, calculou, conduzia inevitavelmente àquela história, da qual não escutara mais do que a metade. Atrás dos olhos injetados que o fitaram no vagão Pullman, atrás do sorriso sôfrego, mais uma história de injustiça e ódio. — Aí você jogou o retrato dele no corredor — perguntou Guy displicentemente.

— Tirei do quarto da minha mãe — respondeu Bruno, enfatizando as três últimas palavras. — Meu pai foi quem colocou no quarto da minha mãe. Ela não gosta mais do que eu do Capitão. O Capitão! Ele não merece que eu o chame por nome nenhum, meu querido!

— Mas o que é que ele tem contra você?

— Contra mim e a minha mãe também! Ele é diferente de nós ou de qualquer outro *ser humano*! Não gosta de ninguém. Não gosta de nada a não ser dinheiro. É simples: faz safadezas em quantidade suficiente para ganhar um bocado de dinheiro. É sabido, está certo! Perfeito! Mas a consciência dele não o deixa em paz! Por isso quer que eu entre na firma dele — faço todas as sujeiras e me sinto nojento como ele se sente! — A mão hirta de Bruno fechou-se. Depois a boca, depois os olhos.

Guy achou que ele estava a ponto de chorar, mas então as pálpebras túmidas se levantaram e o sorriso tornou a se esboçar.

— Estou chateando? Estava só explicando por que saí tão depressa da cidade, na frente da minha mãe. Você não faz ideia de como sou um camarada bem disposto! Sério, mesmo!

— Se você quisesse, não poderia sair de casa?

A princípio Bruno pareceu não entender a pergunta, depois respondeu com toda a calma:

— Claro, só que quero ficar com a minha mãe.

E a sua mãe ficou por causa do dinheiro, pensou Guy.

— Cigarro?

Bruno pegou um, sorridente.

— Sabe, a noite em que ele saiu de casa foi talvez a primeira em dez anos. Eu estava furioso o bastante naquela noite, para matá-lo, e ele sabe disso. Já sentiu o impulso de matar alguém?

— Não.

— Pois eu já. Às vezes tenho certeza de que seria capaz de matar meu pai. — Abaixou os olhos para o prato com uma expressão embrutecida. — Sabe qual é o passatempo do meu pai? Adivinhe.

Guy não tinha nenhuma vontade de adivinhar. Sentiu-se entediado, de repente, e gostaria de poder ficar sozinho.

— Ele coleciona forminhas! — Bruno explodiu em pequenas gargalhadas. — Forminhas, palavra de honra! Tem de todos os tipos e marcas, espalhadas pelo quarto. Forminhas para modelar biscoitos de bichinho e outras formas, todas empilhadas em cima da mesa. Sabe do que estou falando, não? Aquelas guloseimas que vêm em caixas e que as crianças comem. Ele escreveu para o presidente da fábrica e lhe mandaram a série inteira. — Bruno ria, curvando-se sobre si mesmo.

Guy olhou para ele. Bruno era mais engraçado do que as coisas que dizia.

— Ele as usa de vez em quando?

— O quê?

— Alguma vez ele fez os tais biscoitos?

Bruno assoviou. Torceu-se para tirar o casaco e enfiou-o numa mala. Por um momento pareceu excessivamente excitado para dizer o que quer que fosse; em seguida, porém, mais calmo, observou:

— Minha mãe sempre lhe diz que volte para as forminhas. — Uma película de suor cobria a superfície lisa de seu rosto como óleo. Ele estendeu o sorriso solícito por sobre a mesa. — Gostou do jantar?

— Muito — disse Guy, cordial.

— Já ouviu falar da Companhia de Transformadores Bruno, de Long Island? Fabrica aqueles aparelhos de transformar corrente.

— Acho que não.

— Enfim, por que motivo teria ouvido falar, não? Mas, olhe, dá uma nota violenta. Você se interessa por ganhar dinheiro?

— Não tenho essa mania.

— Incomoda-se se lhe perguntar qual é a sua idade?

— Vinte e nove.

— É mesmo? Eu lhe daria mais. Quantos anos você me dá?

Guy examinou-o com polidez.

— Vinte e quatro, vinte e cinco, talvez — respondeu, com o propósito de lisonjeá-lo, pois ele parecia mais jovem.

— Isso mesmo. Vinte e cinco. Você acha que eu realmente pareço ter vinte e cinco anos com isto — esta *coisa* bem no meio da minha testa? — Bruno espremeu o lábio inferior entre os dentes. Um lampejo de gravidade apareceu em seus olhos e subitamente ele levou as mãos em concha até a testa, num gesto de intensa e amarga vergonha. De um salto colocou-se diante do espelho. — Eu estava querendo botar alguma coisa em cima.

Guy disse algo para tranquilizá-lo, mas Bruno continuou a olhar-se no espelho, contemplando-se de ângulos diversos, numa mortificante autotortura.

— Não *bastava* uma mera espinha — disse num diapasão anasalado. — Tinha de ser um furúnculo. É tudo o que *odeio* porejando em mim. É uma praga de Jó!

— Ora, o que é isso! — disse Guy, rindo.

— Começou segunda-feira à noite, depois daquela briga. Está piorando. Aposto que vai ficar uma cicatriz.

— Não vai não.

— Vai sim. Belo troféu para ostentar em Santa Fé! — Estava agora sentado em sua cadeira, os punhos cerrados, uma perna pendendo pesada, numa melancólica pose de tragédia.

Guy cruzou a cabine e abriu um dos livros no assento sob a janela. Era um romance policial. Só havia romances policiais. Quando tentou ler algumas linhas, as letras dançaram e ele fechou o livro. Bebera bastante, pensou. Não estava realmente ligando, esta noite.

— Em Santa Fé — disse Bruno — vou querer tudo o que houver. Vinho, mulheres e música. Ha!

— O que é que você quer?

— Qualquer coisa. — A boca de Bruno contorceu-se numa horrenda careta de indiferença. — Tudo. Tenho a teoria de que a pessoa deve fazer tudo o que é possível fazer antes de morrer e talvez morrer tentando fazer algo que seja realmente impossível.

Algo dentro de Guy ia reagir com um salto, mas recuou prudentemente. Perguntou com suavidade:

— Por exemplo?

— Uma viagem à Lua num foguete. Estabelecer um recorde de velocidade dirigindo um carro — com os olhos vendados. Fiz uma coisa parecida. Não estabeleci nenhum recorde mas andei a cem por hora.

— Com os olhos vendados?

— E já roubei. — Bruno olhou fixo para Guy. — Coisa fina. Um apartamento.

Um sorriso de incredulidade começou a se desenhar nos lábios de Guy, embora na verdade acreditasse em Bruno. Era uma pessoa capaz de ser violenta. Insana, também. Desespero, corrigiu Guy, não insanidade. O desesperado tédio da abundância, de que tantas vezes falara a Anne. Tendia mais a destruir do que a criar. E podia levar facilmente tanto ao crime quanto à miséria.

— A ideia não era pegar nada — continuou Bruno. — Eu não queria o que estava levando. Levei especificamente o que não queria.

— O que você levou?

Bruno deu de ombros.

— Isqueiro. Bibelôs. Quinquilharias. — Tornou a encolher os ombros. — Você é a única pessoa que sabe disso. Não sou de falar muito. Você deve pensar que falo demais — sorriu.

Guy tragou o cigarro.

— Como foi que você fez?

— Fiquei observando um edifício em Astória. No momento certo, entrei pela janela. Usei a escada de incêndio. Mais ou menos fácil. Um feito que risquei da minha lista, pensando: graças a Deus.

— Por que "graças a Deus"? Bruno riu amarelo.

— Não sei por que disse isso. — Reabasteceu seu copo, depois o de Guy.

Guy olhou para as mãos desgraciosas e trêmulas que haviam roubado, as unhas roídas até o sabugo. As mãos brincaram desajeitadamente com uma caixa de fósforos e a deixaram cair sobre o bife já borrifado de cinzas, tal como teriam feito as mãos de uma criança. Como era aborrecida essa coisa de crime, pensou Guy. E, frequentemente, sem nenhum propósito. Um sujeito qualquer aderia ao crime. Mas quem, observando as mãos de Bruno, ou seu quarto, ou seu rosto repulsivo e melancólico, seria capaz de dizer que ele praticara um roubo? Guy deixou-se cair outra vez em sua cadeira.

— Fale de você — sugeriu Bruno amavelmente.

— Nada a dizer. — Guy tirou um cachimbo do bolso do casaco, bateu-o no calcanhar, viu as cinzas que se derramavam no tapete e logo esqueceu o assunto. O zunido do álcool penetrou mais fundo em sua carne. Se o contrato de Palm Beach fosse fechado, pensou, as duas semanas antes de começar o trabalho passariam depressa. Não havia necessidade de prolongar um divórcio por muito tempo. O contorno dos prédios brancos e baixos sobre o gramado verde, na apresentação final de seu projeto, flutuou familiar e detalhado em sua memória sem que ele sequer procurasse evocar seus traços. A lembrança pareceu lisonjeá-lo; sentiu-se de repente imensamente seguro e afortunado.

— Que tipo de casas você constrói? — perguntou Bruno.

— Bem, isso que costumam chamar de moderno. Fiz dois armazéns e um pequeno edifício comercial. — Guy sorriu. Não se sentiu nem um pouco vexado nem se mostrou reticente, como costumava acontecer quando lhe faziam perguntas sobre trabalho.

— Você é casado?

— Não. Quero dizer, sim, sou. Separado.

— Ah, é? Por quê?

— Incompatibilidade — replicou Guy.

— Há quanto tempo está separado?

— Três anos.

— Você não pediu o divórcio?

Guy franziu as sobrancelhas, hesitante.

— Ela está no Texas também?

— Está.

— Vai vê-la?

— Vou. Dessa vez vamos acertar o divórcio. — Cerrou os dentes. Por que dissera aquilo?

Bruno sorriu, zombeteiro.

— Que espécie de moças a gente encontra lá, para casar?

— Muito bonitas — retrucou Guy. — Algumas delas.

— Apesar de cretinas na maioria, não?

— Às vezes. — Sorriu consigo mesmo. Miriam era provavelmente o tipo de moça sulista a que Bruno se referia.

— Que gênero de garota é a sua mulher?

— Bem bonita — disse Guy, cauteloso. — Cabelos ruivos. Um pouco roliça.

— Como se chama?

— Miriam. Miriam Joyce.

— Hum. Inteligente ou imbecil?

— Não é nenhuma intelectual. Eu não queria me casar com uma intelectual.

— E você gostava dela como um louco, não é?

Por quê? Será que dera a entender isso? Os olhos de Bruno estavam fixados em cima dele. Nada deixavam escapar, sequer piscavam, como se a exaustão tivesse ultrapassado o ponto em que dormir se torna imperativo. Guy teve a sensação de que aqueles olhos cinzentos tinham estado a esquadrinhá-lo horas a fio.

— Por que diz isso?

— Você é um rapaz cem por cento. Leva tudo a sério. Com as mulheres você também adota o método complicado, não é?

— Qual é o método complicado? — replicou. Mas sentiu subir uma onda de afeição por Bruno, pois Bruno dissera exatamente o que ele pensava de si mesmo. A maior parte das pessoas, Guy sabia, não declarava o que pensava dele.

Bruno riscou volutas no ar com as mãos e suspirou.

— Qual é o método complicado? — insistiu Guy.

— Você se dá, cheio de altas esperanças. Aí pegam você pelo pé, certo?

— Não exatamente. — Magoou-o, no entanto, um sentimento de autopiedade, e ele se levantou, o drinque na mão. A cabine não tinha espaço para muitos movimentos. O balanço do trem tornava difícil até mesmo manter-se de pé.

E Bruno continuava a olhar para ele, o pé antiquado bamboleando na extremidade da perna cruzada, o indicador batendo ininterruptamente a cinza do cigarro sobre o prato. O que restara do bife rosado e negro era lentamente coberto pela chuva de cinzas. Bruno parecia menos amistoso, desconfiou Guy, desde que lhe dissera ser casado. E mais curioso.

— O que houve com a sua mulher? Ela começou a dar suas saídas?

Aquilo também o irritou, a perspicácia de Bruno.

— Não. De qualquer modo já passou.

— Mas você ainda está casado com ela. Por que não conseguiu o divórcio antes?

Guy sentiu vergonha.

— Nunca me preocupei muito com o divórcio.

— E o que foi que aconteceu agora?

— Ela simplesmente decidiu que queria o divórcio. Acho que vai ter um filho.

— Ah, momento muito apropriado para uma decisão, não acha? Ela borboleteou durante três anos e finamente achou um braço onde pousar.

Exatamente o que acontecera, é claro, e provavelmente a criança fora imprescindível, no caso. Como é que Bruno podia saber? Guy teve a impressão de que Bruno transferia para Miriam o conhecimento que tinha e o ódio que dedicava a alguma outra pessoa, alguém de suas relações. Guy virou-se para a janela. A janela só lhe devolveu a sua própria imagem. Podia sentir as batidas do coração sacudindo seu corpo de maneira mais intensa que as vibrações do trem. Talvez pensou, seu coração batesse assim porque jamais contara a ninguém tanta coisa sobre Miriam. Nunca dissera a Anne o que Bruno já sabia até aquele momento. Ele só desconhecia que Miriam fora diferente um dia — suave, leal, solitária e terrivelmente necessitada dele, assim como de independência da família. Amanhã ia ver Miriam, e teria de falar com ela sem lhe pôr as mãos. Não podia suportar a ideia de tocar naquela carne flácida que um dia amara. Um sentimento de fracasso o avassalou de repente.

— O que aconteceu com o casamento de vocês? — indagou mansamente a voz de Bruno, bem atrás dele. — Estou realmente muito interessado, como amigo. Que idade tinha ela?

— Dezoito.

— Começou imediatamente a andar com outros caras?

Guy fez um movimento instintivo de ombros, como se quisesse enxotar a culpa de Miriam.

— Bem, não é a única coisa que as mulheres fazem, você deve saber.

— Mas ela fazia, não fazia?

Guy desviou o olhar, ao mesmo tempo afligido e fascinado.

— Sim. — Que medonho lhe pareceu o som dessa palavrinha, sibilando em seus ouvidos!

— Conheço bem o estilo dessas ruivas sulistas — disse Bruno, cutucando a torta de maçã.

Guy experimentava novamente a consciência de uma aguda e inútil vergonha. Inútil porque nada do que Miriam pudesse ter feito ou dito deixaria Bruno perturbado ou surpreso. Bruno parecia incapaz de surpreender-se; só era suscetível de ter seu interesse aguçado.

Bruno olhou para o prato com um ar discretamente divertido. Os olhos se arregalaram, tão brilhantes quanto o permitiam o sangue injetado e os círculos azuis.

— Casamento — suspirou.

A palavra casamento também ficou ecoando nos ouvidos de Guy. Para ele era uma palavra solene. Tinha a solenidade primordial de *sagrado, amor, pecado*. Era a redonda boca cor de terracota de Miriam dizendo: “Por que deveria eu sair daqui por sua causa?”. E eram os olhos de Anne quando ela punha os cabelos para trás e o olhava deitada na grama de sua casa, onde plantava açafrões. Era Miriam voltando-se à frente da janela alta no quarto em Chicago e levantando o rosto triangular e sardento para encará-lo, como sempre fazia antes de dizer uma mentira, e a cabeça comprida e morena de Steve, a sorrir com insolência. As lembranças começaram a se amontoar, e ele desejaria poder detê-las com as mãos e empurrá-las de volta. O quarto em Chicago onde tudo acontecera... Podia sentir o cheiro do quarto, o perfume de Miriam e o calor dos aquecedores. Manteve-se estático, sem repelir, pela primeira vez em todos esses anos, o rosto dela até que se tornasse um borrão esmaecido. Que consequências lhe traria deixar-se de novo arrastar por aquela torrente? Viria isso a ser uma arma a usar contra Miriam ou, ao contrário, o debilitaria?

— Falo sério — disse, distante, a voz de Bruno. — O que foi que aconteceu? Você não se incomoda de me dizer, não é? Estou interessado.

Aconteceu Steve. Guy pegou o seu drinque. Reviu aquela tarde em Chicago, emoldurada pela porta de entrada do quarto, a imagem em preto-e-branco, como numa fotografia. A tarde em que encontrara os dois no apartamento, aquela e não outra tarde, com suas próprias cores, seu gosto e sons particulares, seu universo próprio, enfim, como uma pequena e detestável obra de arte. Como uma data histórica fixada no tempo. Ou seria exatamente o contrário, isto é, um dia que sempre o acompanhava, para onde quer que viajasse? Pois ali estava ele outra vez, límpido como sempre fora. E, pior, tinha consciência do impulso de contar tudo a Bruno, o estranho do trem que o

ouviria, expressaria sua comiseração e esqueceria. A ideia de contar a Bruno confortava-o. Bruno não era de modo algum o tipo habitual de estranhos que se costuma encontrar nos trens. Era suficientemente corrupto e cruel para apreciar uma história como aquela de seu primeiro amor. E Steve era apenas o fecho surpresa que fazia com que se encaixassem todas as outras peças. Steve não tinha sido a primeira traição. Fora apenas o seu orgulho dos vinte e seis anos que lhe explodira em pleno rosto, naquela tarde. Contou mil vezes a si mesmo aquela história, uma história clássica, dramática em sua estupidez. E era essa estupidez que lhe dava humor.

— Esperei demais dela — disse Guy inadvertidamente — sem ter esse direito. Acontece que ela gostava de atenções. Provavelmente vai flertar a vida inteira, não importa com quem esteja casada.

— Sei, o tipo colegial eterna. — Bruno fez um aceno. — Não consegue sequer fingir que pertence a um sujeito só.

Guy olhou para ele. Miriam, claro, conseguira, uma vez.

Abandonou bruscamente a ideia de contar a Bruno, envergonhado por quase tê-lo começado a fazer. Bruno agora parecia não dar importância a que ele contasse ou não a história. Desinteressado, com um palito de fósforo fazia desenhos no molho em seu prato. De perfil, a boca descambava entre o nariz e o queixo como a boca de um ancião. Parecia dizer que, qualquer que fosse a história, estava muito abaixo de qualquer crítica para ser ouvida.

— Mulheres como essa atraem os homens — resmungou Bruno — como o lixo atrai as moscas.

# 2

O choque das palavras de Bruno levou-o para fora de si mesmo.

— Talvez você já tenha passado por algumas dessas experiências desagradáveis — observou. Mas era difícil imaginar Bruno em apuros por causa de mulheres.

— Meu pai conheceu uma dessas. Ruiva também. Chamava-se Carlotta. — Levantou os olhos e o ódio pelo pai pareceu penetrá-lo como uma farpa. — Fantástico, não é? São homens como meu pai que as mantêm em atividade.

Carlotta. Guy compreendia agora por que Bruno abominava Miriam. Parecia a explicação para a própria personalidade de Bruno, para o ódio que tinha do pai e para sua adolescência tardia.

— Há dois tipos de homem! — anunciou Bruno num tom de voz tonitruante e fez uma pausa.

Guy captou um vislumbre de si mesmo num espelho na parede. Seus olhos pareciam assustados, observou, a boca mostrava um esgar, e ele procurou relaxar. Um taco de golfe o tocou nas costas. Deslizou as pontas dos dedos sobre a superfície envernizada e fria. O metal embutido na madeira escura lembrou-lhe a bitácula no veleiro de Anne.

— É basicamente um tipo de mulher! — continuou Bruno. — A mulher de duas caras. Bem, de um lado você tem esse gênero e do outro simplesmente a puta. É só escolher!

— E o que dizer de mulheres como sua mãe?

— Nunca vi mulher nenhuma como a minha mãe — declarou Bruno. — Nunca vi uma mulher fazer tantas coisas. E é bonita também, tem uma porção de amigos homens, mas não é de ficar tendo casos com eles.

Silêncio.

Guy bateu outro cigarro em seu relógio e viu que eram dez e meia. Precisava ir daí a pouco.

— Como foi que você descobriu a respeito da sua mulher? — Bruno ficou a observá-lo.

Guy se manteve ocupado com o cigarro.

— Quantos foram?

— Não muitos. Até eu descobrir. — E enquanto dizia a si mesmo que agora não fazia nenhuma diferença admitir todas essas coisas, a sensação de um redemoinho dentro de seu corpo começou a deixá-lo confuso. Uma sensação, contudo, de algum modo mais real do que suas lembranças, porque estas ele as havia expelido. Orgulho? Ódio? Ou apenas impaciência consigo mesmo, já que não havia utilidade alguma no que estava sentindo agora? Desviou a conversa da sua pessoa. — Conte-me o que mais pretende fazer antes de morrer.

— Morrer? Quem falou em morrer? Descobri um processo de fabricar raquetes inquebráveis. Posso fazer o lançamento qualquer dia desses em Chicago ou Nova York, ou então vender minhas ideias. E tenho uma porção delas para assassinatos perfeitos. — Bruno olhou novamente para ele, com fixidez que parecia ser um desafio.

— Espero que seu convite para jantar aqui não faça parte de algum dos seus planos — Guy sentou-se.

— Deus do céu, eu *gosto* de você, Guy! Gosto mesmo!

O rosto carente implorava a Guy que dissesse que gostava dele também. Quanta solidão naqueles olhos pequenos e angustiados! Guy olhou confuso para as próprias mãos.

— Suas ideias levam todas ao crime?

— Claro que não! São apenas coisas que quero fazer. Por exemplo: um dia quero dar mil dólares a um sujeito qualquer. Um mendigo. Quando tiver minha própria grana, essa vai ser uma das primeiras coisas que vou fazer. Mas você nunca sentiu que tinha vontade de roubar alguma coisa? Ou de matar alguém? Deve ter sentido. Todo mundo sente esse tipo de coisa. Você não acha que certas pessoas veem uma emoção toda especial em matar gente nas guerras?

— Não — disse Guy. Bruno hesitou.

— Ora, nunca vão admitir, é claro, têm medo! Mas em sua vida você deve ter cruzado com pessoas que gostaria de afastar do seu caminho, não?

— Não. — Steve, lembrou-se de repente. Certa vez chegara mesmo a pensar em assassiná-lo.

Bruno espichou a cabeça.

— Claro que sim. Vejo isso em você. Por que não admite?

— Posso ter tido ideias passageiras, mas nunca lhes dei atenção maior. Não sou esse tipo de pessoa.

— É exatamente aí que você se engana! Qualquer pessoa é capaz de matar. É uma questão de simples circunstâncias, não tem nada a ver com o temperamento! As pessoas chegam lá, e uma coisinha à-toa pode levá-las a ultrapassar a fronteira. Qualquer um. Até mesmo a sua avó. Sei disso!

— Não concordo — replicou Guy num tom enérgico.

— Pois lhe digo que em mil ocasiões estive prestes a matar meu pai! Quem você pensou em assassinar? Os caras que andavam com a sua mulher?

— Um deles — murmurou Guy.

— Até onde você foi?

— Não fui. Simplesmente me passou pela cabeça. — Lembrou-se das noites insones, centenas delas, e da desesperança de reencontrar a paz, a menos que se vingasse. Alguma coisa então poderia tê-lo feito transpor a linha? Ouviu o murmúrio da voz de Bruno:

— Você chegou muito mais perto do que consegue imaginar, é tudo o que posso lhe dizer.

Guy olhou para ele, intrigado. Tinha o ar noturno e doentio de um crupiê, os braços apoiados sobre a mesa, as mangas arregaçadas, a cabeça pendente.

— Você lê romances policiais demais — disse Guy, sem saber, ao ouvir o som da própria voz, de onde vinham aquelas palavras.

— São bons. Mostram que qualquer tipo de pessoa é capaz de matar.

— Sempre julguei que é precisamente por causa disso que são ruins.

— Mais uma vez você está errado — disse Bruno com indignação. — Sabe qual é a porcentagem de crimes que os jornais noticiam?

— Não sei nem me preocupo com isso.

— Um doze avos. Um doze avos! Pense bem! Quem você acha que são os onze avos restantes? Uma gente que ninguém sabe quem é. Todos esses que os tiras sabem que nunca vão apanhar. — Começou a se servir de mais uísque, reparou que a garrafa estava vazia e arrastou-se penosamente para ficar de pé. Um canivete de ouro faiscou ao pular do bolso de sua calça, preso a uma corrente também de ouro, fina como um filamento. Agradou Guy esteticamente, como o faria qualquer bela peça de joalheria. E ele se pilhou a cogitar, enquanto acompanhava Bruno fazendo uma incisão na tampa da garrafa de uísque escocês, que algum dia Bruno poderia cometer um homicídio com aquele pequeno canivete e provavelmente permaneceria em liberdade, apenas porque tanto se lhe daria ser apanhado ou não.

Bruno voltou-se com uma careta e, nas mãos, a nova garrafa de uísque.

— Que tal vir comigo a Santa Fé? Dois dias de relax.

— Obrigado, não posso.

— Grana não me falta. Me dê esse prazer. — Derramou uísque em cima da mesa.

— Obrigado — disse Guy. Pelas suas roupas, supunha, Bruno devia pensar que não tinha muito dinheiro. Eram suas calças preferidas, aquelas de flanela cinza. Pretendia usá-las em Metcalf e também em Palm Beach, se não fizesse muito calor. Ao recostar-se, colocou as mãos nos bolsos e localizou um furo no fundo de um deles, o direito.

— Por que não? — Bruno passou-lhe a sua bebida. — Gosto um bocado de você, Guy.

— Por quê?

— Porque você é um bom sujeito. Decente, quero dizer. Conheço uma porção de gente, mas não muitos como você. Admiro você — disparou, e mergulhou o lábio no copo.

— Também gosto de você — disse Guy.

— Vem comigo, certo? Não vou ter nada para fazer nos próximos dois ou três dias, até minha mãe chegar. Vamos caprichar na programação.

— Leve outra pessoa.

— Pare com isso, Guy. Você acha o quê? Que eu saio por aí à cata de companheiros de viagem? Simpatizei com você, por isso estou convidando você a vir comigo. Um dia, e pronto. Saímos direto de Metcalf e tiro El Paso do roteiro. Já estava programado que eu ia ver o Canyon.

— Obrigado, tenho trabalho a fazer assim que me despachar em Metcalf.

— Ah. — Outra vez o sorriso carente e reverencial. — Está construindo alguma coisa?

— É, um clube campestre. — Ainda soava estranho e alheio a si mesmo, a última coisa que imaginaria construir, dois meses atrás. — O novo Palmyra, em Palm Beach.

— É?

Bruno, obviamente, ouvira falar do Palmyra Club. Era o maior de todos em Palm Beach. Ouvira mesmo dizer que iam construir um novo. Estivera umas duas vezes no antigo.

— Você o projetou? — Olhou para Guy como um menininho cultuando o seu herói. — Pode fazer um desenho dele para mim?

Guy desenhou um rápido esboço dos prédios nas costas do caderno de endereços de Bruno e assinou-o, como este pediu. Deu explicações sobre a parede que ia ser derrubada para que o andar térreo pudesse ser transformado em um grande salão de bailes, estendendo-se até o terraço, e sobre o sistema de ventilação só com o uso das janelas, para o qual esperava ter permissão, a fim de

eliminar o ar condicionado. Falar gratificou-o cada vez mais, e lágrimas de excitação afloraram em seus olhos, embora o tom de voz se mantivesse baixo. Como conseguia falar a Bruno com tanta intimidade, perguntou-se; revelar-lhe o que havia de melhor em si? Quem estaria menos qualificado para compreender do que Bruno?

— Parece sensacional — disse Bruno. — Em suma, você simplesmente diz a eles com que cara a coisa vai ficar.

— Não. Há uma porção de gente a agradar. — Guy atirou de repente a cabeça para trás e riu.

— Você vai ser famoso, hein? Talvez já seja.

As revistas publicariam fotografias, talvez saísse alguma coisa nos jornais cinematográficos. Não tinham dado ainda o sim final ao projeto, mas estava certo de que iriam fazê-lo. Myers, o arquiteto com quem dividia um escritório em Nova York, tinha certeza. Anne era igualmente positiva. E também o Sr. Brillhart. A melhor comissão de toda a sua carreira.

— Posso me tornar conhecido depois disso. É o tipo de coisa a que dão publicidade.

Bruno começou a contar-lhe uma longa história sobre a sua vida colegial, de como se teria tornado um fotógrafo se algo, num determinado momento, não houvesse acontecido com seu pai. Guy não prestou atenção. Devaneou, bebericando seu drinque e pensando nas encomendas que viriam depois de Palm Beach. Breve, quem sabe, um edifício comercial em Nova York. Tinha uma ideia para um edifício comercial em Nova York, e estava ansioso para vê-la realizada. Guy Daniel Haines. *Um nome*. O fim da incômoda e nunca inteiramente esquecida consciência de que tinha menos dinheiro do que Anne.

— Não acha, Guy? — repetiu Bruno.

— O quê?

Bruno respirou fundo.

— Se a sua mulher armasse agora uma cagada a respeito do divórcio. Digamos que ela comece a criar caso enquanto você está em Palm Beach e faça com que chutem você. Não seria um bom motivo para um assassinato?

— O de Miriam?

— Claro.

— Não — disse Guy. Mas a pergunta abalou-o. Temia que Miriam tivesse sabido, por sua mãe, do projeto Palmyra e tentasse interferir pelo mero prazer de feri-lo.

— Quando ela enganava você, não tinha vontade de matá-la?

— Não. Será que você não tem outro assunto? — Em um só instante, Guy viu as duas metades da sua vida, o casamento e a carreira, lado a lado, como

nunca antes. O pensamento oscilou, nauseado, tentando compreender como podia ser tão imbecil e desamparado em uma e tão competente na outra. Relanceou Bruno, que ainda tinha os olhos fixos nele; sentindo-se ligeiramente embriagado, pousou o copo na mesa e empurrou-o até onde o levaram as pontas dos dedos.

— Alguma vez passou pela sua cabeça — disse Bruno, com paciente e ébria persistência.

— Não. — Guy tinha vontade de dar uma volta lá fora, mas o trem seguia em frente sem parar, numa linha reta que parecia não ter fim. E se Miriam o fizesse perder o contrato... Ele ia viver lá meses seguidos, e a expectativa era de que levasse uma vida social compatível com a dos diretores. Bruno compreendia perfeitamente esse tipo de coisa. Correu a mão pela testa úmida. O problema, sem dúvida, era que não podia saber o que se passava na cabeça de Miriam até que a visse. Sentia-se cansado e, quando sentia cansaço, Miriam ficava em condições de invadi-lo como um exército. Acontecera tantas vezes ao longo dos dois anos em que se esforçara para se livrar do amor por ela. E naquele exato momento acontecia de novo. Sentiu asco de Bruno. Bruno sorria.

— Posso lhe contar uma das minhas ideias para assassinar meu pai?

— Não — disse Guy. Colocou a mão sobre o copo que Bruno pretendia encher mais uma vez.

— Qual delas você prefere, o bocal da lâmpada pifada no banheiro ou o monóxido de carbono na garagem?

— Faça em vez de dizer que vai fazer!

— E vou fazer, não pense que não! Sabe o que mais vou fazer um dia desses? Vou me suicidar, se me sentir disposto a me suicidar, e fazer a coisa de tal maneira que pareça que foi o meu pior inimigo quem me matou.

Guy olhou para ele com repugnância. Parecia que Bruno se alongava nas extremidades, deliquescente. Era agora como se não fosse mais do que uma voz, um espírito, o espírito do mal. Tudo o que desprezava, pensou Guy, estava presente em Bruno. Tudo aquilo que não desejava ser, Bruno era, ou viria a ser.

— Quer que eu bole para você o assassinato perfeito da sua mulher? Pode lhe ser útil algum dia. — Bruno esgueirou-se deliberadamente por entre os olhos perscrutadores de Guy.

Guy se levantou.

— Quero dar uma volta.

Bruno estalou as palmas das mãos.

— Ei! Olhe só que ideia! Nós matamos um pelo outro, entende? Eu mato a sua mulher e você mata o meu pai! Nos encontramos no trem e ninguém sabe que nos conhecemos. Álibis perfeitos! Pegou a ideia?

A parede à sua frente pulsou ritmadamente, como se estivesse a ponto de romper-se. *Assassinato.* A palavra o enojava e aterrorizava. Queria desvencilhar-se de Bruno, sair dali, mas, como num pesadelo, os pés lhe pesavam. Procurou equilibrar-se olhando para a parede até que se firmasse e tentando entender o que Bruno dizia, pois sentia haver alguma espécie de lógica naquilo tudo, como um quebra-cabeça ou uma charada a ser resolvida.

As mãos de Bruno, manchadas de nicotina, saltitaram trêmulas sobre os seus joelhos.

— Álibis irrefutáveis! — disse gritando. — É a ideia da minha vida! Você não percebe? Eu faço o serviço quando você estiver fora e você faz o serviço quando eu estiver fora.

Guy entendeu perfeitamente. Talvez ninguém nunca descobrisse.

— Seria um grande prazer para mim interromper uma carreira como a de Miriam e ajudar uma carreira como a sua. — Bruno foi sacudido por risinhos. — Não concorda que alguém tem de detê-la antes que ela arruíne uma porção de outras pessoas? Sente aí, Guy!

— Ela não me arruinou — Guy tentou esclarecer, mas Bruno não lhe deu tempo.

— Enfim, suponhamos que fosse esse o trato. Você seria capaz? Você podia me dizer tudo sobre o lugar onde ela mora, sabe como é, e eu podia fazer a mesma coisa para você, e seria como se você morasse lá. Deixaríamos impressões digitais por toda parte, e os detetives iam simplesmente ficar malucos! — Soltou outra série de risadinhas. — Meses longe um do outro, é claro, sem comunicação de espécie alguma. Meu Deus, é a sopa no mel! — Levantou-se e esteve a ponto de desabar com o drinque na mão. No instante seguinte estava face a face com Guy, a lhe dizer, com asfixiante segurança: — Você seria capaz de fazer isso, não seria, Guy? Não causaria nenhuma encrenca, juro. Eu poderia cuidar para que tudo desse certo, juro, Guy.

Guy empurrou-o com mais força do que pretendia. Bruno, elástico, levantou-se do assento junto à janela. Guy olhou em torno, ansiando por ar, mas as paredes mostravam uma superfície impermeável. O lugar se tornara um pequeno inferno. O que fazia ali? Onde e quando bebera tanto?

— Tenho certeza de que você pode... — Bruno franziu as sobrancelhas.

Cale a boca, você e as suas malditas teorias, tencionou Guy gritar em resposta; ao invés disso, sua voz produziu um sussurro:

— Isso tudo está me dando engulhos.

Viu então o rosto exíguo de Bruno contorcer-se de um modo bizarro e nele estampar-se um afetado sorriso de surpresa, uma lúgubre e hedionda expressão de onisciência. Bruno deu de ombros, cordial.

— Ok. Ainda acho uma boa ideia, e nós dois temos o esquema perfeito nas nossas mãos. É a ideia que vou usar. Com outra pessoa, é claro. Aonde você vai?

A existência da porta ocorrera finalmente a Guy. Ele saiu e abriu ainda uma segunda porta, que dava para a plataforma, onde o ar mais frio o agrediu como uma reprimenda e a voz do trem se elevou até gritar, a censurá-lo. Juntou-se ao vento e ao trem, amaldiçoando-se, e sentiu vontade de vomitar.

— Guy?

Ao virar-se, viu Bruno que se esgueirava pela pesada porta.

— Guy, desculpe.

— Tudo bem — foi logo dizendo Guy, porque a expressão facial de Bruno o chocou. Parecia a de um cão que se humilha.

— Obrigado, Guy. — Bruno abaixou a cabeça e nesse exato momento o ruído das rodas começou a desmaiar e Guy teve de se segurar para não perder o equilíbrio.

Sentiu-se imensamente agradecido porque o trem estava parando. Deu um tapinha nas costas de Bruno.

— Vamos saltar um instante e respirar um pouco de ar puro. Caminharam sob silêncio e trevas.

— Que diabo de coisa está acontecendo? — berrou Bruno. — Não há a menor luz!

Guy olhou para cima. Também não havia lua. A friagem alertava-lhe o corpo e o enrijecia. Ouviu o bater de uma porta de madeira. Uma lanterna chispou bem na frente e um homem veio andando com ela para a traseira do trem, onde um quadrado de luz saía pela porta aberta de um vagão de carga. Guy andou devagar, na direção da luz, e Bruno foi atrás dele.

Muito longe, de algum ponto na planície negra, uma locomotiva uivou, uma, duas, três vezes, distanciando-se sempre mais. Era um som de que se lembrava na infância, belo, puro, solto. Como um cavalo selvagem sacudindo a crina branca. Numa explosão de camaradagem, passou o braço em torno do de Bruno.

— Não quero *andar* — berrou Bruno, desvencilhando-se e parando. O ar fresco parecia fazê-lo fenecer como um peixe.

O trem movimentava-se de novo. Guy empurrou o corpanzil de Bruno para dentro do trem.

— Uma saideira? — propôs desanimadamente Bruno à porta de sua cabine. Parecia a ponto de cair de cansaço.

— Obrigado, para mim seria impossível.

Cortinas verdes abafavam seus sussurros.

— Não se esqueça de me chamar de manhã. Vou deixar a porta destrancada. Se eu não responder, entre, está bem?

Guy cambaleou entre as paredes de cortinas verdes, a caminho de seu leito.

O hábito o fez lembrar-se de seu livro, quando se deitava. Deixara-o na cabine de Bruno. O seu Platão. Não lhe agradava a ideia de que ele passasse a noite na cabine de Bruno, ainda menos a de que Bruno o tocasse e abrisse.

# 3

Telefonara imediatamente para Miriam, e ela combinara encontrar-se com ele em frente ao colégio, no caminho entre as suas casas.

E ali se achava ele, junto à quadra de cimento, à espera. Ela chegaria atrasada, claro. Ficou a cogitar por que teria ela escolhido o colégio. Porque era o seu próprio território? No tempo em que gostava dela costumava esperá-la ali.

O céu estava azul, azul-claro e forte. O sol parecia derreter-se, incolor ao invés de amarelo, como algo que se tivesse embranquecido com o próprio calor. Para além das árvores avistou o topo de um esguio edifício avermelhado que não conhecia, pois devia ter sido erguido depois da última vez que estivera em Metcalf, fazia dois anos. Virou-se. Nenhum ser humano à vista, como se o calor tivesse feito todos abandonarem o prédio da escola e até as casas da vizinhança. Viu os largos e encardidos degraus que levavam às portas da escola, encimadas por um arco escuro. Lembrava-se ainda do cheiro de tinta e suor nas bordas esfiapadas do livro de álgebra de Miriam. Podia até ver o MIRIAM escrito a lápis nas extremidades de algumas páginas e o desenho de uma menina de cabelos frisados, na primeira folha, em branco, quando abria o livro para resolver os problemas para ela. Por que chegara a acreditar que Miriam era diferente de todas as outras?

Passou o largo portão instalado a uma determinada altura da cerca de arame trançado e contemplou de novo a Avenida Universitária. Foi então que a viu, andando sob as árvores amarelas e verdes que margeavam a calçada. O coração se acelerou, mas ele pestanejou afetando indiferença. Ela caminhava com a habitual lentidão, sem nenhuma pressa. Sua cabeça surgiu afinal, aureolada por um chapéu claro de abas largas. Sombra e sol pontilhavam-lhe caoticamente a imagem. Ela acenou para ele, descontraidamente, e Guy ia tirando a mão do bolso, voltou atrás e refez seu caminho até a quadra, subitamente tenso e tímido

como um menino. Ela já está sabendo do projeto de Palm Beach, pensou ele, aquela estranha garota caminhando sob as árvores. Sua mãe lhe dissera, meia hora atrás, que tocara no assunto com Miriam, da última vez que ela telefonara.

— Olá, Guy. — Miriam sorriu e rapidamente fechou os carnudos lábios rosa-alaranjados. Por causa do espaço entre seus dentes da frente, lembrou-se Guy.

— Como vai, Miriam? — Pôs-se inadvertidamente a examinar sua aparência. As formas estavam arredondadas, mas ela não parecia grávida, e passou-lhe pela cabeça que talvez tivesse mentido. Vestia uma saia de estampado vivo e uma blusa branca de mangas curtas. Trazia também uma grande bolsa branca, de couro envernizado.

Sentou-se muito empertigada no único banco protegido pela sombra e pôs-se a fazer-lhe perguntas aleatórias sobre a viagem. O rosto se tornara mais rechonchudo onde sempre tinha sido cheinho, nas bochechas, e por isso o queixo parecia agora mais saliente. Sob os olhos, reparou Guy, havia pequenas riscas. Vivera muito, para quem só tinha vinte e dois anos.

— Em janeiro — respondeu-lhe ela, com uma voz mole. — A criança é para janeiro.

Estava então com dois meses de gravidez.

— Suponho que você queira se casar com ele.

Ela virou ligeiramente o rosto e olhou para baixo. A luz do sol detalhou em sua face as sardas maiores e Guy percebeu nelas um certo desenho que lhe era familiar, mas do qual não se lembrava desde quando haviam sido casados. Como tivera certeza, um dia, de que a possuía, de que possuía cada um dos seus mais inconsistentes pensamentos. Súbito pareceu-lhe que todo amor não passava de um torturante e nunca satisfeito afã de conhecer o outro. Não conhecia uma ínfima parte que fosse do mundo em que gravitava a cabeça atual de Miriam. Será que a mesma coisa poderia um dia acontecer com Anne?

— Não vai, Miriam? — insistiu.

— Não *imediatamente*. Sabe, há uns probleminhas.

— Que espécie de problemas?

— Bem, talvez a gente não possa casar tão rápido quanto desejava.

— Ah. — *A gente*. Imaginava como ele devia ser, alto e moreno, rosto fino, como Steve. O tipo que sempre atraíra Miriam. O único com quem seria capaz de ter um filho. E tinha certeza de que ele quisera ter este filho. Alguma coisa acontecera, talvez sem nenhuma relação com o sujeito, que a levara a querer ter um filho. Podia percebê-lo no jeito empertigado, ereto, com que se sentava no banco, no ar de renúncia que sempre captara, ou imaginava ver no rosto das mulheres grávidas. — Mas isso não é razão para adiar o divórcio, suponho.

— Bom, eu achava que não... até há uns dois dias. Eu pensava que Owen estava livre para se casar ainda este mês.

— Ah, ele é casado.

— É, é casado — disse ela com um ligeiro suspiro, quase sorrindo.

Guy olhou para o chão, um pouco confuso, e andou alguns metros. Tivera um pressentimento de que o sujeito era casado. Calculava que ele não tinha a menor intenção de se casar com ela, a menos que fosse forçado.

— Onde está ele? Aqui?

— Em Houston. Você não quer se sentar?

Ele ficou em silêncio.

— Ainda usa o anel?

— Uso. — Seu anel de estudante em Chicago, do qual Miriam se orgulhava porque significava que ele era um universitário. Ela olhava para o anel com um sorriso acanhado. Ele pôs as mãos nos bolsos. — Já que estou aqui, gostaria de deixar tudo acertado. Podemos fazer isso esta semana?

— Quero ir embora desta cidade, Guy.

— Por causa do divórcio?

As mãozinhas gordas se abriram num gesto enigmático, fazendo-o lembrar-se das mãos de Bruno. Esquecera-se completamente de Bruno ao descer do trem, de manhã. E de seu livro.

— Estou meio cansada de viver aqui.

— Podemos tratar do divórcio em Dallas, se você preferir. — O problema era só que os amigos dela, na cidade, sabiam de tudo, avaliou ele.

— Prefiro esperar, Guy. Você se incomoda? Só um tempinho?

— Achei que você se incomodaria. Afinal ele está ou não está disposto a se casar com você?

— Em setembro, sim. Até lá ele estará livre, mas...

— Mas o quê? — Vendo-a calar-se e passar a língua sobre o lábio superior, com um jeito de criança, percebeu a espécie de armadilha em que se sentia apanhada. Queria tanto aquele filho que seria capaz de se prejudicar em Metcalf, esperando para se casar com o pai da criança apenas quatro meses antes do nascimento. Apesar de tudo, sentiu pena dela.

— Quero ir embora, Guy. Com você.

O rosto denotava um real esforço de sinceridade, a ponto de quase fazê-lo passar por cima do que ela estava pedindo, e por quê. — O que é que você quer, Miriam? Dinheiro para poder viajar para algum lugar?

O ar sonhador em seus olhos cinza-esverdeados começou a dissipar-se como névoa.

— Sua mãe disse que você vai para Palm Beach.

— Devo ir. A serviço. — Uma sensação de perigo o aguilhoou, quando se lembrou do Palmyra Club. Parecia que o projeto queria escapar-lhe por entre os dedos.

— Você me leva, Guy? É a última coisa que lhe peço. Se eu pudesse ficar com você até dezembro e aí acertar o divórcio...

— Hum — disse ele com tranquilidade, mas sentindo o peito latejar, como se o coração se partisse. De repente sentiu aversão por ela, por ela e por todas as pessoas que conhecia e atraía. O filho de um outro homem. Partir com ela e ser o seu marido até que desse à luz o filho de um outro homem.

— Mesmo que você não me leve, eu vou.

— Miriam, posso conseguir esse divórcio imediatamente. Não preciso esperar para ver a criança. A lei não me obriga. — Sua voz tremeu.

— Você não faria isso comigo — retrucou Miriam, num misto de ameaça e súplica que, quando gostava dela, tinha o poder de despertar nele tanto raiva como amor, e que o desafiava.

Sentiu-se mais uma vez desafiado. E ela estava certa. Não pediria o divórcio já. Não porque ainda a amasse, nem mesmo porque ainda fosse a sua mulher, com direito, por isso, à sua proteção, mas porque tinha pena dela e se lembrava de que a amara um dia. Dava-se conta agora de que já em Nova York sentia pena dela, mesmo quando escreveu pedindo dinheiro.

— Se você for, não vou aceitar o emprego. Não teria o menor sentido — disse ele com toda a calma, mas já era uma causa perdida, refletiu, e nesse caso para que continuar discutindo?

— Não acredito que você consiga desistir de um emprego como esse — disse ela, desafiando-o.

Ele desviou o olhar do torto sorriso de triunfo que ela mostrava. Era exatamente onde ela se enganava, pensou, mas ficou em silêncio. Deu dois passos no cimento áspero e voltou-se de novo, a cabeça fervilhando. Calma, disse a si mesmo. De que serviria ter raiva? Miriam costumava odiá-lo quando ele reagia com serenidade, porque gostava de bate-bocas. Adoraria uma cena naquele momento. Lançava todo o seu ódio contra ele nessas ocasiões, e um dia Guy se deu conta de que a longo prazo ficava muito mais ferido quando perdia a cabeça. Ele sabia que estava nas mãos de Miriam, mas não podia aceitar a provocação.

— Ainda não há nada acertado quanto ao projeto. Vou simplesmente mandar um telegrama dizendo que não estou interessado.

Por sobre as copas das árvores tornou a reparar no edifício avermelhado que vira antes de Miriam chegar.

— E aí?

— Uma porção de coisas. Mas você não vai ficar sabendo.

— Vai fugir? — perguntou, desdenhosa. — Que solução pobre.

Ele andou mais um pouco, virou-se de novo. Havia Anne. Com Anne sentia-se capaz de suportar aquilo, de suportar qualquer coisa. E na verdade experimentava uma estranha sensação de resignação. Seria por ter Miriam ao lado, símbolo do fracasso de sua juventude? Mordeu a ponta da língua. Havia dentro dele, como um defeito numa joia, invisível a olho nu, algo como um temor ou a premonição do fracasso, uma imperfeição que nunca fora capaz de consertar. Por vezes o fracasso era uma possibilidade que o fascinava, como chegou a acontecer no ginásio e na universidade, quando se permitia o luxo de reprovações em exames nos quais poderia perfeitamente ser aprovado. Também quando se casou com Miriam, relembrou, contra a vontade das famílias de ambos e de todos os amigos. Não sabia previamente que não daria certo? E agora acabava de renunciar, sem um protesto, à melhor oportunidade profissional de sua vida. Iria para o México e passaria alguns dias com Anne. Gastaria todo o dinheiro que lhe restava — por que não? Será que conseguiria voltar para Nova York e retomar o trabalho sem primeiro ter visto Anne?

— Mais alguma coisa? — perguntou.

— Já disse tudo — respondeu ela falando por entre os dentes espaçados.

# 4

Ele voltou vagarosamente para a sua casa, na Rua Ambrose, pretendendo alcançá-la pela Rua Travis, onde havia quietude e sombra. Tinham aberto uma pequena loja de frutas na esquina de Travis com Delancey. Pelas dimensões parecia uma casa de bonecas que alguém pusera bem em cima do gramado fronteiro de sua casa. Do grande prédio da lavanderia, que destoava das outras construções, em um dos lados da Rua Ambrose, saíam bandos numerosos de mocinhas e senhoras de uniformes brancos, conversando animadamente na hora do almoço. Achou ótimo não ter encontrado ninguém na rua com quem precisasse falar. Sentia-se calmo, sossegado, resignado. Pode-se dizer até que estava feliz. Estranho como Miriam parecia distante — como se nunca, mesmo, a houvesse visto — apenas cinco minutos após se terem falado. Como aquilo tudo lhe parecia realmente sem importância. Chegou a sentir-se envergonhado da ansiedade que experimentara no trem.

— Tranquilo, mamãe — disse sorrindo ao chegar em casa. Sua mãe recebera-o com expressão preocupada.

— Que bom. — Puxou uma cadeira de balanço e sentou-se para ouvir o filho. Era uma mulher miúda, cabelos castanhos claros, o nariz reto compondo um delicado perfil e uma energia física que parecia coruscar como os fios prateados em sua cabeça. Mostrava-se quase sempre animada e bem disposta. Guy sentia que era principalmente isso que o fazia sentir-se tão diferente dela e de certo modo os afastara desde a época em que o casamento com Miriam naufragara. Guy gostava de alimentar suas próprias dores, descobrir tudo a respeito delas, enquanto a mãe o aconselhava a esquecê-las. — O que foi que ela disse? Vocês não ficaram muito tempo juntos. Pensei que ia almoçar com ela.

— Não, mamãe. — Suspirou e afundou no sofá. — Está tudo bem, mas provavelmente vou dispensar o projeto do Palmyra.

— Oh, Guy. Por quê? Ela... É verdade que ela vai ter um filho?

Sua mãe estava decepcionada, refletiu Guy, mas a decepção era moderada, diante do que o projeto realmente significava. Ainda bem que não avaliava o quanto de fato representava para ele.

— É verdade — disse, e recostou a cabeça até sentir a madeira fria do sofá em sua nuca. Pensou no abismo que separava a sua vida da vida de sua mãe.

Contara-lhe muito pouca coisa sobre a sua vida com Miriam. Como poderia a sua mãe — que tivera uma vida confortável e crescera feliz no Mississippi e agora se mantinha ocupada cuidando da mansão e do jardim, cercada pelos gentis e fiéis amigos de Metcalf — como poderia ela compreender a perversidade de uma pessoa como Miriam? Ou, então, como poderia entender a precária vida que ele levava em Nova York a fim de preservar algumas poucas ideias nas quais acreditava, em seu trabalho?

— Mas o que Palm Beach tem a ver com Miriam? — perguntou ela por fim.

— Miriam quer ir comigo para lá. Pensando em ter segurança por algum tempo. Mas eu simplesmente não poderia suportar. — Guy fechou as mãos. Teve uma súbita visão de Miriam em Palm Beach. Miriam encontrando Clarence Brillhart, o diretor do Palmyra Club. O que, no entanto, tornava a coisa impossível não era, e Guy sabia disso, a eventual estupefação de Brillhart oculta sob a sua calma e permanente cortesia. Era, sim, ele mesmo, incapaz de tolerar a presença constante de Miriam a seu lado, quando trabalhava num projeto como aquele. — Eu não poderia suportar — repetiu.

— Ora — foi tudo o que sua mãe disse, mas o silêncio que se seguiu indicava que compreendera. Se fizesse algum comentário, pensou Guy, seria para relembrar-lhe que nunca aprovara o casamento. E dessa vez ela não iria fazê-lo. — Você não ia conseguir — acrescentou ela — por tanto tempo.

— Não ia mesmo. — Levantou-se e tomou o rosto suave da mãe em suas mãos. — Mamãe, não estou ligando nem um pouco — disse beijando-a na testa. — Estou me lixando.

— Não acredito. Por que razão?

Ele atravessou a sala, em direção ao piano de armário.

— Porque estou indo para o México, para ver Anne.

— É mesmo? — sorriu, e a alegria dessa primeira manhã com o seu filho acabou por prevalecer. — Vai vadiar!

— Que tal irmos ao México? — Sorriu por cima do ombro. Começou a tocar uma sarabanda que aprendera quando criança.

— México! — disse sua mãe representando com ênfase uma expressão de horror. — Nem que me arrastassem. Quem sabe na volta você traz Anne para me

ver.

— Quem sabe.

Ela se adiantou e pôs delicadamente as mãos sobre seus ombros.

— Sabe, Guy, você me parece contente de novo. Como nos seus momentos mais felizes.

# 5

O que aconteceu? Escreva imediatamente, melhor, telefone a cobrar. Vamos ficar mais duas semanas no Ritz. Senti tanto a sua falta na viagem, foi uma pena que não tivéssemos podido voar juntos, mas compreendo. Penso em você a cada minuto do dia, querido. Logo logo tudo terá terminado, eu sei. O que quer que aconteça, me conte, e vamos enfrentar juntos. Às vezes sinto que você se recusa. Quero dizer, a enfrentar as coisas.

Você está tão perto, não me conformo que não possa vir passar um ou dois dias aqui. Espero que você se sinta disposto. Espero que ache um tempinho. Adoraria ter você aqui comigo, e a família também, você sabe. Querido, gosto tanto do seu projeto e me sinto tão decididamente orgulhosa de você que posso até suportar a ideia de tê-lo longe nos próximos meses, só por saber que você estará trabalhando nele. Papai também ficou muito impressionado. Falamos de você o tempo todo.

Todo o meu amor, com todas as consequências dele. Boa sorte, querido.

A.

Guy redigiu um telegrama para Clarence Brillhart, o diretor do Palmyra Club: “Circunstâncias tornam impossível aceitar trabalho. Sinceras desculpas e minha gratidão por seu patrocínio e estímulo constante. Segue carta”.

De repente pensou no projeto que usariam no lugar do seu — a imitação de Frank Lloyd Wright feita pelo escritório de William Harkness. Pior ainda, calculou enquanto ditava o telegrama pelo telefone, a diretoria provavelmente pediria a Harkness que copiasse algumas de suas ideias. E Harkness o faria, sem dúvida.

Telegrafou para Anne comunicando-lhe que iria segunda-feira ao seu encontro e tinha vários dias disponíveis. E, porque havia Anne, não se atormentou a especular quantos meses se passariam, quantos anos, talvez, até que uma oportunidade tão boa como a do Palmyra se achasse de novo a seu alcance.

# 6

Naquela noite Charles Anthony Bruno estava deitado num quarto de hotel em El Paso, tentando equilibrar uma caneta de ouro, feito uma gangorra, sobre o nariz. Estava inquieto demais para ir dormir e não se sentia disposto a descer e entrar num dos bares das redondezas para olhar o movimento. Passara a tarde a percorrer a cidade, mas El Paso não lhe dizia nada. Também não estava muito interessado no Grand Canyon. Estava mais ligado na ideia que lhe ocorrera na noite de anteontem, no trem. Uma pena que Guy não o tivesse acordado de manhã. Não que fosse o tipo de sujeito com quem planejar um assassinato, mas gostava dele como pessoa. Guy era alguém que valia a pena conhecer. Além do mais, deixara seu livro e ele poderia devolvê-lo.

O ventilador no teto fazia uuz-uuz-uuz, porque estava sem uma de suas quatro pás. Se estivesse perfeito, pensou, o ar seria um pouco mais fresco. Uma das torneiras da pia pingava sem parar, a presilha do abajur quebrara, e por causa disso ele despencava sobre a cama, e a porta do armário estava cheia de marcas de dedos. E era o melhor hotel da cidade, tinham-lhe dito! Por que havia sempre alguma coisa errada nos quartos dos hotéis em que se hospedava? Algum dia haveria de encontrar o quarto de hotel perfeito e então o compraria, nem que fosse na África do Sul.

Sentou-se à beira da cama e pegou o telefone.

— Quero fazer um interurbano. — Reparou numa mancha vermelha que seu sapato imprimira na colcha branca. — Great Neck 166 J... É, Great Neck. — Ficou à espera. — Long Island... Em Nova York, imbecil, já ouviu falar, não?

Em menos de um minuto falava com a mãe.

— É, estou aqui. Você viaja domingo mesmo? Seria melhor você... Bom, eu vim naquela carroça. Fiquei esfalfado também... É, vi o Canyon... Bonito, mas meio lugar-comum... Enfim, como é que vão as coisas com você?

Começou a rir. Tirou os sapatos e rolou na cama, rindo, o telefone na mão. Ela lhe contava que chegara em casa e encontrara o Capitão fazendo sala para dois amigos dela — dois homens que conhecera na noite anterior — que entraram, pensaram que o Capitão era pai dela e se puseram a dizer tudo o que não deviam.

# 7

Na cama, apoiado sobre o cotovelo, Guy examinava a carta que chegara para ele, escrita a lápis.

— Suponho que vou passar de novo muito tempo para poder vir acordar você assim de manhã — disse sua mãe.

Guy abriu a carta de Palm Beach.

— Talvez não tanto, mamãe.

— A que horas é o seu avião amanhã?

— Uma e vinte.

Ela se abaixou e maquinalmente ajeitou os lençóis sob o colchão.

— Você acha que vai ter tempo de dar uma chegada à casa de Ethel para vê-la?

— Claro que vou, mamãe. — Ethel Peterson era uma das amigas mais antigas de sua mãe. Dera a Guy as primeiras aulas de piano.

A carta de Palm Beach era do Sr. Brillhart. O projeto fora aprovado. O Sr. Brillhart conseguira até convencer a diretoria da conveniência do sistema de ventilação natural.

— Fiz um café bem forte — disse a mãe, da porta. — Que tal tomar o café na cama?

Guy sorriu para ela.

— Maravilha!

Releu a carta do Sr. Brillhart com toda a atenção, recolocou-a no envelope e rasgou-a meticulosamente. Abriu então a outra carta. Tinha uma única página, rabiscada a lápis. Sorriu ao ver embaixo a assinatura numa letra enfeitada: Charles A. Bruno.

Caro Guy:

Quem lhe escreve é o seu companheiro de viagem, lembra-se? Você esqueceu seu livro na minha cabine e encontrei nele um endereço no Texas, que espero esteja atualizado. Mando-lhe também o livro pelo correio. Li uns trechos. Não sabia que Platão escreveu coisas tão interessantes.

Foi um prazer enorme jantar com você aquela noite, e espero que possa agora incluí-lo na lista dos meus amigos. Gostaria de vê-lo em Santa Fé. Caso você mude de ideia, aqui vai o endereço: Hotel La Fonda, Santa Fé, Novo México. Vou ficar pelo menos duas semanas.

Continuo pensando naquela nossa ideia do duplo assassinato. Tenho certeza de que pode dar certo. A confiança que tenho no projeto, você nem pode imaginar! Embora saiba que o assunto não é do seu interesse.

E com a sua mulher, o que foi que aconteceu que valha a pena ser contado? Por favor me escreva. Perdi a carteira em El Paso (me roubaram no bar bem na frente do hotel), mas afora isso não aconteceu nada digno de nota. Não gostei de El Paso. Desculpe.

Aguardo notícias suas. Seu amigo,

Charles A. Bruno

P.S. Mil desculpas por não ter acordado e não ter visto você sair.

C.A.B.

De algum modo a carta gratificou-o. Fazia-lhe bem a demonstração de amizade de Bruno.

— Semolina! — disse alegremente para sua mãe. — Lá no norte nunca me puseram semolina nos ovos estrelados!

Vestiu um antigo robe, quente demais para a temperatura do dia, e recostou-se na cama com o *Metcalf Star* e uma bandeja que vacilava sob o desjejum.

Depois tomou um chuveiro e vestiu-se como se devesse fazer alguma coisa específica aquele dia, mas não havia nada a fazer. Na véspera visitara os Cartwright. Devia ter visto Peter Wriggs, seu amigo de infância, mas Peter agora trabalhava em Nova Orleans. O que estaria Miriam fazendo? — indagou-se. Quem sabe manicurando as unhas na varanda dos fundos ou jogando damas com alguma adolescente vizinha que a admirava e queria ser exatamente como ela. Miriam nunca se chateava quando um plano qualquer não funcionava. Guy acendeu um cigarro.

Um suave tim-tim-tim intermitente vinha do andar de baixo, onde sua mãe ou então Ursline, a cozinheira, limpava a prataria, e as peças iam-se amontoando, tim-tim-tim.

Por que não fora hoje para o México? As indolentes vinte e quatro horas seguintes, avaliou, seriam intoleráveis. Hoje à noite, outra vez o tio e talvez alguns amigos de sua mãe. Todos querendo vê-lo. Ao fim de sua última visita, o *Metcalf Star* publicara uma nota sobre ele e seu trabalho. Referia-se a seus títulos, ao *Prix de Rome*, que não pudera usufruir por causa da guerra, o armazém que projetara em Pittsburgh e a pequena enfermaria anexa ao hospital em Chicago. Causava impacto, no jornal. Chegou quase a sentir-se importante, lembrava-se, no dia em que, solitário, em Nova York, abriu a carta da mãe e encontrou o recorte.

Um súbito impulso de escrever para Bruno o fez sentar-se à secretária. Com a caneta na mão, porém, concluiu que não tinha nada a dizer. Podia imaginar Bruno no seu terno ferrugem, câmara a tiracolo, virando-se em Santa Fé, arreganhando os maus dentes para alguém ou alguma coisa, assestando a câmara e apertando o botão, desequilibrado. Bruno com o bolso cheio de dólares fáceis, sentado numa mesa de bar, à espera da mãe. O que tinha ele para dizer a Bruno? Atarraxou a tampa da caneta e largou-a sobre a mesa.

— Mamãe? — chamou, e desceu. — Que tal um cinema hoje à tarde?

A mãe disse que já fora duas vezes ao cinema naquela semana.

— Você sabe perfeitamente que não gosta de ir ao cinema — repreendeu-o.

— Mamãe, quero ir, de verdade! — disse, sorrindo, e insistiu.

# 8

Por volta de onze da noite o telefone tocou. A mãe atendeu e em seguida apareceu no *living* para chamá-lo. Ele conversava com o tio e os dois primos, Ritchie e Ty.

— Interurbano — disse a mãe.

Guy fez que sim. Devia ser Brillhart pedindo explicações mais detalhadas. Naquele mesmo dia Guy respondera à sua carta.

— Alô, Guy — falou a voz. — Charles.

— Charles?

— Charles Bruno.

— Ah! Como vai? Obrigado pelo livro.

— Ainda não mandei mas vou mandar — disse Bruno com a colorida modulação de embriaguez que Guy conhecia do trem. — Vai dar um pulo em Santa Fé?

— Acho que não vai ser possível.

— E Palm Beach? Posso aparecer por lá daqui a umas duas semanas? Gostaria de ver a cara daquilo lá.

— Olhe, desculpe, não deu em nada.

— Não? Por quê?

— Uns problemas. Mudei de ideia.

— Por causa da sua mulher?

— Não. — Guy sentiu-se um pouco irritado.

— Ela quer que você fique com ela?

— É. Mais ou menos.

— Miriam quer ir para Palm Beach?

Guy ficou surpreso por ele se lembrar do nome.

— Divórcio, nada, hein?

— Vai sair — disse Guy, o mais conciso possível.

— *É, eu estou pagando essa ligação* — gritou Bruno para alguém. — Droga! — rosnou. — Escuta aqui, Guy. Você desistiu do trabalho por causa dela?

— Não é bem isso. Não tem importância. Fim de papo.

— Primeiro a criança tem de nascer, para você conseguir o divórcio?

Guy não respondeu.

— O outro sujeito não está a fim de casar, não é?

— É, bem, ele vai...

— Ele vai o quê? — interrompeu Bruno, cínico.

— Não posso continuar falando. Temos convidados. Desejo-lhe uma boa viagem, Charles.

— Podemos falar amanhã?

— Não estarei aqui amanhã.

— Ah. — Bruno parecia desorientado com a resposta, e Guy esperava mesmo que estivesse. Mas logo a voz se fez ouvir de novo, com odiosa intimidade: — Olhe aqui, Guy, se você precisar que eu faça alguma coisa, é só me mandar um sinal, você sabe disso.

Guy ficou sério. Uma indagação corporificou-se em sua cabeça, e a resposta, ele a conhecia de imediato. Lembrou-se do projeto de Bruno para um homicídio.

— O que é que você quer, Guy?

— Nada. Estou ótimo. Entendido? — Ora, não passava de aprontação de bêbado, da parte de Bruno, pensou. Por que então reagir com seriedade?

— Guy, estou falando sério — a voz tropeçou nas palavras, mais embriagada do que um minuto antes.

— Até breve, Charles — disse Guy, e esperou que Bruno desligasse.

— Não me parece que esteja tudo bem, não — desafiou Bruno.

— E não me parece que isso seja da sua conta.

— Guy! — O tom foi choroso.

Guy começou a falar quando ouviu um clique. A ligação caiu. Quase pediu à telefonista que tentasse localizar a chamada. Mas em seguida pensou: aprontação de bêbado. E tédio. Incomodava-o que Bruno tivesse o seu endereço. Correu as mãos pelos cabelos, impaciente, e voltou às visitas.

# 9

Tudo o que acabara de lhe relatar acerca de Miriam, pensou Guy, não contava tanto quanto o fato de estarem agora os dois juntos, ele e Anne. Tomou-lhe a mão enquanto caminhavam e olhou em volta, para o cenário desconhecido. Estavam numa avenida ampla, margeada por grandes árvores, como o Champs Elysées, e ornamentada por estátuas equestres. Ao fundo, edifícios que não conhecia. O Paseo de la Reforma. Anne andava ao lado, a cabeça inclinada, passos lentos. Os ombros dos dois se tocavam, e ele a olhou, tentando descobrir se estava a ponto de começar a falar, dizer-lhe que sua decisão fora acertada, mas os lábios mostravam que ela ainda refletia. Os cabelos de um louro suave, puxados sobre a nuca por um pregador de prata, eram delicadamente embalados pelo vento que vinha de trás. Era o segundo verão em que a via naquele momento, quando o sol mal começava a bronzear seu rosto, de tal modo que a pele tinha quase a mesma tonalidade dos cabelos. Em pouco tempo o rosto estaria mais queimado do que os cabelos; Guy, porém, preferia-o assim como agora, cor de ouro branco.

Ela se voltou para ele, o esboço de um sorriso nos lábios, consciente de que fora observada.

— Será que você não podia mesmo aguentar, Guy?

— Não. Não me pergunte por quê. Seria impossível. — Notou que o sorriso persistiu em sua boca, com um matiz de perplexidade, talvez até uma certa contrariedade.

— Desistir de uma coisa tão importante…

Ficou irritado. Estava farto daquilo tudo.

— Eu simplesmente tenho horror a ela — disse num rompante.

— Mas você não tem de ter horror de coisa alguma.

Ele gesticulou com nervosismo.

— Tenho horror a ela por tudo que acabei de lhe contar!

— Guy, por favor!

— Ela é tudo que deve ser execrado — continuou ele, o olhar fixo à sua frente. — Às vezes tenho a impressão de que odeio o mundo como ele é. Essa falta de decência e de consciência. Ela representa bem o que as pessoas querem dizer quando criticam a América porque nunca amadurece — a América que só recompensa o corrupto. Ela é daquele tipo de pessoa que vai ver os filmes ordinários e até atua neles, que lê revistas água com açúcar, mora no seu bangalô e espicaça o marido para que este ano ganhe mais dinheiro, assim ano que vem o casal pode comprar mais coisas pelo crediário, ela pertence à espécie de mulher que arruína o casamento do vizinho...

— Pare com isso, Guy! Você parece uma criança, falando dessa maneira! — Afastou-se dele.

— E o fato de um dia ter gostado dela — acrescentou Guy — o fato de um dia ter vivido e achado graça em tudo isso, me deixa doente.

Trocaram olhares e pararam. Ele tinha de botar para fora essas coisas, aqui e agora, as piores que poderia dizer. Talvez quisesse também sofrer com a condenação de Anne, vê-la, quem sabe, virar-lhe as costas e deixá-lo terminar o passeio sozinho. Em uma ou duas ocasiões, quando se mostrara pouco razoável, ela fizera algo parecido.

Naquele tom brando e distante que o aterrava, por sentir que algum dia ela poderia abandoná-lo e nunca mais voltar, Anne falou:

— Às vezes chego a pensar que você ainda a ama. Ele sorriu e ela relaxou.

— Desculpe — disse ele.

— Ah, Guy! — Num gesto de quem implora aos céus alguma coisa, ela afastou a mão que ele tentava segurar. — Se você crescesse!

— Li em algum lugar que as pessoas não crescem emocionalmente.

— Não me interessa o que você leu. Crescem, sim. E vou provar isso a você, nem que seja a última coisa que venha a fazer na vida.

Sentiu-se seguro, de repente.

— Do que mais devo me convencer? — perguntou, rabugento, abaixando a voz.

— Que você nunca esteve tão próximo de se livrar dela como agora, Guy. Do que mais pensa que deveria se convencer?

Ele olhou para cima. No topo de um edifício viu um anúncio em letras cor-de-rosa: TOME XX. Ficou curioso para saber o que queria dizer e quis perguntar a Anne. Quis perguntar-lhe por que tudo se tornava tão mais fácil e simples quando estava com ela, mas o orgulho o impediu, e de qualquer modo seria uma questão bizantina, para a qual Anne não saberia como verbalizar uma resposta,

pois a resposta era simplesmente Anne. Assim vinha sendo desde o dia em que a conhecera, no escuro subsolo do Instituto de Arte de Nova York, naquela tarde chuvosa em que, desorientado, entrou e se dirigiu à única coisa que se movia, aquela capa vermelha com capuz. A capa vermelha voltou-se e ele ouviu: “Você tem de subir ao primeiro andar, para chegar ao 9-A. Não havia a menor necessidade de descer até aqui”. E então, o riso espontâneo e solto que, por alguma razão misteriosa, o fez imediatamente sentir raiva. Ele sorria timidamente, assustado diante dela e olhando com uma ponta de desdém para o carro novinho de Anne, um conversível verde-escuro. “Quando a gente mora em Long Island”, disse Anne, “um carro é a solução mais prática.” Recordava ainda os dias em que sentia desprezo por tudo, assistindo a um monte de aulas — testes a que se submetia para se certificar de que sabia o que o professor tinha a dizer. Ou então para ver o quão depressa era capaz de aprender — e poder ir logo embora. “Você acha que as pessoas chegam lá como, senão pelo esforço pessoal? Eles ainda podem botá-lo para fora, se não gostarem de você.” Acabou por ver as coisas à maneira dela, a maneira certa, e entrou para a fechada Academia de Arquitetura do Brooklyn, onde fez um curso de um ano, recomendado pelo pai dela, que conhecia alguém no conselho diretor.

— Estou certa de que você possui isso dentro de você, Guy — disse Anne, quebrando de chofre o silêncio: — a capacidade de ser profundamente feliz.

Guy assentiu imperceptivelmente, mas Anne não estava olhando para ele. Sentia-se um pouco envergonhado. Anne tinha a capacidade de ser feliz. Era feliz naquele exato momento e fora feliz antes de conhecê-lo. Apenas ele e seus problemas pareciam por instantes ameaçar sua felicidade. Ele também seria feliz — quando fosse morar com Anne. Já lhe dissera isso, mas não se permitia agora repeti-lo.

— O que é isso? — perguntou ele.

Uma grande casa redonda, de vidro, despontava por entre as árvores do Parque Chapultepec.

— O Jardim Botânico — respondeu Anne.

Não havia ninguém em suas dependências, nem mesmo um zelador. O ar cheirava a terra acolhedora e fresca. Deram uma volta, lendo impronunciáveis nomes de plantas que podiam ter vindo de outro planeta. Anne tinha uma planta de sua predileção. Acompanhara o seu crescimento ao longo de três anos, fazendo-lhe visitas, com seu pai, a cada verão.

— Nunca me lembro desses nomes todos — disse ela.

— Por que deveria lembrar-se?

Almoçaram no Sanborn’s com a mãe de Anne, depois andaram um pouco até que fosse a hora da sesta da Sra. Faulkner. A Sra. Faulkner era uma mulher

magra, dotada de uma energia algo inquieta. Tão alta quanto Anne, era também, para a sua idade, tão atraente quanto a filha. Guy tornara-se dedicado a ela porque ela mostrara dedicação por ele. A princípio, por Anne ter pais ricos, calculara que encontraria barreiras, mas isso não ocorreu, e pouco a pouco ele se desfez dessas ideias. Nessa noite foram os quatro ao concerto no Belas-Artes e depois cearam no restaurante Lady Baltimore, em frente ao Ritz.

Os Faulkner lamentavam que não pudesse ir com eles a Acapulco. O pai de Anne, que era importador, pretendia construir um depósito no porto local.

— Claro que ele não vai se interessar por um depósito, já que está cuidando de nada menos que um clube campestre — disse a Sra. Faulkner.

Guy ficou calado. Não conseguia encarar Anne. Pedira-lhe que nada lhes dissesse a respeito de Palm Beach até que tivesse ido embora. Para onde iria daqui a uma semana? Podia ir para Chicago e ficar por lá estudando durante uns dois meses. Já reunira suas coisas em Nova York, e sua senhoria aguardava um aviso para alugar ou não o apartamento. Se fosse para Chicago, poderia falar com o grande Saarinen em Evanston, ou então ter com Tim o'Flaherty, jovem arquiteto que ainda não recebera o reconhecimento geral, mas em quem Guy acreditava. Encontraria um ou outro emprego em Chicago. Nova York sem Anne era uma perspectiva demasiado sombria.

A Sra. Faulkner deixou cair a mão sobre o antebraço e riu.

— Ele não ia achar graça nenhuma se lhe dessem a tarefa de construir Nova York inteira, não é mesmo, Guy?

Não estava prestando atenção. Queria dar um giro com Anne, mais tarde, mas ela insistiu em que subisse até a suíte no Ritz, queria mostrar-lhe o robe de seda que comprara para o seu primo Teddy, antes de mandá-lo. Depois, é claro, ficaria tarde demais para um passeio.

Estava hospedado no Hotel Montecarlo, a mais ou menos dez quarteirões do Ritz. Era um prédio caindo aos pedaços que parecia ter servido de moradia para algum general do exército. Tinha-se acesso a ele através de uma larga via para automóveis, ladrilhada em branco e preto como o chão de um banheiro. Chegava-se então a um enorme e escuro saguão, de piso também ladrilhado. Havia um bar decorado de tal maneira que fazia lembrar uma gruta, e um restaurante permanentemente vazio. Escadas de mármore enegrecido levavam do pátio ao andar de cima, onde na véspera Guy vira, através de portas e janelas entreabertas, um casal de japoneses jogando cartas, uma mulher rezando ajoelhada, e pessoas sentadas a escrever cartas, ou então imóveis, de pé, como que prisioneiras de alguma força estranha. Pairavam no lugar uma atmosfera depressiva tipicamente masculina e uma volátil promessa de sobrenatural. Guy gostou de cara, embora os Faulkner, Anne inclusive, caçoassem de sua escolha.

Seu quartinho barato, num canto dos fundos do hotel, era atulhado de mobília pintada em branco e rosa. Havia uma cama despencando como um bolo de aniversário e um banheiro no fim do corredor. Em algum ponto no pátio, lá embaixo, uma bica pingava água ininterruptamente. E as esporádicas descargas sanitárias soavam torrenciais.

Ao chegar do Ritz, Guy colocou o relógio de pulso, presente de Anne, sobre a mesa de cabeceira cor-de-rosa e a carteira e as chaves em cima da cômoda marrom toda descascada. Parecia cumprir um ritual doméstico. Sentiu prazer ao ir para a cama com seus jornais mexicanos e um livro sobre arquitetura inglesa que encontrara à tarde na Livraria Alameda. Após uma segunda arremetida ao idioma espanhol, apoiou a cabeça no travesseiro e examinou o inóspito aposento. De todas as partes chegavam sons da atividade humana no prédio. Que graça tinha estar ali, meditou. Submergir numa vida indigna, sem conforto, feia, para acumular forças e depois lutar contra ela através do trabalho? Ou estaria apenas esquivando-se de Miriam? Seria mais difícil achá-lo aqui do que no Ritz.

Anne telefonou na manhã seguinte, dizendo que chegara um telegrama para ele.

— Por acaso ouvi os garotos gritando o seu nome — explicou. — Estavam quase desistindo.

— Pode ler para mim, Anne?

Anne leu: “Miriam abortou ontem. Perturbada pede para vê-lo. Pode passar por aqui? Mamãe”.

— Guy! ? Sentiu asco, asco de tudo.

— Ela provocou — disse, entre dentes.

— Guy, você não pode afirmar.

— Tenho certeza.

— Não acha melhor ir vê-la? Seus dedos apertaram o telefone.

— Vou pegar o Palmyra, dê no que der. Quando foi passado o telegrama?

— Dia 9. Terça-feira, quatro da tarde.

Mandou um telegrama para o Sr. Brillhart, consultando-o se podia reconsiderar seu projeto. Por certo não haveria problemas, pensou, mas ia parecer um perfeito idiota. Culpa de Miriam. Escreveu para ela:

> Tudo isso altera tanto os seus como os meus planos, é claro. Independente dos seus, estou disposto a tratar logo do divórcio. Estarei no Texas daqui a alguns dias. Imagino que você estará bem, mas se não estiver não se preocupe; posso cuidar de tudo sozinho.
>
> Meus votos de restabelecimento rápido para você.

Guy

Estarei neste endereço até domingo.

Mandou por via aérea, entrega rápida.

Telefonou para Anne. Queria levá-la aquela noite ao melhor restaurante da cidade. Queria os mais exóticos coquetéis do bar do Ritz, para começar. Todos.

— Sente-se realmente feliz? — perguntou Anne, rindo, mal podendo acreditar nele.

— Feliz e... estranho. *Muy extranjero*.

— Por quê?

— Porque não julguei que estava escrito. Não sabia que fazia parte do meu destino. Quero dizer, o Palmyra.

— Eu sabia.

— Ah, você sabia!

— Por que acha que o atormentei tanto ontem?

Não esperava que Miriam desse qualquer resposta, mas sexta-feira de manhã, de Xochimilco, para onde fora com Anne, telefonou para o hotel, perguntando se chegara correspondência. Havia um telegrama à sua espera. Disse que o apanharia daí a alguns minutos, mas não aguentou esperar até que estivesse de volta à Cidade do México. De uma farmácia em Socalo telefonou de novo para o hotel. O recepcionista do Montecarlo leu para ele: “Primeiro preciso conversar com você. Por favor venha logo. Amor, Miriam”.

— Ela vai fazer o maior rebuliço — comentou Guy depois de repetir o telegrama para Anne. — Tenho certeza de que o camarada não quer casar com ela. Ele já tem uma esposa.

— Ah.

Olhou-a enquanto caminhavam, desejando dizer-lhe algo relativo à sua paciência para com ele, com Miriam, com toda a confusão.

— Deixa pra lá — sorriu, e pôs-se a andar mais depressa.

— Você quer ir logo?

— Claro que não! Segunda-feira, talvez, ou terça. Quero aproveitar esses dias com você. Até daqui a uma semana não vão precisar de mim na Flórida. Isso pelo primeiro cronograma.

— Agora Miriam não vai mais atrás de você, vai?

— Daqui a uma semana, a essa hora — disse Guy —, ela não vai ter uma única reivindicação a fazer.

# 10

Diante do toucador, no Hotel La Fonda, em Santa Fé, Elsie Bruno usava um lenço de papel para remover o creme hidratante de seu rosto. A intervalos, com os olhos azuis arregalados e vazios, debruçava-se até poder examinar junto do espelho a pequena rede de rugas sob as pálpebras e as linhas do riso, que descreviam uma curva a partir da base do nariz. Embora o queixo fosse um tanto recessivo, a parte inferior do rosto projetava-se, realçando os lábios cheios e dando às suas feições um desenho inteiramente diverso das de Bruno. Santa Fé, pensou, era o único lugar do mundo em que, mesmo sentada ereta, conseguia divisar as linhas do riso no espelho do toucador.

— Essa luz aqui, faça-me o favor, mais parece um raio X — comentou, dirigindo-se ao filho.

Metido em seu pijama e desabado sobre uma poltrona de couro, Bruno lançou um olhar preguiçoso para a janela. Sentia-se cansado demais para levantar e descer a persiana.

— Você está bem, mãe — grasnou. Fez um bico para alcançar com a boca o copo d’água que repousava sobre o peito glabro e ficou sério, pensativo.

Como uma enorme noz nas mãos impotentes e desajeitadas de um esquilo, uma ideia, maior e mais palpável do que qualquer outra que tivesse tido, circulava há vários dias em sua mente. Quando sua mãe se fosse, planejava pegar a ideia e começar a trabalhá-la seriamente. A ideia era acabar com Miriam. Chegara a hora e tinha de ser logo. Guy precisava disso agora. Mais alguns dias, uma semana no máximo, e seria tarde demais para a transação de Palm Beach, e ele não podia perder aquilo.

Seu rosto ficara um pouco mais cheio nessa curta temporada em Santa Fé, constatou Elsie. Era visível, pelo arredondado das bochechas em comparação

com o pequeno e firme triângulo do nariz. Apagou as linhas do riso sorrindo para si mesma, inclinou a cabeça de caracóis dourados e piscou os olhos.

— Charles, você acha que devo comprar aquele cinto de prata que vimos hoje de manhã? — perguntou displicentemente, como se falasse consigo mesma. O cinto custava duzentos e cinquenta e qualquer coisa, mas Sam mandaria mais mil para a Califórnia. Era tão bonito, não se encontrava nada parecido em Nova York. O que mais prestava em Santa Fé afora a prata?

— Para que mais ele serve? — resmungou Bruno.

Elsie apanhou a touca de banho e virou-se para ele com o seu invariável sorriso cheio de dentes.

— Querido — disse em tom persuasivo.

— Hum?

— Você não vai fazer nada que não deve quando eu tiver ido embora, não é?

— Não, mãe.

Com a touca encarapitada na cabeça, examinou uma de suas compridas unhas pintadas de vermelho e foi pegar uma lixa. Bem, é claro, que Fred Wiley adoraria poder comprar o cinto de prata para ela — provavelmente apareceria na estação com algum presente horrendo e duas vezes mais caro —, mas não queria Fred agarrado a seu pescoço na Califórnia. À mínima atenção que desse, lá viria atrás dela. O melhor seria ele jurar amor eterno ao despedir-se, choramingar um pouco, voltar direito para casa e cair nos braços de sua mulher.

— A verdade é que foi engraçado, ontem à noite — continuou Elsie. — Foi Fred quem viu primeiro. — Riu enquanto lixava a unha.

Bruno disse com toda a calma:

— Não tive nada a ver com aquilo.

— Está bom, querido, eu sei que você não teve nada a ver com aquilo!

Bruno entortou a boca. Sua mãe acordara-o às quatro da madrugada, histérica, dizendo que havia um touro morto na praça. Um touro sentado, de chapéu, casaco, e lendo jornal. Bem o gênero das peraltices ginasianas de Wilson. Tinha certeza de que Wilson comentaria com ele hoje, especulando até descobrir alguma coisa ainda mais louca para fazer. A noite passada, no La Placita, o bar do hotel, ele planejara um assassinato — enquanto Wilson vestia um touro morto. Wilson jamais admitira, sequer em suas histórias mais mirabolantes do tempo da guerra, ter matado quem quer que fosse, nem mesmo um japonês. Bruno fechou os olhos e rememorou satisfeito a noite passada. Por volta de dez horas, Fred Wiley e um bando de outros coroas invadiram o La Placita já meio trôpegos e, como um naipe de figurantes masculinos em alguma comédia musical, arrastaram sua mãe para uma festa. Foi convidado também,

mas disse à mãe que tinha um encontro com Wilson, porque precisava de tempo para pensar. E finalmente, na noite passada, decidira que sim. Na verdade vinha pensando desde sábado, quando falara com Guy. Já era sábado de novo, e tinha de ser amanhã, quando sua mãe já se achasse na Califórnia. Amanhã ou nunca. Estava cansado da pergunta: seria ele capaz? Há quanto tempo se fazia essa pergunta? Nem se lembrava mais. Agora sentia que era capaz de fazê-lo. Algo lhe dizia que jamais voltaria a ter momento e circunstâncias tão propícios. Um assassinato puro e simples, sem motivos pessoais! Não considerava como um motivo a possibilidade de Guy matar seu pai, porque não contava com isso. Talvez conseguisse persuadir Guy, talvez não. A questão é que chegara a hora de agir, a situação era ideal. Telefonara outra vez, na noite anterior, para a casa de Guy, a fim de se certificar de que ele ainda não voltara do México. Guy, dissera a sua mãe, estava no México desde domingo. Uma sensação de aperto na garganta o fez instintivamente levar a mão ao pescoço, como para desapertar o colarinho, embora o paletó do pijama estivesse todo aberto na frente. Bruno começou a abotoá-lo com ar especulativo.

— Você não vai mudar de ideia, não vem comigo? — perguntou a mãe, erguendo-se. — Se você viesse, eu iria a Reno. Helen está lá. E George Kennedy também.

— Mais uma boa razão para você ir a Reno, mãe.

— Charles... — A cabeça oscilou como um pêndulo. — Seja paciente, sim? Se não fosse Sam, não estaríamos aqui, estaríamos?

— Claro que sim.

Ela suspirou.

— Você não vai mudar de ideia?

— Estou me divertindo aqui — respondeu, num gemido. Ela tornou a examinar as unhas.

— O que me dizem é que tudo chateia você.

— Com Wilson, sim. Mas não vou mais me encontrar com ele.

— Você não vai fugir para Nova York?

— O que é que eu ia fazer em Nova York?

— Sua avó ficaria muito triste se você se metesse outra vez em complicações.

— Quando foi que me meti em complicações? — gracejou Bruno, e de repente se sentiu tão enjoado que preferia morrer, mas não conseguiria sequer vomitar. Já conhecia o fenômeno, não durava nem um minuto, mas, pelo amor de Deus, pensou, tomara que não haja tempo para o café antes que o trem saia. Enrijeceu-se, sem mover um só músculo, mal respirando pelos lábios entreabertos. Com um olho fechado, viu-a aproximar-se dele, envolta num

blusão de seda azul-bebê, a mão na cintura, com o jeito mais astucioso de que era capaz, e que não tinha nada de astucioso, por causa daqueles olhos absolutamente francos. Além do mais ela estava sorrindo.

— O que é que você e Wilson estão escondendo?

— Aquele marginal?

Ela se sentou no braço da cadeira dele.

— Só porque ele rouba as suas cenas — disse ela, sacudindo-o amistosamente pelos ombros. — Não faça nada de muito terrível, querido, porque no momento não estou com dinheiro para ficar limpando o que você sujar.

— Arranque um pouquinho mais dele. Consiga mil para mim também.

— Querido. — Passou as costas frias de seus dedos sobre a testa dele. — Vou sentir falta de você.

— Chegarei depois de amanhã, talvez.

— Vamos nos divertir na Califórnia.

— Claro.

— Você está tão sério hoje!

— Não, mãe.

Ela pinçou uma madeixa de cabelo fino sobre a testa dele e caminhou até o banheiro.

Bruno pulou e gritou por cima do ruído da água corrente do chuveiro:

— Mãe, tenho dinheiro para pagar a minha conta aqui!

— O que foi, meu anjo?

Aproximou-se e repetiu o que dissera, depois se atirou na poltrona, esgotado pelo esforço. Não queria que a mãe soubesse de seus interurbanos para Metcalf. Se ela não ficasse sabendo, tudo bem. Ela não dera muita importância ao fato de não acompanhá-la. Será que encontraria esse tal de Fred no trem, ou coisa que o valha? Bruno levantou-se com esforço, sentindo picá-lo uma ponta de animosidade contra Fred Wiley. Queria poder dizer à mãe que ficava em Santa Fé para realizar a maior experiência de sua vida. Ela não permaneceria debaixo do chuveiro, deixando a água correr, sem lhe prestar atenção, se pudesse avaliar uma ínfima parte do que se passava em sua cabeça. Queria dizer, mãe, brevemente a vida vai melhorar muito para nós dois, porque a partir de agora estamos começando a nos livrar do Capitão. Não importa que Guy cumprisse ou não a sua parte do trato. Se fosse bem-sucedido com Miriam, provaria a sua premissa. Um crime perfeito. Algum dia haveria de surgir uma pessoa, uma pessoa que ainda não conhecia, e alguma combinação seria acertada. Bruno colou o queixo no peito, subitamente angustiado. Como poderia contar à sua mãe? Assassinato não combinava com ela. “Que horror!” diria. Olhou para a

porta do banheiro com uma expressão distante e magoada. Acabara de lhe ocorrer que jamais poderia dizer nada a ninguém. Exceto a Guy. Sentou-se.

— Dorminhoco!

Ela bateu palmas e ele acordou. Sorriu. Meio abobalhado, e como que se dando conta de que muita coisa aconteceria até que pudesse revê-las, acompanhou o movimento das pernas da mãe enquanto ela calçava as meias. As linhas elegantes daquelas pernas sempre o estimularam. Sentia uma espécie de orgulho ao vê-las. Sua mãe tinha as pernas mais bonitas que já vira, fosse qual fosse a idade da mulher. Ziegfeld as teria notado — e quem entendia mais do assunto do que Ziegfeld? Contudo, ela se casou e logo mergulhou de volta no tipo de vida do qual estava tentando fugir. Ele se achava prestes a libertá-la de tudo aquilo, mas ela não sabia de nada.

— Não se esqueça de mandar isto pelo correio — disse a mãe. Bruno olhou com um arrepio para as duas cabeças de casca diante dele. Era um prendedor de gravata que haviam comprado para o Capitão, feito de chifre de boi, com duas cobrinhas que espichavam as línguas uma para a outra. O Capitão tinha horror a prendedores de gravata, tinha horror a cobras, cachorros, gatos, passarinhos. O que é que ele não odiava? Ele ia odiar o prendedorzinho vagabundo, e por isso mesmo insistira com a mãe em que o comprassem para ele. Bruno sorriu com toda simpatia, olhando o prendedor. Não fora difícil convencê-la de que deviam comprá-lo.

# 11

Tropeçou no diabo de uma pedra, endireitou-se com toda a dignidade possível e tentou ajeitar a camisa para dentro da calça. Ainda bem que estava numa viela, não numa rua grande e movimentada, os tiras não iriam pará-lo e ele não perderia o trem. Deteve-se e apalpou-se todo, tentando localizar sua carteira com mais ansiedade do que jamais fizera. Suas mãos tremiam tanto que ele mal podia distinguir o horário, dez e vinte, no bilhete do trem. Segundo relógios diversos eram agora oito e dez. Se é que era domingo. Claro que era domingo, bastava olhar para os índios nas suas melhores e mais limpas roupas. Mantinha-se alerta, para o caso de Wilson aparecer, embora não o tivesse visto desde a véspera. Não parecia provável que aparecesse. Não queria que Wilson soubesse que saía da cidade.

De repente descortinou a praça diante de seus olhos — a criançada solta e os velhinhos de sempre comendo pinhões. Imobilizou-se e contou as colunas do palácio do governador: dezessete, era isso mesmo. Já não se tratava de um bom processo de avaliar a sobriedade das pessoas. Ressaca infernal. Que vontade de se estender no calçamento de pedras. Por que bebera tanto, perguntou-se, quase chorando de arrependimento. Mas é que ficara sozinho, e sempre bebia mais quando ficava só. Era isso mesmo? Ah, que diferença fazia? Ocorria-lhe a poderosa e brilhante ideia que tivera na noite anterior, assistindo a um jogo pela televisão: *a maneira mais interessante de ver o mundo era vê-lo embriagado*. Tudo fora criado para ser visto em estado de embriaguez. Certamente, porém, não era essa a melhor maneira de ver o mundo, a cabeça estourando a cada movimento dos olhos. Na véspera quisera celebrar sua última noite em Santa Fé. Hoje estaria em Metcalf, e tinha de se manter esperto. Mas como ia imaginar que alguns drinques pudessem provocar tamanha ressaca? A ressaca, no entanto, talvez se mostrasse útil, raciocinou: costumava, de ressaca, fazer as coisas

cuidadosa e cautelosamente. Só que até agora ainda não planejara nada. Poderia fazê-lo no trem.

— Correspondência? — perguntou mecanicamente na recepção, mas não chegara nada para ele.

Tomou um banho ritualístico e pediu chá quente e um ovo cru. Abriu o armário e ficou parado, pensando no que usar. Em homenagem a Guy escolheu o terno marrom-ferrugem. Era efetivamente uma roupa que não chamava a atenção, reparou, já vestido, e ficou satisfeito por tê-lo inconscientemente escolhido também por essa razão. Engoliu o chá e o ovo, e a beberagem ficou no estômago. Flexionou os braços, mas de um momento para o outro a decoração indiana do quarto, as luminárias exóticas, as cortinas esfiapadas, tudo se tornou insuportável, e ele voltou a tremer da cabeça aos pés, com urgência de pegar suas coisas e sair dali. Que coisas? Para falar a verdade, não precisava de nada. Só do papel em que escrevera tudo o que sabia a respeito de Miriam. Tirou-o da valise e colocou-o no bolso interno do paletó. O gesto o fez sentir-se um homem de negócios. Pôs um lenço branco no bolso de cima, saiu do quarto e trancou a porta. Calculava que estaria de volta no dia seguinte à noite, antes até, se conseguisse fazer o serviço nessa noite e pegar o expresso com leito na volta.

Hoje à noite!

Mal podia acreditar, a caminho da rodoviária onde tomaria um ônibus para Lamy, o terminal ferroviário. Achou que ficaria feliz, ou excitado — senão apaziguado e, até, taciturno —, mas nada disso acontecia. Súbito assumiu um ar circunspecto, embora o pálido rosto de olhos ensombrados se revelasse ainda mais jovem. Será que alguma coisa estragaria o prazer da história? O que poderia estragá-lo? A verdade é que sempre acontecia alguma coisa para frustrar o seu prazer em tudo o que fazia. Dessa vez não deixaria que isso acontecesse. Forçou-se a sorrir. Talvez a ressaca o induzisse a essas dúvidas. Passou num bar e encheu sua garrafinha com um barman conhecido. Queria uma vazia para completar meio litro. O barman procurou mas não encontrou nenhuma.

Em Lamy, Bruno entrou na estação carregando apenas a garrafa num saco de papel. Arma nenhuma. Ainda não planejara nada, relembrava-se a todo instante, mas nem sempre o superplanejamento garantia o sucesso de um assassinato. Por exemplo…

— Oi, Charley! Aonde vai?

Era Wilson, com uma gangue em volta. Meneando a cabeça, aborrecido, Bruno não teve saída senão caminhar ao encontro deles. Acabaram de desembarcar de um trem, concluiu. Pareciam exaustos e macambúzios.

— Por onde você andou esses dois últimos dias? — perguntou Bruno a Wilson.

— Las Vegas. Eu não sabia onde estava até que percebi que estava lá. Senão teria falado com você. Conhece Joe Hanover? Já lhe falei de Joe.

— Oi, Joe.

— Ei, por que você está assim tão abatido? — perguntou Wilson dando-lhe um tranco amistoso.

— Ora, Charley Ressaca! — buzinou no seu ouvido a voz de uma das garotas.

— Charley Ressaca[2], muito prazer. Joe Hanover — disse este, solene.

— Ha, ha. — Bruno escapuliu do assédio de uma jovem com lenço no pescoço. — Tenho de pegar esse trem. — O trem estava parado, pronto para partir.

— Aonde é que você vai? — perguntou Wilson, franzindo as sobrancelhas até formarem um só risco negro sobre os olhos.

— Eu tinha um compromisso em Tulsa — grunhiu Bruno, consciente de que trocara o tempo do verbo e com uma ideia fixa na cabeça: ir embora, *já*. Quase chorou de frustração e teve vontade de pular sobre a suja camisa vermelha de Wilson, para esmurrá-lo.

Wilson passou a mão na frente de Bruno como quem apaga um risco de giz num quadro-negro.

— Tulsa!

Lentamente, ensaiando um sorriso, Bruno fez um gesto semelhante e lhes deu as costas. Avançou certo de que viriam atrás dele, mas enganou-se. No trem, olhou para trás e viu o grupo serpenteando de uma zona banhada pela luz solar para uma região de sombras sob o teto da estação. Preocupou-o vê-los ali naquela cumplicidade conspiratória. Suspeitariam de algo? Cochichavam a seu respeito? O trem se movimentava antes que tivesse encontrado seu lugar.

Quando acordou da sesta, o mundo em volta parecia mudado. O trem escorregava velozmente através de uma paisagem montanhosa de frios contornos azuis. Verdes vales profundos se enchiam de sombras. Céu cinzento. O ar refrigerado e a refrescante aparência das coisas lá fora aliviavam-no como um saco de gelo. E estava com fome. Na hora do jantar comeu deliciosas costeletas de carneiro, com batatas fritas e salada, de sobremesa uma torta de pêssego. Regou tudo com dois uísques com soda e navegou de volta ao seu lugar, inflado como se tivesse tirado a sorte grande.

Um sentimento de predestinação, desconhecido mas agradável, arrastou-o numa corrente irresistível. A um olhar casual para a janela sentiu que olho e mente praticavam uma intercomunicação inédita. Começou a se dar conta de seu próprio plano. Estava a caminho de cometer um assassinato que não apenas lhe satisfaria um antigo desejo, mas também traria benefícios a um amigo. Sentia-se

feliz de poder fazer coisas para os amigos. E a vítima merecia esse desenlace. Era só pensar em todos os outros sujeitos que livraria do perigo de conhecê-la. Cegou-o a consciência de sua própria importância e por um momento sentiu-se completa e deliciosamente bêbado. Suas energias, dissipadas, vertidas como um rio transbordante sobre a insípida terra do Llano Estacado que agora atravessava, pareciam reagregar-se num vórtice cujo fulcro era a cidade de Metcalf para onde o trem corria desvairado. Sentou-se no braço da poltrona e desejou que Guy estivesse mais uma vez diante dele. Mas Guy tentaria detê-lo, sabia; Guy jamais entenderia o quanto queria fazê-lo, nem mesmo quão fácil era. Mas, pelo amor de Deus, ele haveria de reconhecer que era uma ação útil! Calcou o punho na palma da mão, impaciente, querendo que o trem andasse mais depressa. Por todo o corpo a musculatura se crispava e tremia.

Pegou o papel com os dados sobre Miriam e colocou-o no assento desocupado, em frente. Estudou-o com todo cuidado. *Miriam Joyce Haines, cerca de vinte e dois anos,* estava escrito numa caligrafia caprichosa: era a sua terceira cópia. *Bonitinha. Cabelos ruivos. Mais para roliça, não muito alta. Grávida, de um mês talvez. Extrovertida, roupas possivelmente berrantes. Cabelos curtos, encaracolados, ou então compridos, com permanente.* Não era muito, mas era o que estava a seu alcance. Ainda bem que pelo menos tinha cabelos ruivos. Será que poderia fazê-lo ainda hoje à noite? — consultou-se. Bem, dependeria de achá-la logo. Com certeza teria de percorrer toda a lista de sobrenomes Joyce e Haines. Achou que devia morar com a família. Tinha certeza de que, quando a visse, a reconheceria. Cadelinha! Já tinha ódio dela. Pensou no momento em que a veria e a reconheceria, e suas pernas tremeram. Algumas pessoas apareceram no corredor, mas Bruno não levantou os olhos do papel.

*Ela vai ter um filho*, repetia a voz de Guy. A capetinha! Essas mulheres que saíam dando por aí deixavam-no como um louco furioso, feito a amante do seu pai, que fazia os seus feriados escolares virarem pesadelos, pois não sabia se sua mãe sabia e apenas fingia que estava tudo bem, ou se não tinha mesmo a menor ideia do que se passava. Relembrou cada frase que Guy e ele haviam trocado no trem, e isso trouxe Guy bem para perto. Guy era o melhor sujeito que jamais conhecera. Batalhara o emprego de Palm Beach e merecia ficar com ele. Bruno só queria ser a pessoa a dar-lhe a notícia de que ainda poderia consegui-lo.

Quando finalmente colocou o papel de volta no bolso e cruzou as pernas, quem passasse por ali o julgaria um jovem responsável e de caráter firme, com um futuro promissor pela frente. Não parecia no melhor de sua forma, mas efetivamente a expressão revelava equilíbrio e um contentamento interior que muito poucos rostos costumavam exibir. O de Bruno, nunca. Sua vida, até o

momento, não tomara rumo definido. A procura desorientada não parecia levá-lo a parte alguma. Houve crises — gostava de crises e provocava-as, entre os amigos, entre o pai e a mãe — mas sempre conseguira esquivar-se delas. Isso, assim como a eventual circunstância de não conseguir tomar um partido claro mesmo quando a mãe era atingida pelo pai, levavam-na a crer que havia no filho alguma coisa de cruel, enquanto o pai, apoiado por muitas opiniões alheias, julgava-o um insensível sem coração. Mas, se percebia indiferença em alguém, se telefonava para um amigo e este não podia ou não queria fazer-lhe companhia, Bruno submergia numa profunda e melancólica depressão. Apenas a mãe, no entanto, sabia disso. Livrava-se das crises porque também sentia prazer em privar-se das efervescências da vida. Há tanto tempo via frustrar-se a expectativa de encontrar um sentido para a sua vida, que acabara por preferir a frustração, como um enamorado sistematicamente não correspondido. A doce plenitude de um sentimento realizado era algo que desconhecia. Sempre se sentira desestimulado a tentar a realização de um projeto em que acreditasse. Ainda assim, de um modo ou de outro reunia a energia necessária para sobreviver no dia a dia. A morte, no meio disso tudo, não o assustava. A morte era apenas mais uma aventura que ainda não fora tentada. Se chegasse na esteira de alguma transação perigosa, tanto melhor. Ela andara por perto, lembrou, quando dirigiu um carro de corrida, olhos vendados e pé afundado no acelerador, numa pista estreita. Não chegou a ouvir o sinal para parar porque antes se precipitou numa vala e quebrou um quadril. Às vezes sentia-se tão entediado que chegava a pensar na dramática saída do suicídio. Nunca lhe ocorrera que colocar-se sem medo diante da morte podia ser um ato de bravura, nem que sua atitude era tão conformista quanto a dos *swamis* indianos, e que, afinal, cometer suicídio exigia um desapego bastante específico. Na verdade chegava a envergonhar-se por ter alimentado ideias suicidas. Era uma coisa estúpida e óbvia.

Contudo, agora, no trem que o levava a Metcalf, Bruno possuía um destino. Nunca se sentira tão vivo, tão real, tão identificado com as outras pessoas, exceto quando viajara, criança, para o Canadá, com a mãe e o pai — também de trem, lembrava-se. Imaginara Quebec cheia de castelos que poderia percorrer, mas não havia castelo nenhum, e sequer teve tempo de procurá-los, pois sua avó paterna estava morrendo, e fora aliás por isso que tinham viajado. Desde então nunca mais confiara em viagem nenhuma. Esta, porém, era diferente.

Em Metcalf tratou logo de arranjar um catálogo telefônico e procurou nele o nome Haines. Teve a vaga impressão de passar pelo endereço de Guy ao percorrer a lista. Nenhuma Miriam Haines, como já esperava. Havia sete Joyces. Bruno anotou os nomes e os endereços num pedaço de papel. Três vinham num

mesmo endereço, Rua Magnólia 1.235, e um era da Sra. M. J. Joyce. Bruno refletiu, a língua percorrendo o lábio superior. Bom palpite, com certeza. Talvez o nome da mãe fosse Miriam também. Pela vizinhança poderia descobrir muita coisa. Não achava que Miriam fosse pessoa que vivesse cercada de vizinhos extravagantes. Correu para pegar um táxi estacionado junto ao meio-fio.

# 12

Eram quase nove horas. A noite sugava pouco a pouco o demorado crepúsculo e a escuridão descia sobre os quarteirões residenciais, exceto aqui ou ali, numa varanda ou outra, nas cadeiras de balanço, nos degraus da frente de alguma casa.

— Pode me deixar aqui, está perfeito — disse Bruno ao motorista. Rua Magnólia com Avenida Universitária, altura do número mil. Andou um pouco.

Uma garotinha parou na calçada, a olhar para ele.

— Oi — disse Bruno como se lhe dirigisse uma tensa voz de comando para que saísse do caminho.

— Oba — disse a guria.

Bruno correu com os olhos as pessoas na varanda iluminada, um homem gordo que se abanava, duas mulheres numa cadeira de balanço. Ou estava mais bêbado do que imaginava ou a sorte se pusera mesmo do seu lado, porque apostara de fato um palpite no 1.235. Não podia imaginar vizinhança mais de acordo com Miriam do que aquela. Se estivesse enganado, era simples, correria os outros endereços. Estava com a lista no bolso. A visão da ventarola na varanda como que lhe chamou a atenção para a temperatura — estava muito quente, mesmo sem considerar a onda febril que o assolava desde a tarde da véspera. Parou para acender um cigarro e alegrou-se ao ver que suas mãos não tremiam. A meia garrafa que consumira no correr da tarde dera um jeito em sua ressaca e o conduzira a um apaziguado e dolente estado de espírito. Grilos cricrilavam à sua volta. Era tudo tão sossegado que ele podia ouvir com nitidez a troca de marchas de um carro a dois quarteirões de distância. Um grupo de rapazes despontou numa esquina, e o coração de Bruno bateu mais depressa, atemorizado com a possibilidade de um deles ser Guy. Guy, porém, não se achava entre eles.

— Seu sacana — dizia um.

— Porra, eu disse a ela que não ia dar colher de chá a esses caras que não dão nem uma merdinha prós chapinhas deles...

Bruno acompanhou-os com um olhar superior. Parecia outro idioma. Decididamente Guy não falava como eles.

Bruno não conseguia encontrar os números de algumas casas. E se não conseguisse localizar o 1.235? Ao chegar, porém, à casa que procurava, o número 1.235 surgiu perfeitamente visível nos algarismos de metal pregados na fachada adiante da varanda. A visão da casa produziu-lhe um suave, agradável arrepio. Quantas vezes não teria Guy subido esses degraus, ocorreu-lhe, e na verdade era só essa circunstância que a destacava das outras casas. Era uma casa pequena como as outras no quarteirão. A diferença era que a cerca de ripas amareladas precisava de pintura. Havia uma passagem lateral para carros e o gramado estava bem careca. Um Chevrolet, modelo antigo, estava estacionado junto ao meio-fio. Uma luz iluminou uma janela no andar de baixo. Depois apareceu outra luz, num andar de cima, que Bruno supôs tratar-se do quarto de Miriam. Mas por que não sabia? Por certo Guy não lhe dissera tudo o que precisava saber!

Nervoso, Bruno atravessou a rua e refez um pouco o caminho na direção de onde viera. Parou, virou-se e fitou a casa, mordendo o lábio. Ninguém à vista, nenhuma varanda iluminada, com exceção de uma bem na esquina. Não conseguia distinguir se o remoto som de um rádio partia da casa de Miriam ou da casa vizinha. Nesta, duas janelas do térreo estavam iluminadas. Talvez pudesse dar uma olhada nos fundos do 1.235.

Seus olhos foram atraídos pela luz que se acendeu numa varanda vizinha. Surgiram um homem e uma mulher. A mulher sentou-se na cadeira de balanço e o homem saiu para a calçada. Bruno recuou para uma zona de sombra numa garagem ao lado.

— Se não tiver pêssego, pistache, Don — Bruno ouviu a mulher instruir.

— Para mim, baunilha — murmurou Bruno, tomando um gole de sua garrafa.

Olhou divertido para a casa amarelada, apoiou um pé no chão com firmeza, e sentiu a pressão de alguma coisa contra a coxa: a faca que comprara na estação de Big Springs, uma faca de caça, com uma lâmina de mais de vinte centímetros, embainhada. Se pudesse, evitaria usá-la. Curioso, facas o molestavam. E revólveres eram barulhentos. Como haveria então de fazer a coisa? Quando a visse, saberia. Saberia? Também julgara que a visão da casa lhe sugeriria algo, e continuava achando que a casa era aquela. Apesar disso, não lhe ocorrera ideia nenhuma. Seria porque esta não era a casa? E se fosse escorraçado antes mesmo de se certificar, acusado de estar bisbilhotando? Guy sem dúvida informara

muito pouco! Tomou, rápido, outro gole. Não podia começar a preocupar-se, estragaria tudo! Os joelhos vacilaram. Enxugou nas coxas as mãos suadas e umedeceu os lábios com a língua inquieta. Tirou do bolso o papel com os endereços dos Joyces da cidade e tentou lê-los sob a luz de um poste. Teve dificuldade de ler. Devia tentar outro endereço e voltar a este mais tarde?

Esperaria quinze minutos, talvez meia hora.

No trem o plano que tomara corpo levava-o a preferir atacá-la ao ar livre, fora de casa. Seu ponto de partida, portanto, consistia numa abordagem física. A rua, por exemplo, era quase tão escura quanto se poderia desejar e, sob algumas árvores, muito escura mesmo. Preferia limitar-se a usar as mãos, talvez atingi-la com alguma coisa na cabeça. Não avaliou o quão excitado estava até que seu corpo começou a procurar antecipadamente as respostas — saltar à esquerda ou à direita? — para o momento em que a atacaria. De vez em quando imaginava a felicidade de Guy, quando tudo estivesse terminado. Miriam tornara-se um objeto, um pequeno e resistente objeto.

Ouviu uma voz masculina e um riso. Estava certo de que viera do quarto de cima do 1.235. Uma alegre voz feminina falou:

— Pare. Quer parar? Por favor! — a voz de Miriam, talvez. Infantil e melosa, mas dotada também de alguma força.

A luz se apagou e os olhos de Bruno permaneceram fixos na janela agora às escuras. Pouco depois acendeu-se a luz da varanda e dois homens e uma moça — *Miriam* — surgiram. Bruno prendeu a respiração e apoiou-se mais firmemente sobre os pés. Via perfeitamente a tonalidade vermelha dos cabelos. O mais alto dos sujeitos era ruivo também — talvez irmão dela. Os olhos de Bruno registraram vários detalhes ao mesmo tempo: a figura atarracada da moça, os sapatos rasos, a desenvoltura com que se movimentava.

— Você acha que devíamos chamá-la, Dick? — perguntou ela com a sua voz fina. — Já é muito tarde.

Alguém apareceu na janela da frente.

— Filha! Não volte tarde.

— Não, mãe.

Iam pegar o carro no estacionamento.

Bruno andou em direção à esquina, à procura de um táxi. Chance remota, naquele fim de mundo. Correu. Não corria há meses, mas sentiu-se em forma como um atleta.

— Táxi! — Não via táxi nenhum, até que avistou um de repente e se precipitou em sua direção.

Disse ao motorista que desse a volta e pegasse a Rua Magnólia no sentido em que o Chevrolet estava estacionado. O carro já não se achava lá. A escuridão

baixara mais. Distante, à frente, viu brilharem, sob as árvores, as luzes vermelhas de lanternas traseiras.

— Vá em frente!

Quando se fechou um sinal adiante e as luzes traseiras pararam, o táxi chegou perto e Bruno, vendo que era o Chevrolet, recostou-se com alívio em seu assento.

— Aonde vamos? — perguntou o motorista.

— Vá indo! — O Chevrolet seguiu por uma avenida larga. — Vire à direita. — Sentado bem na ponta do banco de trás, sorriu ao ler numa placa, na rua: Boulevard Crockett. Já ouvira falar do Boulevard Crockett, a rua principal, a maior de Metcalf.

— Como se chamam as pessoas que vai ver? — inquiriu o motorista. — Talvez eu conheça.

— Espere aí, espere aí — disse Bruno, assumindo inconscientemente uma outra personalidade e fingindo dar uma busca nos papéis que tirara do bolso, entre os quais o que continha os dados relativos a Miriam. Riu consigo mesmo, achando graça em tudo aquilo e sentindo-se agora bastante seguro de si. Estava na pele do forasteiro avoado que sequer conseguia achar o endereço para onde devia ir. Esquivou-se de tal maneira que o motorista não percebesse seu riso, e automaticamente procurou a garrafinha.

— Quer luz?

— Não, não, obrigado. — Tomou um bom gole. O Chevrolet fez a volta, na avenida, e Bruno orientou o motorista de modo a que pudesse ter sempre o outro carro à vista.

— Estamos indo para onde?

— Siga em frente e cale a boca! — gritou Bruno, num falsete de ansiedade.

O motorista sacudiu a cabeça e produziu um muxoxo com a língua. Bruno ficou irritado, mas o Chevrolet ainda estava à vista. Parecia que não iam mais parar e que o Boulevard Crockett atravessava o Estado do Texas de ponta a ponta. Por duas vezes Bruno perdeu de vista e tornou a localizar o Chevrolet. Passaram por restaurantes e cinemas drive-in, e logo a escuridão pareceu engolir o caminho. Bruno começou a se preocupar. Não poderia segui-los se saíssem da cidade ou se tomassem uma estrada menos movimentada. Viu então surgir uma fileira de luzes. BEM-VINDO AO LAGO METCALF, O REINO DA DIVERSÃO, dizia o letreiro luminoso. O Chevrolet passou por baixo dele, a caminho de um estacionamento. Luzes variadas brilhavam por entre as árvores, lá dentro, e podia-se ouvir a música de um carrossel. Um parque de diversões! Bruno estava encantado.

— Quatro pratas — disse o motorista, mal-humorado. Bruno pingou-lhe uma nota de cinco pela janela da frente.

Demorou-se até que Miriam e os dois rapazes, mais uma moça que acabavam de encontrar, tivessem passado pela borboleta. E foi atrás. Abriu bem os olhos para dar uma boa olhada em Miriam sob a luz forte. Tinha o seu quê no gênero estudante bem fornida que fazia, mas era positivamente uma garota de segunda categoria, concluiu ele. As meias vermelhas nas sandálias vermelhas o escandalizaram. Como é que Guy conseguiu ter casado com aquilo? Parou e caiu em si: ela não estava grávida! Os olhos se encheram de perplexidade. Como fora capaz de não reparar logo? Mas talvez ainda não estivesse visível. Mordeu com força o lábio inferior. A cintura estava fina demais. Talvez fosse irmã de Miriam. Ou então houve um acidente, um aborto, coisa assim. Um aborto, Senhorita Aborto[3]! Como vai você? Que rebolado, hein? Uma saia cinza apertava-lhe as ancas pequenas mas opulentas. À medida que avançavam, ele andava como que magnetizado.

Será que Guy mentira sobre a gravidez? Mas Guy não mentiria. A cabeça de Bruno estava mergulhada em contradições. Espichou o pescoço para localizar Miriam. Foi então que em sua mente acendeu-se uma luz pela qual nem começara a procurar: se alguma coisa acontecera ao filho, mais uma razão para apagar Miriam, pois nesse caso Guy não conseguiria o divórcio. Depois de um aborto, por exemplo, nada a impediria de dar suas borboleteadas por aí.

Ela parou em frente a um pequeno palco onde uma cigana despejava coisas para dentro de uma grande gamela. A outra moça começou a rir, pendurada no ruivo.

— Miriam!

Bruno quase deu um salto.

— Taaaá bem! — Miriam se aproximou da barraca dos sorvetes.

Todos pediram sorvetes. Bruno ficou à espera, sem ter o que fazer, a olhar para o arco de luzes da roda-gigante e para as pessoas pequenininhas balançando lá em cima contra o céu negro. Longe, por entre as árvores, viu luzes bruxuleantes sobre as águas. Era um parque e tanto. Teve vontade de dar umas voltas na roda-gigante. Sentia-se esplendoroso. Estava sendo prudente, sem nervosismo, apenas escutando a música do carrossel. Ao voltar-se deu com o cabelo ruivo de Miriam e os olhos dos dois se encontraram. Os dela se afastaram; tinha certeza de que não haviam reparado nele, mas não podia tornar a fazer aquilo. A ansiedade que tomou conta dele o fez soltar seus risinhos. Miriam não parecia pessoa nada inteligente, concluiu, e isso alegrou-o. Parecia-lhe óbvio por que Guy a detestava. Também ele a detestava, visceralmente.

Talvez a gravidez fosse mentira dela. E Guy, cheio de boa-fé, acreditou nela. Vagabunda!

Quando seguiram em frente, com os sorvetes, ele abandonou o balão que estava dedilhando, deu uma volta, examinando outros balões na mão do vendedor, e decidiu comprar um amarelo vivo. Voltou aos tempos de guri, fazendo ruídos agudos ao esfregar os dedos no balão.

Um garotinho que passava acompanhado dos pais estendeu a mão para pegar o balão. Bruno teve impulso de lhe dar o balão, mas não deu.

Miriam e seus amigos passaram para uma grande área iluminada, onde ficavam a roda-gigante e uma porção de outros brinquedos e atrações. No alto a montanha-russa fazia tat-tat-tat-tat-tat, como uma metralhadora. Um clangor e um bramido saudavam a chegada ao topo de uma seta vermelha acionada por um martelo. Não se incomodaria nem um pouco de matar Miriam com um golpe de martelo, cogitou. Observou cuidadosamente Miriam e cada um dos outros três, procurando descobrir se algum deles parecia consciente da sua presença. Tinha certeza de que ninguém reparara nada. Se não conseguisse fazê-lo nessa noite, não podia deixar que o notassem. Alguma coisa, contudo, dizia-lhe que o faria ainda nessa noite. Alguma coisa aconteceria só para lhe dar essa oportunidade. Era a sua noite. Aspirou o ar frio como se o bebesse. Descreveu círculos com o balão. Gostava do Texas, o Estado de Guy. Todo mundo parecia satisfeito e cheio de energia. O grupo de Miriam misturou-se a uma multidão enquanto ele se retardava para tomar mais um gole. Depois saiu apressado em seu encalço.

Contemplavam a roda-gigante, e desejou que decidissem dar uma volta. Faziam coisas grandiosas no Texas, refletiu Bruno, olhando com admiração para a roda. Nunca vira uma roda-gigante com tais dimensões. No interior havia uma estrela de cinco pontas desenhada em luzes azuis.

— Que tal, Ralph? — ganiu Miriam, fazendo gotejar em sua boca o copinho de sorvete.

— Não tem muita graça. Que acha do carrossel?

E foram todos. O carrossel parecia uma cidade iluminada à beira dos bosques escuros, uma floresta de hastes niqueladas e povoada de zebras, cavalos, girafas, touros e camelos, uns lá em cima, outros cá embaixo, alguns deles com os pescoços lançados para além dos limites do carrossel, petrificados em pinotes e galopes com expressões de quem implora por um cavaleiro. Bruno se manteve imóvel, incapaz de tirar da cena os olhos deslumbrados, nem mesmo para seguir Miriam. Excitava-o a perspectiva de música e animação a qualquer momento. Sentiu que estava prestes a reviver antigas e deliciosas experiências de infância. A poesia ingênua e inconsistente, o eterno acompanhamento do realejo, os pratos e os tambores quase tornavam essa época presente de novo.

As pessoas escolhiam suas montarias. E Miriam e os amigos comiam de novo. Miriam atacava um saco de pipocas que Dick lhe estendia. Porcalhões! Bruno também estava com fome. Comprou um cachorro-quente e, quando os procurou, viu que subiam no carrossel. Vasculhou os bolsos à procura de moedas e correu. Pegou o cavalo em que estava de olho, um azul-rei de cabeça empinada e boca aberta. Miriam e os amigos zanzavam em volta, por entre os postes de metal. Dia de sorte: Miriam e Dick ocuparam uma girafa e um cavalo bem na frente dele. Estava com sorte hoje! Hoje devia jogar!

Adorava a música do carrossel. Ele e a mãe, que o fazia pular sobre o cavalo. Os pés iam e vinham, enfiados nos estribos. Algo atingiu-o por trás, na cabeça, o que o fez virar-se com disposição beligerante, mas eram apenas alguns rapazes fazendo algazarra atrás dele.

Lentamente cresceu a animação da música. Ele subia, subia, e Miriam descia, descia, descia em sua girafa. O mundo em volta do carrossel esfumou-se num borrão de luzes pontilhadas. Bruno segurava as rédeas com uma das mãos, como aprendera nas aulas de polo, e com a outra comia o cachorro-quente.

— Iaaaaa-huuu! — uivava o rapaz ruivo.

— Iaaaaa-huuu! — berrava Bruno em resposta. — Sou um autêntico texano!

— Katie? — Miriam debruçou-se no pescoço da girafa e a saia justa apertou ainda mais as suas formas. — Está vendo aquele sujeito ali, de camisa xadrez?

Bruno olhou na direção que ela indicava e viu o sujeito com a camisa xadrez. Lembrava Guy um pouco, constatou Bruno e, ao fazê-lo, acabou por perder o que Miriam dizia à amiga. Sob as luzes fortes reparou que Miriam tinha a pele coberta de sardas. Ela parecia cada vez mais repugnante, a tal ponto que desejou não precisar tocar sua carne pegajosa e quente. Bem, a faca estava ali com ele. Uma ferramenta limpa.

— Uma ferramenta limpa! — gritou Bruno animadamente, pois ninguém poderia mesmo ouvi-lo. Cavalgava por fora, e ao lado havia um par de cisnes, um assento para duas pessoas, que estava desocupado. Deu uma cusparada para dentro dele. Arremessou longe o resto do cachorro-quente e limpou a mostarda dos dedos na crina do cavalo.

O acompanhante de Miriam cantava alto a música do carrossel.

Em pouco tempo todos cantavam, Bruno também. O carrossel inteiro cantava. Se pudessem beber também. Todo mundo devia estar com um drinque na mão! Bruno cantava a plenos pulmões.

— Oi! — Miriam arrulhava para o parceiro Dick, abrindo a boca, na qual este tentava acertar uma pipoca.

— Ai, ui — berrava Bruno.

Miriam estava feia, o ar aparvalhado, a boca aberta como se estivesse sendo estrangulada e ficando intumescida e rósea. Não conseguia fixar os olhos nela e afastou-os, com uma careta. O carrossel perdia velocidade. Torceu para que ainda dessem uma volta, mas o grupo saiu, braços dados, rumo às luzes coruscantes sobre as águas.

Bruno se deteve por um instante sob as árvores para outra mamadinha na garrafa quase vazia.

Pegavam um barco a remo. A perspectiva de umas remadas no lago deliciou-o. Pegou outro barco. Havia escuridão no lago, cortado por barquinhos que singravam as águas ocupados por casais aos beijos e abraços. Bruno aproximou-se do barco de Miriam o suficiente para verificar que quem remava era o ruivo, enquanto, em meio a risinhos, Miriam e Dick se agarravam no banco de trás. Bruno deu três remadas fortes que o fizeram ultrapassar o barco deles e descansou os remos na água.

— Vamos até a ilha ou ficamos só girando por aí? — perguntou o ruivo.

Com todo o descaramento, Bruno refestelou-se em seu barco, à espera de que se decidissem. Das moitas ao longo da margem chegavam murmúrios, sons abafados de rádio, risos, como que produzidos na intimidade de pequenos quartos. Virou a garrafa até esvaziá-la. O que aconteceria se gritasse: “Guy!” O que diria Guy se o visse agora? Quem sabe Guy e Miriam tinham feito passeios naquele mesmo lago, talvez no mesmo barco em que se achava? O álcool provocava um formigamento gostoso nas mãos e nas pernas. Se Miriam estivesse ali ao lado dele, no barco, teria prazer em ficar segurando a cabeça dela debaixo d’água. Aqui no escuro. Escuro feito breu, e sem lua. A água fazia barulhinhos, lambendo a canoa. Bruno mexeu-se, impaciente. Um beijo estalou no barco de Miriam, e Bruno respondeu ao som, arremedando: smack, smack! Devem ter ouvido porque caíram na gargalhada.

Esperou que o barco do grupo se adiantasse e sem pressa seguiu em seu rastro. Uma compacta massa negra se aproximou, salpicada pela luminosidade de um ou outro fósforo. A ilha. O paraíso da bolinação. Miriam estava de volta, pensou Bruno, rindo.

Quando o barco de Miriam atracou, ele remou mais alguns metros, parou e desembarcou. Teve o cuidado de apoiar a proa do seu sobre um pequeno tronco, pois assim poderia reconhecê-lo facilmente no meio dos outros. O oportunismo manifestava-se outra vez em suas atitudes, mais aguçado e mais prático do que no trem. Estava em Metcalf não fazia nem duas horas e já viera dar naquela ilha, com ela! Se pudesse surpreendê-la sozinha e tapar-lhe a boca com a mão — só que talvez ela o mordesse. Estremeceu de nojo à visão da boca úmida de Miriam

em sua mão. Seguiu-lhes os passos, vagarosamente, escalando as elevações do terreno em direção a uma zona onde as árvores eram mais numerosas.

— A gente não pode ficar aqui, o chão está molhado — lamuriou-se a moça que chamavam de Katie.

— Sente-se no meu casaco — disse um dos rapazes.

Deus do céu, pensou Bruno, o jeito idiota de falar desses sulistas!

Num matagal distante alguém cantarolou uma canção. Sons noturnos. Grilos. Insetos diversos. E um mosquito no seu ouvido. Para enxotá-lo, deu um tapa na orelha e o zunzum subsequente abafou as vozes próximas.

— ... se os expulsarmos.

— Não tem lugar — latiu Miriam.

— Não tem lugar, e cuidado onde pisa!

— Cuidado, meninas — riu o rapaz ruivo.

O que pretendiam fazer? Bruno já se chateava. Ouvia-se agora muito fraca e distante a música do carrossel. Quase só se percebia a marcação do ritmo. O grupo mudou de rumo, bem diante dele. Por isso também teve de se desviar, como se caminhasse em outra direção. Embaraçou-se numa vegetação rasteira e, enquanto tentava desvencilhar-se, os outros passaram. Seguiu-os, então, para baixo. Podia sentir o perfume de Miriam, ou seria da outra moça, um cheiro adocicado que o nauseava.

Um rádio tocava. Bruno viu um sujeito rolando com uma moça no chão. Parecia uma luta corporal, não um namoro.

Miriam permaneceu numa pequena elevação, a não mais do que três metros dele, enquanto os outros desciam a ribanceira, a caminho da água. Bruno chegou um pouco mais perto. As luzes refletidas na água delineavam a cabeça e os ombros de Miriam. Nunca estivera tão perto!

— Ei — sussurrou Bruno, e viu-a virar-se. — Seu nome não é Miriam?

Ela o fitou, mas mal podia vê-lo.

— É. Quem é você? Ele deu mais um passo.

— Não conheço você de algum lugar? — perguntou cinicamente, sentindo outra vez o cheiro do perfume. Ela era uma horrenda e morna mancha negra. Os pulsos se juntaram quando ele pulou, as mãos estendidas visando o seu alvo.

— O que é que você...

As mãos apanharam-lhe a garganta na última palavra e sufocaram sua manifestação de surpresa. Sacudiu-a. O corpo de Bruno retesou-se até ficar duro como pedra, e ele ouviu seus dentes estalarem. Um som arranhado saía da garganta de Miriam, a força com que a apertava impedia-a de gritar. Com o apoio de uma perna atrás dela derrubou-a e os dois caíram juntos no chão. Nenhum som se ouviu, salvo um roçar de folhas. Comprimiu os dedos ainda

mais fundo, suportando a desagradável pressão do corpo dela sob o seu, para evitar que, com tantas contorções, conseguisse soltar-se. O pescoço ficava cada vez mais quente e inchado. Vamos, vamos, vamos! — parecia querer induzi-la a uma morte mais rápida. Por fim a cabeça parou de mexer. Tinha certeza de que mantivera a pressão por tempo suficiente, mas ainda assim não a afrouxou. Olhou rápido em volta. Nenhum movimento. Quando soltou os dedos reparou que havia marcas fundas no pescoço de Miriam, como se este fosse uma massa de pão. Foi então que ela produziu um som, uma espécie de tosse, e aquilo o aterrorizou como se ouvisse a voz dos mortos. Ajoelhou-se sobre ela de novo e apertou-a com tanta força que chegou a pensar que seus polegares iam partir-se. Toda a força que havia dentro dele, canalizou-a para os dedos. E se ainda não tivesse sido o bastante? — choramingou para si mesmo. Agora, porém, ela estava quieta, imóvel.

— Miriam? — chamou a voz da amiga.

Bruno pulou e saiu aos tropeções em direção ao centro da ilha, depois caminhou para a esquerda, à procura do ponto onde deixara o barco. Alguma coisa em suas mãos o incomodava, e ele puxou o lenço do bolso para esfregá-las. Era a saliva de Miriam. Jogou fora o lenço, mas recolheu-o em seguida. Havia um monograma nele. Estava raciocinando! Sentia-se maravilhosamente bem! A coisa estava feita!

— Miriam! — continuavam a procurá-la, com crescente mas ainda descuidada impaciência.

O que haveria de acontecer se não tivesse realmente acabado com ela, se agora estivesse sentada e em condições de contar tudo?

A ideia o fez apertar o passo e quase rolar pela encosta da ilha. Sentiu uma brisa ao chegar à beira d’água. Não estava vendo seu barco. Preparava-se para pegar outro, mas mudou de ideia e em seguida o avistou, metros adiante, empoleirado no pequeno tronco.

— Ei, ela desmaiou!

Bruno tratou de se afastar, com rapidez mas sem atropelos.

— Alguém acuda! — meio gritou, meio arquejou a moça.

— Meu Deus! Ai, socorro!

O pânico que captou naquela voz também deixou Bruno em pânico. Remou descontroladamente por vários metros, mas logo interrompeu seus movimentos e deixou o barco deslizar nas águas escuras. Por que, pelo amor de Deus, permitia que o medo o dominasse? Não havia o menor sinal de que alguém estivesse atrás dele.

— Ei!

— Meu Deus, ela está *morta*. Vá buscar alguém!

O grito da moça confirmava o silêncio da amiga. O grito colocava um ponto final na história toda. Um belo grito, opinou Bruno, com um singular e sereno sentimento de admiração. Aproximou-se tranquilamente do cais, atrás de outro barco. Devagar, no ritmo enfim em que sempre fez o que quer que fosse, pagou o passeio ao encarregado dos barcos.

— Na ilha! — dizia de um outro barco uma voz cheia de susto e excitação. — Dizem que uma moça morreu!

— Morreu?

— Alguém chame a polícia!

Pés percorreram céleres o piso do cais, atrás dele.

Bruno andou com toda a lentidão, a caminho dos portões do parque. Graças a Deus estava tão tenso, ou tão de ressaca, ou coisa que o valha, que não conseguia mesmo andar mais depressa. Contudo, um pavor irresistível ameaçou aflorar no exato momento em que cruzava a borboleta. Depois refluiu. Ninguém sequer reparava nele. Para estabilizar os pensamentos, concentrou-se na ideia de que queria um drinque. Havia um lugar um pouco mais adiante, com luzes vermelhas acesas, que parecia um bar. Foi para lá que se dirigiu.

— Cutty[4] — disse ao barman.

— Você é de onde, meu filho?

Bruno olhou para ele. Os dois sujeitos à direita também olhavam para ele.

— Quero um uísque escocês.

— Você não vai conseguir esse tipo de bebida pesada por aqui, meu amigo.

— Isso aqui faz parte do parque? — A voz desafinou como a da moça quando gritou.

— Impossível encontrar essas bebidas pesadas no Estado do Texas.

— Então dê uma dose disso aí. — Bruno apontou para uma garrafa de *rye*[5] que os dois homens tinham diante deles no balcão.

— Tome. É uma bebida dura mas ninguém deixa de beber. — Um dos sujeitos colocou um pouco de *rye* num copo e empurrou-o na direção de Bruno.

Descia mal, mas lá dentro reconfortava. Bruno quis pagar, o desconhecido recusou.

As sirenes da polícia soavam cada vez mais perto. Um homem apareceu na porta.

— O que foi que houve? Um acidente? — perguntou-lhe alguém.

— Não vi nada — disse o recém-chegado, sem dar importância à pergunta.

“Meu *irmão*!” pensou Bruno olhando para ele. Só que levantar-se e ir declarar-lhe isso não lhe parecia a coisa mais adequada a fazer.

Sentia-se ótimo. O cidadão insistia em que tomasse mais um drinque, e Bruno acabou tomando três em pouco tempo. Ao levantar o copo, reparou num

risco em sua mão. Pegou o lenço e esfregou-o calmamente entre o polegar e o indicador. Era uma mancha do batom alaranjado de Miriam. À luz do bar era quase impossível percebê-la. Agradeceu ao desconhecido pelos drinques e saiu para a rua escura. Andou do lado direito, à procura de um táxi. Não tinha vontade de olhar para trás, na direção do parque iluminado. Sequer pensava nisso, disse a si mesmo. Passou um bonde e correu para pegá-lo. Ficou admirando o seu interior cheio de luzes e leu todos os anúncios. Um garotinho esperto chegou-se no corredor e Bruno trocou algumas palavras com ele. Dominava-o pouco a pouco a ideia de telefonar para Guy, de vê-lo. Mas, claro, Guy não estava lá. Sentia necessidade de alguma forma de comemoração. Ia telefonar para a mãe de Guy outra vez, ah, ia sim. Pensando melhor, não era uma boa ideia. Era o único detalhe que não tinha nada a ver na noite inteira, não poder ver Guy, nem mesmo falar com ele ou escrever por um bom tempo. Claro que iam querer saber coisas de Guy. Mas Guy estava liberado desde já! Missão cumprida, missão cumprida! Numa expressão de bem-aventurança, passou a mão nos cabelos do garoto.

O garoto sorriu, devolvendo o sorriso amigável de Bruno.

No terminal da Estrada de Ferro Atchison, Topeka e Santa Fé, conseguiu um beliche no noturno de uma e meia. Tivera hora e meia, portanto, para matar. Ia tudo às mil maravilhas e ele se sentia felicíssimo. Num balcão junto à estação comprou meio litro de escocês para reabastecer sua garrafa. Pensou na possibilidade de ir até a casa de Guy para ver que cara tinha, pesou com cuidado os prós e os contras e achou que podia ir. No momento em que se dirigia a um homem parado na porta, para lhe pedir indicações — não podia ir para lá de táxi, sabia —, deu-se conta de que estava querendo uma mulher. Queria uma mulher mais do que nunca quisera em toda a sua vida, e a realização desse desejo deixou-o tremendamente eufórico. Não sentira vontade desde que chegara a Santa Fé, embora Wilson tivesse tentado arrastá-lo duas vezes. Quase junto do homem ele mudou de rumo, convencido de que seria melhor perguntar a um motorista de táxi. Sentia-se em grande forma e precisava muito de uma mulher! Emoções diferentes das emoções do álcool.

— Sei não — disse o discreto motorista de cara sardenta, encostado no para-lama do carro.

— Como não sabe?

— Não sei, pronto.

Bruno afastou-se com ar de desprezo.

Logo adiante achou um motorista mais prestativo, que nas costas de um cartão da sua companhia anotou para Bruno um endereço e dois ou três nomes. Era tão perto que não havia necessidade de levá-lo de táxi até lá.

# 13

Em sua cama no Montecarlo, recostado na parede, Guy via Anne virar as páginas do álbum de família que ele trouxera de Metcalf. Tinham sido dias maravilhosos, os dois últimos com Anne. Amanhã estaria em Metcalf. Depois, Flórida. Há três dias chegara o telegrama do Sr. Brillhart, garantindo que o lugar ainda era seu. Tinha seis meses de trabalho pela frente e em dezembro poderiam tratar da casa. Agora tinha dinheiro para construí-la. E dinheiro para o divórcio também.

— Sabe — disse ele, sereno — se eu não tivesse Palm Beach, se eu tivesse de voltar amanhã para Nova York, não haveria problema, eu arranjaria algum trabalho. — Mas assim que acabou de falar se deu conta de que fora Palm Beach que lhe incutira coragem, ímpeto, determinação. Sem Palm Beach, sabia, aqueles dias com Anne teriam apenas alimentado o seu sentimento de culpa.

— Mas você não precisa voltar para Nova York — disse Anne, encerrando as especulações. Debruçou-se para ver o álbum mais de perto.

Ele sorriu. Sabia que ela mal o escutara. E de fato o que dissera não tinha nenhuma importância, como Anne sabia perfeitamente. Pôs-se a olhar o álbum com ela, identificando as pessoas sobre as quais Anne fazia perguntas e vendo-a, divertido, deter-se na página dupla com as fotos que sua mãe reunira e o mostravam desde bebê até mais ou menos vinte anos. Aparecia sorridente em todas elas, o cabelo muito preto e espesso a encimar um rosto mais resoluto mas também mais inconsequente do que o de agora.

— Pareço feliz aí? — perguntou.

Ela piscou para ele.

— É muito bonito. Alguma de Miriam? — Deixou as folhas seguintes correrem por entre os dedos.

— Não — disse Guy.

— Adorei você ter trazido isso.

— Minha mãe me mata se souber que trouxe esse álbum para o México. — Colocou-o de volta na mala, assim não corria o risco de esquecê-lo. — É o sistema mais humano de conhecer uma família.

— Guy, aborreço muito você com essas coisas de família?

Seu tom queixoso o fez sorrir.

— Não! Nunca me importei nem um pouco! — Sentou-se na cama e voltou a deitar-se, trazendo-a junto. Conhecera pouco a pouco todos os parentes de Anne, nos jantares e festas dos Faulkner. Eram dezenas e dezenas, e a família se divertia, listando os Faulkner e Weddell e Morrison que havia, todos morando no Estado de Nova York ou em Long Island. De certa maneira gostava de que ela tivesse muitos parentes. O Natal que passara no último ano na casa dos Faulkner fora o mais feliz de toda a sua vida. Beijou Anne no rosto, depois na boca. Viu sobre a colcha os desenhos que ela fizera no bloco do hotel e começou a arrumá-los devagar, ajeitando uns em cima dos outros. Eram ideias de desenhos que lhe haviam ocorrido depois de terem visitado, à tarde, o Museu Nacional. As linhas eram carregadas e bem definidas, como nos esboços preliminares que ele mesmo costumava fazer. — Estou pensando na casa, Anne.

— Você quer que seja grande.

Ele sorriu.

— É.

— Então vamos fazê-la grande. — Ela relaxou em seus braços. Os dois suspiraram como se fossem uma só pessoa e ela deu uma risada quando ele a envolveu com mais proximidade.

Era a primeira vez que ela concordava quanto ao tamanho da casa. A ideia inicial era fazer a casa em forma de Y, mas ainda não haviam decidido se prescindiriam ou não da parte da frente. Guy insistia em realizar o projeto integral. Sairia muito caro, bem mais do que vinte mil, mas Guy esperava que Palm Beach lhe abrisse as portas a numerosas e bem pagas encomendas. Anne dissera que seu pai teria o maior prazer em lhes dar a ala da frente como presente de casamento, mas para Guy era uma alternativa tão impensável quanto a de suprimir essa parte da casa. Naquele exato momento podia ver a casa, branca e nítida contra a madeira escura da cômoda, no quarto do hotel. O material seria um tipo de pedra branca que vira certa vez numa cidade chamada Alton, no sul de Connecticut. Seria comprida, baixa e de teto horizontal, como que alquimicamente criada da própria pedra, feito um cristal.

— Gostaria de chamá-la o Cristal — disse Guy. Anne ficou refletindo, a olhar para o teto.

— Não gosto muito de dar às casas nomes de casas. Acho que não gosto de Cristal.

Sua opinião deixou Guy um pouco desapontado.

— É bem melhor do que Alton e todos esses nomes insípidos! Coisas da Nova Inglaterra. Agora, o Texas...

— Perfeito, você fica com o Texas e eu com a Nova Inglaterra. — Anne sorriu, pondo fim à arenga que Guy ameaçava começar, porque na verdade ela gostava do Texas e ele, da Nova Inglaterra.

Guy olhou para o telefone com o estranho pressentimento de que ia tocar. Sentia uma espécie de tonteira, como se tivesse ingerido alguma droga euforizante, mas suave. Era a altitude, informara Anne, que fazia as pessoas se sentirem assim na Cidade do México.

— Tenho a sensação de que se telefonasse hoje à noite para Miriam e falasse com ela, ia dar tudo certo — disse Guy, pausadamente — como se eu me sentisse capaz de dizer a coisa certa.

— O telefone está aí — disse Anne com toda a seriedade. Passaram-se alguns segundos e ele a ouviu suspirar.

— Que horas são? — perguntou ela, erguendo-se na cama. — Disse a mamãe que estaria de volta à meia-noite.

— Onze e sete.

— Você não está com um pouco de fome?

Pediram alguma coisa do restaurante. A coisa escarlate que chegou era supostamente presunto com ovos. Não estava nada mau, contudo.

— Gostei que você tivesse vindo ao México — disse Anne. — É um lugar que conheço tão bem... Queria que você conhecesse. Só que a Cidade do México é diferente do resto. — Comia devagar, continuando a falar: — Desperta uma espécie de nostalgia, como Paris ou Viena, e todos querem voltar um dia, não importa o que lhes tenha acontecido aqui.

Guy franziu as sobrancelhas. Estivera em Paris e Viena con Robert Treacher, um engenheiro canadense. Passaram um verão na Europa, mas nenhum dos dois tinha dinheiro. Certamente não se tratava da Paris e da Viena que Anne conhecia. Olhou para o pãozinho doce com manteiga que ela lhe deu. Às vezes tinha um desejo avassalador de investigar a natureza de cada experiência que Anne tivera em sua vida, descobrir o que lhe acontecera em cada momento de sua infância.

— O que você quer dizer com não importa o que tenha acontecido?

— A pessoa pode ter ficado doente. Ou ter sido roubada. — Olhou e sorriu para ele. Mas a luz do abajur que fazia cintilarem seus olhos azuis acinzentados

dava a seu rosto um ar de misteriosa tristeza. — Creio que são os contrastes que a tornam atraente. Assim como certas pessoas cheias de contrastes.

Bruno ficou a olhar para ela, o dedo enganchado na asa da xícara de café. Não sabia se o estado de espírito dela ou talvez o que acabara de dizer o fazia sentir-se inferior.

— Lamento não ser uma pessoa cheia de contrastes.

— Oh-oh-oh! — Ela abriu o riso, aquele riso alegre que o deliciava, mesmo quando ria dele, mesmo quando ria sem qualquer explicação.

Ele se levantou de um salto.

— Que tal uma sobremesa? Como num passe de mágica, produzirei uma sobremesa. Um doce delicioso! — Tirou a lata de doces de sua mala. Até aquele momento não pensara neles, os doces que sua mãe lhe dera, feitos com aquela inesquecível geleia de amora dos seus cafés da manhã.

Anne ligou para o bar e pediu um licor, algo muito especial que conhecia. O licor tinha uma viva tonalidade púrpura, semelhante à dos doces de amora, e veio servido em taças mínimas, cujo diâmetro seria pouco maior do que a de um dedo. O garçom já tinha saído e eles se punham a erguer os copinhos quando o telefone começou a tocar, nervosa e insistentemente.

— Deve ser mamãe — disse Anne.

Guy atendeu. Ouviu uma voz distante que dizia coisas a uma telefonista. A voz ficou mais forte. Era a voz de sua mãe, ansiosa e estridente:

— Alô?

— Alô, mamãe.

— Guy, aconteceu uma coisa.

— Qual é o problema?

— Miriam.

— O que foi que houve com ela? — Guy comprimiu o fone no ouvido. Olhou para Anne e viu uma expressão de expectativa em seu rosto.

— Mataram Miriam, Guy. Ontem à noite... — ela interrompeu a frase.

— O que, mamãe?

— Aconteceu ontem à noite. — Falava num tom estridente que Guy só lhe ouvira uma ou duas vezes ao longo da vida. — Guy, ela foi assassinada!

— Assassinada!

— Guy, *o quê?* — disse Anne, levantando-se.

— Ontem à noite, no lago. Ninguém sabe nada.

— Você...

— Guy, você pode vir para cá?

— Posso, mamãe. Como, como foi? — perguntou abobalhado, as mãos torcendo as duas partes do antiquado telefone, como se dele quisessem espremer

informações. — Como?

— Estrangulamento. — Foi tudo o que disse.

Silêncio.

— E você já... — começou ele. — É...

— Guy, o que foi que aconteceu? — Anne segurava-lhe o braço.

— Vou para aí o mais depressa possível, mãe. Hoje à noite. Não se preocupe. Logo, logo estarei com você. — Colocou lentamente o fone no gancho e se virou para Anne. — Miriam. Miriam foi assassinada.

Anne sussurrou:

— Assassinada... Foi isso mesmo que você disse?

Guy fez que sim; de repente, porém, ocorreu-lhe que podia haver um engano. E se fosse um boato?

— Quando?

Mas tinha sido ontem à noite.

— Ontem à noite — respondeu.

— Sabem quem foi?

— Não. Tenho de ir já para lá.

— Meu Deus.

Olhou para Anne, imóvel diante dele.

— Tenho de ir já para lá — repetiu, como que obcecado. Em seguida pegou de novo o telefone, para reservar lugar em algum voo. Mas foi Anne quem fez isso para ele, falando espanhol com desembaraço.

Começou a fazer a mala. Parecia levar horas para arrumar os poucos pertences que trouxera. Olhou para a cômoda, tentando lembrar-se se já revistara todas as gavetas para ver se não tinha deixado nada. Naquele mesmo ponto onde tivera a visão da casa branca, via agora delinear-se um rosto escarninho, primeiro uma boca a se abrir e crescer, depois o conjunto do rosto — o rosto de Bruno. A língua indecente percorria o lábio superior e depois uma gargalhada silenciosa convulsionava a sua expressão e o cabelo suarento se derramava sobre a testa. Guy olhou sério para Anne.

— Alguma coisa errada, Guy?

— Nada. — Gostaria de saber que aparência tinha ele agora.

# 14

E se tivesse sido Bruno? Impossível, claro; mas, e se tivesse sido mesmo ele? Será que o apanharam? Teria Bruno declarado que o assassinato era um plano deles dois? Guy não tinha a menor dificuldade de imaginar Bruno, histérico, dizendo o que lhe passasse pela cabeça. Impossível prever o que diria um garoto neurótico como Bruno. Guy vasculhou as nebulosas lembranças da conversa no trem, tentando estabelecer para si mesmo se, por brincadeira ou por estar bêbado, ou então num momento de raiva, falara alguma coisa que pudesse ser considerada uma aquiescência à ideia doida de Bruno. Não fizera nada disso. Mas no outro prato da balança colocou a carta de Bruno, que sabia de cor, palavra por palavra: "... aquela nossa ideia do duplo assassinato. Tenho certeza de que pode dar certo. A confiança que tenho no projeto...".

Pela janela do avião Guy olhava a escuridão total lá embaixo. Por que não estava ainda mais apreensivo? Algumas poltronas adiante alguém riscou um fósforo para acender um cigarro e iluminou o escuro cilindro do corpo do avião. O tabaco mexicano exalava um cheiro acre, sufocante, enjoativo. Olhou o relógio: 4:25.

Pegou no sono perto do amanhecer, embalado pelo ronco dos motores, que pareciam cindir ao meio o avião e sua cabeça, dilacerando-a, para depois espalhar pelos céus os pedacinhos. O tempo estava nublado quando acordou e, na manhã cinzenta, uma nova teoria lhe ocorreu: Miriam fora assassinada pelo amante. Fazia sentido. Ele a matara depois de uma desavença. Frequentemente havia notícias de casos assim nos jornais, e frequentemente as vítimas eram mulheres como Miriam. A primeira página do tabloide *El Grafico* — não conseguira encontrar nenhum jornal americano, embora quase tivesse perdido o avião a procurar — publicava a notícia do assassinato de uma jovem e uma foto do seu sorridente amante mexicano empunhando a faca com a qual a matara.

Guy começou a ler a notícia, mas abandonou-a no segundo parágrafo, desinteressado.

Um investigador de polícia estava à sua espera no aeroporto de Metcalf e perguntou-lhe se se incomodaria de responder a algumas perguntas. Entraram num táxi.

— Encontraram o assassino? — perguntou-lhe Guy.

— Não.

O detetive parecia cansado. Passara a noite acordado, como outros policiais, escrivães e repórteres, na velha delegacia da zona norte da cidade. Guy olhou em torno, na sala forrada de madeira. Inadvertidamente, procurava Bruno. Quando acendeu um cigarro, um sujeito ao lado perguntou-lhe de que marca era e aceitou um que Guy lhe ofereceu. Eram os Belmonts de Anne que pusera no bolso quando fazia as malas.

— Guy Daniel Haines, Rua Ambrose, 717, Metcalf... Quando saiu de Metcalf? E quando chegou à Cidade do México?

Cadeiras foram arrastadas. E o teclado silencioso de uma máquina de escrever foi acionado no rastro das palavras que eram ditas.

Um outro policial, com um distintivo no peito e a jaqueta aberta a revelar uma pança caída, se aproximou dele.

— O senhor foi fazer o quê no México?

— Visitar uns amigos.

— Quem?

— Os Faulkner. Alex Faulkner, de Nova York.

— Por que não disse a sua mãe para onde ia?

— Disse, sim.

— Ela não sabia onde exatamente o senhor estava na Cidade do México — informou-lhe cortesmente o policial, consultando anotações. — O senhor mandou domingo uma carta à sua mulher, pedindo o divórcio. O que foi que ela respondeu?

— Que queria conversar comigo.

— Mas já não lhe interessava conversar com ela, não é mesmo? — indagou uma voz clara de tenor.

Guy olhou para o jovem policial que o interpelara e não disse nada.

— A criança era sua?

Começava a responder quando foi interrompido.

— Por que veio ao Texas semana passada para ver sua mulher?

— O divórcio não era uma ideia fixa sua, Sr. Haines?

— Está apaixonado por Anne Faulkner?

Risos.

— O senhor sabia que sua mulher tinha um amante, Sr. Haines. O senhor tinha ciúmes?

— Da criança dependia o seu divórcio, não?

— É só — disse alguém.

Uma fotografia foi colocada diante dele, e a imagem, que a raiva a princípio desfocou, tornou-se nítida em seguida, mostrando uma cabeça morena e comprida, belos e néscios olhos castanhos, um queixo rachado e másculo. Um rosto que podia ser o de um ator de cinema, e que ninguém precisou informar que se tratava do amante de Miriam. Era o mesmo tipo que três anos atrás a encantara.

— Não — disse Guy.

— Não se encontraram algumas vezes para trocar ideias?

— É só.

Um sorriso amargo aflorou no canto da boca, mas ele poderia igualmente ter chorado como uma criança. Acenou para um táxi que passava em frente à delegacia. A caminho de casa, leu as duas colunas na primeira página do *Metcalf Star*:

POLÍCIA PROCURA ASSASSINO DA MOÇA

**12 de junho** — Prosseguem as buscas ao assassino da Sra. Miriam Joyce Haines, residente nesta cidade, vítima de um agressor desconhecido, na Ilha de Metcalf, domingo à noite.

Dois peritos chegam hoje para tentar classificar com precisão impressões digitais recolhidas de remos e barcos que circulam no Lago Metcalf. A polícia, no entanto, não crê que possam ser encontradas impressões muito nítidas. As autoridades manifestaram ontem a opinião de que o crime deve ter sido obra de um maníaco. Exceto vagas impressões digitais e pegadas diversas na área em que ocorreu o crime, os investigadores de polícia ainda não levantaram qualquer pista significativa.

O mais importante depoimento para o inquérito, segundo se acredita, será dado por Owen Markman, de trinta anos, portuário em Houston e amigo íntimo da jovem assassinada.

O enterro da Sra. Haines será hoje no Cemitério Remington. O cortejo fúnebre sairá da Casa Funerária Howell, na Avenida Universitária, às duas da tarde.

Guy acendeu um cigarro na ponta de outro. Suas mãos ainda tremiam, mas ele se sentia vagamente aliviado. Não pensara até então na possibilidade de um maníaco na história — o que a reduzia às dimensões de um horrível acidente.

Sua mãe estava sentada numa cadeira de balanço na sala de estar, comprimindo a têmpora com um lenço. Embora à sua espera, não se levantou quando ele chegou. Guy abraçou-a e beijou-lhe o rosto, aliviado por constatar que ela não chorara.

— Estive ontem com a Sra. Joyce — disse ela — mas não vou conseguir ir ao enterro.

— Não há necessidade, mamãe. — Consultou o relógio e viu que já eram mais de duas. Passou-lhe pela cabeça a ideia de que Miriam pudesse ser enterrada viva e despertar com urros de protesto. Virou-se, passando a mão pela testa.

— A Sra. Joyce — disse a mãe com suavidade — me perguntou se você saberia de alguma coisa.

Guy tornou a olhar para ela. A Sra. Joyce não gostava dele, sabia. Odiava-a pelo que pudesse ter dito à sua mãe.

— Não volte a vê-los, mamãe. Você não é obrigada a fazer isso, é?

— Não.

— E obrigado por ter ido fazer a visita.

Em sua mesa, no andar de cima, encontrou três cartas e um pequeno embrulho quadrado, com o rótulo de uma loja de Santa Fé. Ao abrir o embrulho, encontrou um cinto de couro de lagarto, com uma fivela de prata em forma de H. Num bilhete anexo, leu:

> Perdi o livro de Platão a caminho do correio. Espero que isso possa indenizá-lo.
>
> Charley

Guy pegou o envelope do hotel de Santa Fé, sobrescritado a lápis. Dentro havia apenas um cartãozinho. No verso do cartão estava impresso:

METCALF CIDADE LINDA

Ao virar o cartão, leu mecanicamente:

DIA E NOITE

SERVIÇO DE TÁXIS DONOVAN
CHOVA OU FAÇA SOL
Telefone: 2-3333
SEGURO RÁPIDO EFICIENTE

Algo fora apagado logo abaixo das letras impressas, no verso do cartão. Guy colocou o cartão contra a luz e conseguiu reconstituir uma palavra: Ginnie. Era o cartão de uma companhia de táxis de Metcalf, mas fora postado em Santa Fé. Não significa nada, não prova nada, refletiu. Amassou o cartão e o envelope e jogou tudo na cesta de papéis, junto com o papel do embrulho e a caixa em que viera o cinto. Detestava Bruno, constatou. Apanhou a caixa na cesta, colocou o cinto dentro e jogou tudo fora. Era um belo cinto, mas acontece que também detestava couro de lagarto e de cobra.

À noite Anne telefonou da Cidade do México. Queria saber tudo o que acontecera e ele lhe passou as informações de que dispunha.

— Não fazem a menor ideia de quem possa ter sido? — perguntou ela.

— Parece que não.

— Você não parece bem, Guy. Não descansou nada?

— Ainda não. — Por enquanto não podia contar-lhe nada a respeito de Bruno. Sua mãe dissera que um rapaz telefonara duas vezes, perguntando por ele. Guy sabia perfeitamente quem fora. Mas até que tivesse certeza, não poderia dizer nada a Anne sobre Bruno. Não saberia por onde começar.

— Mandamos os depoimentos que pediram, querido. Sabe, não é, sobre a sua estada aqui conosco.

Fizera a ligação para ela, a pedido de um dos investigadores.

— Depois do inquérito tudo voltará ao normal — disse. Mas ficou preocupado o resto da noite por não ter contado nada a Anne sobre Bruno. Não porque quisesse poupá-la do choque. A verdadeira razão era um sentimento de culpa insuportável para ele próprio.

Os rumores que corriam eram que Owen Markman desistira do casamento com Miriam depois que ela perdeu o filho. E que ela dera início a uma ação contra ele por quebra de compromisso. Segundo a mãe de Guy, Miriam realmente perdera a criança por acidente. A Sra. Joyce lhe contara que Miriam tropeçou no vestido longo de seda preta, do qual gostava especialmente — presente de Owen — e rolou pelas escadas. Guy acreditou tacitamente na história. Seu coração fora invadido por um remorso e uma compaixão que jamais sentira por Miriam. Ela agora parecia lastimavelmente desafortunada e absolutamente inocente.

# 15

— Não mais do que sete metros e não menos do que cinco — respondeu muito sério e seguro de si o rapaz que estava sentado.

— Não, não vi ninguém.

— Calculo que uns quatro ou cinco metros — disse Katherine Smith, a moça de olhos arregalados, apavorada como se tudo tivesse acabado de acontecer. — Talvez um pouco mais — acrescentou em voz baixa.

— Uns nove ou dez metros. Eu estava na frente de todos, mais perto do barco — disse Ralph Joyce, irmão de Miriam. Tinha o cabelo vermelho come o dela e os mesmos olhos esverdeados, mas seu queixo grande e quadrado o fazia muito diferente dela. — Não acredito que tivesse qualquer inimigo. Não a ponto de praticar uma coisa dessas.

— Não ouvi absolutamente nada — disse, convicta, Katherine Smith, abanando a cabeça.

Ralph Joyce declarou que não ouvira nada e o testemunho firme de Richard Schuyler dissipou todas as dúvidas:

— Não ouvi barulho nenhum.

Os fatos, exaustivamente repetidos, perdiam todo o horror, e até a dramaticidade, para Guy. Eram como monótonos golpes de martelo, a pregar para sempre a história em sua cabeça. Era inacreditável a proximidade dos outros três. Não há dúvida de que só um maníaco ousaria chegar tão perto, pensou Guy.

— O senhor era o pai da criança que a Sra. Haines perdeu?

— Sim. — Owen Markman abaixou a cabeça e ficou olhando para os dedos cruzados. Um ar de desleixo e servilismo prejudicava nitidamente o bonitão que Guy vira na fotografia. Parecia que ele viera diretamente do trabalho em

Houston, com suas botas de couro cinza. Miriam não teria ficado orgulhosa dele hoje, imaginou Guy.

— Conhece alguém que pudesse desejar a morte da Sra. Haines?

— Sim. — Markman apontou Guy. — Ele.

As pessoas se viraram para vê-lo. Guy retesou-se em seu lugar, olhando sério para Markman e pela primeira vez realmente suspeitando dele.

— Por quê?

Owen Markman hesitou, resmungou alguma coisa e por fim pronunciou claramente uma única palavra:

— Ciúme.

Markman não conseguiria uma só razão plausível para apoiar sua tese, mas depois daquilo surgiram acusações de ciúme de todos os lados. Até Katherine Smith declarou:

— Acho que sim.

O advogado de Guy sorria. Tinha nas mãos os depoimentos dos Faulkner. Aquilo tudo desagradava Guy, a quem sempre horrorizara a burocracia legal. Era uma espécie de jogo cujo objetivo consistia não em revelar a verdade, mas permitir ao advogado atingir o adversário e derrubá-lo a partir de um artifício técnico.

— O senhor abriu mão de um trabalho importante... — começou o juiz.

— Não abri mão — disse Guy. — Escrevi para eles, antes de conseguir o trabalho, dizendo que não o queria.

— O senhor telegrafou. Porque não queria que sua mulher o acompanhasse. Mas no México, quando soube que ela havia perdido a criança, o senhor mandou outro telegrama para Palm Beach, informando que ainda estava disposto a se candidatar ao lugar. Por quê?

— Porque não acreditava que nessas circunstâncias ela viesse atrás de mim. Desconfiava que ela tentaria adiar o divórcio indefinidamente. Mas eu pretendia vê-la esta semana, para discutir o divórcio. — Guy enxugou o suor da testa e viu seu advogado torcer a boca, pesaroso. Suas instruções tinham sido para que ele não relacionasse o divórcio à sua mudança de planos quanto ao projeto de Palm Beach. Guy não fez caso. Era a verdade, e que fizessem com ela o que lhes aprouvesse.

— Na sua opinião, Sra. Joyce, o marido de sua filha seria capaz de planejar o seu assassinato?

— Sim — disse a Sra. Joyce, erguendo a cabeça, um ligeiro tremor na voz. As pestanas escuras, pintadas de vermelho, estavam quase fechadas, esperteza que Guy testemunhara em muitas ocasiões. Ninguém conseguiria saber onde pousavam seus olhos.

— Ele queria o divórcio.

Foi levantada uma objeção, uma vez que a Sra. Joyce dissera minutos antes que sua filha queria o divórcio e Guy Haines não, pois ainda a amava.

— Se ambos queriam o divórcio, e está provado que o Sr. Haines o queria, por que não houve o divórcio?

A audiência divertia-se. Os peritos em impressões digitais não tinham chegado a nenhum acordo a respeito da verdadeira origem do material recolhido. Um comerciante de ferragens, em cuja loja Miriam estivera na véspera de sua morte, atrapalhou-se quanto à especificação do sexo de seu acompanhante, e risos disfarçados pareciam indicar uma compreensão geral de que fora instruído para dizer que era um homem. O advogado de Guy discorreu sobre a evidência geográfica, a inconsistência das alegações da família Joyce, os depoimentos conclusivos dos Faulkner, mas Guy estava convencido de que sua própria retidão, e nada mais, o livrara de toda suspeita.

Em seu sumário, o juiz propôs a teoria de que o assassinato fora cometido por um maníaco desconhecido da vítima e das pessoas de suas relações. O veredito mencionava a autoria de “pessoa ou pessoas ignoradas” e o caso foi entregue às autoridades policiais.

No dia seguinte, no exato momento em que Guy saía da casa de sua mãe, chegou um telegrama:

OS MELHORES E MAIS BRILHANTES VOTOS DO OESTE

Não havia assinatura.

— Dos Faulkner — disse apressadamente à sua mãe. Ela sorriu.

— Diga a Anne que tome conta do meu menino. — Puxou-o com carinho pela orelha e beijou-o no rosto.

O telegrama de Bruno ainda estava em sua mão quando chegou ao aeroporto. Picou-o o quanto pôde e jogou os pedaços numa cesta de arame trançado, à margem da pista. Ao sol da tarde, o vento dispersou os fragmentos de papel, que saíram como confete asfalto afora.

# 16

Guy batalhou para encontrar uma resposta definida quanto a Bruno — foi ele ou não foi ele? — mas desistiu. Era fortemente improvável a possibilidade de que Bruno fosse o assassino. Até que ponto o cartão da companhia de táxis de Metcalf podia ser considerado conclusivo? Bruno era bem capaz de ter encontrado o cartão em Santa Fé mesmo e mandado para ele pelo correio. Se não tivesse sido obra de um maníaco, como acreditavam o juiz e todo mundo, não seria mais plausível que fosse trabalho de Owen Markman?

Fechou a cabeça para Metcalf, Miriam e Bruno, e concentrou-se no trabalho em Palm Beach, que, como percebeu desde o primeiro dia, exigiria dele tudo o que pudesse dar em diplomacia, competência técnica e também pura e simples força física. Anne à parte, bloqueou a mente para a totalidade do seu passado, que, considerando o ínfimo sucesso obtido na realização de seus projetos idealistas, parecia desditoso e cinzento comparado com a sede do clube campestre. E, quanto mais mergulhava na execução do projeto, mais sentia-se renascer para uma diferente e aperfeiçoada forma de vida.

Fotógrafos de jornais e revistas documentaram desde o começo a construção do prédio principal, da piscina, do terraço, dos vestiários. Associados do clube eram também fotografados a inspecionar as obras, e Guy sabia que sob suas fotos viria especificada a soma que cada um doara para a causa principesca do lazer. Às vezes ficava pensando se uma parte de seu entusiasmo não deveria ser creditada à consciência do dinheiro presente por trás do projeto, à profusão de materiais e de espaço de que dispunha para trabalhar, à adulação dos ricaços que constantemente o convidavam para suas casas. Guy nunca aceitou esses convites. Sabia que com isso jogava fora as encomendas que poderia receber no inverno seguinte, mas não se sentia em condições de atender aos compromissos sociais que a maioria dos arquitetos assumia com naturalidade. Nas noites em

que não queria ficar sozinho pegava um ônibus e ia até a casa de Clarence Brillhart, a alguns quilômetros de distância. Jantavam, ouviam discos e conversavam. Clarence Brillhart, diretor do Palmyra Club, corretor aposentado, era um senhor alto e de cabelos brancos que Guy, como frequentemente pensava, gostaria de ter tido como pai. Guy o admirava por sua serenidade, imperturbável tanto no ambiente alvoroçado e febril das obras quanto em casa.

Guy tinha a esperança de vir a ser como ele na velhice. Mas fazia tudo sempre com muita pressa, sempre fizera tudo muito depressa. E, era o que intuía, havia inevitavelmente uma falta de dignidade na pressa.

A maior parte das noites Guy lia, escrevia extensas cartas para Anne, ou simplesmente ia dormir, porque por volta das cinco horas estava sempre de pé, e era comum passar o dia todo em torno de maçaricos e paredes por argamassar. Conhecia pelos nomes quase todos os operários. Gostava de avaliar o temperamento de cada homem e de verificar como cada um deles contribuía ou deixava de contribuir para a preservação do espírito do projeto. “É como reger uma sinfonia”, escrevera a Anne. Ao anoitecer, quando se sentava para acender seu cachimbo num bosque do campo de golfe e contemplava os quatro prédios brancos, sentia que o projeto do Palmyra teria uma realização perfeita. Percebeu isso tão logo as primeiras lajes foram assentadas sobre as colunas de mármore do prédio principal. O armazém de Pittsburgh fora estragado no finzinho pela mudança de opinião do cliente quanto às janelas. O anexo do hospital em Chicago ficou prejudicado, acreditava, pela cornija, feita de pedra mais escura do que pretendia. Mas Brillhart não permitia qualquer interferência, o Palmyra resultaria perfeito como em sua concepção original, e Guy nunca criara nada que achasse que fosse ficar perfeito.

Em agosto foi ao norte ver Anne. Ela trabalhava no departamento de arte de uma companhia têxtil em Manhattan. Para o outono planejava abrir uma loja em sociedade com outra designe Nenhum dos dois falou em Miriam até o quarto e último dia da estada de Guy. Achavam-se à beira do riacho nos fundos da casa de Anne, nos últimos instantes que passavam juntos; dentro em pouco Anne o levaria de carro ao aeroporto.

— Você acha que foi Markman, Guy? — perguntou ela de chofre. E quando Guy assentiu, Anne acrescentou: — É terrível, mas tenho quase certeza.

Uma noite em que voltava da casa de Brillhart para o quarto alugado no qual morava, uma carta de Bruno, com outra, de Anne, estava à sua espera. A carta era de Los Angeles, repostada por sua mãe em Metcalf. Felicitava-o pelo trabalho em Palm Beach, augurava-lhe sucesso e pedia-lhe encarecidamente alguma notícia. O *post-scriptum* dizia:

Espero que a carta não tenha aborrecido você. Escrevi muitas cartas que não cheguei a colocar no correio. Liguei para a sua mãe pedindo o seu endereço mas ela não quis me dar. Guy, falando sério, não há com que se preocupar, senão eu não teria escrito. É evidente que sou o primeiro a ter cuidado. Escreva rápido. Talvez eu vá ao Haiti brevemente. De seu amigo e admirador de sempre.

C.A.B.

Uma dor percorreu-o lentamente até os pés. Não aguentou ficar sozinho no quarto. Foi até um bar e antes de se dar conta do que fazia, já tinha tomado dois *ryes* e pediu um terceiro. Os olhos resvalaram em seu rosto bronzeado no espelho atrás do bar, e chocou-o verificar o quanto pareciam insinceros e furtivos. *Bruno a matou*. A evidência abateu-se ruidosamente, como uma trovoada, sobre ele e desencadeou um cataclismo que só a demência de um autêntico demente poderia ter por tanto tempo evitado. Olhou em volta como se aguardasse que as paredes do pequeno bar desabassem sobre ele. *Bruno a matou*. Não havia outra explicação para o orgulho pessoal de Bruno pela sua — dele, Guy — liberdade atual. E o P.S. Quem sabe até a viagem ao Haiti. Mas o que significava Bruno para ele? Guy fechou a cara para a sua imagem no espelho e abaixou os olhos. Viu suas mãos, o casaco de *tweed*, as calças de flanela, e passou-lhe pela cabeça a ideia de que era uma pessoa quando vestira essas roupas, hoje de manhã, e seria outra quando as tirasse agora à noite — a pessoa que ia ser daqui por diante. *Sabia* disso. Foi uma sacação — não seria capaz de dizer o que se passava, mas sentia que tudo seria, tinha de ser diferente em sua vida daquele momento em diante.

Se sabia que fora Bruno, por que não o entregava? Além de ódio e repulsa, o que sentia por Bruno? Estava com medo? Guy não tinha respostas claras.

Resistiu ao impulso de telefonar para Anne até que fosse tarde demais; às três da manhã, porém, sua resistência esgotou-se. Deitado em sua cama, no escuro, conversou calmamente com ela, falando de trivialidades e até, uma vez, rindo. Ao desligar achou que Anne não percebera nada de errado. Sentiu-se mais leve, apenas remotamente preocupado.

A mãe escreveu, contando que o rapaz que telefonara quando ele estava no México, e que dizia chamar-se Phil, telefonara de novo, perguntando onde poderia encontrá-lo. Estava preocupada com a possibilidade de que tivesse alguma coisa a ver com Miriam e se perguntava se devia ou não relatar à polícia.

Guy respondeu: “Já sei quem é o chato do telefone. Phil Johnson, um colega que conheci em Chicago”.

# 17

— Charley, que recortes são esses aqui?

— Um amigo meu, mãe! — gritou Bruno de dentro do banheiro fechado. Abriu a torneira no máximo, apoiou-se na pia e ficou a contemplar o brilho da tampinha metálica. Após alguns segundos tirou uma garrafa de uísque que mantinha guardada sob toalhas, no cesto de roupas. Sentiu-se mais relaxado com o copo de uísque com água na mão e examinou os galões prateados na manga de seu novo robe. Gostava tanto dele que o usava também como roupão de banho. No espelho, as lapelas ovais emolduravam o retrato de um jovem voltado para os prazeres, para arrojadas e misteriosas aventuras, um jovem dotado de humor e profundidade, força e suavidade (conforme o copo delicadamente levantado entre o polegar e o indicador, como se fizesse um brinde em algum salão elegante) — um jovem vivendo duas vidas. Brindou a si próprio.

— Charley?

— Um minuto só, mamãe!

Olhou impacientemente em volta, no banheiro. Não havia janelas. Ultimamente vinha acontecendo umas duas vezes por semana. Cerca de meia hora, pouco mais ou menos, após levantar-se, experimentava uma sensação de sufocação, como se alguém o imobilizasse com os joelhos em cima do peito. Fechou os olhos e fez uma rápida sequência de exercícios respiratórios, inspirando e expirando o ar. A bebida começou então a fazer efeito, acalmando-lhe os nervos espicaçados como uma carícia que lhe percorresse todo o corpo. Aprumou-se e abriu a porta.

— Estava fazendo a barba — explicou.

De bermuda e camiseta, sua mãe curvava-se a olhar para a cama desfeita onde os recortes estavam espalhados.

— Quem é?

— A mulher de um amigo, um rapaz que conheci no trem, vindo de Nova York. Guy Haines — Bruno sorriu. Gostava de dizer o nome de Guy. — Curioso, não? Ainda não acharam o assassino.

— Deve ter sido algum louco furioso — suspirou ela. O rosto de Guy ficou sério.

— Duvido. As circunstâncias são muito complicadas.

Elsie endireitou-se e enfiou o polegar entre o cinto e a bermuda, fazendo desaparecer o excesso de peso que havia logo abaixo do cinto. Por um momento readquiriu o aspecto que sempre tivera aos olhos de Bruno até o ano passado, elegante como uma mocinha de vinte anos com a medida certa de quadris.

— Seu amigo Guy tem uma boa cara.

— É o sujeito mais legal do mundo. É um absurdo que tenha sido envolvido nessa história. Ele me contou no trem que há dois anos não via a mulher. Guy é tão incapaz de cometer um assassinato quanto eu! — A piada inadvertida o fez rir, e ele emendou, disfarçando: — Bom, a verdade é que a mulher dele era uma piranha.

— Querido... — Ela o puxou pelas lapelas de bordas enfeitadas. — Tente moderar sua linguagem enquanto estivermos aqui. Sei que sua avó às vezes fica horrorizada.

— Vovó nem sabe o que é uma piranha — replicou Bruno com aspereza.

Elsie soltou uma gargalhada jogando a cabeça para trás.

— Mãe, você tem apanhado sol demais. Não gosto do seu rosto tão moreno assim.

— E eu não gosto do seu tão pálido assim.

Bruno amuou-se. A aparência curtida da testa de sua mãe mortificava-o dolorosamente. Num movimento repentino, beijou seu rosto.

— Prometa-me que vai passar hoje pelo menos meia hora ao sol. Então viajamos milhares de quilômetros para chegar à Califórnia e você fica trancado dentro de casa!

Bruno torceu o nariz.

— Mãe, você nem se interessou pelo meu amigo!

— Claro que me interesso pelo seu amigo. Mas você não me contou quase nada a respeito dele.

Bruno sorriu discretamente. Vinha sendo muito cuidadoso. Deixara à vista, pela primeira vez, os recortes porque tinha certeza de que nem ele nem Guy corriam mais perigo. Se passasse agora quinze minutos a falar de Guy, era quase certo que sua mãe no dia seguinte esqueceria. Se é que fazia alguma diferença que esquecesse ou não.

— Você leu tudo? — apontou com o queixo para a cama.

— Não, tudo não. Quantos drinques hoje de manhã?

— Um.

— Meu olfato diz que foram dois.

— Está bem, mãe. Tomei dois.

— Meu querido, vá devagar com esses drinques matinais. Beber de manhã é o fim da linha. Vi montes de alcoólatras...

— Alcoólatra é uma palavra desagradável. — Bruno andou de um lado para o outro no quarto. — Me sinto melhor quando bebo um pouquinho mais, mãe. Você mesma disse que tenho tido mais apetite e estou mais comunicativo. Uísque escocês é uma bebida muito pura. E algumas pessoas se dão bem com ele.

— Você bebeu demais ontem à noite; sua avó reparou. Não pense que ela não presta atenção nessas coisas.

— Não me fale de ontem à noite.

— Sammie vai passar por aqui. Por que você não se veste e vem conosco para marcar os pontos?

— Sammie me deixa doente.

Ela andou alegremente até a porta, como se não tivesse escutado nada.

— De qualquer maneira prometa que vai pegar um pouco de sol hoje.

Ele assentiu em silêncio e umedeceu os lábios secos. Não retribuiu o sorriso com que ela fechou a porta porque subitamente se sentiu como um prisioneiro nas trevas. Teve a sensação de que precisava escapar de alguma coisa antes que fosse tarde demais. Tinha de ver Guy antes que fosse tarde demais! Tinha de se livrar de seu pai antes que fosse tarde demais! Tinha coisas a realizar. Não tinha nenhuma vontade de estar ali, na casa da avó, com aqueles móveis Luís XV, como os de sua casa, o eterno Luís XV! Mas, na verdade, não sabia onde realmente gostaria de estar. Não se sentia feliz se passava muito tempo longe de sua mãe, era ou não era? Mordeu o lábio inferior e uma ruga surgiu entre os pequenos olhos cinzentos, quase sem nenhuma expressão naquele momento. Como podia ela dizer que não devia beber de manhã? Era exatamente o drinque de que mais precisava, ao longo do dia. Fez um lento movimento de rotação com os ombros. Por que ficar deprimido? Os recortes de jornais na cama referiam-se a ele. Passaram-se as semanas, uma atrás da outra, e os idiotas dos policiais não conseguiram uma única pista que os levasse a ele, tirando as pegadas, e há muito tempo já se desfizera daqueles sapatos! A festa da semana passada, com Wilson, no hotel em San Francisco, não era nada comparada com a que teria feito se Guy estivesse com ele para celebrarem juntos. Um assassinato perfeito! Quantas pessoas seriam capazes de cometer um assassinato perfeito numa ilha com algumas centenas de pessoas à volta?

Não sentia nenhuma identificação com os viciados que declaravam nos jornais ter matado “para ver como é que era” e não achavam nada mais interessante para dizer, exceto: “Não foi tão bom como eu esperava”. Se fosse entrevistado diria: “Foi genial! Não há nada no mundo que se compare!” (“Tornaria a fazê-lo, Sr. Bruno?”) — responderia: “Quem sabe?” num tom cauteloso e reflexivo, como um explorador das regiões polares que evita comprometer-se ao ser indagado por um repórter se pretende voltar ao norte inclemente no próximo ano. (“Pode nos falar um pouco sobre as sensações que experimentou?”) Ele faria uma pausa, olhando para o microfone diante dele e pesaria sua resposta, enquanto o mundo aguardava suas palavras. O que sentira? Bem, há o fato, em si, diferente de tudo. Como sabem, era uma mulher ordinária. Foi como matar um ratinho quente, só que, como se tratava de uma moça, o caso é descrito como assassinato. O calor de seu corpo, sim, causara-lhe repugnância, e lembrava-se de ter pensado que, antes mesmo de afrouxar os dedos, o calor começaria a abandonar aquele corpo e quando se tivesse afastado, ela se tornaria cada vez mais gelada e hedionda, como de fato sempre fora. (“Hedionda, Sr. Bruno?”) Sim, hedionda. (“Considera todo cadáver hediondo?”) Bruno parou para pensar. Não, não achava que todo cadáver fosse necessariamente hediondo. Se a vítima é o próprio mal, como Miriam, nesse caso as pessoas deviam alegrar-se ao ver o cadáver, não? (“E o poder, Sr. Bruno?”) Oh, sim, sentira o gosto do poder! Era isso aí. Tirara uma vida. Ninguém sabia o que a vida era, todo mundo a defendia como o bem mais valioso; ele, porém, suprimira uma vida. Naquela noite experimentara o perigo, a dor nas mãos, o medo de que ela gritasse. Contudo, no instante mesmo em que a vida a deixou, tudo se dissipou e permaneceu apenas o misterioso fato do seu feito, o mistério e o milagre da interrupção da vida. Todos se referiam ao mistério do nascimento, do começo da vida, mas era tão fácil explicar tudo aquilo! A vida nascida de duas células embrionárias. No entanto, o que dizer do mistério de interromper a vida? Por que devia a vida parar quando ele apertava com força demais o pescoço de uma garota? O que era, afinal de contas, a vida? O que sentira Miriam depois que ele tirou as mãos dela? Para onde tinha ido? Não, não acreditava em vida após a morte. A vida dela fora estancada, e era este o milagre. Ah, poderia dizer tantas coisas numa entrevista à imprensa! (“Qual o significado de ser a sua vítima do sexo feminino?”) De onde viera a pergunta? Bruno hesitou, mas logo recuperou o equilíbrio. Bem, a verdade é que se sentiu mais gratificado por se tratar de uma mulher. Não, não deduzia daí que seu prazer tivesse algo a ver com a sexualidade. Não, tampouco odiava as mulheres. De modo algum! Bem, como todos sabem, há certa analogia entre o amor e o ódio. Quem foi que disse isso? Na verdade, nunca acreditara nisso. Não, não, tudo o que queria dizer era que

não teria achado tanta graça, assim pensava, se tivesse matado um homem. A não ser que fosse seu pai.

O telefone...

Bruno estivera de olhos grudados no telefone. Qualquer telefone evocava Guy. Poderia localizar Guy com dois telefonemas bem dados, mas a chamada talvez irritasse Guy. Ele ainda devia estar preocupado. Ia esperar que Guy escrevesse. A qualquer momento deveria chegar uma carta, pois Guy devia ter recebido a sua no fim de semana passado. A única coisa de que Bruno precisava para tornar completa a sua felicidade era ouvir a voz de Guy, ter a sua palavra de que estava tudo bem. Os laços que agora o ligavam a Guy eram ainda mais estreitos do que os da fraternidade. Quantos irmãos podiam dizer que gostavam de irmãos como ele de Guy?

Bruno pôs uma perna para fora da janela e se encarapitou na sacada de ferro batido. O sol da manhã parecia realmente bom e saudável. O gramado estendia-se amplo e aprazível a perder-se de vista até o mar. Sammie Franklin apareceu todo de branco para jogar tênis, caminhando ao encontro de sua mãe com um sorriso e as raquetes debaixo do braço. Sammie era grande e flácido como um pugilista decadente. Lembrava a Bruno um outro coadjuvante holywoodiano que ficara cercando sua mãe, três anos atrás, Alexander Phipps. Por que conseguia até lembrar seus nomes postiços? Ouviu Sammie dar uma risada ao cumprimentar sua mãe. O velho sentimento de antagonismo deixou-o alvoroçado e depois se aquietou. *Merde*. Olhou com desdém para os fundilhos frouxos das calças de Sammie e afastou a vista. Um casal de pelicanos voou rente à cerca e ruflou as asas ao pousar na grama. Na água já descolorida, distante, viu um barco a vela. Pedira muito à avó, há três anos, que comprasse um barco a vela. Agora que ela o adquirira, nunca o usava.

As bolas de tênis carimbavam a parede lateral da casa. Um carrilhão bateu as horas, lá embaixo, e Guy voltou para dentro do quarto, de modo a não ouvir que horas eram. Gostava de ver as horas por acaso, de preferência no fim do dia, e descobrir então que era mais tarde do que supunha. Se na correspondência vespertina não chegasse nenhuma carta de Guy, planejou, pegaria um trem para San Francisco — ainda que suas mais recentes lembranças de San Francisco não fossem agradáveis. Wilson trouxera para o hotel dois italianos e Bruno pagara o jantar de todo mundo e várias garrafas de *rye*. Usaram seu aparelho para telefonar para Chicago. O hotel registrou duas chamadas para Metcalf, mas ele não se lembrava em absoluto da segunda delas. E, no dia seguinte, faltavam-lhe vinte dólares para pagar a conta. Não tinha sequer talão de cheques consigo, de modo que o hotel, o melhor da cidade, reteve a bagagem até que sua mãe saldasse a conta pelo correio. Não, não voltaria a San Francisco.

— Charley? — chamou-o a avó no seu timbre alto e doce.

Ao ver começar a mover-se a maçaneta da porta, inconscientemente se precipitou para a cama, onde estavam os recortes, mas logo se deteve e fugiu para o banheiro. Tratou de borrifar um spray contra mau hálito na boca, porque a avó era capaz de captar bafo de bebida a quilômetros de distância.

— Será que posso contar com a sua companhia para o café da manhã? — perguntou a avó.

Ele apareceu penteando o cabelo.

— Nossa, vovó, já está toda arrumada! — Como um manequim, ela girou o corpo não muito firme diante dele. Bruno sorriu. Gostou do vestido preto de rendas, com detalhes em cetim cor-de-rosa. — Parece uma daquelas flores lá fora.

— Obrigada, Charley. Vou até o centro da cidade, mais para o fim da manhã. Pensei que talvez você quisesse vir comigo.

— Pode ser. É, até que eu gostaria, vó — disse, bem-humorado.

— Ah, então é você que anda mutilando o meu *Times*. E eu pensando que era um dos empregados. Você anda acordando muito cedo.

— Pois é — disse Bruno, sempre de bom humor.

— Quando eu era jovem, costumávamos recortar os poemas que eram publicados nos jornais para colocar nos nossos álbuns. Tudo o que aparecia colocávamos no álbum. O que é que você vai fazer com esses recortes?

— Ah, só guardar.

— Você não tem um álbum?

— Não. — Ela olhava para ele e Bruno gostaria que olhasse para os recortes.

— Oh, você é mesmo um *menino*! — Beliscou-lhe a bochecha. — Tem uns vagos cabelinhos no queixo! Não sei por que sua mãe se preocupa tanto com você...

— Ela não se preocupa...

— ... pois você só precisa de tempo para crescer. Venha tomar café comigo lá embaixo. De pijama e tudo.

Bruno lhe deu o braço para descerem as escadas.

— Tenho umas comprinhas a fazer — disse a avó enquanto servia o café — mas depois quero fazer um programa especial. Um bom filme, talvez, uma história de crime, ou quem sabe um parque de diversões. Há aaanos não vou a um parque de diversões.

Os olhos de Bruno se arregalaram.

— O que você prefere? Bom, podemos dar uma olhada nos filmes que estão passando.

— Prefiro o parque de diversões, vovó.

Bruno divertiu-se a ajudar a avó a entrar e sair do carro, a ciceroneá-la no parque, apesar das restrições ao que ela pudesse fazer ou comer. Em todo caso andaram na roda-gigante. Bruno comentou com ela sobre a imensa roda-gigante de Metcalf, mas ela não lhe perguntou quando estivera lá.

Sammie Franklin ainda se achava em casa quando voltaram, e ficou para o jantar. Bruno torceu o nariz para ele assim que o viu. Sabia que a avó dava tão pouca importância a Sammie quanto ele, e de repente sentiu uma grande ternura por ela, por aceitar Sammie tão tacitamente e por aceitar qualquer vira-lata que sua mãe trouxesse para casa. O que haviam feito ele e a mãe o dia todo? Viram um filme, disseram, um dos filmes de Sammie. E havia uma carta para ele lá em cima no quarto.

Bruno correu. A carta era da Flórida. Rasgou-a com mãos trêmulas, como se estivesse sob o efeito de uma horrível ressaca. Nunca desejara tanto ler uma carta, nem mesmo quando, no serviço militar, ficava esperando as da mãe.

6 de setembro.

Caro Charles,

Não compreendo o significado da carta que me enviou nem o porquê do interesse que manifesta por mim. Conheço-o muito superficialmente, mas o bastante para ter a certeza de que nada temos em comum capaz de fornecer-nos base para uma amizade. Gostaria de pedir-lhe que não voltasse a telefonar para minha mãe nem tentasse entrar em contato comigo.

Obrigado por seu empenho em devolver-me o livro. Sua perda não tem qualquer importância.

Guy Haines

Bruno aproximou o bilhete dos olhos e leu-o de novo. Incrédulo, detinha-se numa ou noutra palavra. A língua apontou sobre o lábio superior e em seguida desapareceu. Sentia-se arrasado. Sentia algo como um pesar profundo, algo como a morte. Pior, até! Olhou ao redor, no quarto, odiando aqueles móveis, todos aqueles bens de família. A dor localizou-se então em seu peito; silenciosamente começou a chorar.

Depois do jantar, Sammie Franklin e ele entabularam uma discussão a respeito de vermutes. Sammie dizia, embora ressalvando não ser um conhecedor de martinis, que quanto mais seco o vermute, em maior quantidade deveria ser misturado ao martini. Bruno admitiu também não ser um bebedor de martini, mas afirmou que sabia fazer melhor. A altercação continuou mesmo depois que a

avó de Bruno deu boa noite e os deixou. Estavam no terraço, no escuro, a mãe no sofá de balanço e os dois junto ao parapeito. Bruno desceu até o bar, em busca dos ingredientes com os quais pretendia provar que tinha razão. Os dois prepararam martinis e os provaram. Apesar de ter ficado claro que Bruno estava certo, Sammie insistia em sustentar seu ponto de vista, rindo e teimando pelo puro prazer de teimar, o que enfureceu Bruno.

— Vá a Nova York e aprenda alguma coisa! — berrou Bruno. A mãe acabara de deixar o terraço.

— E você lá sabe do que está falando? — retrucou Sammie. O luar estriava seu rosto adiposo de tons azuis esverdeados e amarelos, dando-lhe o aspecto de um queijo gorgonzola. — Você passa o dia inteiro de porre. Você...

Bruno agarrou Sammie pela camisa e vergou-lhe o corpo sobre o parapeito. A camisa rasgou-se e os pés de Sammie sapatearam nos azulejos. Quando ele finalmente conseguiu desvencilhar-se, seu rosto não tinha mais os tons de azul. Tornara-se amarelo esbranquiçado.

— O q-que foi que houve com você? — bramiu ele. — Você ia me jogar lá embaixo, não ia?

— Não, não ia! — gritou Bruno, um tom acima de Sammie. De repente, não conseguia respirar, tal como vinha acontecendo ao acordar de manhã. As mãos hirtas e suadas desceram pelo rosto. Já cometera um assassinato, não? Então para que cometer outro? Mas tivera uma visão de Sammie debatendo-se contra as pontas de ferro da cerca lá embaixo e teve realmente vontade de arremessá-lo do parapeito. Ouviu Sammie a preparar um drinque com nervosismo e entrou na casa tropeçando pela porta do terraço.

— *Fique longe de mim!* — berrou Sammie ao vê-lo.

Na voz descontrolada de Sammie percebeu uma nota de pânico. No corredor, Bruno passou pela mãe sem dizer nada. Ao descer as escadas, segurou-se ao corrimão com as duas mãos, amaldiçoando o incontrolável caos de sons e dores em sua cabeça, amaldiçoando os martinis que bebera com Sammie. Cambaleou para a sala de estar.

— Charley, o que foi que você fez com Sammie? — A mãe viera atrás dele.

— Ah, o que fiz com Sammie! — Bruno gesticulou para a figura enevoada e se deixou cair no sofá.

— Charley, volte e peça desculpas. — O borrão branco do vestido dela se aproximou e um braço moreno veio vindo.

— Você está dormindo com esse sujeito? *Você está dormindo com esse sujeito?* — Sabia que bastaria deitar-se no sofá para se apagar como uma lâmpada. E foi o que fez. Sequer sentiu-a tocá-lo.

# 18

No mês seguinte à volta a Nova York, a inquietude, a insatisfação de Guy consigo mesmo, com seu trabalho, com Anne, levaram-no pouco a pouco a responsabilizar Bruno por seus problemas. Por causa de Bruno passara a ter horror de ver fotografias do Palmyra Club. Bruno era também a verdadeira razão de sua ansiedade constante, à qual atribuía a escassez de ofertas de trabalho desde que voltara de Palm Beach. Fora Bruno quem o fizera noites atrás discutir absurdamente com Anne porque não arranjava um escritório melhor, ou não comprava móveis novos e um tapete para o atual. Fora Bruno quem o fizera dizer a Anne que não se considerava um sucesso e que o Palmyra não significava nada. E fora Bruno quem fizera Anne dar-lhe tranquilamente as costas, ainda há pouco, e sair. Igualmente ele o fizera esperar que a porta do elevador se fechasse para em seguida precipitar-se oito lances de escada abaixo e implorar a Anne que o perdoasse. Quem sabe não era de fato o que acontecia? Talvez Bruno fosse realmente a causa de não conseguir trabalho. Construir uma casa era um ato espiritual. A partir do momento em que abrigara e guardara para si mesmo o conhecimento da culpa de Bruno, corrompera-se também, de certo modo. Podia percebê-lo em suas atitudes. Desejava, no plano consciente, que a polícia apanhasse Bruno. Mas o tempo ia passando, nada acontecia e ele passou a ser atormentado pela ideia de interferir no caso. O que o impedia de concretizar a ideia era, de um lado, o seu horror de acusar alguém de assassinato e, de outro, uma absurda mas persistente dúvida acerca da culpa de Bruno. Às vezes parecia-lhe tão despropositado que Bruno tivesse cometido o crime que isso como que dissolvia todas as conclusões às quais já chegara. Chegava a pensar que mesmo que Bruno lhe tivesse mandado uma confissão explícita, ainda assim duvidaria. Era, contudo, forçoso admitir que tinha *certeza* de que Bruno matara Miriam. O tempo a passar sem que a polícia descobrisse qualquer boa pista só fazia

confirmar a hipótese. E nem poderiam conseguir pista alguma, pois, como Bruno dissera, faltava o motivo. A carta que mandou para Bruno em setembro silenciara-o por todo o outono; pouco antes, porém, de deixar a Flórida, um bilhete que Bruno parece ter escrito sóbrio prevenira-o de que estaria de volta a Nova York em dezembro e esperava poder conversar com ele. Guy estava decidido a não vê-lo sob pretexto algum.

Guy vivia aflito a propósito de tudo e de nada, mas principalmente a propósito de seu trabalho. Anne recomendava-lhe paciência. Lembrava-lhe que já provara o seu valor na Flórida. Mais do que em qualquer outro momento, procurou apoiá-lo com a ternura e a presença de que ele precisava tanto. Nos seus momentos de maior depressão, no entanto, tinha dificuldade de aceitar essas demonstrações.

Uma manhã em meados de dezembro, Guy dava uma olhada em seus desenhos da casa de Connecticut quando o telefone tocou.

— Olá, Guy. Aqui é Charley.

Guy reconheceu a voz e sentiu os músculos retesarem-se, como que prontos a lutar. Mas Myers estava na sala, ao alcance de sua voz.

— Como vai? — perguntou Bruno cordialmente. — Feliz Natal.

Guy recolocou o fone no gancho, devagar.

Olhou para Myers, o arquiteto com quem dividia a grande sala única do escritório. Myers continuava debruçado sobre sua prancheta. Sob a veneziana verde os pombos saltitavam a bicar os grãos que ele e Myers tinham espalhado há pouco no peitoril da janela.

O telefone tornou a tocar.

— Gostaria de me encontrar com você, Guy — disse Bruno.

Guy levantou-se.

— Lamento. Não tenho vontade de ver você.

— Qual é o problema? — Bruno deu um risinho forçado. — Você está preocupado, Guy?

— Não estou a fim de me encontrar com você, só isso.

— Ah. Ok — disse Bruno, a voz embargada pela decepção.

Guy esperou, pois não queria ser o primeiro a desligar; finalmente Bruno desligou.

Guy tinha a garganta seca e foi até o filtro num canto da sala.

Atrás, na parede, um raio de sol batia em diagonal na grande foto aérea dos quatro prédios do Palmyra. Tinha sido tirada quando estavam quase prontos. Virou-lhe as costas. Fora solicitado a fazer uma palestra em sua antiga escola em Chicago, Anne sem dúvida iria lembrar-lhe isso. Devia também escrever um artigo para uma importante revista de arquitetura. Mas quanto a trabalhos e

encomendas, o Palmyra Club podia bem valer como uma declaração pública de que ele devia ser boicotado. E por que não? Afinal não devia o Palmyra a Bruno? Ou, em última análise, a um assassino?

Dias depois, numa noite de neve, ao descer com Anne os degraus de pedra do edifício em que morava, na Rua 53 Oeste, Guy viu um homem alto, a cabeça descoberta, parado na calçada a olhar para eles. Uma espécie de choque elétrico subiu-lhe pelos ombros, e sua mão, automaticamente, apertou o braço de Anne.

— Olá — disse Bruno com uma voz amolecida pela tristeza. À luz fraca, mal se podia ver o seu rosto.

— Olá — disse Guy, como se se dirigisse a um estranho, e seguiu em frente.

— Guy!

Guy e Anne viraram-se ao mesmo tempo. Bruno aproximou-se, as mãos nos bolsos do sobretudo.

— O que é? — perguntou Guy.

— Só queria cumprimentá-lo. Saber como vai você. — Bruno olhou sorridente para Anne, com uma expressão em que se misturavam perplexidade e ressentimento.

— Vou bem — disse Guy tranquilamente e virou-se, conduzindo Anne.

— Quem é? — sussurrou Anne.

Guy sentia comichões de olhar para trás. Sabia que Bruno estaria exatamente onde o haviam deixado, a acompanhá-los com os olhos, talvez chorando.

— Um sujeito que apareceu aí semana passada, procurando emprego.

— Você não pode fazer nada por ele?

— Não. É um alcoólatra.

Guy pôs-se a falar da casa deles, pois sabia que sobre nenhum outro assunto conseguiria falar e parecer normal. Comprara a terra e o projeto estava na fase das fundações. Depois do Ano Novo iria a Alton para passar vários dias. Durante a projeção do filme, ficou a imaginar como poderia descartar-se de Bruno, aterrorizá-lo de tal maneira que ele se sentisse amedrontado de procurá-lo.

O que queria Bruno com ele? Guy via o filme de punhos cerrados. Da *próxima* vez ameaçaria Bruno com a possibilidade de uma investigação policial. E levaria isso até o fim. O que havia de tão errado em sugerir que ele fosse investigado?

Mas o que estava Bruno querendo com ele?

# 19

Bruno não queria ir ao Haiti mas a viagem era uma boa maneira de fugir. Nova York, Flórida ou qualquer outro lugar na América significariam tortura, estando Guy por perto e recusando-se a vê-lo. Para afogar a dor e a depressão bebeu o quanto pôde em sua casa em Great Neck e para manter-se ocupado mediu cada metro da casa e do terreno. Usou uma fita métrica para medir o quarto do pai. Abaixava-se e levantava-se, obstinado, medindo e tornando a medir como um autômato infatigável que só ocasionalmente se desviasse de sua rota prévia, traindo um estado de embriaguez mas não de pane irrecuperável. Assim passou ele os dez dias seguintes aos de seu encontro com Guy, à espera de que a mãe se considerasse pronta para a viagem ao Haiti, com sua amiga Alice Leffingwell.

Havia ocasiões em que todo o seu ser parecia passar por um ainda indefinível processo de metamorfose. Havia o seu feito, que, sozinho em seu quarto e deserta a casa, via como uma coroa sobre sua cabeça, mas uma coroa que ninguém mais podia ver. Muito fácil e rapidamente era capaz de romper em lágrimas. Uma vez quis sanduíche de caviar no almoço. Merecia o melhor, o mais puro caviar preto. Como na casa só houvesse do vermelho, disse a Herbert que fosse comprar do preto. Comeu um quarto do sanduíche torrado, bebericando uísque escocês com água. Em seguida quase adormeceu a olhar para o triângulo da torrada. Olhou tão fixamente que o sanduíche deixou de ser sanduíche e o copo deixou de ser copo e apenas o líquido dourado fazia parte de seu próprio ser, e ele o engoliu todo. O copo vazio e a torrada fenecida eram como coisas vivas que escarneciam dele e contestavam seu direito de usá-las. O caminhão do açougue acabara de arrancar da porta da casa, e a testa de Bruno enrugou-se, porque tudo de repente adquiria vida própria e tentava fugir dele — o caminhão, o sanduíche, o copo, as árvores, que, embora não pudessem fugir, mostravam-se desdenhosas, como a casa que o aprisionava. Lançou ao mesmo

tempo os dois punhos contra a parede, em seguida apanhou o sanduíche, desmanchou sua insolente boca triangular e o queimou, pedaço por pedaço, na lareira vazia. O caviar pipocou, como vidas de pessoinhas ardendo até a morte.

Alice Leffingwell, a mãe e ele, mais uma tripulação de quatro homens, entre os quais dois porto-riquenhos, zarparam para o Haiti em meados de janeiro no iate *Fairy Prince*, a vapor, que Alice passara o outono e o inverno inteiro a extorquir de um ex-marido. A viagem era uma comemoração de seu terceiro divórcio. Ela convidara Bruno e a mãe meses atrás. A viagem agradou Bruno, mas nos primeiros dias ele simulou indiferença e tédio. Ninguém reparou. Alice e a mãe dele passavam as tardes e as noites inteiras a tagarelar na cabine. De manhã, dormiam. Para justificar a seus próprios olhos a graça que achava no deprimente programa que era passar um mês enfurnado num barco com um bagulho velho feito Alice, Bruno rememorou os fatos que o deixaram em tensão permanente nos últimos tempos, na expectativa de a qualquer momento ter a polícia em seus calcanhares. Andava precisando de uma folga, inclusive para poder traçar em detalhes o plano para livrar-se de seu pai. Também raciocinava que, quanto mais tempo se passasse, mais condições teria Guy de mudar de atitude.

A bordo esquematizou dois ou três planos básicos para o assassinato do pai, dos quais qualquer plano futuro haveria de ser mera variação. Sentiu-se muito orgulhoso desses planos — um com revólver, no quarto do pai; outro com faca e duas possibilidades de fuga; e um terceiro com revólver ou faca, ou ainda estrangulamento, na garagem, onde o pai guardava o carro todo fim de tarde às seis e meia. Contra o último plano havia a circunstância de que teria de ser realizado com luz um tanto excessiva, mas a simplicidade de sua concepção era um ponto a favor. Em seus ouvidos podia distinguir o eficiente clique-clique da maquinação dos planos. Mas, por medida de segurança, sempre rasgava os cuidadosos diagramas que traçava no papel. Estava sempre desenhando e rasgando os desenhos. Do Bar Harbour à mais meridional das Ilhas Virgens, o mar se juncava das sementes de suas ideias. O *Fairy Prince* contornou então o Cabo Maisi, no rumo de Port-au-Prince.

— Um porto principesco para o meu *Prince* — gritou Alice, fazendo uma pausa em suas intermináveis conversas com a mãe dele.

Num canto afastado, na sombra, Bruno amarrotou precipitadamente o papel no qual estivera desenhando e levantou a cabeça. À esquerda, no horizonte, havia terra à vista — uma pouco nítida linha cinzenta. Haiti. Agora que a via, parecia-lhe uma terra mais distante e estrangeira do que quando não estava à vista. Distanciava-se cada vez mais de Guy. Pulou da cadeira em que se sentava, no convés, e foi até a amurada. Iam passar vários dias no Haiti e em seguida

continuariam rumo ao sul. Bruno ficou absolutamente imóvel, sentindo a frustração corroê-lo por dentro, assim como o sol dos trópicos o agredia por fora, crestando as brancas batatas de suas pernas. Num rompante, picou em pedacinhos o plano que acabara de detalhar e atirou-o pela amurada. O vento caprichoso carregou os fragmentos no sentido da proa do barco.

Tão importante quanto os planos, naturalmente, era encontrar alguém para colocá-los em prática. Acreditava poder ele mesmo executá-los, se Gerard, o detetive particular do pai, não existisse. Por mais cuidadosamente que fizesse tudo, ele o apanharia. Além do mais, queria colocar mais uma vez à prova a sua tese da ausência do motivo. Talvez Matt Levine ou Carlos, mas o problema era que já os conhecia. E era perigoso abrir negociações sem saber previamente se a pessoa ia concordar. Estivera por exemplo várias vezes com Matt e nunca fora capaz de tocar no assunto.

Em Port-au-Prince aconteceu um episódio que ficaria para sempre gravado na memória de Bruno. Ele sofreu uma queda quando escalava a prancha de embarque, ao voltar para o iate na segunda noite.

Estava entorpecido pelo calor reinante, que o rum tornava ainda pior, pois o esquentava por dentro. Voltava do Hotel La Citadelle para o barco e resolveu parar num bar perto do cais do porto para tomar um uísque com gelo. Um dos porto-riquenhos da tripulação, com quem Bruno antipatizara desde o momento em que o vira, achava-se no bar, num porre negro, a vociferar como se fosse o dono da cidade, do *Fairy Prince* e do resto da América Latina. Apontava para Bruno chamando-o de “gringo bêbado” e outras coisas que Bruno não entendia, mas das quais todo mundo ria. Cansado e sem nenhuma disposição para brigar, Bruno saiu do bar com toda dignidade, secretamente decidido a contar tudo a Alice, para que o porto-riquenho fosse sumariamente despedido. A um quarteirão de distância do barco, o porto-riquenho o alcançou e pôs-se a falar coisas, andando a seu lado. Ao subir na prancha, Bruno vacilou, tentou apoiar-se nas cordas do corrimão mas acabou caindo na água imunda. Não podia dizer que o porto-riquenho o empurrara porque na verdade isso não acontecera. O porto-riquenho e outro marinheiro, que parecia também divertir-se, o pescaram e o arrastaram até a sua cama. Bruno rastejou para a garrafa de rum, tomou um bom gole, caiu de novo na cama e pegou instantaneamente no sono, de cueca molhada. Mais tarde a mãe e Alice o despertaram.

— O que foi que aconteceu? — perguntavam entre risinhos que mal as deixavam falar. — O que foi que houve, Charley?

Os contornos de suas figuras eram imprecisos, mas os risos soavam nítidos. Esquivou-se aos dedos de Alice que tentavam tocar seus ombros. Não conseguia

falar mas ouvia tudo o que diziam. O que faziam ali se não traziam uma carta de Guy?

— O quê? De quem? — perguntou a mãe.

— Fora, as duas — berrou ele.

— Ele está fora de si — disse a mãe, pesarosa, como se se tratasse de um caso perdido de internação. — Pobrezinho, pobrezinho.

Bruno sacudia a cabeça tentando livrar-se da toalha gelada. Odiava as duas e também odiava Guy! Matara por ele, despistara a polícia por ele, ficara quieto quando fora necessário, caíra na água podre por ele, e Guy sequer queria vê-lo! Guy só dava atenção à namorada! Não estava com medo nem infeliz, apenas não tinha tempo para ele! Vira-a três vezes nas proximidades da casa de Guy em Nova York. Se estivesse aqui agora haveria de matá-la como fizera com Miriam!

— Charley, Charley, psiu!

Guy ia casar-se de novo, e não tinha tempo para ele. Só queria saber o que aquela moça ia pensar dele quando visse o babaca que ele era! Não fora ao México visitar uns amigos, e sim para se encontrar com ela. Aí estava por que queria tanto se descartar de Miriam! Mas no trem nem mencionara Anne Faulkner! Guy usara-o. Por tudo isso, querendo ou não, Guy talvez tivesse de matar seu pai. Todo mundo é capaz de cometer um assassinato. Bruno se lembrava de que Guy duvidara disso.

# 20

— Vamos beber — disse Bruno. Surgira não se sabe de onde, no meio da calçada.

— Não estou querendo conversar com você. Não faço perguntas e não estou interessado no que você tem a dizer.

— Não precisa fazer perguntas — disse Bruno com um ligeiro sorriso. Havia ponderação em seus olhos. — Vamos atravessar. Dez minutos.

Guy olhou em volta. Ei-lo, pensou. Chame a polícia. Salte sobre ele, derrube-o na calçada. Mas permaneceu rígido, a olhá-lo. Percebeu que Bruno conservava as mãos enfiadas nos bolsos, como se tivesse um revólver pronto a disparar.

— Dez minutos — disse Bruno, aliciando-o com um sorriso enigmático.

Fazia várias semanas que Guy não tivera notícias de Bruno. Tentou recapitular os acontecimentos daquela noite sob a neve, sua revolta, a decisão de entregar Bruno à polícia. A hora crítica era agora. Guy acompanhou-o. Andaram até um bar da Sexta Avenida e sentaram numa mesa ao fundo.

O sorriso de Bruno se abriu.

— Do que é que você tem medo, Guy?

— De absolutamente nada.

— Você se sente feliz?

Guy estava tenso. Bem à sua frente, deu-se conta, estava sentado um assassino. Aquelas mãos haviam triturado a garganta de Miriam.

— Diga uma coisa, Guy, por que você não me falou de Anne?

— O que tem Anne a ver com isso?

— Eu gostaria de ter sabido da existência dela, só isso. Isto é, no trem.

— Este é o nosso último encontro, Bruno.

— Por quê? Só quero ser seu amigo, Guy.

— Vou denunciar você à polícia.

— Por que não fez isso em Metcalf? — perguntou Bruno, com um discreto brilho nos olhos, como só ele poderia ter, num tom impessoal e até triste, mas com uma ponta de triunfo. Curiosamente a voz interior de Guy formulara a pergunta no mesmo diapasão.

— Porque eu não tinha certeza.

— Preciso fazer uma declaração?

— Seja como for, posso fazer com que o investiguem.

— Não, não pode. Os indícios o incriminam muito mais do que a mim — argumentou Bruno, dando de ombros.

— Do que é que você está falando?

— O que você acha que poderiam ter contra mim? Nada.

— Eu simplesmente conto tudo! — Ficou furioso, de repente.

— Se eu declarasse que você me pagou para matá-la — objetou Bruno com um ar de quem se sente cheio de razões —, as peças do quebra-cabeça se ajustariam com perfeição!

— Não estou interessado em quebra-cabeça nenhum.

— Você talvez não esteja, mas a lei está.

— Que peças são essas?

— A carta que você escreveu para Miriam — disse Bruno calmamente —, o fato de ter desistido do projeto. A muitíssimo conveniente viagem ao México.

— Você está louco!

— Veja a situação como ela é, Guy! Você não está sendo sensato! — A voz de Bruno alçou-se histérica sobre o som da *jukebox*[6] que começara a tocar bem junto deles. Estendeu a mão sobre a mesa, na direção de Guy, e fechou-a. — Gosto de você, Guy, juro. É absurdo estarmos falando dessa maneira!

Guy não se mexeu. As pernas da cadeira comprimiam suas pernas.

— Dispenso a sua simpatia.

— Guy, se você disser alguma coisa à polícia, vai apenas nos levar ambos à prisão. Será que não vê isso?

Guy já pensara nisso, mesmo antes desse encontro. Se Bruno insistisse em suas mentiras, o julgamento poderia arrastar-se indefinidamente e o caso ficaria sem solução, a menos que Bruno capitulasse, o que jamais aconteceria. Guy se dava conta disso na obstinação monomaníaca com que Bruno o fitava. Esqueça-o, dizia-se Guy. Não se meta nisso. Deixe que a polícia o pegue. Ele é suficientemente louco para matá-lo se você esboçar alguma reação.

— Você não me denunciou em Metcalf porque de um modo ou de outro gosta de mim, Guy. Você gosta de mim, apesar de tudo.

— Não gosto nem um pouco de você.

— Mas não vai me entregar, vai?

— Não — respondeu Guy, entre dentes. A frieza de Bruno o desconcertava. Bruno não tinha medo nenhum dele. — Não peça mais nenhuma bebida para mim. Estou de saída.

— Espere um instante. — Bruno tirou dinheiro de sua carteira e deu-o ao garçom.

Guy sentou-se, paralisado pela sensação de que faltava alguma coisa.

— Terno bonito — comentou Bruno com um sorriso.

Era o de flanela cinza, listado, comprado com o dinheiro do Palmyra. Assim como os sapatos que usava e a pasta de crocodilo na cadeira ao lado.

— Para onde você está indo?

— Para o centro da cidade. — Às sete tinha um encontro com o representante de um possível cliente no Hotel Quinta Avenida. Os olhos de Bruno pareceram-lhe vigilantes e implacáveis; teve certeza de que ele supunha que ia encontrar-se com Anne. — O que é que você está pretendendo, Bruno?

— Você sabe — respondeu Bruno calmamente. — Aquilo que conversamos no trem. A troca de vítimas. Você vai matar meu pai.

Guy resmungou algo com desdém. Antes mesmo de Bruno dizê-lo, já o sabia. Foi, aliás, o que imaginara desde a morte de Miriam. Os olhos de Bruno permaneciam fixos e expectantes, e o brilho de fria insanidade neles refletido fascinava Guy. Lembrava-se de que certa vez, quando criança, vira um mongoloide num bonde e ficara a contemplá-lo como contemplava agora Bruno, com uma desavergonhada curiosidade que nada poderia abalar. Curiosidade e medo.

— Eu lhe disse que podia cuidar de todos os detalhes. — Bruno sorria com o canto da boca, como a justificar-se, divertido. — E que seria tudo muito simples.

Ele me odeia, pensou Guy de súbito. E gostaria de me matar também.

— Se você não fizer isso, sabe perfeitamente o que vou fazer. — Bruno apenas esboçou o gesto de quem vai estalar os dedos, mas a mão resultou em descuidado repouso sobre a mesa. — Simplesmente coloco a polícia atrás de você.

Ignore-o, ignore-o, dizia-se Guy.

— Você não me assusta nem um pouco. Seria a coisa mais fácil do mundo provar que você é um louco.

— Não sou mais louco do que você!

Foi o próprio Bruno quem encerrou a conversa pouco depois. Disse que tinha um encontro com a mãe, às sete horas.

Guy teve a sensação de que saíra também perdendo do encontro seguinte, bem mais rápido, embora na hora lhe tivesse parecido o contrário. Bruno tentou interceptá-lo numa tarde de sexta-feira em que deixava o escritório a caminho de Long Island, para encontrar-se com Anne. Guy passou por ele sem diminuir o passo e entrou num táxi. Contudo, humilhava-o a sensação de fuga física, e a dignidade que apesar de tudo mantivera até então começou a ser solapada. Gostaria de ter podido dizer alguma coisa a Bruno. Gostaria de tê-lo encarado, ainda que por um breve momento.

# 21

Nos dias seguintes raras foram as noites em que Bruno não se plantou do outro lado da rua, em frente ao edifício onde Guy tinha seu escritório. Ou então em frente ao edifício onde Guy morava, como se pudesse adivinhar as noites em que ele ia direto para casa. Não se dirigia a ele, sequer lhe acenava. Limitava-se a ficar ali parado, as mãos nos bolsos do longo sobretudo justo no corpo alto. Bruno lembrava-lhe um chefe militar. Apenas os olhos o seguiam, Guy tinha certeza disso, embora nunca olhasse para trás até que estivesse longe de sua vista. Isso durou duas semanas. Foi quando chegou a primeira carta.

Eram duas folhas de papel: a primeira continha um mapa da casa de Bruno, do terreno e vias de acesso próximas, como indicações sobre os percursos que Guy deveria fazer. Fora desenhado com todo o capricho e mostrava linhas cheias e pontilhadas traçadas a régua. Na outra folha, o plano para o assassinato do pai de Bruno era minuciosamente descrito em frases datilografadas. Guy rasgou as folhas e arrependeu-se em seguida. Deveria tê-las conservado como provas contra Bruno. Reuniu os fragmentos e guardou-os.

Mas não precisava tê-lo feito. A cada dois ou três dias passou a receber uma carta semelhante. Eram todas postadas em Great Neck, como se Bruno não saísse mais de lá — desde que as cartas haviam começado a chegar Guy não tornara a vê-lo —, ocupado em bater, talvez na própria máquina do pai, as cartas que deveria ter levado duas ou três horas para preparar. Algumas pareciam ter sido escritas em estado de embriaguez. Isso se evidenciava nos erros de datilografia e num certo descontrole emocional visível nos últimos parágrafos. Quando ele as escrevia sóbrio, o parágrafo final revelava afeto e a intenção de tranquilizar Guy quanto à facilidade da execução do plano de assassinato. Bêbado, Bruno era capaz tanto de declarar amor fraterno a Guy quanto de ameaçá-lo com uma perseguição sem tréguas pelo resto da vida. Prometia

arruinar sua carreira e seu “caso amoroso” e lembrava-o de que ele, Bruno, tinha o controle da situação. O conjunto de informações necessárias poderia ser obtido em qualquer das cartas isoladamente, como se Bruno previsse que ele pudesse rasgar algumas antes mesmo de abri-las. Apesar de decidido a rasgar a seguinte, Guy acabava por abri-la quando chegava, curioso a respeito das variações no parágrafo final. Dos três planos de Bruno, o mais frequentemente mencionado era o que previa a utilização de um revólver e da entrada dos fundos da casa, embora a cada carta ele o deixasse à vontade para escolher.

As cartas afetavam-no de maneira estranha. Passado o choque da primeira, as imediatamente posteriores praticamente não lhe causaram qualquer aborrecimento. Quando a nona, a décima, a décima quinta carta apareceram na sua caixa de correspondência, percebeu que atingiam sua consciência, ou seus nervos, de um modo que resistia a suas tentativas da análise. Passava horas sozinho no quarto tentando localizar a lesão e curá-la. Não havia motivo para a sua angústia, argumentava consigo mesmo, a menos que esperasse da parte de Bruno uma tentativa de matá-lo. Mas, na verdade, não acreditava que isso aconteceria. Bruno jamais fizera qualquer ameaça de matá-lo. E o esforço de arrumar os pensamentos não lhe aliviava a angústia nem lhe poupava o consequente cansaço.

A vigésima primeira carta falava em Anne. “Você não gostaria de que Anne fosse informada da sua participação no assassinato de Miriam, não é mesmo? Que moça se casaria com um assassino? Anne, com toda certeza, não. O prazo está se esgotando. O limite é a primeira quinzena de março. Até lá tudo correrá bem”.

Um dia a arma chegou. Recebeu-a das mãos de sua senhoria. Era um embrulho grande de papel pardo. Guy não pôde reprimir uma risada ao dar com a arma negra. Era uma reluzente Luger que pareceria nova em folha não fosse uma pequena lasca na coronha trabalhada.

Instintivamente Guy tirou seu pequeno revólver do fundo de uma gaveta e colocou-o em cima da cama, ao lado da Luger. Sorriu ao fazê-lo, empunhou seu belo revólver de cabo de madrepérola e se pôs a examiná-lo cuidadosamente. Vira-o na vitrine abarrotada de uma loja de penhores, na Main Street, em Metcalf, quando tinha quinze anos, e comprara-o com o dinheiro da mesada, não porque se tratava de um revólver, mas porque era bonito. O cano curto e o aspecto sólido da arma o haviam encantado. Quanto mais aprendia coisas sobre design, mais o revólver o agradava. Durante quinze anos mantivera-o guardado em fundos de gavetas. Abriu o tambor, tirou as balas — havia três — e girou o cilindro puxando seis vezes o gatilho, deliciado com os cliques regulares do

mecanismo perfeito. Recolocou as balas, pôs o revólver de volta em sua bolsinha de flanela lilás e devolveu-o à gaveta.

Como se livraria da Luger? Deveria atirá-la no rio ou em alguma lata de lixo na rua? Ou simplesmente despachá-la no meio do próprio lixo da casa? Qualquer solução que lhe ocorresse, parecia-lhe suspeita ou então melodramática. Decidiu por fim enfiá-la em uma gaveta de baixo, sob meias e cuecas, e deixá-la ali até que tivesse ideia melhor. Pela primeira vez pensou em Samuel Bruno como uma pessoa. A presença da Luger superpôs em sua mente o homem e a sua morte em potencial. Ali no quarto tinha ele o perfil completo do homem e de sua vida, segundo Bruno, o plano para o assassinato — de manhã chegara também uma carta, que permanecia fechada em cima da cama — e a arma com a qual Bruno esperava que o matasse. Guy pegou uma das cartas recentes de Bruno de um pequeno maço que mantinha na gaveta de baixo.

> Samuel Bruno (Bruno raramente se referia a ele como “meu pai”) é o exemplo acabado do que a América tem de pior. Descende de camponeses pobres da Hungria, pouco mais civilizados do que animais. Conseguiu uma esposa de boa família, com a ganância que o caracteriza, já que tinha condições de mantê-la. Por todos esses anos minha mãe suportou calada a infidelidade dele, por respeitar o caráter sagrado do contrato matrimonial. Agora, na velhice, ele tenta fazer-se passar por bonzinho, antes que seja tarde demais. Mas é tarde demais. Se pudesse, eu mesmo o mataria, mas, como já lhe expliquei, isso é impossível por causa de Gerard, seu detetive particular. Se você tivesse alguma espécie de contato com ele, ele se tornaria também seu inimigo pessoal. É o gênero de homem que considera idiotices as ideias que por exemplo você tem sobre arquitetura como expressão de beleza ou o desejo de construir casas de boa qualidade para o povo. Não dá a menor importância para como seja ou deixe de ser a sua fábrica, desde que não apareçam goteiras no teto e o seu equipamento não seja danificado. Talvez lhe interesse saber que nesse exato momento os empregados dele estão em greve. Veja o *N. Y. Times* de quinta-feira passada, página 31, no canto inferior, à esquerda. Estão lutando por um salário decente. Samuel Bruno não hesita em roubar seu próprio filho...

Quem acreditaria numa história daquelas, se a contasse? Quem poderia aceitar tal fantasia como verdade? A carta, o mapa, o revólver — tudo sugeria a intriga de uma peça de teatro, objetos e fatos combinados de maneira a dar verossimilhança a uma história que não era real e nunca poderia sê-lo. Guy

queimou a carta. Queimou todas as cartas que ainda guardava e foi aprontar-se para ir a Long Island.

Passaria o dia com Anne, andando de carro, passeando nos bosques, e amanhã iam de automóvel para Alton. A casa ficaria pronta no fim de março, o que lhes daria dois meses de intervalo para mobiliá-la, antes do casamento. Guy olhava pela janela do trem, um sorriso nos lábios. Anne nunca disse que queria casar-se em junho; apenas os acontecimentos caminhavam naturalmente para isso. Tampouco dizia fazer questão de uma cerimônia formal. "Só não quero que façamos nada com precipitação", era tudo o que dizia. Quando, no entanto, ele lhe disse que não se incomodava de que houvesse uma cerimônia e tudo o mais para o casamento, ela exclamou: "Oh!" e agarrou-o para beijá-lo. Não, não queria de novo um casamento relâmpago com um estranho servindo de testemunha. Nas costas de um envelope começou a traçar um esboço do edifício comercial de vinte andares cujo projeto talvez lhe fosse entregue, segundo fora informado semana passada. Guardava a notícia como uma surpresa para Anne. Parecia que de repente o futuro se tornara presente. Tinha tudo o que queria. Ao deixar a plataforma de desembarque avistou, no meio de uma pequena multidão, na porta da estação, o casaco de pele de leopardo de Anne. Jamais esqueceria, pensou ele, aqueles tempos em que ela ficava ali a esperá-lo, o recatado ritual de impaciência que ela cumpria ao vê-lo, a maneira como sorria e dava meia-volta, como se lhe tivesse sido impossível esperar meio minuto mais.

— Anne! — Passou o braço à volta dela e beijou-a no rosto.

— Você está sem chapéu.

Ele sorriu porque aquela era exatamente a frase que esperava ouvir dela.

— E você também.

— Estou de carro. E está nevando. — Pegou-o pela mão e os dois saíram correndo pelo asfalto escorregadio em direção ao estacionamento. — Tenho uma surpresa!

— Eu também. Qual é a sua?

— Vendi ontem cinco modelos com a minha assinatura. Guy balançou a cabeça.

— Não posso competir. Consegui apenas um edifício. Talvez. Ela sorriu levantando as sobrancelhas.

— Talvez? Sim!

— Sim, sim, sim! — disse ele, e tornou a beijá-la.

Aquela noite, na pequena ponte de madeira sobre o arroio nos fundos da casa de Anne, Guy teve ímpetos de dizer: "Sabe o que Bruno mandou hoje para mim? Um revólver". Nesse momento, não porque quase tivesse chegado a falar, mas por causa do abismo a separar Bruno e sua relação com ele do universo em

que se situava a sua vida com Anne, Guy chegou a uma chocante e terrível conclusão. Não queria ter nenhum segredo para Anne, mas ali estava um que superava todos os que até então lhe pudesse ter confidenciado. Bruno, o nome que o obcecava, não queria dizer nada para Anne.

— O que foi, Guy?

Ele via que ela sabia haver algo errado. Ela sempre sabia.

— Nada.

Acompanhou-a quando ela andou de volta à casa. A noite escurecera a terra, e mal se podia distinguir o chão coberto de neve da massa de árvores e do céu. Ao olhar outra vez para o bloco de árvores próximas à casa, teve a mesma indefinível sensação de hostilidade. Bem diante dele, a porta entreaberta da cozinha projetava uma faixa de cálida luz amarela sobre o gramado. Voltou-se mais uma vez, pousando o olhar sobre a área de sombra espessa onde se localizavam as árvores. A sensação que tinha ao olhar naquela direção era ao mesmo tempo de desconforto e alívio, como quando se pressiona um dente que está dolorido.

— Vou dar outro giro — disse.

Anne entrou e ele tornou a se afastar. Queria verificar se a sensação era mais forte ou mais fraca quando Anne não estava junto. Procurou sentir mais do que ver. A impressão persistia, ambígua e vaga. Parecia haver algo exatamente onde a escuridão se tornava mais densa, ao pé das árvores. Nada, é claro. Talvez tudo fosse fruto de uma combinação de sons e sombras com seus próprios pensamentos.

Enfiou as mãos nos bolsos do sobretudo e aproximou-se obstinadamente.

O estalido de um galho chamou sua atenção e ele olhou fixamente para um determinado ponto no chão, junto às árvores. Correu para lá. Uma moita crepitou e um vulto escuro moveu-se na escuridão. Guy disparou toda a musculatura num amplo mergulho e agarrou o objeto. Bruno, reconheceu-o. Bruno debatia-se entre seus braços como um grande e poderoso peixe debaixo d’água. Torceu-se e acertou um soco no maxilar de Guy. Caíram atracados, tentando liberar os braços para melhor lutar, e pareciam travar uma luta de morte. Os dedos de Bruno arranhavam-lhe freneticamente a garganta, mas Guy defendia-se mantendo o braço estendido. A respiração de Bruno produzia silvos por entre os lábios cerrados. Guy atingiu-o outra vez na boca com a mão direita, que pareceu partir-se — certamente não conseguiria mais fechá-la.

— Guy! — urrou Bruno, indignado.

Guy segurou-o pelo colarinho. De repente os dois pararam de brigar.

— Você sabia que era eu! — disse Bruno, cheio de fúria. — Filho da puta!

— O que está fazendo aqui? — Guy puxou-o para fazê-lo ficar de pé.

A boca sangrando alargou-se numa careta, como se estivesse a ponto de chorar.

— Deixa eu ir!

Guy o empurrou. Ele desmontou no chão como um saco e oscilou ao tentar pôr-se novamente de pé.

— Está bem, me mate se quiser! Você pode dizer que foi em legítima defesa! — choramingou Bruno.

Guy olhou para a casa. Tinham avançado bastante para dentro do pequeno bosque, enquanto lutavam.

— Não quero matá-lo. Mas vou matá-lo da próxima vez que encontrá-lo aqui.

Bruno riu com um ar vitorioso.

Guy avançou para ele com um gesto de ameaça. Mas não queria voltar a tocar nele. Minutos antes travara uma luta interna com um impulso que lhe repetia: “Mate, mate!” Guy sabia não haver nada que pudesse fazer para destruir o sorriso de Bruno, nem mesmo matá-lo.

— Se manda daqui.

— Está pronto para fazer aquele serviço daqui a duas semanas?

— Estou pronto para entregar você à polícia.

— Pronto para se entregar? — escarneceu Bruno com a voz esganiçada. — Pronto para contar tudo a Anne? Pronto para passar os próximos vinte anos na cadeia? Muito bem, eu estou pronto! — Juntou as mãos num gesto quase meigo. Em seus olhos parecia cintilar uma luz vermelha. Seu vulto vacilante evocava um espírito do mal que tivesse acabado de materializar-se ao sair da negra árvore de galhos retorcidos bem atrás dele.

— Arranje outra pessoa que faça esta nojeira para você — disse Bruno entre dentes.

— Veja só quem fala! Quero você e tenho você para fazer isso! Ok! — Uma risada. — Vou pôr mãos à obra. Vou contar tudo à sua namorada. Hoje à noite vou escrever para ela. — Afastou-se aos tropeços, gingando — uma figura deprimente. Após alguns passos, parou e gritou: — A não ser que você me dê notícias nas próximas vinte e quatro horas.

Guy disse a Anne que tivera de enfrentar um homem que rondava a casa. A refrega não lhe causara nenhum prejuízo afora um pequeno derrame no olho, mas só fingindo que se machucara, conseguiria cancelar a viagem a Alton e permanecer na casa de Anne durante o dia seguinte. Disse que fora atingido no estômago e não se sentia bem. Os pais de Anne ficaram preocupados e insistiram com os policiais que tinham vindo dar uma olhada nas cercanias da casa para que a mantivessem sob vigilância durante as noites seguintes. Essa vigilância,

porém, não seria o bastante. Se Bruno voltasse, era preciso que ele, Guy, estivesse lá pessoalmente. Anne sugeriu que ficasse até segunda-feira, porque assim teria quem cuidasse dele caso não se sentisse bem. Guy ficou.

Nada fora para ele tão constrangedor em sua vida, pensou, quanto os dois dias que passou na casa da família Faulkner. Envergonhou-se de precisar ficar ali, envergonhou-se de precisar, segunda-feira de manhã, entrar no quarto de Anne e inspecionar a mesa onde a empregada colocava a correspondência para ver se chegara alguma carta de Bruno. Não havia nada. Toda manhã Anne saía de casa para a sua loja em Nova York antes de chegar a correspondência. Na manhã de segunda-feira, Guy examinou as quatro ou cinco cartas em cima da mesa e saiu às pressas como um ladrão, temendo que a empregada o surpreendesse. Chamou sua própria atenção, contudo, para o fato de que com frequência entrava no quarto dela em sua ausência. Às vezes, quando a casa estava cheia de gente, refugiava-se por alguns momentos no quarto de Anne. E ela adorava encontrá-lo lá. Parou e encostou a cabeça no umbral da porta, a observar o quarto em desordem — a cama por fazer, os enormes livros de arte que não cabiam nas prateleiras da estante, em uma das paredes seus desenhos mais recentes tacheados sobre um pequeno painel de cortiça verde, a um canto da mesa, um copo ali deixado com a água já a azular, e no encosto de uma cadeira uma echarpe marrom e amarela que ela provavelmente tirara e depois desistira de usar. No ar pairava ainda o perfume de gardênia da colônia que pusera no pescoço antes de sair. Não via a hora de mesclar sua vida à dela.

Guy ficou até terça-feira de manhã. Não encontrou nenhuma carta de Bruno e voltou para Manhattan. Havia trabalho acumulado. Milhares de pequenas coisas o torturavam. O contrato com a Companhia Imobiliária Shaw para a construção do novo edifício comercial ainda não fora acertado. Chegou à conclusão de que sua vida andava desorganizada e sem rumo, mais caótica do que quando soubera do assassinato de Miriam. Nessa semana não recebeu carta de Bruno, exceto a que encontrou em sua caixa, chegada na segunda-feira. Era um bilhete curto em que dava graças a Deus por sua mãe estar melhor e ele poder sair um pouco de casa. Ao longo de três semanas, dizia ele, a mãe estivera muito doente, com pneumonia, e por isso tivera de ficar ao lado dela.

Quinta-feira à noite, quando voltava de uma reunião num clube de arquitetura, a Sra. McCausland, sua senhoria, informou que lhe haviam telefonado três vezes. Estavam no corredor quando o telefone tocou. Era Bruno, bêbado e insolente. Perguntou a Guy se estava disposto a conversar sensatamente.

— Não achei que estaria — disse Bruno. — Escrevi a Anne. — E desligou.

Guy subiu para o seu quarto e foi a sua vez de tomar um drinque. Não acreditava que Bruno tivesse escrito ou que tivesse a intenção de fazê-lo. Passou uma hora tentando ler, telefonou para Anne perguntando-lhe como estava e, inquieto, saiu de casa e entrou num cinema.

Na tarde de sábado tinha um encontro marcado com Anne em Hempstead, Long Island, para verem uma exposição de cães. Se Bruno tivesse mesmo escrito a carta, Anne a teria recebido por volta de sábado de manhã, calculou Guy. Mas é claro que não recebera carta nenhuma. Viu logo pela maneira como ela lhe acenou do carro em que o aguardava. Ele perguntou se se divertira na festa da noite passada, em casa de Teddy. Seu primo Teddy fizera aniversário.

— Foi uma festa maravilhosa. Só que ninguém teve vontade de voltar para casa. Acabou tão tarde que resolvi emendar. Não cheguei nem a trocar de roupa. — Ela colocou o carro em movimento e passou pelo portão estreito a caminho da rua.

Guy cerrou os dentes. Nesse caso a carta poderia estar à sua espera, em casa. Na mesma hora teve certeza de que havia uma carta para ela em casa, e a impossibilidade de interceptá-la deixou-o frágil e mudo.

Tentou desesperadamente achar alguma coisa para dizer enquanto caminhavam vendo os cães.

— Alguma notícia do pessoal da Shaw? — perguntou Anne.

— Não. — Acompanhava os movimentos de um irrequieto *dachshund* e Anne fez um comentário sobre um *dachshund* que alguém de sua família possuíra certa vez.

Ela ainda não sabia, pensou Guy, mas, se não ficasse sabendo hoje mesmo, seria apenas uma questão de tempo, coisa de poucos dias, talvez, para que viesse finalmente a saber. Saber o que, perguntava-se insistentemente e chegava sempre à mesma resposta, com a qual não sabia se procurava tranquilizar-se ou torturar-se: que no verão passado encontrara num trem o homem que assassinou sua mulher, e que consentira no assassinato dela. Era o que Bruno diria a ela, com alguns detalhes para tornar convincente a sua versão. E num tribunal a que o caso fosse levado, se Bruno distorcesse ainda que ligeiramente a conversa dos dois no trem, não iria ela adquirir os contornos de um pacto entre assassinos? De repente reviveu com nitidez os momentos passados na cabine de Bruno, aquele pequeno inferno. Fora o ódio que o levara a dizer e revelar tanta coisa, o mesmo mesquinho ódio que o fizera em junho rugir de raiva por Miriam no Parque Chapultepec. Na ocasião Anne ficara zangada, não tanto pelo que ele dissera, mas pela manifestação de seu ódio. O ódio também era pecado. Cristo condenara o ódio tanto quanto o adultério e o homicídio. O ódio era a própria semente do

mal. Num tribunal cristão não seria ele considerado pelo menos parcialmente culpado da morte de Miriam? Não seria o que diria Anne?

— Anne — interrompeu-a. Tinha de prepará-la, pensou. E precisava saber como ela reagiria. — Se alguém me acusasse de ter tido alguma participação na morte de Miriam, o que é que você... Você...

Ela parou e olhou. O mundo inteiro parecia ter interrompido a sua marcha, e o seu centro imóvel era ocupado pelos dois, ele e Anne.

— Participação? Como assim, Guy?

Alguém esbarrou nele. Estavam bem na passagem.

— Só isso. Se alguém me acusasse e pronto.

Ela parecia procurar as palavras.

— Se alguém me acusasse — continuou Guy. — Eu só queria saber. Se alguém me acusasse sem motivo. Não ia ter nenhuma consequência, ia? — Ainda se casaria com ele, era o que queria perguntar, mas não podia fazer uma pergunta tão deplorável, tão rastejante.

— Guy, por que você diz isso?

— Estou querendo saber, só isso!

Ela o puxou, de modo a que não atrapalhassem o fluxo de pessoas.

— Guy, alguém acusou você?

— Não! — negou. Sentia-se aflito e embaraçado. — Mas se alguém me acusasse, se alguém tentasse fazer o maior escarcéu a meu respeito...

Olhou-o com aquela expressão de surpresa, decepção e desconfiança que ele conhecia de outras ocasiões, quando, encolerizado ou ressentido, assumia atitudes que Anne não aprovava ou não compreendia.

— Você acha que alguém vai fazer isso? — perguntou ela.

— Só estou querendo saber! — Impacientava-se, e parecia uma pergunta tão simples!

— Nessas horas — disse ela tranquilamente — você me faz pensar que somos completamente estranhos um ao outro.

— Desculpe — murmurou ele.

Teve a sensação de que um tênue laço entre os dois fora cortado por ela.

— Você pede desculpas mas não pára de agir assim! — Olhou-o bem nos olhos. A voz não se alterou mas os olhos se encheram de lágrimas. — Como aquele dia no México. Você se deixou arrastar e fez aquele discurso contra Miriam. Não tenho nada com isso, mas não gosto, não sou esse tipo de pessoa! Quando você faz essas coisas, é como se eu não conhecesse nada de você.

Não amo você, é o que quer dizer, pensou Guy. Pareceu-lhe que ela acabava de entregar os pontos, pareceu-lhe que ela desistia de tentar conhecê-lo ou amá-

lo. Atônito, desesperado, Guy ficou ali parado, incapaz de um gesto ou de uma palavra.

— Mas já que você me perguntou, a resposta é sim — disse Anne. — Acho que faria muita diferença para mim se alguém acusasse você. Gostaria de lhe perguntar por que você acha que isso vai acontecer. Por quê?

— Não acho!

Ela se afastou, andou até a extremidade sem saída do passeio onde estavam e ficou parada, de cabeça baixa. Guy seguiu-a.

— Anne, você me conhece. Você me conhece melhor do que qualquer pessoa neste mundo. Não quero ter segredos para você. Fiquei pensando no assunto e lhe fiz a pergunta! — Sentiu-se como se tivesse acabado de fazer uma confissão, e o alívio que isso lhe trouxe o fez ter uma súbita certeza — equivalente à que tinha antes, de que Bruno escrevera a carta: a de que Bruno não a tinha escrito nem iria escrevê-la.

Num gesto rápido de indiferença, ela enxugou uma lágrima no canto do olho.

— Só quero uma coisa, Guy. Por favor, pare de esperar sempre o pior a respeito de tudo.

— Está bem. Claro, claro.

— Vamos voltar para o carro.

Passou o resto do dia com Anne. À noite jantaram na casa dela. Não chegou nenhuma carta de Bruno. Guy varreu essa possibilidade da cabeça, como alguém que supera uma crise.

Por volta de oito horas de segunda-feira, a Sra. McCausland foi chamá-lo. Era Anne ao telefone.

— Querido, acho que estou um pouco preocupada.

— Qual é o problema? — Bem sabia qual era o problema.

— Chegou uma carta hoje. É sobre aquilo de que você falou sábado.

— O que é, Anne?

— Sobre Miriam. É um bilhete datilografado. E não tem assinatura.

— O que é que diz? Leia para mim.

Anne leu com voz trêmula, mas com a boa dicção habitual:

> “Cara Srta. Faulkner. Talvez lhe interesse saber que Guy Haines tem mais a ver com o assassinato de sua esposa do que supõe a justiça até agora. Mas a verdade aparecerá. Achei que deveria estar informada, caso tenha planos de se casar com um indivíduo de personalidade tão ambígua. De resto, quem

lhe escreve esta sabe que Guy Haines não será um homem em liberdade por muito tempo mais". Assinado: "Um amigo".

Guy fechou os olhos.

— Meu Deus!

— Guy, você sabe quem pode ter escrito isso? *Guy*? Alô?

— Sim — disse ele.

— *Quem*?

Percebeu pela voz que ela estava apenas assustada, que acreditava nele e só estava com medo por causa dele.

— Não sei, Anne.

— Tem certeza, Guy? — perguntou, angustiada. — Você tem de descobrir. É preciso fazer alguma coisa.

— Não sei — repetiu Guy, enrugando a testa. Parecia haver um nó cego em sua cabeça.

— Não é possível que você não saiba. *Pense*, Guy. Algum inimigo, ou qualquer coisa assim...

— De onde é o carimbo?

— Agência Central. O papel é absolutamente comum. Impossível descobrir alguma coisa.

— Guarde-o para me mostrar.

— Claro, Guy. E não vou dizer nada a ninguém. Isto é, à família. — Pausa. — *Tem* de ser alguém conhecido, Guy. Sábado você estava suspeitando de alguém. Não?

— Não. — Sua garganta fechou-se. — Às vezes, sabe como é, as coisas acontecem exatamente quando temos medo que aconteçam. — Deu-se conta do empenho com que acobertava Bruno, como se Bruno fosse ele e ele, Guy, o culpado. — Quando vou vê-la, Anne? Posso aparecer hoje à noite?

— Bem, eu... tinha ficado de acompanhar mamãe e papai a um desses eventos beneficentes. Posso lhe mandar a carta pelo correio. Pela entrega rápida você a receberá amanhã de manhã.

E na manhã seguinte ela chegou, com outra remessa de planos e mais uma carta de Bruno, em cujo parágrafo final, entre advertências e demonstrações de afeto, ele mencionava a carta que mandara para Anne e prometia outras.

# 22

Guy sentou-se na beira da cama, cobriu o rosto com as mãos e depois abaixou-as lentamente. Acreditava que a noite é que distorcia seus pensamentos. A noite, a escuridão e a vigília. Mas a noite também tinha a sua verdade. A noite a verdade podia ser vista apenas de um determinado ângulo, mas a verdade era sempre uma só. Se contasse a história a Anne, não passaria ela a considerá-lo culpado, pelo menos em parte? Casar-se com ele? Como? Que espécie de bestialidade havia dentro dele capaz de permitir-lhe permanecer num quarto onde um fundo de gaveta escondia planos para um assassinato e o revólver com que executá-lo?

Sob a tênue luminosidade dos primeiros instantes do amanhecer, ele examinou o rosto no espelho. A boca descambava para a esquerda. Não parecia a sua boca. A tensão afinara os lábios cheios. Tentou manter os olhos em fixidez total. Por sobre semicírculos sem cor, os olhos devolveram-lhe o olhar, como se, empedernidos pelas acusações sistemáticas, se limitassem a contemplar o seu torturador.

Vestia-se e saía para dar uma volta ou tentava dormir? Pisava leve no tapete, maquinalmente evitando um ponto próximo à cadeira de braços, onde o soalho rangia. *Você deve pular esses degraus que rangem, apenas por medida de segurança,* dizia a carta de Bruno. *A porta do quarto de meu pai fica, como você sabe, à direita. Já verifiquei tudo e garanto que não há nenhuma possibilidade de complicações. Veja no mapa onde fica o quarto do mordomo (Herbert). Será o mais perto que você vai chegar de alguém. O chão do corredor range nos pontos que assinalei com um X...* Atirou-se na cama. *Aconteça o que acontecer, você não deve desfazer-se da Luger entre a casa e a estação ferroviária.* Decorara tudo, sabia qual era o som da porta da cozinha e a cor do tapete do corredor.

Se desse a outra pessoa a incumbência de matar seu pai, Guy teria nessas cartas provas mais do que suficientes para condenar Bruno. Poderia vingar-se de tudo o que Bruno lhe fizera. Mas bastaria a Bruno contra-atacar com suas mentiras e lá iria ele para a prisão pelo assassinato de Miriam. Não; seria apenas uma questão de tempo até que Bruno achasse alguém para fazer o serviço. Se pudesse suportar as ameaças de Bruno só por mais algum tempo, tudo estaria acabado e ele poderia dormir sossegado. E se por acaso aceitasse a proposta, pensou, não usaria a Luger, e sim seu pequeno revólver...

Guy pulou da cama, cheio de dor, raiva e medo pelo que acabara de passar por sua cabeça. O prédio da Shaw, disse a si mesmo, como se abrisse uma nova cena, como se pudesse saltar dos trilhos da noite para os do dia. *O prédio da Shaw. A grama cobre todo o terreno fronteiro até a escada de acesso. Há um caminho de cascalho, mas você não precisa pisar nele... Pule o quatro, pule o três, pise firme quando chegar. Não há erro possível.*

— Sr. Haines!

Guy sobressaltou-se e se cortou. Deixou de lado o barbeador e foi até a porta.

— Alô, Guy. Ainda não está pronto? — perguntou a voz, já indecente de manhã, e horrorosa depois daquela noite de horrores. — Quer mais alguns dados?

— Não me amole.

Bruno riu.

Guy desligou, trêmulo.

O estado de choque prolongou-se por todo o dia. Ele se sentia traumatizado e nervoso. Precisava desesperadamente ver Anne aquela noite, precisava desesperadamente viver de novo aquele momento em que a avistava do ponto onde haviam combinado encontrar-se. Mas ao mesmo tempo desejava ficar longe dela. Para cansar-se, fez uma longa caminhada pela rua que margeia o rio, mas mesmo assim dormiu mal e teve uma porção de sonhos desagradáveis. Tudo haveria de mudar, pensou Guy, quando o contrato com a Shaw fosse assinado, quando por fim pudesse prosseguir em seu trabalho.

Douglas Frear, da Companhia Imobiliária Shaw, telefonou na manhã seguinte, como combinara.

— Sr. Haines — disse vagarosamente a voz fanhosa — recebemos uma estranha carta a seu respeito.

— O quê? Que carta?

— É sobre a sua esposa. Eu não sabia... Posso lê-la?

— Por favor.

> “A quem possa interessar: Com toda a certeza será de seu interesse tomar conhecimento de que Guy Daniel Haines, cuja esposa foi assassinada em junho último, está mais envolvido no caso do que supõe a justiça. Quem escreve essas palavras o faz com conhecimento de causa, e sabe também que o caso será reaberto brevemente, ocasião em que sua participação no crime ficará realmente esclarecida”.

— Estou certo de que se trata de uma carta escrita por algum excêntrico, Sr. Haines. Achei apenas que devia informá-lo.

— Claro. — Em seu canto, Myers trabalhava sobre sua prancheta com a tranquilidade habitual.

— Creio ter ouvido falar da... aaaa... tragédia, ano passado. Não há possibilidade de o caso ser reaberto, pois não?

— Certamente que não. Enfim, não ouvi nada a respeito. — Guy amaldiçoou sua própria confusão mental. O Sr. Frear queria apenas saber se ele estava disponível para começar a trabalhar.

— Desculpe-nos, Sr. Haines, por ainda não nos termos decidido com relação ao contrato.

A Companhia Imobiliária Shaw esperou até a manhã seguinte para comunicar-lhe que seu anteprojeto não era inteiramente satisfatório. Davam na verdade preferência ao trabalho de um outro arquiteto.

Guy ficou a cismar como teria Bruno descoberto o endereço. Mas havia uma infinidade de maneiras. Podia ter sido através dos jornais — Bruno mantinha-se sempre bem informado sobre as novidades na área da arquitetura — ou então telefonara quando ele estava ausente do escritório e conseguira a informação de Myers. Guy olhou para Myers novamente e ficou imaginando se alguma vez ele teria falado com Bruno pelo telefone. Havia algo de sobrenatural na hipótese.

Já que perdera o projeto, começou a raciocinar em termos do que deixaria de fazer a partir desse fato. Não teria o dinheiro extra com o qual contava para o verão. Nem o prestígio, o prestígio com a família Faulkner. Só não lhe passou pela cabeça — embora se tratasse de um motivo tão determinante quanto os outros para a sua aflição — a frustração que significaria para ele ver perder-se uma oportunidade de criar.

Quando chegasse a hora, Bruno informaria o cliente seguinte, e depois outro e mais outro. Era uma das ameaças que fizera, arruinar sua carreira. E sua vida com Anne? Sentiu uma pontada de dor ao pensar nela. Alguma coisa estava acontecendo na relação dos dois, mas não sabia exatamente o quê. Achava que

Bruno estava destruindo sua disponibilidade para o amor. As menores coisas aguçavam sua ansiedade, da perda de seu melhor par de sapatos, por ter esquecido em que loja o deixara para consertar, à casa de Alton, que já parecia ultrapassar suas possibilidades, deixando-o em dúvida sobre se conseguiria saldar os compromissos.

No escritório, Myers fazia o trabalho de rotina, selecionando ofertas de trabalho, e o telefone de Guy nunca tocava. Um dia Guy achou que mesmo Bruno não ligava porque sua intenção era deixá-lo a remoer e remoer os acontecimentos até poder ser bem-vindo quando fosse outra vez ouvido. Amargurado, Guy desceu no meio do dia e ficou bebendo martinis num bar da Avenida Madison. Combinara almoçar com Anne, mas ela telefonara desmarcando, já nem se lembrava por quê. Não que tivesse parecido fria, mas achava que ela não apresentara nenhum bom motivo para deixar de almoçar com ele. Com certeza não dissera que precisava sair para fazer alguma compra para a casa, do contrário ele se lembraria. Será que se lembraria? Será que ela se vingava por ter ele deixado de cumprir sua promessa de ir jantar com a família dela no domingo passado? Naquele dia sentia-se muito cansado e deprimido para ver quem quer que fosse. Uma disputa não declarada parecia desenrolar-se entre ele e Anne. Sentia-se muito por baixo ultimamente, para impor sua presença a ela, e ela, por sua vez, dizia-se sempre ocupada quando ele propunha um encontro. Estava ocupada com os arranjos para a casa e ocupada em suas disputas com ele. Não fazia nenhum sentido. Nada fazia sentido, menos livrar-se de Bruno. E nenhum modo de tornar isso possível fazia sentido. E o que pudesse acontecer num tribunal tampouco faria sentido.

Acendeu um cigarro e reparou que já tinha um aceso. Fumou os dois, debruçado sobre a mesa preta e reluzente. Uma mão parecia o espelho da outra, cada qual com o seu cigarro. O que fazia ali à 1:15 da tarde, já meio grogue, no terceiro martini, cada vez mais incapaz de voltar para o trabalho, fingindo que não tinha nada para fazer? Guy Haines, que amava Anne, que construíra o Palmyra Club. Não tinha sequer a coragem de virar o martini. Areia movediça. E se se deixasse afundar? Se matasse por Bruno? Seria muito simples, como Bruno dizia, quando não houvesse ninguém na casa, a não ser o pai e o mordomo. E Guy conhecia a casa melhor do que a sua própria em Metcalf. Poderia também deixar pistas para incriminar Bruno: deixar a Luger no quarto, por exemplo. Aquela pareceu-lhe uma situação concreta, a única. Fechou os punhos ao pensar em Bruno, mas a visão das impotentes mãos fechadas sobre a mesa o fez sentir vergonha. Não podia deixar que seus pensamentos escorregassem de novo para esse terreno. Aquilo era exatamente o que Bruno queria que ele fizesse.

Umedeceu o lenço no copo d’água e passou-o no rosto. Um corte que fizera ao barbear-se doeu-lhe. Olhou-se no espelho ao lado. Começara a sangrar — era pouco mais do que um ponto vermelho bem ao lado da pequena cova que tinha no queixo. Teve vontade de mandar a mão no queixo refletido no espelho. Pôs-se de pé num salto e foi pagar a conta.

Aprendeu, porém, o caminho do bar. Nas noites em que não conseguia dormir, encenava mentalmente o assassinato e aquilo o dopava como uma droga. Para ele, não tinha a significação de um homicídio. Era, sim, um ato que representava para livrar-se de Bruno, um golpe de cutelo para extirpar um tumor maligno. À noite o pai de Bruno deixava de ser uma pessoa e se tornava um objeto, assim como ele deixava igualmente de ser uma pessoa para tornar-se uma força. Para ele era uma catarse encenar este ato, deixando a Luger no quarto, e acompanhar a trajetória de Bruno para a condenação e a morte.

Bruno mandou-lhe uma carteira de crocodilo, com as pontas de ouro e, dentro, suas iniciais, G.D.H. “Achei que isso se parecia com você, Guy”, dizia um bilhete colocado dentro da carteira. “Por favor, não torne as coisas difíceis. Tenho grande simpatia por você. Seu, Bruno”. Guy quase atirou-a numa cesta de lixo na rua, mas enfiou-a no bolso. Não gostava de jogar fora um objeto bonito. Mais tarde pensaria no que fazer com ela.

Nessa mesma manhã Guy dispensou um convite para falar num debate radiofônico. Sabia perfeitamente que não estava em condições de trabalhar. Por que, aliás, continuava a ir ao escritório? Adoraria passar o dia inteiro embriagado e especialmente a noite. Ficava a olhar sua mão segurando e batendo o compasso fechado em cima da prancheta. Certa vez alguém lhe dissera que suas mãos pareciam as de um monge. Tim o’Flaherty, em Chicago. Um dia tinham ficado a comer espaguete no apartamento de subsolo de Tim, conversando sobre Le Corbusier e a eloquência verbal que parecia um dom inato dos arquitetos, uma habilidade suplementar da profissão, e ainda bem, porque estavam sempre a fazer defesas orais de suas próprias ideias. Mas tudo, naquela época, era diferente, e mais viável, apesar dos castigos que Miriam lhe infligia, no fundo um estímulo para lutar e superar as dificuldades. Batia o compasso sem parar sobre a prancheta, deixando os dedos deslizarem até embaixo e virando-o, até que por fim achou que o barulho poderia incomodar Myers e parou.

— Sai dessa, Guy — disse Myers, solidário.

— Não se trata de nada que possa ser eliminado com um estalar de dedos. Ou você arrebenta ou você não arrebenta — retrucou Guy num tom monocórdico. E acrescentou, como que levado por um impulso: — Não estou precisando de conselhos, Myers. Obrigado.

— Escute aqui, Guy... — Myers levantou-se calmamente, sorrindo. Mas não chegou a dar mais do que dois passos.

Guy apanhou seu casaco no cabide junto à porta.

— Desculpe. Deixe pra lá.

— Conheço esse tipo de problema. É a síndrome pré-nupcial. Já passei por isso também. Que tal se déssemos uma descida e tomássemos um drinque?

A familiaridade com que Myers se dirigiu a ele despertou em Guy um tipo de dignidade de que nunca tivera consciência até então. Não podia suportar a visão do rosto imperturbável e frívolo de Myers, sua fátua banalidade.

— Obrigado — disse ele. — Realmente não estou com disposição para isso. — Ao sair fechou a porta suavemente.

# 23

Guy tornou a olhar para a carreira de prédios do outro lado da rua, certo de que vira Bruno. Arderam-lhe os olhos no esforço de discernir alguma coisa à luz mortiça do cair da noite. Tinha certeza de que o vira junto ao portão preto de ferro, mas ali ele *não* estava. Guy voltou-se e subiu a escada de seu edifício. Estava com as entradas para uma ópera de Verdi à noite. Marcara com Anne às oito e meia no teatro. Não tinha vontade de ver Anne hoje, sofrer a animação dela e exaurir-se a fingir que se sentia melhor do que na verdade se sentia. Ela se preocupava com a sua insônia. Não lhe dizia muita coisa, mas o pouco que dizia o incomodava. Quanto a ele, acima de tudo não tinha vontade de ouvir Verdi. O que o acometera para levá-lo a comprar entradas para uma ópera de Verdi? Sua intenção fora agradar Anne, mas ela não gostava tanto assim desse tipo de espetáculo. Não havia algo de insensato em comprar entradas para uma coisa de que nenhum dos dois gostava muito?

A Sra. McCausland lhe entregou um número para o qual deveria telefonar. Achou que devia ser o número de uma das tias de Anne. Torceu para que Anne não pudesse sair à noite.

— Guy, não sei como é que vou fazer — disse Anne. — As duas pessoas que tia Julie queria que eu conhecesse só vão poder aparecer depois do jantar.

— Está certo.

— E eu não vou poder escapar.

— Não tem problema nenhum.

— Mas estou com pena. Sabe que não vejo você desde sábado?

Guy mordeu a ponta da língua. A aversão que andava sentindo pelo interesse dela, por sua preocupação com ele, até mesmo pelo som claro e acariciante de sua voz, outrora tão gratificantes — tudo o levava a crer que não a amava mais.

— Por que você não convida a Sra. McCausland? Seria simpático.
— Anne, não tem a menor importância.
— Você não recebeu mais nenhuma carta, Guy?
— Não. — Era a terceira vez que ela perguntava!
— Amo você, de verdade. Não vai esquecer, vai?
— Não, Anne.

Subiu correndo para o quarto, pendurou o casaco, lavou-se, penteou os cabelos e em seguida não havia mais nada a fazer, e ele desejou estar com Anne. Precisava mortalmente estar com ela. Como podia ter sido louco a ponto de pensar que não queria vê-la? Inspecionou os bolsos à procura do número anotado pela Sra. McCausland e correu lá embaixo. Examinou o chão do corredor, mas o papelucho se evaporara, como se alguém o tivesse subtraído com o propósito explícito de contrariá-lo. Espreitou pelo vidro pintado da porta da frente. Bruno, pensou, Bruno pegou o papel.

Os Faulkner deviam saber o número da tia. Ia vê-la, passaria a noite com ela, ainda que aquilo significasse passar a noite também com a tia Julie. O telefone da casa de Long Island chamava, chamava, ninguém atendia. Ainda tentou lembrar-se do sobrenome da tia, mas não conseguiu.

O quarto parecia ocupado por um palpável silêncio cheio de suspense. Olhou as estantes baixas que instalara ao longo das paredes e, enganchada no alto, a avenca que a Sra. McCausland lhe presenteara, viu a cadeira de pelúcia vermelha ao pé do abajur e, em cima da cama, seu bosquejo em preto e branco, que intitulara "*Zoo Imaginário*". A kitchenette ficava oculta atrás de uma cortina de tecido grosso. Puxou-a mecanicamente para olhar lá dentro. Tinha uma forte impressão de que alguém estava à sua espera dentro de seu próprio quarto, embora não se sentisse nem um pouco amedrontado. Pegou o jornal e pôs-se a lê-lo.

Instantes depois estava num bar tomando o segundo martini. Tinha de dormir, era o que se dizia, ainda que para isso fosse preciso beber sozinho. Achava lamentável beber sozinho. Foi até Times Square, cortou o cabelo e, no caminho de volta para casa, comprou um litro de leite e dois jornais do dia. Depois de escrever uma carta para a mãe, planejou, tomaria um pouco de leite, leria os jornais e iria para a cama. Ou quem sabe até acharia no chão o papel com o telefone de onde Anne estava. Mas não achou.

Por volta das duas da manhã levantou-se da cama e andou pelo quarto, sentindo fome mas não disposição para comer. Ainda semana passada, lembrou-se, houve uma noite em que abriu uma lata de sardinhas e usou uma faca para devorá-las. A noite era uma hora propícia para investigar afinidades ancestrais, para mergulhar no íntimo da própria pessoa. Puxou um bloco de uma prateleira e

virou ávido as suas páginas. Era o primeiro bloco de desenhos que fizera em Nova York, datado de quando tinha vinte e dois anos. Nele havia desenhado de tudo — o edifício da Chrysler, a Clínica Psiquiátrica Payne Whitney, barcaças no rio, operários montados em britadeiras elétricas a morder a pedra. Os prédios da Radio City faziam parte de uma série. Fizera anotações à margem dos desenhos, numa outra página desenhara o mesmo prédio com as modificações que faria, e em outra ainda rabiscara um conjunto inteiramente diverso, segundo sua própria concepção. O caderno era bom demais, por isso fechou-o depressa, duvidando de que atualmente fosse capaz de fazer algo assim. O Palmyra parecia ter sido o último jorro da feliz e generosa energia de sua juventude. O soluço que vinha tentando reprimir pressionou-lhe o peito. Deitou-se à espera do seguinte, para cortá-lo.

Acordou sentindo a presença de Bruno no escuro, embora não tivesse ouvido nada. Passado o ligeiro susto provocado pela aparição súbita, não persistia nele qualquer surpresa. Como imaginara em outras noites, sentia-se efetivamente feliz por Bruno ter vindo. Era realmente Bruno? Era. Por sobre a secretária, Guy viu brilhar o seu cigarro.

— Bruno?

— Oi — disse Bruno num sussurro. — Consegui uma chave-mestra. Você agora está pronto, não está? — Bruno falava com voz calma e cansada.

Guy apoiou-se sobre um cotovelo. Sem dúvida era Bruno. Lá estava a ponta alaranjada de seu cigarro.

— Sim, estou — disse Guy, com a sensação de que as trevas tragavam o seu sim de modo diferente das noites anteriores, quando a boca não chegara a dizer o sim que estava dentro dele. Tão rapidamente desfez-se o nó em sua cabeça que chegou a doer. Era tudo o que vinha esperando dizer e tudo o que o silêncio do quarto há tanto tempo esperava ouvir. Tanto quanto as bestas cativas entre aquelas quatro paredes.

Bruno sentou-se na cama e segurou-o pelos braços.

— Guy, nunca mais vou vê-lo.

— Não. — Bruno cheirava abominavelmente a cigarro, brilhantina e bafo de bebida, mas Guy não recuou. A sensação do nó desfeito em sua cabeça ainda o inebriava.

— Tentei ser legal com ele esses dois últimos dias — disse Bruno. — Legal, não, mas correto. Hoje à noite ele disse uma coisa a minha mãe, pouco antes de sairmos...

— Não quero ouvir! — exclamou Guy. Que vez em quando era obrigado a interromper Bruno porque não queria saber o que seu pai dissera ou que aparência tinha. Não queria saber nada a respeito dele.

Permaneceram em silêncio por alguns instantes, Guy porque não pretendia dar satisfações, Bruno porque fora silenciado. Bruno produziu um desagradável ronco ao fungar.

— Vamos para o Maine amanhã, por volta de meio-dia. Minha mãe, eu e o chofer. Amanhã à noite é uma boa ocasião, mas qualquer noite serve, menos quinta-feira. A qualquer hora a partir das onze...

Continuou a falar, repetindo o que Guy já sabia, mas Guy não o interrompeu porque sabia que ia entrar na casa e tudo se concretizaria.

— Quebrei a tranca ao bater a porta dos fundos há dois dias, de porre. Não vão se dar ao trabalho de consertá-la. Mas se consertarem... — Colocou uma chave na mão de Guy. — Também trouxe isso.

— O que é isso?

— Luvas. São de mulher, mas esticam bem — Bruno riu.

Guy examinou as luvas de algodão muito fino.

— Você está com o revólver, não? Onde está?

— Na gaveta de baixo.

Guy ouviu-o esbarrar no móvel e o som da gaveta sendo aberta. O interruptor do abajur fez clique, a luz se acendeu e lá estava Bruno, enorme no seu casaco claro, quase branco, calças pretas com uma listinha branca fina. Um cachenê de seda branca descia do pescoço até bem embaixo. Dos pequenos sapatos marrons ao oleoso cabelo escorrido, Guy perscrutou-o, como se em seu aspecto físico pudesse detectar o que teria causado a mudança de seus sentimentos, ou que natureza tinham de fato seus sentimentos. Havia familiaridade e algo mais, fraternidade, possivelmente. Bruno fechou a tranca de segurança do revólver e voltou-se para ele. Seu rosto parecia mais grave e também mais exuberante do que da última vez que o vira, e mais vivo do que nunca. As lágrimas pareciam aumentar seus olhos cinzentos e dar-lhes brilho dourado. Olhou para Guy como se estivesse à procura de palavras, ou então como se lhe implorasse que as achasse. Umedeceu os finos lábios entreabertos, balançou a cabeça e estendeu o braço para alcançar o interruptor do abajur. A luz se apagou.

Já se fora, mas não parecia que saíra. Na quietude do quarto e do sono, ali estavam os dois.

Guy acordou com um clarão no quarto. Pelo relógio, 3:25. Imaginava, mais do que se lembrava, que se levantara de manhã para atender ao telefone. Myers chamara para saber por que não viera, e ele respondera que não se sentia bem. Que se dane Myers. Ficou estendido a piscar os olhos, tentando afugentar o sono

e deixando que a parte pensante de seu cérebro filtrasse a informação de que naquela noite ele faria aquilo finalmente e tudo estaria terminado. Levantou-se e cumpriu sua rotina de barbear-se, tomar banho e vestir-se, consciente de que nada do que fizesse até a faixa entre onze e meia-noite teria qualquer importância. Não havia por que apressar ou retardar aquela hora. Bastava que a deixasse chegar. Sentia que sua rota estava definida e não seria agora capaz de afastar-se dela, ainda que o desejasse.

No meio do tardio desjejum num bar da esquina, aterrou-o a sensação de que da última vez que vira Anne lhe dissera tudo o que ia fazer e ela o ouvira docemente, pois devia fazê-lo para o seu próprio bem, porque era absolutamente imperioso que ele fizesse o que ia fazer. Parecia tudo tão natural e inevitável que todo mundo devia tomar conhecimento disso, desde o desconhecido sentado a seu lado, comendo sem prestar atenção no que acontecia em volta, à Sra. McCausland a varrer o corredor enquanto ele saía, a dar-lhe um sorriso especialmente maternal e a lhe perguntar se se sentia bem. 12 de março, sexta-feira, anunciava a folhinha na parede do bar. Guy ficou algum tempo olhando a data e terminou a refeição.

Queria manter-se em movimento. Subiu a Avenida Madison, entrou na Quinta e andou até o Central Park, desceu a Central Park Oeste até a Estação Pensilvânia e nessa altura achou que era a hora de pegar o trem para Great Neck. Começou a repassar seu plano de ação, mas aquilo o aborreceu como no tempo em que estava no colégio e estudava demais para alguma prova, e desistiu. Numa vitrine da Avenida Madison chamaram-lhe a atenção os barômetros expostos. Pensou nas futuras férias, durante as quais poderia divertir-se com eles. O veleiro de Anne, ocorreu-lhe, não tinha barômetros tão belos como aqueles, do contrário teria notado. Haveria de comprar um deles antes da viagem de lua de mel, quando fossem ao sul. Pensou no seu amor como um bem precioso. Já chegara à ponta norte do Central Park quando se deu conta de que não trouxera a arma. Nem as luvas. E faltavam quinze para as oito. Que começo ridículo! Parou um táxi e pediu ao motorista que corresse até sua casa.

Afinal de contas ainda tinha muito tempo, tanto que se pôs a andar para lá e para cá no quarto. Deveria usar sapatos de sola de borracha? Chapéu? Apanhou a Luger na gaveta de baixo e colocou-a em cima da mesa. Sob o revólver havia apenas um plano de Bruno, e ele o abriu, mas pareceu-lhe tão conhecido em seus mínimos detalhes que o atirou na cesta de papéis. Os gestos tornaram-se de novo calculados. Tirou as luvas de algodão púrpura da mesinha ao pé da cama. Um cartãozinho amarelo voejou. Era uma passagem para Great Neck.

Contemplou a Luger preta, e mais do que nunca ela o chocou com suas dimensões enormes. Que estupidez alguém ter inventado uma arma tão grande!

Apanhou o seu revólverzinho na gaveta. O cabo de madrepérola coruscou em sua discreta beleza. O elegante cano curto sugeria força e determinação, uma força cavalheiresca e discreta. Mas não podia esquecer-se de que o plano era deixar no quarto a Luger, a arma de Bruno. Contudo, naquele momento não lhe pareceu valer a pena carregar a pesada arma só por causa disso. Deixara na verdade de ter qualquer sentimento inamistoso em relação a Bruno, e era isso que achava estranho.

Sentiu-se inteiramente desorientado por um momento. Claro que devia levar a Luger, a Luger fazia parte do plano! Colocou-a no bolso do sobretudo. Pegou as luvas em cima da mesa. As luvas eram púrpura e a bolsa do revólver, lilás. A combinação das cores o levou à conclusão de que seria melhor levar o seu próprio revólver. Colocou a Luger de volta na gaveta e o pequeno revólver no bolso. Não verificou se ainda faltava alguma coisa porque simplesmente sabia que já fizera tudo, depois de conviver por tanto tempo com os planos de Bruno. Por fim pegou um copo d'água e regou a avenca. Uma xícara de café o deixaria mais alerta, pensou. Tomaria uma na estação de Great Neck.

No trem, um homem deu-lhe um esbarrão, num momento em que seus nervos o levavam a uma exasperação crescente e a imaginar que a qualquer instante alguma coisa ia acontecer, e uma rajada de palavras armou-se em sua cabeça pronta a sair pela boca: *Isso que eu tenho no bolso não é um revólver. Nunca o considerei um revólver. Não o comprei porque se tratasse de um revólver.* E logo se acalmou, pois sabia que era com ele que ia matar. Parecia-se com Bruno. Não era o que sempre sentira mas, covardemente, nunca admitira? Então não sabia que Bruno era igual a ele? Por que, nesse caso, gostara de Bruno? Gostava efetivamente de Bruno. Bruno preparara-lhe o caminho em seus mínimos detalhes, e tudo haveria de correr bem porque tudo sempre corria bem para Bruno. O mundo fora feito para pessoas como Bruno.

Chuviscava quando saltou do trem. Foi direto para os ônibus parados em fila que Bruno mencionara. Pela janela aberta entrava o ar fresco dos cheiros do campo e mais frio que o de Nova York. O ônibus deixou o iluminado centro comercial e tomou uma estrada margeada de casas de ambos os lados. Lembrou que não tinha parado para tomar café na estação. O esquecimento deixou-o num estado de irritação de tal ordem que quase o fez descer e voltar atrás para tomar o café. Toda a diferença podia estar numa xícara de café. Sua vida, sim! Mas na parada da Rua Grant levantou-se automaticamente, e a sensação de obedecer a um roteiro preestabelecido recolocou as coisas no lugar.

Seus passos produziam sons elásticos na umidade do chão enlameado. Viu, adiante, uma mocinha que subia os degraus fronteiros de uma casa. Um som pacífico e acolhedor permaneceu no ar depois que ela fechou e desapareceu por

trás da porta. Lá estava o terreno abandonado com a árvore solitária, e à esquerda a escuridão e o matagal. O poste de iluminação pública que Bruno incluíra em todos os seus mapas também surgiu, a luz azulada envolta numa aura dourada. Um carro se aproximou devagar, os faróis girando como olhos esgazeados sobre o calçamento irregular, e seguiu em frente.

Avistou-a de repente, e foi como se o pano subisse para revelar uma cena já vista: o extenso muro branco de dois metros de altura na frente da casa e, a intervalos, uma ou outra cerejeira a mostrar-se; mais para trás, o triângulo branco do topo da casa. O canil. Atravessou a rua. Da rua chegou-lhe o ruído de passos lentos. Encostou-se a um canto escuro da parede, esperando que algum vulto se tornasse visível. Era um policial caminhando com as mãos às costas a segurar um cassetete. A aparição não deixou Guy nem um pouco alarmado, sequer, pensou, por se tratar de um policial. Quando o policial desapareceu, Guy contou quinze passos ao longo do muro, deu um salto, agarrou-se e escalou-o com a ajuda dos pés. Embaixo, quase no ponto em que se achava, divisou o engradado de leite que Bruno dissera ter posto junto ao muro. Abaixou-se tentando ver a casa por entre os galhos da cerejeira. Via duas das cinco grandes janelas do primeiro andar e uma parte do retângulo da piscina. Nenhuma luz. Pulou.

Agora tinha uma visão parcial dos seis degraus brancos dos fundos e podia ver também o contorno indefinido das copas dos cornisos que circundavam toda a casa. Tal como supunha pelos desenhos de Bruno, a casa era demasiado pequena para a quantidade de frontões que apresentava, uma exigência do cliente, sem dúvida alguma. Pôs-se em movimento, ao longo do muro, do lado de dentro, até assustar-se com o barulho de gravetos. *Pegue uma diagonal através do gramado*, recomendara Bruno, e o motivo eram aqueles gravetos.

A caminho da casa teve o chapéu arrancado pelo galho de uma árvore. Enfiou-o como pôde num dos bolsos do sobretudo e apalpou a chave em outro. Quando colocara as luvas? Respirou fundo e percorreu o gramado um pouco mais do que andando e um pouco menos do que correndo, lépido e ágil como um gato. Já fiz tantas vezes esse percurso, considerou. Essa é apenas mais uma vez que o faço. Deteve-se onde terminava a grama, viu sua conhecida garagem à qual levava o caminho de cascalho e subiu os seis degraus até a porta dos fundos. A porta se abriu pesada mas suavemente e ele segurou a maçaneta do outro lado. A fechadura Yale da segunda porta ofereceu resistência e um momento de perplexidade o paralisou antes que a forçasse e ela cedesse. Na mesa da cozinha, à esquerda, ouviu um relógio. Sabia que havia ali uma mesa, embora só pudesse ver escuridão e dentro dela formas menos densas de escuridão, como o grande fogão branco, a mesa e as cadeiras para uso dos empregados, os armários. Encaminhou-se para a escada de trás, contando cada

um de seus passos. *A escada principal poderia ser utilizada, mas o problema é que ela range de alto a baixo.* Pisava com todo cuidado e quase não respirava. Abria os olhos o quanto podia e calculou que passava pela despensa, na verdade invisível para ele. Sentiu um princípio de pânico ao pensar, subitamente, que devia estar parecendo um sonâmbulo ensandecido.

*Conte doze degraus, mas pule o número sete. Depois da curva, mais dois pequenos lances... Pule o quatro, pule o três, pise firme quando chegar. Não há erro possível.* Pulou o quarto degrau no primeiro lance. Antes do último lance, uma janela redonda. Guy relembrou as palavras de um ensaio: O modelo de construção de uma casa determina a própria atividade dos que irão habitá-la... Deve a criança parar por um instante à janela e olhar a vista antes de subir quinze degraus a caminho de seu quarto de brinquedo? A três metros, à esquerda, a porta do quarto do mordomo. *O mais perto que você vai chegar de alguém*, dizia Bruno num crescendo, à medida que ultrapassava a porta.

O assoalho gemeu muito de leve e na mesma hora Guy interrompeu seus movimentos. Depois de uma pausa, testou as cercanias do ponto pouco firme. Com todo o cuidado, a mão fechou-se sobre a maçaneta da porta, no corredor. Ao girá-la, ouviu mais alto o tique-taque do relógio no patamar da escada principal. Deu-se conta de que há vários segundos ouvia aquele tique-taque. Alguém suspirou.

Alguém suspirou na escada principal!

Um carrilhão tocou. A maçaneta matraqueou e ele teve a impressão de que quase a partiu, tão fortemente a apertou. *Três. Quatro.* Feche a porta antes que o mordomo ouça alguma coisa! Era por isso que Bruno dissera entre onze e meia-noite? Miserável! E não tinha trazido a Luger! A porta fez bam-bam quando Guy a fechou. Ele suava, sentindo no rosto o calor que subia da gola de seu sobretudo. O relógio trabalhava sempre.

Deteve-se a escutar, mas o tique-taque do relógio era o único som a quebrar o silêncio. Abriu a porta que dava para o corredor principal. *A porta do quarto de meu pai fica logo à direita.* Trilhava de novo os caminhos preestabelecidos. Parado a olhar para a porta do quarto do pai de Bruno, tinha a nítida sensação de já ter estado naquele corredor vazio, com seu tapete cinza, as paredes creme, a mesa de mármore no topo da escada. O corredor tinha o seu próprio cheiro, e até esse cheiro lhe parecia familiar. Sentiu uma coceira nas têmporas. Teve a súbita certeza de que o velho estava parado em pé, atrás da porta, à sua espera e prendendo a respiração como ele mesmo fazia. Guy manteve por tanto tempo suspensa a sua respiração que, calculou, o velho já estaria morto se tivesse feito o mesmo. Que tolice! Abra a porta!

Segurou a maçaneta com a mão esquerda enquanto a direita procurava automaticamente o revólver no bolso. Comportava-se como uma máquina. Sentia-se invulnerável e acima de qualquer perigo. Estivera ali muitas e muitas vezes, matara-o muitas vezes, aquela era apenas mais uma. Olhou através da estreitíssima frincha que a porta mostrou ao começar a abrir-se. Imobilizou-se até passar a vertigem que sentiu ao deparar com o que lhe pareceu um espaço infinito a abrir-se a seus pés. E se não conseguisse vê-lo? Digamos que o velho o visse primeiro. *A lâmpada que fica acesa na varanda da frente ilumina um pouco o quarto,* mas a cama ficava num canto afastado, mais escuro. Abriu mais a porta, parou, ouvidos atentos, e entrou, talvez depressa demais. O quarto estava silencioso e tranquilo. Na escuridão, a cama era um grande objeto de contornos imprecisos, com uma faixa um pouco mais iluminada na parte de cima. Fechou a porta, *o vento pode bater a porta*, e fixou o olhar no canto escuro.

O revólver já estava em sua mão, apontado para a cama, onde, por mais que olhasse, não conseguia ver ninguém.

Por cima do ombro direito viu a janela. Entreaberta, embora Bruno tivesse garantido que estaria *completamente* aberta. Era por causa da chuva. Concentrou-se a olhar para a cama e, com um arrepio, distinguiu a forma de uma cabeça junto à parede. Enviesada, parecia, pela posição que ocupava, estar voltada para ele numa expressão de gaiato desdém. O rosto estava mais à sombra do que os cabelos no travesseiro. Como seus olhos, o revólver mirava aquela cabeça.

O tiro, porém, devia ser dado no peito. O revólver apontou obediente para o peito. Guy deslizou para mais perto da cama e tornou a olhar para a janela atrás dele. Não se ouvia nenhum som de respiração. Nem parecia que o homem estava vivo. Era o que planejara pensar naquele momento: o vulto era apenas um alvo. E como não conhecia o seu alvo, aquilo equivalia a matar na guerra. O que foi isso?

— Ha ha ha! — ouvira pela janela.

Guy estremeceu e também o revólver em sua mão.

Viera de um ponto distante. Era o riso de uma moça, distante mas claro e direto como um tiro. Guy umedeceu os lábios. Aquele riso humano e vivo ocupou por um momento todo o espaço da cena e só pouco a pouco ele preencheu o vácuo em que ficara flutuando com o pensamento de que se achava ali para matar. Aconteceu entre uma e outra batida do coração. Vida. A mocinha andando na rua. A seu lado, um rapaz, talvez. E o homem adormecido na cama. Vivendo. Não, não pense! Você vai fazer isso por Anne, não se esqueça. Por Anne e por você mesmo! É como matar na guerra, é como matar...

Apertou o gatilho. Tudo o que aconteceu foi um clique. Apertou de novo, e outro clique. Era uma farsa! Era tudo falso, nada daquilo estava acontecendo! Mesmo o estar ele ali era mentira! Tornou a apertar o gatilho.

Um estrondo abalou o quarto. Numa reação automática de pânico, seus dedos se fecharam outra vez. A própria crosta terrestre pareceu fender-se com o fragor que se ouviu.

— Agh! — disse o vulto na cama. O rosto em sombras se mexeu e o corpo do homem se tornou visível na linha entre a cabeça e os ombros.

Guy estava agora na varanda, caindo. Teve a sensação de que despertava caindo da cama, ao fim de um pesadelo. Agarrou-se ao ferro de sustentação de um toldo e caiu mais uma vez. Flexionou as pernas e apoiou-se nas mãos. Saltou o parapeito da varanda de baixo, margeou a casa a correr e atravessou o gramado na direção do engradado de leite. A grama dificultava sua progressão, apesar de todo o esforço que fazia para correr mais depressa. Pois é, pensou, é assim que são as coisas, é assim que a vida é, como o riso que ouvira lá de cima. A verdade é que a vida parece um pesadelo em que a pessoa está paralisada, sem escapatória possível.

— Ei! — gritou uma voz.

O mordomo estava em seu encalço, como previra. Pareceu-lhe que estava bem atrás dele. O pesadelo!

— Ei, você!

Guy se deteve sob as cerejeiras, preparando o punho. O mordomo não estava tão perto. Vinha ainda longe mas já o vira. O pijama branco esvoaçava numa corrida alucinada, cada vez mais próximo. Guy ficou à espera, imóvel.

— Ei!

Guy desfechou-lhe um soco bem no queixo e a figura fantasmal desmontou no chão.

Guy escalou o muro.

A escuridão se tornava cada vez mais densa à sua volta. Ele se esquivou de um arbusto, saltou o que lhe pareceu ser uma poça d’água e correu. Quando deu por si estava estendido de cara no chão, sentindo uma dor a irradiar-se por todo o corpo e como que a enraizá-lo à terra. Um violento tremor sacudia seu corpo e ocorreu-lhe canalizar aquela energia desordenada para o esforço de correr. Não era aquela a direção que Bruno lhe recomendara tomar, mas ele se sentia incapaz de mover-se. *Você pega a estrada de terra (não tem iluminação), partindo do lado sul da casa, e segue em frente através de duas ruas maiores até chegar à Rua Columbia, e então continua andando para a direita...* Para pegar o ônibus que o levaria a uma outra estação ferroviária. Nenhum problema para Bruno botar no papel as drogas das instruções. Canalha! Já sabia onde tinha vindo parar

— no descampado a oeste da casa, que não estava, previsto em nenhum dos planos! Olhou para trás. Para onde ficava o norte? E o que acontecera com a luz da rua? No escuro ia ser difícil achar a pequena estrada de terra. Não conseguia sequer descobrir se a casa estava atrás ou à sua esquerda. Uma dor de origem misteriosa fazia latejar seu antebraço direito, aguda a ponto de quase permitir-lhe vê-lo pulsar na escuridão.

A explosão dos tiros parecia tê-lo estilhaçado por dentro. Sentia-se agora incapaz de reunir a energia necessária para se mexer de novo, e pouco estava ligando. Lembrava-se de ter sido atingido num jogo de futebol no colégio. Ficara deitado, cara no chão, como agora, emudecido pela dor. Sua mão trêmula esfolara-se na ponta de uma pedra. Mordeu o lábio e seus pensamentos continuaram a vaguear — como acontece quando as pessoas acordam exaustas de manhã e ainda não despertaram de todo —, levando-o lentamente à evidência de que precisava de qualquer maneira sair dali em seguida, porque não estava em segurança. Estava muito perto da casa. De repente ergueu-se em seus braços e pernas, como que movido por um inesperado jorro de energia e continuou a correr pelo descampado.

Um som estranho o fez parar — um longínquo lamento musical que parecia chegar de todos os lados.

Sirenes policiais, claro. E ele, idiota, chegou a pensar que devia ser barulho de avião. Correu cegamente, procurando afastar-se o quanto podia do som das sirenes, que ouvia agora por sobre o ombro esquerdo. Sua ideia era virar à esquerda, para ver se encontrava a estradinha. Já estava a uma boa distância do muro fronteiro da casa. Começou a tomar a esquerda, pretendendo alcançar e depois atravessar a rua maior, que devia ficar logo adiante, quando se deu conta de que as sirenes vinham exatamente por aquela rua. Aquilo o obrigaria a parar — mas ele não podia parar. Passou a correr paralelamente ao percurso dos carros. Tropeçou em alguma coisa e caiu de novo, praguejando. Estava numa espécie de valão, os braços estirados, o direito sobre o que parecia ser uma calçada. Sentia-se irritado, enlouquecido de frustração. Sentiu algo esquisito na mão esquerda. Estava mergulhada na água, até o pulso. Vai molhar meu relógio, pensou. Mas quanto mais decidia tirá-la dali, mais impossível parecia conseguir movê-la. Duas forças o dividiam, uma que comandava o braço a mexer-se e outra que o imobilizava, tão perfeitamente equilibradas que o braço permanecia em absoluto repouso. Por incrível que lhe parecesse, concluiu que poderia muito bem pegar no sono. A polícia vai me cercar, passou-lhe pela cabeça, e no instante seguinte ele estava outra vez de pé, correndo.

Bem perto, à sua direita, uma sirene emitiu um silvo de triunfo, como se os policiais tivessem acabado de localizá-lo.

Um retângulo de luz acendeu-se à sua frente e ele se virou e tratou de se esconder. Uma janela. Quase correu para uma casa. A cidade inteira estava acordada! E ele *tinha* de atravessar a rua!

Um carro da polícia passou a apenas dez metros dele, com as luzes de cima piscando através dos galhos das árvores. Outra sirene gemeu à esquerda, para os lados da casa, e zumbiu baixinho até calar-se. Agachando-se, Guy atravessou a rua pouco após a passagem do carro e penetrou numa zona de escuridão mais profunda. Agora não interessava onde pudesse estar a tal estrada de terra. Correria sempre naquela direção, afastando-se cada vez mais da casa. *Há áreas arborizadas, sem qualquer iluminação, na direção sul. Será fácil esconder-se no meio delas, caso seja preciso abandonar a estradinha de terra... O que quer que aconteça, não se desfaça da Luger entre a minha casa e a estação ferroviária.* Dentro do bolso, através dos buracos das luvas, ele sentiu o contato frio de seu pequeno revólver. Não se lembrava de ter posto o revólver de volta no bolso. E se tivesse ficado esquecido lá em cima do tapete azul? E se o tivesse deixado cair? Que hora ótima para pensar nessas coisas!

Alguma coisa se agarrara nele e atrapalhava o seu avanço. Instintivamente usou os punhos para se desembaraçar e percebeu que se tratava de galhos e urzes. Seguiu em frente, lutando para se desvencilhar dos obstáculos porque as sirenes continuavam atrás dele, e aquele era o único rumo a tomar. Concentrou-se no esforço de vencer aqueles inimigos que apareciam à frente, dos lados e até atrás dele, que o arranhavam com milhares de mãozinhas pontiagudas, a estalar alto a ponto de se tornarem mais barulhentos do que as próprias sirenes. De bom grado mobilizou todas as suas forças contra eles, comprazendo-se, até, na rude e natural resistência que lhe opunham.

Acordou na beirada de um bosque, o rosto encostado no chão de uma colina que avançava em suave declive. Tinha acordado ou caído ali apenas um segundo antes? Mas o céu adiante exibia tons cinzentos — começava a amanhecer — e pela turva visão que teve das coisas concluiu que estivera inconsciente. Seus dedos imediatamente pesquisaram a massa de cabelos úmidos grudados a um dos lados da cabeça. Talvez eu tenha quebrado a cabeça, pensou horrorizado, e por alguns segundos permaneceu inerte, achando que a qualquer momento iria cair morto.

Lá embaixo, as luzes esparsas da cidadezinha bruxuleavam como estrelas ao crepúsculo. Guy apanhou um lenço e mecanicamente envolveu com ele seu polegar, onde um corte mostrava sangue pisado misturado com lama. Andou até uma árvore e encostou-se nela. Seus olhos perscrutaram a cidade e a estrada embaixo. Nenhum sinal de vida. Seria ele aquilo mesmo? Encostado na árvore, relembrando os estampidos do revólver, as sirenes, a luta contra a vegetação do

bosque? Queria beber água. Na estrada de terra que margeava o lugar, avistou um posto de gasolina. Decidiu ir até lá.

Ao lado do posto havia uma velha bica. Colocou a cabeça embaixo dela. O rosto ardeu-lhe como se estivesse sob uma máscara de espinhos. Pouco a pouco as coisas começaram a se tornar mais claras em sua cabeça. Não devia estar a mais do que três quilômetros de Great Neck. Tirou a luva direita e a colocou no bolso. Onde estava a outra? Será que a deixara cair no bosque, a onde amarrara o polegar? Sentiu uma pontada de medo mas não se perturbou — já era uma sensação familiar para ele. Teria de voltar para apanhá-la. Vasculhou os bolsos do sobretudo, abriu-o e procurou nos bolsos das calças. O chapéu caiu a seus pés. Já o esquecera e estremeceu ante a possibilidade de tê-lo perdido pelo caminho. Achou então a luva, presa a uma costura em sua manga esquerda e, aliviado, enfiou-a no bolso, com uma abstrata sensação de felicidade. Dobrou a bainha da calça, que se soltara. Decidiu caminhar na direção que sabia ser a do sul, tomar um ônibus mais adiante e saltar na altura de alguma estação ferroviária.

Mal traçou seu plano, a dor se instalou. Como poderia percorrer a longa estrada com os joelhos naquele estado? Mas continuou andando, a cabeça erguida, para não esmorecer. Era um momento de indefinida transição entre a noite e o dia. Ainda estava escuro mas a manhã nascente irisava-se pouco a pouco. A escuridão, no entanto, continuava a ter mais peso do que a claridade. Se a noite pudesse prolongar-se de modo a lhe dar tempo de chegar em casa e fechar a porta!

De repente, porém, a luz do dia avançou sobre a noite e abriu um amplo horizonte à sua esquerda. Um filete prateado definiu os contornos de um morro e ele pôs-se a brilhar com tonalidades verdes, malva e bronze, como se despertasse. Uma casinha amarela surgiu na encosta do morro, sob uma árvore. À direita, a vegetação verde e castanha balançou suavemente como ondas do mar, revelando o campo que a escuridão ocultava. Um pássaro gritou ao levantar voo e com a ponta de suas asas rápidas caligrafou no céu uma exuberante mensagem. Guy acompanhou o voo até que o pássaro desaparecesse.

# 24

Pela centésima vez examinou o rosto no espelho do banheiro e meticulosamente medicou cada arranhão com um cotonete. Tratava os ferimentos do rosto e das mãos com neutra objetividade, como se não fossem partes de si mesmo. Quando seus olhos encontraram os olhos que o fitavam no espelho, eles se desviaram, da mesma maneira, observou Guy, como devem ter feito aquele dia no trem, para evitar os de Bruno.

Saiu do banheiro e caiu na cama. Tinha pela frente o resto do dia de hoje e amanhã, domingo. Não era obrigado a ver ninguém. Poderia passar duas semanas em Chicago, explicando que precisara viajar a serviço. Mas talvez levantasse suspeitas se deixasse a cidade no dia seguinte. Ontem. A noite passada. Não fosse pelas mãos arranhadas, poderia perfeitamente acreditar que mais uma vez sonhara com o crime. Pois não queria cometê-lo, refletiu. Foi a vontade de Bruno agindo através dele. Queria xingar Bruno, queria xingá-lo alto e bom som, mas simplesmente não tinha, no momento, a energia necessária para fazê-lo. O curioso era que não sentia culpa nenhuma, e parecia-lhe que a explicação era o ter agido motivado pela vontade de Bruno. Mas o que vinha a ser afinal esta coisa, a culpa, que sentira muito mais após a morte de Miriam do que agora? Agora estava apenas cansado e desligado de tudo. Ou era exatamente aquilo que todo mundo sentia depois de matar? Tentou dormir, rememorando a volta no ônibus de Long Island, sob os olhares dos dois operários, e ele a fingir que dormia com o rosto coberto pelo jornal. A maior vergonha sentira por causa dos operários...

Os joelhos vacilaram quando descia a escada da frente e quase caiu. Não olhou em volta para ver se era observado. Coisa perfeitamente corriqueira, descer um instante para comprar jornal. Sabia, porém, que sua despreocupação

era passageira, e temia a hora em que tornaria a se preocupar, assim como um ferido teme a operação a que inevitavelmente terá de submeter-se.

O *American* era o jornal que trazia o noticiário mais detalhado, com um perfil do assassino traçado a partir da descrição do mordomo: um homem de um metro e oitenta e cinco de altura, pesando entre setenta e cinco e oitenta quilos, vestido com um sobretudo escuro e usando chapéu. Guy leu a descrição com uma ponta de surpresa, como se ela correspondesse a uma outra pessoa: ele tinha um metro e oitenta e não pesava mais do que sessenta quilos. Além disso, não usou chapéu. Pulou a parte em que se dizia quem era Samuel Bruno e leu com grande interesse as hipóteses sobre o roteiro de fuga do assassino: rumo norte pela Estrada Newhope, supunha-se; o homem talvez se tivesse perdido na cidade de Great Neck e deixara-a provavelmente no trem de meia-noite e dezoito. Na verdade, ele tomara a direção sudeste. Sentiu-se repentinamente aliviado e seguro. Segurança, contudo, era algo ilusório, fez a si mesmo a advertência. Levantou-se, tenso, pela primeira vez em pânico como estivera ao levar aquele tombo nas imediações da casa. Fazia horas que o jornal saíra. A essa altura já podiam ter-se dado conta do erro que haviam cometido. Poderiam estar nos seus calcanhares, bem ali atrás da porta, prontos para prendê-lo. Ficou à escuta mas não ouviu som algum e, ainda sentindo-se cansado, tornou a sentar-se. Forçou-se a ler com toda a atenção o resto da notícia. Chamavam a atenção para a frieza do assassino e para a circunstância de que o crime parecia ter sido cometido por alguém que conhecia a casa. Nenhuma impressão digital, nenhuma pista exceto pegadas de sapato tamanho 43, além da marca de um sapato preto no muro branco. As roupas que usara, lembrou-se, precisava livrar-se imediatamente das roupas, mas quando encontraria as forças para fazê-lo? Engraçado que, com o terreno tão molhado, tivessem calculado um número de sapato maior do que o seu, surpreendeu-se Guy. “... bala de calibre inusualmente pequeno”, dizia o jornal. Tinha de se desfazer do revólver também. Um sentimento de pesar machucou-o. Que ódio, que ódio haveria de sentir quando fosse obrigado a se separar do seu revólver! Pôs-se de pé e foi buscar mais gelo para colocar na toalha que segurava contra a testa.

No fim da tarde Anne telefonou pedindo-lhe que a acompanhasse a uma festa em Manhattan, domingo à noite.

— A festa de Helen Heyburn. Lembra-se de que lhe falei sobre isso?

— Sei — disse Guy, que não se lembrava de absolutamente nada a esse respeito. Sua voz estava calma quando acrescentou: — Acho que estou sem nenhuma disposição de ir a uma festa, Anne.

Passara a última hora em estado de torpor. As palavras de Anne pareciam vir de longe e não ter qualquer importância. Ouvia-se dizendo as coisas que de

fato lhe ocorriam e não se preocupava com que Anne pudesse notar alguma diferença. Anne disse que chamaria Chris Nelson para acompanhá-la e Guy comentou que tudo bem, imaginando como Nelson ficaria feliz de sair com ela, pois, antes dele, Anne encontrava-se frequentemente com Nelson, que, segundo pensava Guy, continuava apaixonado por ela.

— Que tal — propôs Anne — se eu comprasse alguns doces e salgadinhos e nós dois fizéssemos um lanche domingo à noite? Posso pedir a Chris que me apanhe depois.

— Acho que vou estar ocupado domingo, Anne. Preciso fazer uns esboços.

— Bem, nesse caso... Ah, tenho uma coisa a lhe dizer.

— O que é?

— Uma coisa de que você vai gostar. Tudo bem, fica para outra vez.

Guy arrastou-se escada acima, atento para ver se a Sra. McCausland aparecia. Anne fora fria com ele, Anne fora fria, repetiu monotonamente. Da próxima vez que o visse, descobriria tudo e iria odiá-lo. Tudo acabado com Anne, tudo acabado com Anne, recitou para si mesmo até pegar no sono.

Dormiu até o meio-dia seguinte e passou na cama o resto do dia, num estado de tal entorpecimento que era um suplício até mesmo atravessar o quarto para renovar o gelo na toalha. Sentia como se nunca fosse conseguir dormir o suficiente para recuperar as forças. Um trabalho de reconstituição, pensou. Seu corpo e sua mente reconstituíam o longo caminho que haviam percorrido. Mas voltar para quê? Deixou-se ficar deitado, rígido e assustado, suando e tremendo de medo. Teve de se levantar para ir ao banheiro. Estava com sintomas de diarreia. Provocada pelo medo, concluiu. Como num campo de batalha.

Num estado de semivigília, sonhou que atravessava o gramado em direção à casa. A casa era branca, leve e diáfana como uma nuvem. E ele permanecia diante dela, recusando-se a atirar, disposto a lutar e provar que podia conseguir. O disparo acordou-o.

Abriu os olhos quando o alvorecer invadia o quarto. Viu uma figura que parecia ele mesmo, parada junto à sua mesa de trabalho, exatamente como acontecia no sonho, apontando o revólver para uma cama no canto, onde Samuel Bruno fazia esforços desesperados para conseguir sentar-se. O revólver ribombou de novo. Guy deu um grito.

Pulou da cama, cambaleante. O vulto esvaneceu-se. À janela, a luz tentava impor-se exatamente como vira acontecer naquele fim de madrugada, entrelaçando a vida à morte. A mesma luz viria visitá-lo a cada raiar de cada dia que vivesse e mostraria aquele mesmo quarto, que com a repetição se tornaria sempre mais nítido, num horror crescente. E se passasse a acordar a cada amanhecer de sua vida?

A campainha tocou em sua kitchenette.

É a polícia que está aí embaixo, pensou. Era a hora em que o prenderiam, ao amanhecer. E ele não ligava, não ligava nem um pouco. Faria uma confissão completa. Despejaria tudo de uma vez!

Apertou o botão que abria a porta lá embaixo, aproximou-se da porta do quarto e ficou escutando.

Ouviu passos leves e rápidos subindo a escada. Os passos de Anne. Antes a polícia do que Anne! Virou-se e foi fechar a cortina. Ajeitou os cabelos com as duas mãos e sentiu o calombo na cabeça.

— Eu — sussurrou Anne escorregando para dentro do quarto. — Estava saindo da festa de Helen, e a manhã está linda! — Ela viu a atadura e todo vestígio de animação desapareceu de seu rosto. — O que aconteceu com a sua mão?

Ele recuou para a zona de sombra junto à mesa.

— Foi uma briga.

— Quando? Ontem à noite? E seu rosto, Guy!

— É. — Não podia perdê-la, tinha de conservá-la consigo, pensou. Morreria, sem ela. Tentou envolvê-la em seus braços, mas ela o repeliu, procurando examiná-lo à meia-luz do quarto.

— Onde, Guy? Quem fez isso?

— Um homem que nem conheço — respondeu ele num tom neutro, mal se dando conta de que mentia, pois sentia absoluta necessidade de mantê-la a seu lado. — Foi num bar. Não acenda a luz — apressou-se a dizer. — Por favor, Anne.

— Num bar?

Não sei como aconteceu. Foi de repente.

— Alguém que você nunca viu?

— É.

— Não acredito.

Ela falou devagar, e Guy, apavorado, se deu conta de repente de que ela era uma pessoa distinta dele mesmo, uma pessoa com cabeça diferente e reações diferentes.

— Não posso acreditar em você — continuou. — Como posso, por exemplo, acreditar em você com relação à carta? Você dizendo não saber quem a mandou...

— Porque é verdade.

— Ou então aquele homem com quem você brigou no jardim lá de casa. Era o mesmo?

— Não.

— Você está me escondendo alguma coisa, Guy. — Ela se acalmou, mas cada palavra que dizia soava-lhe como uma agressão. — O que está acontecendo, querido? Você sabe que quero ajudá-lo. Mas você tem de me contar as coisas.

— Já contei — retrucou e cerrou os dentes.

Atrás, a luminosidade já era diferente. Imaginou que, se conseguisse manter Anne consigo, seria capaz de sobreviver a cada amanhecer. Contemplou o fino e pálido véu de seus cabelos e estendeu a mão para tocá-los, mas ela deu um passo atrás.

— Não vejo como continuar assim, Guy. Não temos como.

— Não vai ser mais assim. Acabou tudo. Juro, Anne. Por favor, acredite em mim. — A situação tinha as características de um teste: era agora ou nunca. Achou que deveria tomá-la com arrebatamento em seus braços até que parasse de se debater contra ele. Mas sentia-se incapaz de fazer qualquer movimento.

— Como é que você sabe?

Ele hesitou.

— Porque aquilo era um estado de espírito.

— A carta era um estado de espírito?

— A carta contribuiu para que eu me sentisse daquela maneira. Eu me sentia imobilizado por um nó. Era o meu trabalho, Anne! — Ele abaixou a cabeça. Atribuir seus pecados ao trabalho!

— Uma vez você disse que eu o fazia feliz — disse ela lentamente — ou que poderia fazê-lo feliz, acontecesse o que acontecesse. Não acho que isso ainda seja verdade.

Ele, sem dúvida, não a fazia feliz, era o que estava querendo dizer. Mas se ela ainda fosse capaz de amá-lo, do que não seria ele capaz para fazê-la feliz! Estaria eternamente a seu serviço, seria capaz de venerá-la!

— Você me faz feliz, Anne. Você é tudo o que tenho. — Ele se curvou ao peso de soluços devastadores, que não cessaram até, um bom tempo depois, Anne tocar seu ombro. E, embora grato, sentiu o impulso de evitar também o toque de suas mãos, por senti-lo como um gesto de mera piedade humana.

— Quer que lhe prepare um desjejum?

Apesar do tom de paciência esgotada que percebeu na voz dela, havia nele também um laivo de perdão que, sabia, acabaria por significar perdão total. Ela o perdoava por ter brigado num bar. Pois nunca, prometeu-se, ela teria acesso àquela noite de sexta-feira, para sempre agora enterrada, para ela ou para qualquer outra pessoa.

# 25

— Estou pouco me lixando para o que você pense! — disse Bruno com um pé na cadeira. Tinha a expressão tão carregada que as extremidades de suas finas sobrancelhas louras quase se tocavam. Do outro lado levantavam-se como as pontas dos bigodes de um gato. Parecia um tigre enlouquecido e de pelos eriçados a olhar para Gerard.

— Eu não disse que pensei nada — replicou Gerard dando de ombros —, disse?

— Insinuou.

— Não insinuei — ele riu sacudindo os ombros redondos. — Você me entendeu mal, Charles Eu não o acusei de ter revelado a alguém que ia viajar. Você deixou escapar, sem querer.

Bruno fitou-o. Gerard tinha simplesmente insinuado que, se se tratasse de um caso em família, ou entre amigos, Bruno e sua mãe poderiam estar envolvidos, e era óbvio que se tratava de um caso em família. Gerard sabia que só quinta-feira ele e sua mãe tinham decidido viajar na sexta. Ora, teria sido absurdo abalar-se até Wall Street só para avisá-lo. Gerard não dispunha de qualquer dado concreto e, por mais que fingisse saber de alguma coisa, não iria enganá-lo. Era outro crime perfeito.

— Posso me mandar? — perguntou Bruno.

Gerard estava às voltas com uma papelada em cima de sua mesa, como se ainda tivesse alguma coisa para retê-lo.

— Só um minuto. Tome um drinque. — Gerard indicou com a cabeça a garrafa de bourbon em cima de uma estante.

— Não, obrigado. — Bruno estava seco por uma bebida, mas a de Gerard, não.

— Como está sua mãe?

— Você já me perguntou. — A mãe não estava bem, não conseguia dormir, e esse era o principal motivo por que queria voltar para casa. Abominava aqueles ares de amigo da família que Gerard se dava. Amigo de seu pai, e ponto. — A propósito, é bom esclarecer que nós não estamos contratando os seus serviços para este trabalho.

Gerard olhou-o com um sorriso na sua cara redonda e sarapintada de pontinhos róseos e roxos.

— Posso trabalhar gratuitamente, Charles. Trata-se de um caso realmente interessante. — Acendeu outro charuto, cuja forma era semelhante à de seus dedos gordos, e Bruno tornou a reparar nas repulsivas manchas de gordura nas lapelas do terno marrom-claro puído e na horrenda gravata cheia de desenhos a imitar veios de mármore. Tudo em Gerard incomodava Bruno. Seu falar vagaroso o incomodava. Incomodavam-no também as lembranças dos tempos em que via Gerard com seu pai. Arthur Gerard sequer tinha a aparência daquele tipo de detetive cuja preocupação é exatamente não parecer detetive. Apesar da excelente folha de serviços, Bruno considerava impossível que Gerard fosse um detetive brilhante. — Seu pai era um homem extraordinário, Charles. Pena que você não o tenha conhecido melhor.

— Eu o conhecia muito bem — disse Bruno.

Os pequenos e também sarapintados olhos de Gerard o fixaram com toda a gravidade.

— Acho que ele o conhecia melhor do que você a ele. Deixou comigo várias cartas relativas a você e à sua índole, nas quais revelava aquilo que esperava que você se tornasse.

— Ele não sabia nada a meu respeito. — Bruno apanhou um cigarro. — Não sei por que estamos falando desse assunto. É uma coisa mórbida e não vem ao caso. — Sentou-se, senhor de si.

— Você odiava seu pai, não?

— Ele me odiava.

— Não é verdade. Por isso digo que você não o conhecia.

Bruno fez gemer o braço da cadeira ao correr por ele a mão suada.

— Afinal, o que é que estou fazendo aqui? Minha mãe não está passando bem e quero voltar para casa.

— Espero que ela melhore. Gostaria de lhe fazer algumas perguntas. Talvez amanhã.

Um ardor subiu pelo pescoço de Bruno. As semanas seguintes iam ser terríveis para a mãe, e Gerard tornaria as coisas ainda piores, pois era inimigo de ambos. Bruno pôs-se de pé e colocou a capa de chuva sobre o braço.

— Gostaria que você tentasse pensar outra vez — Gerard abanou displicentemente o dedo para ele, como se o supusesse ainda sentado na cadeira — onde esteve e com quem esteve quinta-feira à noite. Eram duas e quarenta e cinco da manhã quando se despediu de sua mãe, Sr. Templeton e Sr. Russo em frente ao Blue Angel. Para onde foi depois?

— À Casa do Hambúrguer — suspirou Bruno.

— Não viu nenhum conhecido seu lá?

— Por quê? Eu era obrigado a encontrar alguém?

— De lá foi para onde? — Gerard consultou suas anotações.

— Fui ao Clarke's, na Terceira Avenida.

— Encontrou alguém lá?

— O barman, claro.

— O barman disse que não viu você — sorriu Gerard.

Bruno franziu a testa. Meia hora atrás Gerard não dissera nada a respeito disso.

— E daí? Estava cheio de gente. Talvez nem eu mesmo tenha visto o barman.

— Todos os barman de lá conhecem você. Disseram que você não esteve lá quinta-feira à noite. Além do mais, a casa não estava cheia. Quinta à noite? Três, três e meia? Estou apenas procurando ajudá-lo a se lembrar, Charles.

Bruno apertou os lábios, exasperado.

— Talvez eu não tenha ido ao Clarke's. Geralmente dou uma passada por lá para tomar um último drinque, mas pode ser que nesse dia não tenha feito isso. Posso ter ido direto para casa, não sei. E as pessoas com quem minha mãe e eu falamos sexta-feira de manhã? Telefonamos para um monte de gente para dizer até a volta.

— Ah, sim, estamos checando todos eles. Mas, falando sério, Charles — Gerard recostou-se na cadeira, cruzou a perna curta e tirou várias baforadas do charuto —, você não iria deixar sua mãe e os amigos dela só para comer um hambúrguer e depois ir direto para casa sozinho, não é?

— Por que não? Seria uma maneira de curar o porre.

— Por que você está sendo tão impreciso?

— E daí? Se fiquei bêbado, posso perfeitamente não me lembrar das coisas.

— O importante, e é claro que não interessa se você foi ao Clarke's ou a qualquer outro lugar, o importante é: *quem* você encontrou que o ouviu dizer que estavam de partida para o Maine no dia seguinte? Você tem de admitir que é estranho seu pai ter sido assassinado na noite do mesmo dia de sua viagem.

— Não encontrei ninguém. Sugiro que procure cada um dos meus conhecidos e lhes faça a pergunta.

— Você ficou perambulando sozinho até depois de cinco da manhã...

— Quem disse que cheguei em casa depois das cinco?

— Herbert. Declarou isso ontem.

Bruno suspirou.

— Por que ele não se lembrou de tudo naquele sábado?

— Pois é, como costumo dizer, é assim que a memória funciona. As coisas vão... e de repente voltam. Você acabará se lembrando. Enquanto isso, vou vendo o que posso fazer. Ok, Charles, pode ir embora. — Gerard fez um gesto displicente.

Bruno se deteve por um instante, tentando descobrir alguma coisa para dizer. Como nada lhe ocorresse, saiu. Quis bater a porta mas o mecanismo de pressão do ar retardou o movimento. Percorreu de volta o esfarrapado e depressivo corredor do Escritório de Detetives Particulares, onde se tornou mais forte o ruído da máquina de escrever que ouvira longínquo durante toda a entrevista — "Nós", vivia dizendo Gerard, e estavam todos atrás daquelas portas, a esgaravatar seus mistérios — e cumprimentou a Srta. Graham, a recepcionista, que uma hora atrás lhe dera condolências. Há uma hora chegara confiante, decidido a não deixar que Gerard o irritasse, e agora... Não conseguia manter a calma quando Gerard o ironizava, ou à mãe, e o próprio Gerard devia saber muito bem disso. E daí? O que podiam ter contra ele? Que pistas tinham do assassino? Só pistas erradas.

Guy! Bruno sorria ao descer no elevador. Nem uma única vez Guy lhe passara pela cabeça na sala de Gerard! Nenhuma hesitação, nem mesmo quando Gerard o apertou querendo saber onde estivera na noite de quinta-feira! Guy! Guy e ele! Quem poderia comparar-se a eles? Quem estava no nível deles? Gostaria de ter Guy a seu lado. Ele apertaria a mão de Guy e entrelaçaria os dedos dele nos seus, e o resto do mundo que fosse para o inferno! Suas façanhas não tinham paralelo! Como uma luz que atravessa o céu! Como fogos de artifício que surgem e tão depressa desaparecem que todos param perplexos, perguntando-se se realmente os terão visto. Lembrou-se de um poema que leu certa vez, e cujas palavras tinham relação com o que pensava. Ocorreu-lhe que ainda o guardava entre as folhas de seu caderno de endereços. Ao deixar Wall Street entrou correndo num bar, pediu uma bebida e tirou o papelzinho do caderno de endereços. Fora rasgado de um livro de poesia que tivera no colégio.

*OS OLHOS PLÚMBEOS*
*Vachel Lindsay*

*Que as almas jovens*
*não se afoguem*
*antes de realizar e alardear*
*seus feitos singulares.*
*O mundo é criminoso quando deixa*
*suas crianças tornarem-se sombrias,*
*bois lassos de olhos plúmbeos.*
*Eles definham*
*e nem podem sonhar.*
*Eles semeiam*
*mas não podem colher.*
*Eles querem servir*
*mas não acham seus deuses*
*e morrem tristemente como ovelhas.*

Ele e Guy não tinham olhos plúmbeos. Ele e Guy não morreriam como ovelhas. Ele e Guy teriam sua colheita. E, se Guy o aceitasse, ele lhe daria dinheiro também.

# 26

Mais ou menos à mesma hora do dia seguinte, numa espreguiçadeira no terraço de sua casa em Great Neck, Bruno desfrutava um estado de sereno e plácido contentamento que era uma novidade para ele. De manhã, Gerard andara fazendo suas sondagens mas Bruno fora cortês, mantivera-se calmo e até providenciara almoço para ele e seu assistente. Agora, que Gerard fora embora, Bruno sentia-se orgulhoso de seu comportamento. Nunca mais ia deixar que Gerard o acuasse como ontem. Era a receita para perturbar-se e cometer erros. Gerard era um idiota. Se ontem tivesse sido mais simpático ele até poderia cooperar. Cooperar? Bruno riu alto. O que queria dizer com isso? Que espécie de piada era aquela?

Um passarinho cantava. Bruno espichou o pescoço, procurando-o. Sua mãe sem dúvida sabia que tipo de pássaro era aquele. Olhou a grama crestada, o muro branco, os cornisos que começavam a florescer. Sentia-se atraído pela natureza nesta tarde. Esta tarde chegara um cheque de vinte mil para sua mãe. E muito mais teriam quando o pessoal da seguradora saísse de cena e os advogados dessem por encerradas as formalidades todas. No almoço conversara com a mãe sobre uma viagem a Capri. Falaram por alto, mas tinha certeza de que iriam. E hoje à noite sairiam pela primeira vez para jantar, num lugar *intime*, o restaurante favorito dos dois, à margem da autoestrada, não muito longe de Great Neck. Não admira que antes não apreciasse a natureza. Agora, que era o proprietário do jardim e das árvores, a natureza tinha outra graça.

Ficou folheando o caderno de endereços em seu colo. Não conseguia lembrar-se se o tinha ou não consigo em Santa Fé e queria certificar-se de que não havia nele nenhuma referência a Guy antes que fosse parar nas mãos de Gerard. Agora que dispunha dos meios, queria procurar de novo uma porção de gente. Ocorreu-lhe uma ideia e ele tirou um lápis do bolso. Na letra P, escreveu:

Tommy Pandini
Rua 76 Oeste, 232

e na letra S:

*Slitch*
Posto de Salvamento
Ponte Hell Gate

Só para dar a Gerard alguns nomes misteriosos com que se ocupar.

*Dan, 8:15 Hotel Astor* — encontrou na agenda no fim do caderno. *Conseguir do Cap. em 1° de junho.* Sentiu um calafrio ao dar com a página seguinte: *Presente para Guy, 25 dólares.* Rasgou-a. O cinto que comprara para Guy em Santa Fé. Que ideia ter anotado aquilo! Só pode ter sido num momento de privação de sentidos...

O enorme carro preto de Gerard ronronou, estacionando à entrada.

Bruno continuou sentado a inspecionar a agenda. Depois enfiou o caderno no bolso e empurrou para a boca a página recém-rasgada.

Gerard se aproximou da porta de entrada balançando os braços, um charuto pendurado na boca.

— Alguma novidade? — perguntou Bruno.

— Uma ou outra coisinha. — Os olhos de Gerard correram o jardim até o muro, reavaliando a distância percorrida pelo assassino.

O maxilar de Bruno mexia-se como se a bolinha de papel posta na boca fosse um chiclete que estivesse a mastigar.

— O que, por exemplo? — perguntou. Atrás de Gerard viu, no carro, no assento do motorista, o seu assistente, um daqueles rapazes de aparência sinistra, a olhá-los fixamente de sob a aba do chapéu cinzento.

— Por exemplo, o fato de que o assassino não foi para a cidade ao deixar a casa. Ele tomou mais ou menos essa direção.

Gerard fez um gesto largo — como se fosse um senhor de terras designando as suas propriedades — para indicar a estrada.

— Ele penetrou naquele bosque lá e parece que enfrentou sérias dificuldades. Encontramos isso.

Bruno se levantou e viu um fragmento das luvas roxas e um pedaço de pano azul-escuro que devia ser do sobretudo de Guy.

— Nossa! Tem certeza de que são do assassino?

— Razoável certeza. Uma dessas peças foi rasgada de um sobretudo. A outra é provavelmente um pedaço de luva.

— Ou de uma manta.

— Não, tem uma costura aqui — Gerard cutucou-a com o indicador gordo.

— Belas luvas.

— Luvas de mulher — Gerard pestanejou.

Bruno deu um risinho afetado e em seguida assumiu um ar compungido.

— Eu achava que tinha sido um assassino profissional — disse Gerard com um suspiro. — Sem dúvida conhecia a casa. Mas não acredito que um profissional tivesse perdido a cabeça e tentado escapar pelo bosque como ele o fez.

— Hum — fez Bruno, interessado.

— Ele sabia também qual era a estrada que devia tomar. E ela estava a apenas dez metros.

— Como é que você sabe disso?

— Porque a coisa toda foi cuidadosamente planejada, Charles. A tranca quebrada na porta dos fundos, o engradado de leite ao pé do muro...

Bruno ficou em silêncio. Herbert dissera a Gerard que ele, Bruno, quebrara a fechadura. E provavelmente dissera também que ele colocara ali o engradado de leite.

— Luvas roxas! — Gerard deu aquele risinho disfarçado, tão característico dele. — Que importância tem a cor, se o objetivo de suprimir as impressões digitais é conseguido, hein?

— É — disse Bruno.

Gerard entrou na casa pela porta do terraço.

Pouco depois Bruno foi atrás dele. Gerard dirigiu-se à cozinha e Bruno subiu a escada. Jogou o caderno de endereços em cima da cama e desceu para o corredor. A porta aberta do quarto do pai despertou-lhe um estranho sentimento, como se só naquele instante ele se desse conta de que seu pai estava morto. Era talvez a porta aberta que o fazia sentir isso, uma camisa mal pendurada, uma gaveta mal fechada, coisas que nunca aconteceriam se o Capitão estivesse vivo. Bruno fechou a cara, bateu a porta, pisando no tapete pisado pelos pés dos detetives e pelos pés de Guy, olhando as gavetas vasculhadas e o talão de cheque aberto, como que à espera da assinatura de seu pai. Com todo o cuidado abriu a porta do quarto da mãe. Lá estava ela deitada, envolta em compressas, a cabeça em repouso e os olhos abertos, como desde sábado à noite.

— Você não dormiu, mãe?

— Não.

— Gerard voltou.

— Sei.

— Se você não quiser ser incomodada, digo a ele.

— Não seja tolo, querido.

Bruno sentou-se na cama e se aproximou dela.

— Queria que você dormisse, mãe. — Sombras arroxeadas marcavam seus olhos e sua boca se torcia de um modo que nunca havia visto, alongando e afinando-lhe os cantos.

— Querido, tem certeza de que Sam nunca falou nada a você, nunca falou de ninguém?

— Você consegue imaginá-lo dizendo algo assim para mim? — Bruno andou para lá e para cá no quarto. Incomodava-o a presença de Gerard na casa. O jeito de Gerard tão antipático, como se sempre tivesse algo contra alguém. Mas também Herbert, que, sabia, idolatrava seu pai, dizia coisas contra ele, pura e simplesmente acusava-o. Herbert, no entanto, não o vira medir o terreno, Bruno tinha certeza de que não, do contrário Gerard a essa altura já o teria revelado. No período em que sua mãe estivera doente percorrera todo o terreno e a casa inteira, mas quem o visse não saberia se contava ou não os passos. Gostaria de poder dispensar Gerard mas sua mãe não entenderia. Ela insistia em que o mantivessem sob contrato porque todos o consideravam o melhor. O problema era que não agiam de comum acordo, sua mãe e ele. Ela podia revelar a Gerard algo de importância capital — como o fato de que só quinta-feira haviam decidido viajar na sexta — ou simplesmente omiti-lo de todo.

— Sabe que você está ficando gordo, Charley? — disse a mãe com um sorriso.

Bruno sorriu também. Conhecia tanto o jeito dela. Sentada diante do toucador, ocupava-se em colocar a touca de banho.

— Bom apetite — disse ele. Na verdade o apetite andava pior, assim como a digestão. Fosse como fosse, estava mais gordo.

Gerard bateu à porta do quarto um segundo depois que sua mãe fechara a porta do banheiro.

— Ela vai demorar bastante — informou Bruno.

— Pode dizer a ela que estarei à espera no corredor?

Bruno bateu à porta do banheiro, falou à mãe e em seguida voltou ao seu quarto. Pela posição do caderno de endereços na cama, apostava que Gerard o vira e folheara. Com toda calma Bruno preparou um *highball*, tomou-o, aproximou-se sorrateiramente do corredor e escutou Gerard a conversar com a mãe.

— ... não o viu nem especialmente animado nem na fossa, certo?

— É um rapaz cheio de caprichos, altos e baixos, é difícil para mim dizer se reparei ou não reparei... — disse a mãe.

— Bem, às vezes é possível captar acontecimentos psíquicos, não concorda, Elsie?

Ela não respondeu.

— ... é uma pena, pois eu gostaria de contar com um pouco mais de cooperação da parte dele.

— Você acredita que ele esteja obstruindo alguma coisa?

— Não sei — observou Gerard com sua execrável maneira de rir. Pelo tom de voz, Bruno imaginava que ele o supunha ouvindo a conversa. — E você?

— Claro que não acredito nisso. Aonde pretende chegar, Arthur?

Ela estava de pé, a enfrentá-lo face a face. Bruno calculou que depois disso ele cairia muito no conceito dela. Estava sendo outra vez um imbecil, um caipira imbecil de Iowa.

— Você espera que eu diga a verdade, não, Elsie? — perguntou Gerard, como um detetive de novela. — Ele se mostra um tanto vago sobre o que fez quinta-feira à noite depois que deixou você. Algumas de suas amizades são pessoas nebulosas. Um deles bem poderia ser alguém a serviço de um inimigo de Sam, um rival em negócios, um espião ou algo parecido. E Charles pode ter deixado escapar que vocês dois iam viajar no dia seguinte...

— O que é que você está insinuando, Arthur, que Charles sabe de alguma coisa?

— Isso não me surpreenderia, Elsie. Você se surpreenderia?

— Desgraçado — murmurou Bruno. Que morresse por ter dito aquilo a sua *mãe*.

— É evidente que direi a você tudo o que ele me disser.

Bruno mexeu-se mecanicamente rumo à escada. Chocou-o seu comportamento submisso. E se ela começasse a suspeitar? Assassinato era algo que não aceitaria. Não fora a conclusão a que ele chegara em Santa Fé? E se ela se lembrasse de Guy, se se lembrasse de que falara dele em Los Angeles? Se Gerard localizasse Guy nas próximas duas semanas, constataria nele as marcas de sua passagem pelo bosque, uma equimose, um corte qualquer que poderia levantar suspeitas. Bruno ouviu o passo leve de Herbert no corredor do andar térreo, viu-o surgir com o drinque vespertino de sua mãe numa bandeja e recuou escada acima. Seu coração batia como se estivesse no meio de uma batalha, uma estranha batalha de múltiplas frentes. Voltou apressado para o quarto, tomou um drinque generoso, deitou-se e tentou adormecer.

Uma sacudidela acordou-o. Era a mão de Gerard que cutucava seu ombro.

— Bye-bye — dizia Gerard, o sorriso mostrando os dentes de baixo manchados de nicotina. — Estou de saída e achei que lhe devia dizer até logo.

— Acordar uma pessoa só para isso? — fez Bruno.

Gerard deu a sua risadinha e saiu gingando do quarto antes que ocorressem a Bruno palavras com as quais compensar sua reação um tanto agressiva. Voltou a mergulhar a cabeça no travesseiro e tentou retomar o cochilo, mas no que fechou os olhos viu a atarracada pessoa de Gerard, em seu terno marrom, a percorrer corredores, a atravessar portas fechadas feito um fantasma, a curvar-se para vasculhar gavetas, ler cartas, tomar notas, a virar-se para espetar-lhe um dedo na cara, a atormentar sua mãe. Como não reagir a ele?

# 27

— O que é que você pode fazer a respeito? Ele está me acusando! — gritou Bruno do outro lado da mesa.

— Não está, querido. Só está fazendo o trabalho dele.

Bruno passou a mão nos cabelos.

— Vamos dançar, mãe?

— Você não está em condições de dançar.

Não estava mesmo e sabia disso.

— Então vou tomar outro drinque.

— Querido, já, já vão trazer a comida.

A paciência dela, as olheiras, tudo aquilo o mortificava. Bruno olhou em volta à procura de um garçom. Estava tão cheio hoje que mal se podia distinguir um garçom de um frequentador. Do outro lado da pista de dança, seus olhos localizaram, sentado numa mesa, um homem que lembrava Gerard, a cabeça calva, o ralo cabelo castanho-claro. A única diferença é que este vestia um agasalho preto. Bruno fechou um olho, tentando interromper o pisca-pisca das imagens.

— Charley, por favor, sente-se. O garçom já está vindo.

Era Gerard, e estava rindo, como se o outro sujeito tivesse acabado de dizer-lhe que ele estava a observá-los. Durante um breve segundo em que um sentimento de fúria pareceu apossar-se dele, Bruno considerou se devia ou não dizer a sua mãe. Sentou-se em seguida, declarando veemente:

— Gerard está ali!

— Está? Onde?

— Logo à esquerda da orquestra. Bem embaixo da luz azul.

— Não consigo vê-lo. — A mãe esticou o pescoço. — Você não está imaginando, querido?

— Não estou imaginando! — Bruno gritou e atirou o guardanapo sobre o rosbife com molho.

— Estou vendo essa pessoa que você diz que é Gerard, mas não é ele — disse ela com toda a paciência.

— Você não pode vê-lo tão bem quanto eu! É ele, e não estou a fim de comer no mesmo lugar que ele.

— Charles — suspirou ela. — Quer outra bebida? Peça outra. Olhe o garçom aí.

— Nem beber no mesmo lugar que ele! Quer que eu prove a você que é ele?

— Que importância tem isso? Ele não vai nos incomodar. Certamente está aqui para a nossa proteção.

— Então você reconhece que é ele! Ele está nos espionando, e até usa uma roupa diferente para nos seguir aonde quer que formos.

— Seja como for, não é Arthur — disse ela calmamente, espremendo limão sobre seu peixe grelhado. — É alucinação sua.

Bruno ficou olhando de boca aberta para a mãe.

— O que é que você pretende dizendo coisas assim para mim, mãe? — Sua voz falhou.

— Meu bem, está todo mundo olhando para nós.

— Pouco me importa!

— Deixe-me lhe dizer uma coisa, queridinho. Você está fazendo disso tudo uma tempestade num copo d'água. — E foi em frente impedindo que ele argumentasse: — Está sim, porque quer. Você está querendo emoções fortes. Não é a primeira vez que isso acontece.

Bruno emudeceu por completo. A mãe voltava-se contra ele. Lembrava-se de tê-la visto olhar para o Capitão da mesma maneira como olhava para ele agora.

— Com raiva, talvez você tenha dito alguma coisa a Gerard — continuou ela — e ele está achando estranho o seu comportamento. E de fato é estranho.

— E isso é motivo para ele me seguir dia e noite?

— Querido, não é Gerard — disse ela com firmeza.

Bruno levantou-se com esforço e cambaleou em direção à mesa onde estava Gerard. Queria provar-lhe que era Gerard e provar a Gerard que não tinha medo dele. Na extremidade da pista de dança um par de mesas impedia sua passagem, mas agora ele podia ver perfeitamente que era mesmo Gerard.

Gerard viu-o e acenou-lhe amistosamente. O assistente olhou-o também. E ele, ele e sua mãe financiavam aquela noite! Bruno abriu a boca, sem saber exatamente o que dizer, e oscilou para cá e para lá. Sabia muito bem o que estava

com vontade de fazer: telefonar para Guy. Aqui e agora. Aqui mesmo, bem na presença de Gerard. Tentou avançar na pista de dança, na direção da cabine telefônica junto ao bar. Os endemoninhados corpos dançantes resistiam aos seus esforços, barrando-lhe a progressão como uma onda do mar. A onda arremetia contra ele, intransponível, arrastando-o para mais longe ainda, e à sua memória aflorou uma situação semelhante ocorrida quando era menino, durante uma festa em sua casa: tentava achar uma passagem entre os pares que dançavam, querendo chegar onde se achava a mãe, do outro lado da sala.

Bruno acordou cedo em sua cama, na manhã seguinte, e permaneceu deitado, absolutamente imóvel, recapitulando os últimos momentos de que era capaz de se lembrar. Lembrava-se de que conseguira passar através da multidão. Será que telefonara para Guy depois disso? E, nesse caso, será que Gerard conseguira descobri-lo? Com toda certeza não falara com Guy, senão se lembraria; talvez tivesse ligado para a sua casa. Levantou-se para perguntar à mãe se estivera na cabine telefônica. Mas começou a sentir os tremores e entrou no banheiro. O uísque com água borrifou-lhe o rosto quando ia bebê-lo. Segurou-se na porta do banheiro. Agora, fosse cedo ou fosse tarde, sentia aqueles tremores, e acordava cada vez mais cedo e à noite precisava beber cada vez mais para conseguir dormir.

E entre o despertar e o adormecer havia Gerard.

# 28

Por um tênue e breve momento, como alguém que revive uma já distante experiência, Guy sentiu-se seguro e autossuficiente ao sentar-se à mesa de trabalho, onde mantinha guardados com todo o cuidado os livros sobre hospitais e as suas anotações.

No curso do último mês dedicara-se a lavar e pintar suas estantes, a limpar o tapete e as cortinas. A kitchenette fora esfregada até que brilhassem a louça e os utensílios de alumínio. Pura culpa, pensava enquanto via escoar a água suja pelo ralo, mas já que não conseguia dormir mais do que duas ou três horas por noite, e mesmo assim depois de uma sessão de ginástica, achava que fazer uma faxina na própria casa era uma maneira mais proveitosa de cansar-se do que percorrer as ruas da cidade.

Olhou o jornal por ler em cima da cama, levantou-se e folheou-o página por página. Mas havia seis semanas que os jornais haviam deixado de dar qualquer notícia sobre o assassinato. Tomara todas as providências necessárias com relação a cada um dos indícios — as luvas roxas foram picadas e despachadas pela descarga da privada e o sobretudo (um bom sobretudo, que chegara a pensar em dar a um mendigo, mas quem podia ser tão ignóbil a ponto de presentear, um mendigo que fosse, com o sobretudo de um assassino?) e as calças retalhadas integraram-se pouco a pouco ao lixo cotidiano. A Luger foi arremessada da Ponte Manhattan. Os sapatos, de outra. A única coisa de que ainda não se desfizera era o pequeno revólver.

Examinou-o mais uma vez. A solidez do objeto entre seus dedos acalmou-o. A única pista que não eliminara, e a que bastaria para incriminá-lo, se o achassem. Sabia perfeitamente por que conservava o revólver: era seu, uma parte de si mesmo, a terceira mão que cometera o assassinato. Era ele aos quinze anos, quando o comprara, era também ele quando, apaixonado por Miriam, o mantinha

consigo em Chicago, e era enfim ele agora, a olhá-lo, assim como fora ele em seus mais controvertidos e secretos momentos. Era o melhor de si, com sua mecânica, irrevogável lógica. Ele, como naquele exato momento acabava de pensar: ele com o seu poder de matar.

Se Bruno ousasse entrar em contato com ele, haveria também de matá-lo. Estava certo de que o faria. E Bruno acabaria por sabê-lo. Bruno sempre fora capaz de interpretar seus sentimentos. O silêncio de Bruno era mais tranquilizador, no momento, do que o da polícia. Afora o temor de que a polícia o localizasse, nunca tivera medo de nada. A angústia estivera sempre com ele, era uma batalha interior, um tormento tão intenso que chegava a desejar a intervenção da justiça. A lei social era indulgente, comparada com a da consciência. Podia procurar a justiça e confessar, mas a confissão parecia uma questão menor, um simples gesto, até mesmo uma maneira de escapar, um esquivar-se à verdade. Se a lei o capturasse e o castigasse, mesmo isso seria apenas um gesto.

— Não tenho um respeito incondicional pela lei — lembrava-se de ter declarado a Peter Wriggs em Metcalf, há dois anos. Por que deveria respeitar instituições que o tinham e a Miriam na conta de marido e mulher? — A igreja não me merece grande respeito — dissera, bombástico, a Peter, aos quinze anos. Na época, pensava obviamente nos batistas de Metcalf. Aos dezessete, descobriu Deus por iniciativa própria. Descobrira Deus através do despertar de seus próprios talentos e através de uma ideia de unidade entre todas as artes, presente, como percebeu depois, na natureza e na ciência — a ideia que preside todas as forças criadoras do universo. Tinha consciência de que não poderia ter realizado seu trabalho sem acreditar em Deus. E onde estava essa crença quando matou?

Desajeitado, virou-se e contemplou a mesa de trabalho. Arquejou, produzindo um assobio por entre os dentes. Nervoso e impaciente, passou a mão na boca. Sentia que *algo* estava por vir, algo ainda por entender, algum castigo mais severo, uma ainda mais amarga compreensão dos fatos.

— Não estou sofrendo o bastante! — desabafou de repente, mas num sussurro. Por que sussurrara? Estava envergonhado? — Não estou sofrendo o bastante — repetiu, em tom normal, olhando ao redor como que na expectativa de que algum ouvido captasse sua voz. Teria gritado se não lhe parecesse que de algum modo estava suplicando e não se considerasse indigno de suplicar pelo quer que fosse, a quem quer que fosse.

Seus livros novos, por exemplo, os belos livros que comprara hoje — podia pensar neles, apreciá-los. No entanto, parecia-lhe que os havia deixado há muito tempo em sua mesa, como a sua juventude. Imaginou que devia sentar-se ali na mesma hora e trabalhar. Recebera a incumbência de planejar um hospital.

Franziu a testa ante a pilha de anotações que já reunira, sob o abajur de haste curva. Não lhe soava real que tivesse recebido tal encomenda. Logo acordaria e se daria conta de como essas últimas semanas haviam sido mera fantasia, um sonho que desejava verdadeiro. Um hospital. Não seria um hospital mais adequado do que uma prisão? Era para ele um enigma sabre que sua mente se transviara e ter ao mesmo tempo sentido, duas semanas atrás, ao penetrar no interior de um hospital, que a morte devia ser rechaçada, e só pensamentos voltados para a cura e a saúde ocupavam sua cabeça. De repente lembrou-se de que não dissera nada a Anne sobre o hospital — daí parecer-lhe tudo tão irreal. Ela era o seu espelho da realidade, não o seu trabalho. Por outro lado, contudo, por que não lhe contara?

Devia imediatamente sentar-se para trabalhar, mas sentia em suas pernas, naquele momento, a frenética energia que toda noite o acometia e acabava por levá-lo às ruas, num inútil esforço de gastá-la. Uma energia que o assustava, porque não conseguia encontrar nenhuma ocupação capaz de absorvê-la e porque às vezes julgava que a única tarefa capaz de absorvê-la seria o suicídio. Contudo, muito fundo dentro de si, e muito contra a sua vontade, mantinha-se enraizado à vida.

Pensou em sua mãe e decidiu que nunca mais poderia deixá-la beijá-lo. Lembrava-se dela a dizer-lhe que todos os homens eram igualmente bons, porque todo homem tinha sua alma e toda alma era incondicionalmente boa. O mal, dizia ela, vinha sempre de fora. E durante muito tempo ele pensou assim, mesmo meses depois de separar-se de Miriam, quando lhe passou pela cabeça matar seu amante, Steve. Acreditava nisso durante aquela viagem de trem, lendo Platão. Em sua cabeça, o segundo cavalo era tão obediente ao cocheiro quanto o primeiro. Mas o amor e o ódio, pensava agora, o bem e o mal convivem e são parceiros no coração das pessoas e não diferem quantitativamente entre um e outro homem, mas são o bem e o mal, inteiramente um e outro. Para encontrar um deles no que parece ser o outro basta escavar um pouco, basta arranhar a superfície dos sentimentos. O contrário de cada coisa está junto dela, a cada decisão opõe-se alguma razão, a cada animal opõe-se um animal capaz de destruí-lo, macho e fêmea, positivo e negativo. A fissão do átomo foi a única verdadeira destruição, a ruptura da lei universal da unicidade. Cada coisa carrega acorrentado o seu oposto. Pode-se pensar na construção de um espaço sem objetos que o interrompam? Pode-se pensar na energia sem matéria, ou na matéria sem energia? A matéria e a energia, o inerte e o ativo, outrora considerados opostos, são, sabe-se agora, apenas um.

E Bruno, ele e Bruno. Um era o que o outro escolhera não ser, o eu rejeitado. Aquilo que ele pensava que odiava mas na verdade talvez amasse.

Por um momento acreditou que houvesse enlouquecido. A genialidade e a loucura, pensou, muitas vezes se superpõem. Mas que vidas medíocres vive a maioria das pessoas! Em águas nem rasas nem fundas, como a maioria dos peixes!

Não — havia aquela dualidade a permear a natureza nos minúsculos prótons e elétrons dentro dos ínfimos átomos. A ciência empenhava-se em dividir o elétron, e isso talvez não fosse possível, porque uma só ideia estava atrás de tudo aquilo: a única e absoluta verdade é que o contrário está sempre presente. Quem pode dizer que um elétron seja matéria ou energia? Quem sabe Deus e o Diabo dançam de braços dados ao redor de um só elétron?

Jogou o cigarro na cesta e errou.

Quando foi colocar a guimba na cesta, viu uma folha de papel amassada, na qual, na noite passada, redigira uma de suas confissões endoidecidas. A visão arrastou-o para um doloroso tempo presente em que se sentia sitiado — por Bruno, por Anne, por aquele quarto, por esta noite, pela entrevista amanhã com os diretores do departamento de hospitais.

Perto de meia-noite, ao sentir-se sonolento, abandonou a mesa de trabalho e deitou-se meticulosamente em sua cama, sem ousar despir-se, deixando essa possibilidade para quando acordasse, se acordasse, de madrugada.

Sonhou que acordava ao som da lenta e persistente respiração que ouvia todas as noites no quarto, quando tentava conciliar o sono. Vinha de fora, aproximando-se da janela. Alguém tentava entrar. Um vulto alto, envolto numa pelerine a sugerir as asas de um morcego irrompeu de repente no quarto.

— Estou aqui — disse a aparição, como se se tratasse de um fato consumado.

Guy pulou da cama para enfrentá-lo.

— Quem é você? — Reparou que era Bruno.

Bruno parecia mais defender-se do que agredi-lo. Se Guy empregasse toda a sua força, seria capaz de manter os ombros de Bruno colados ao chão, e nas recorrentes cenas do sonho Guy era obrigado a empregar sua força máxima. Guy imobilizava Bruno no chão usando os joelhos e o estrangulava, mas Bruno olhava-o com um esgar contínuo, como se nada sentisse.

— Você — respondia Bruno finalmente.

Guy acordou suando e com dor de cabeça. Sentou-se na cama, os olhos vigilantes a percorrer o quarto vazio. Pelas paredes pareciam escorrer sons produzidos por alguma cobra que tivesse vindo deslizando desde o pátio lá embaixo, a esfregar a pele úmida no cimento do prédio. Mas logo identificou o som pelo que de fato era — chuva, uma suave chuva de verão — e afundou de novo no travesseiro. Docemente, começou a chorar. Pensou na chuva regando a

terra. Parecia dizer: *onde estão as plantas que devo alimentar? Onde está a vida nova que depende de mim? Onde está a vinha verde, Anne, como o amor que vimos em nossa juventude?* — conforme ele escrevera na noite passada no papel agora amassado. A chuva encontraria a nova vida à espera e dependendo dela. A água que se acumulava no pátio era apenas um excesso. *Onde está a vinha verde, Anne...*

Ele se deitou, os olhos abertos, até que a aurora trouxe a claridade à janela, da mesma forma como o estranho que irrompera por ela. Como Bruno. Levantou-se então, abriu as cortinas e recomeçou o trabalho.

# 29

Guy pisou fundo no pedal do freio, mas o carro saltitou, ganindo, na direção da criança. Deu para ouvir o rangido da bicicleta caindo. Guy saiu depressa e, ao contornar o carro, esbarrou com o joelho no para-choque dianteiro. Sentiu uma dor insuportável mas puxou a criança e levantou-a em seus braços.

— Tudo bem — disse o garotinho.

— Ele está bem, Guy? — perguntou Anne esbaforida e pálida como o menino.

— Acho que sim. — Guy prendeu entre os joelhos a roda da frente da bicicleta e ajustou-lhe o guidom, consciente de que o violento tremor de suas mãos estava sob a observação dos curiosos olhos do menino.

— Obrigado — disse o garoto.

Guy ficou parado a vê-lo subir na bicicleta e afastar-se pedalando como se estivesse diante de um milagre. Virou-se para Anne e disse-lhe com voz calma mas acompanhada de um suspiro de quem acaba de passar por um grande susto:

— Não posso mais dirigir hoje.

— Está bem — respondeu ela no mesmo tom calmo, mas em seus olhos, quando ela deixou seu lugar para ocupar o do motorista, Guy viu suspeita.

Guy pediu desculpas aos Faulkner ao entrar de volta no carro e eles fizeram polidos comentários de que essas coisas de vez em quando acontecem com quem dirige. Mas Guy pôde perceber claramente o sentido do silêncio que se fez em seguida atrás dele, um silêncio de horror, um silêncio chocado. Ele vira o menino aproximar-se, na outra rua. O menino parou para deixá-lo passar, mas Guy dera uma guinada no carro, apontando-o em sua direção, como se quisesse atingi-lo. Fora isso mesmo? Acendeu um cigarro com as mãos trêmulas. Apenas má coordenação, disse a si mesmo. Nas últimas duas semanas acontecera dezenas de vezes — colisões com portas giratórias, sua incapacidade até para fazer correr

uma caneta ao longo de uma régua e sobretudo a constante impressão de que não estava aqui fazendo o que estava fazendo. O mais severamente consigo mesmo, obrigou-se a recordar o que estava fazendo: estava no carro de Anne, a caminho de Alton, para ver a casa nova. A casa ficara pronta. Semana passada Anne e sua mãe haviam colocado as cortinas. Era domingo, meio-dia, mais ou menos. Anne contara-lhe que recebera ontem um presente ótimo da mãe — três aventais bordados e vários vidros de conservas domésticas para começar a equipar a despensa deles,, Como conseguia memorizar tudo aquilo? Na verdade, tudo de que efetivamente se lembrava era do estudo para o hospital no Bronx ali em seu bolso. E ainda não dissera a Anne nada a respeito. Gostaria de poder ir para algum lugar e trabalhar, apenas trabalhar, não ver ninguém, nem mesmo Anne. Olhou-a furtivamente e viu seu sereno rosto erguido, a ligeira curvatura no alto do nariz. As mãos delicadas mas fortes faziam girar o volante com máxima perícia, curva após curva. Ele teve uma repentina certeza de que ela gostava mais do seu carro do que dele.

— Se alguém estiver com fome, que se manifeste agora — disse Anne. — Este é o último lugar em que vamos poder parar, por muitos quilômetros.

Mas ninguém estava com fome.

— Espero ser convidado para jantar pelo menos uma vez por ano, Anne — disse o pai. — Quem sabe um pato, ou uma codorna. Parece que há boa caça nessas redondezas. Como você se comporta com as armas, Guy?

Anne fez a curva para tomar a estrada que levava à casa.

— Razoavelmente — disse Guy por fim, após dois gaguejos. Seu coração incitava-o a correr, e tinha certeza de que só se corresse conseguiria apaziguá-lo.

— Guy! — sorriu-lhe Anne. Ao estacionar o carro sussurrou-lhe: — Tome alguma coisa quando entrar. Tem uma garrafa de conhaque na cozinha. — Tocou-lhe a mão e ele instintivamente a retirou.

Considerou que realmente precisava de um conhaque ou algo parecido. Mas sabia também que não tomaria nada.

A Sra. Faulkner aproximou-se, pisando na grama recém-plantada do jardim.

Está linda, Guy. Acho que deve estar orgulhoso da casa Guy respondeu que sim com a cabeça. Estava terminada, não precisava mais imaginá-la, como fizera ao projetá-la contra a cômoda do hotel no México. Anne fizera questão de azulejos mexicanos na cozinha. O México estava presente em muitas coisas que ela usava. Um cinto, uma bolsa, um par de sandálias. Era mexicana, por exemplo, a longa túnica coberta de bordados que usava sob o casaco de *tweed*. Naquele momento ocorreu a Guy que escolhera o Hotel Montecarlo para que o lúgubre quarto marrom e rosa e o rosto de Bruno na cômoda marrom o perseguissem pelo resto da vida.

Faltava apenas um mês para o casamento. Mais quatro noites de sexta-feira e Anne estaria sentada em frente à lareira na poltrona verde e ele a ouviria chamá-lo da cozinha mexicana e os dois trabalhariam juntos no escritório do andar de cima. Que direito tinha ele de aprisioná-la em sua vida? Ficou olhando para o quarto deles, que lhe parecia um tanto atravancado, porque Anne queria um quarto “não moderno”.

— Não se esqueça de agradecer a mamãe pelos móveis, está bem? — sussurrou-lhe ela. — Foi mamãe quem nos deu, você sabe, não é?

Os móveis de cerejeira para o quarto, claro. Lembrava-se de tê-la ouvido contar durante o desjejum daquela manhã, lembrava-se da atadura em sua mão, e de Anne com o vestido preto que pusera para a festa de Helen. Mas acabou por deixar escapar a oportunidade de falar dos móveis no momento em que isso se impunha e quando por fim decidiu fazê-lo era tarde demais. Com toda certeza sabiam que havia algo errado. Qualquer pessoa seria capaz de perceber. Sua execução estava apenas sendo adiada. Caridosamente poupavam-no da descarga mortal que o aniquilaria.

— Novo projeto à vista, Guy? — perguntou o Sr. Faulkner oferecendo-lhe um cigarro.

Guy não dera pela sua presença na varanda lateral. Tirou do bolso o papel dobrado e mostrou-o, dando-lhe explicações detalhadas com a sensação de que tentava justificar-se. As espessas sobrancelhas cinzentas do Sr. Faulkner abaixaram-se pensativamente. Guy achou que ele não estava prestando a menor atenção no que dizia. Ele só se aproxima para ver melhor a minha culpa, a sombra que me envolve.

— Engraçado, Anne não falou nada a respeito — disse o Sr. Faulkner.

— É uma surpresa.

— Ah — riu o Sr. Faulkner. — Um presente de casamento?

Algum tempo depois os Faulkner pegaram o carro e saíram para comprar sanduíches no barzinho da estrada. Guy sentia-se saturado da casa. Queria que Anne o acompanhasse num passeio ao morro junto à casa.

— Vou já — disse ela. — Venha cá. — Ela estava de pé, junto à lareira. Pôs as mãos sobre os ombros dele e olhou-o nos olhos, um pouco apreensiva mas demonstrando o orgulho que sentia pela casa nova dos dois. — Estão ficando mais fundos, sabia? — disse-lhe empurrando o dedo contra a bochecha descarnada. — Vou lhe dar de comer.

— Talvez eu só precise dormir um pouco — murmurou ele.

Ultimamente vinha dizendo-lhe que o trabalho o absorvia demais. Dissera-lhe que andava aceitando encomendas de agências, tarefas triviais, como as que Myers fazia habitualmente, para conseguir um pouco mais de dinheiro.

— Querido, nós... Está tudo tão bem conosco. O que é que ainda o preocupa?

Meia dúzia de vezes já lhe perguntara se era por causa do casamento, se não queria casar-se com ela. Se lhe perguntasse mais uma vez, responderia sim, mas sabia que ela não faria a pergunta naquele momento, diante da lareira da casa deles.

— Nada me preocupa — respondeu depressa.

— Então quer fazer o favor de não trabalhar tanto? — pediu ela e em seguida, num gesto absolutamente espontâneo, fruto de uma alegria incontida, puxou-o contra si e envolveu-o num abraço apertado.

Automaticamente — como se nada daquilo tivesse qualquer importância, pensou — beijou-a, pois sabia que era o que ela esperava dele. Ela vai reparar, pensou, ela sempre repara nas menores nuanças de um beijo. Assim fora desde a primeira vez que a beijara. E quando ela não disse nada, apenas pareceu-lhe que a mudança em si mesmo era grande demais para que se pudesse mencioná-la.

# 30

Guy atravessou a cozinha e voltou-se na porta dos fundos.

— Que horrível descortesia de minha parte me convidar a mim mesmo exatamente na noite de folga da cozinheira.

— Não é descortesia alguma. Apenas você vai comer o que nós habitualmente comemos nas noites de quinta-feira, só isso. — A Sra. Faulkner trouxe-lhe um dos aipos que estava lavando na pia. — Hazel é que vai ficar triste de não ter estado aqui para lhe preparar a torta. Se quiserem, você e Anne é que terão de fazê-la.

Guy saiu. O sol ainda brilhava no fim de tarde, embora a cerca de madeira projetasse barras oblíquas de sombras sobre os irisados canteiros de açafrões. Via ao longe os cabelos de Anne presos à nuca e o verde-água de seu suéter num ponto além de uma pequena elevação sobre a ondulante superfície do gramado. Muitas vezes, espairecendo ali com Anne, colhera hortelãs e agriões junto ao riacho que corria atrás do pequeno bosque onde enfrentara Bruno. Bruno é passado, relembrou-se, acabou, sumiu. Qualquer que tenha sido o método empregado por Gerard, deixara Bruno com medo de procurá-lo.

Viu o elegante carro preto do Sr. Faulkner aproximar-se e entrar devagar na garagem aberta. O que estava fazendo ali, perguntou-se súbito, ele que trapaceava com todo mundo, até com a empregada negra que gostava de lhe fazer tortas porque certa vez talvez tivesse elogiado a sobremesa dela. Protegeu-se à sombra da pereira, onde nem Anne nem seu pai poderiam vê-lo facilmente.

Se resolvesse sair da vida de Anne, ficou a conjeturar, que diferença faria para ela? Ela não renunciara aos antigos amigos, ao círculo fechado a que ela e Teddy pertenciam — os jovens bons partidos, os bem tratados rapazes que jogavam polo e, sem excessos, frequentavam boates até que fossem admitidos nos negócios dos pais e desposassem alguma daquelas moças bonitas que

decoravam seus *country clubs*. Naturalmente, Anne era diferente, do contrário não se teria, desde o primeiro momento, sentido atraída por ele. Não era uma daquelas belas jovens que passavam um par de anos a exercer uma carreira, só para que isto constasse de seus currículos, até se casarem com um bom partido. Mas será que sem ele ela não seria exatamente igual a todas as outras? Frequentemente dizia-lhe que ele era a sua inspiração, ele com as suas ambições, mas quando a conheceu ela já era dotada de todos aqueles talentos e habilidades. Por que não poderia desenvolvê-los sozinha? Ao mesmo tempo, não poderia ela ter chamado a atenção de um outro homem, parecido com ele mas digno dela? Começou a andar em direção a ela.

— Estou quase torrando — protestou Anne. — Por que não veio antes?

— Vim depressa — respondeu, meio sem jeito.

— Você ficou dez minutos parado na frente da casa.

Um ramo de agrião flutuava levado pela corrente do riacho e ele se esticou para apanhá-lo.

— Acho que vou arranjar um emprego brevemente, Anne.

Ela o olhou com ar surpreso.

— Um emprego? Numa firma e tudo o mais?

Era uma ideia que se ajustava bem a outros arquitetos, “um emprego numa firma”. Ele assentiu, sem olhá-la.

— Acho que vai ser bom. Um lugar estável, um bom salário.

— Estável? — Ela deu um risinho. — Com um ano de trabalho pela frente no hospital?

— Não preciso ficar debruçado na prancheta o dia todo.

Ela se levantou.

— É por causa de dinheiro? Porque você não vai cobrar pelo trabalho no hospital?

Ele se desviou de seu olhar e deu um passo largo na margem úmida do arroio.

— Não exatamente — disse entre dentes. — Em parte talvez. — Duas semanas atrás decidira devolver sua remuneração ao departamento de hospitais, após pagar sua equipe.

— Mas você disse que não teria nenhuma importância, Guy. Nós dois chegamos à conclusão de que não íamos, você não ia fazer sacrifício algum.

De repente o mundo inteiro pareceu em silêncio, a escutá-los.

Ele a viu puxar para trás uma mecha de cabelos, deixando sobre a testa uma nódoa de terra úmida.

— Não será por muito tempo. Seis meses talvez. Talvez muito menos.

— Mas por que, afinal de contas?

— Porque é o que estou querendo.

— Por que você está querendo isso? Por que você quer ser um mártir, Guy?

Ele não respondeu.

O sol poente cintilou deitando-se para além das árvores. Guy fechou mais a cara, e a sobrancelha que agora exibia uma cicatriz branca sombreou-lhe o olho. Aquela cicatriz, que ganhara na travessia do bosque, estava ali para sempre, era o que pensava. Cutucou uma pedra no chão mas não conseguiu desalojá-la de onde estava. Melhor mesmo que ela acreditasse que os problemas profissionais tinham a ver com seu estado de depressão depois do Palmyra. Ou pensasse o que bem quisesse.

— Guy, desculpe — disse ela.

Guy olhou-a.

— Desculpe?

Ela chegou mais perto.

— Desculpe. Acho que sei o motivo disso tudo.

Ele continuava com as mãos nos bolsos.

— Como assim?

Ela fez uma longa pausa.

— Pensei muito no assunto, no seu desassossego desde que terminou o Palmyra. Talvez você não tenha consciência, mas acho que está tudo relacionado com Miriam.

Ele se afastou com um movimento brusco.

— Não. Não tem absolutamente nada a ver com isso! — disse com toda a sinceridade. Como lhe pareceu falso, no entanto! Passou os dedos pelos cabelos e levou-os para trás.

— Ouça, Guy — disse Anne suave e claramente — talvez você não esteja querendo tanto se casar quanto julga que quer. Se acha que é um problema para você, diga, porque posso aceitar isso muito mais facilmente do que essa sua ideia do emprego. Se quiser esperar ainda um tempo, ou então romper de vez, posso perfeitamente suportar a ideia.

Já estava decidida, há muito, de resto. Aquilo era visível na perfeita serenidade em que se mantinha. Podia abrir mão dela naquele exato momento. A dor da perda substituiria a dor da culpa.

— Ei, Anne! — O pai chamava-a da porta da cozinha. — Você vai entrar já? Estou precisando da hortelã!

— Já vou, papai! — gritou em resposta. — Então, o que é que você diz, Guy?

Ele comprimiu a língua contra o céu da boca. Pensou: ela é o sol na minha floresta escura. Mas não podia declará-lo. Limitou-se a dizer:

— Não sei dizer...

— Bem. Quero mais do que nunca ficar com você porque você está precisando de mim, agora mais do que nunca. — Pôs as hortelãs e os agriões na mão dele. — Será que você entrega isso a papai? E tome um drinque com ele. Tenho de trocar de roupa. — Ela lhe deu as costas e andou em direção à casa, não muito depressa, mas suficientemente depressa para desencorajar Guy a segui-la.

Guy bebeu vários *mint juleps*[7]. O pai de Anne preparava-os à maneira tradicional: punha o açúcar, o bourbon e a hortelã em uma dúzia de copos e deixava-os neles por todo o dia. Os drinques iam ficando cada vez mais gelados, e ele gostava de perguntar a Guy se alguma vez já provara melhores. Guy sentia que sua tensão se afrouxava até um determinado ponto, mas não conseguia ficar bêbado. Já tentara algumas vezes. Passava mal mas não ficava bêbado.

No terraço, com Anne, depois que a noite caíra, deu-se conta de que jamais tivera uma visão mais completa e abrangente dela do que na noite de sua primeira visita àquela casa. Lembrava-se de ter sentido um intenso e jubiloso desejo de fazer com que o amasse. Pensou na casa de Alton a esperá-los depois do casamento, domingo, e reafloraram os momentos felizes que já vivera com Anne. Queria poder protegê-la, realizar algum projeto impossível que a agradasse. Parecia-lhe a mais positiva e mais afortunada ambição que jamais tivera. Nesse caso havia uma saída, isto é, se conseguisse sentir-se assim. Era apenas uma parte de si que precisava manter sob vigilância, não a totalidade de seu ser, não Bruno, nem mesmo o seu trabalho. Tudo o que tinha a fazer era esmagar aquela outra parte de si e deixar viver o eu com o qual se identificava naquele momento.

# 31

Contudo, havia muitos pontos pelos quais o outro eu invadia o eu que ele queria preservar, e eram múltiplas as formas de invasão: certas palavras, sons, luzes, atos ou gestos que cumpria com seus pés e mãos. Se se deixasse ficar sem fazer nada, sem ouvir ou ver nada, aquela voz interior acabava por manifestar-se, triunfante, a assustá-lo, a aterrorizá-lo. O casamento tão cuidadosamente preparado para tornar-se uma ocasião festiva e pura, com suas rendas e cristais, o casamento tão ansiosamente aguardado por todos parecia-lhe o ato mais pérfido que poderia cometer. Quanto mais se aproximava a hora, mais frenéticos e vãos tornavam-se seus esforços para cancelá-lo. Até o último momento ele só pensava em sumir.

Robert Treacher, amigo dos tempos de Chicago, telefonou para desejar-lhe felicidades e perguntar se podia ir à cerimônia. Guy dispensou-o sob um pretexto qualquer. Achava que a festa era dos Faulkner, era para parentes e amigos deles, e a presença de um amigo seu abriria uma fenda em sua armadura. Só convidara Myers, o que não tinha qualquer importância — desde que começara o projeto do hospital não dividiam mais o mesmo escritório —, Tim o'Flaherty, que não poderia vir, e dois ou três arquitetos da Academia Deems que conheciam mais seu trabalho do que a ele mesmo. Mas meia hora depois da chamada que Treacher fez de Montreal pegou no telefone e perguntou a Bob se podia ser seu padrinho.

Guy se deu conta de que ao longo de um ano inteiro sequer se lembrara da existência de Treacher. Nem respondera a sua carta. Nunca mais se lembrara de Peter Wriggs, ou de Vic De Poyster e Gunther Hall. Costumava visitar Vic e a mulher no apartamento da Rua Bleecker, e uma vez levara Anne para conhecê-los. Vic era pintor, e no inverno passado, Guy se lembrava, mandara-lhe um convite para uma exposição. Ele nem sequer respondera. Lembrava-se agora,

algo vagamente, de que Tim estivera em Nova York e lhe telefonara, propondo-lhe um almoço. Coincidiu com o período em que Bruno o assediara pelo telefone, e ele declinou o convite. Guy relembrou que a *Theologia Germanica* estabelecia que os antigos germânicos julgavam sobre a culpabilidade ou inocência de um acusado pelo número de amigos que testemunhavam a seu favor. Quantos de seus amigos seriam capazes de testemunhar por ele? Nunca dedicara muito de seu tempo aos amigos, pois se tratava de pessoas cuja expectativa não era essa, mas agora sentia que os amigos o desertavam, como se, mesmo sem vê-lo, pressentissem que ele se tornara indigno de uma amizade.

Na manhã de domingo, a do casamento, andando em círculos à volta de Bob Treacher na sacristia da igreja, Guy aferrava-se à lembrança de suas plantas para o hospital como a um último fio de esperança, a única prova que lhe restava de que era uma pessoa real. Fizera um trabalho excelente, e seu amigo Bob Treacher o elogiara. Provara a si mesmo que ainda era capaz de criar.

Bob acabara por desistir de manter qualquer diálogo com ele. Sentou-se e cruzou os braços, com uma expressão divertida mas algo ausente em seu rosto gorducho. Bob achava que ele estava apenas nervoso. Mas Guy tinha certeza de que Bob não podia realmente avaliar o que ele sentia. Por mais que imaginasse estar revelando seus sentimentos, isso na verdade não acontecia. E era o pior, verificar que a vida de uma pessoa podia basear-se em hipocrisia total. Aquela era a situação real — um casamento, o seu, e um amigo, Bob Treacher, que não o conhecia mais. Cenas numa pequena sacristia de pedra, com sua alta janela gradeada, como a de uma cela de prisão. Lá fora, vozes sussurrantes, as de uma multidão enfurecida que ruge impaciente para invadir a prisão, clamando justiça.

— Você não trouxe por acaso alguma garrafa…

Bob pulou.

— Claro que trouxe. Está pesando no meu bolso e eu tinha me esquecido completamente dela. — Plantou a garrafa na mesa e ficou à espera de que Guy a pegasse. Bob tinha cerca de 45 anos, era homem modesto mas de temperamento ardente, um ar de solteirão convicto, satisfeito consigo mesmo e inteiramente absorvido pela profissão, na qual aliás era muito respeitado. — Por favor — disse, encorajando Guy a servir-se. — Quero fazer um brinde pessoal a Anne. Ela é muito bonita, Guy. — E, abaixando a voz, acrescentou com um sorriso: — Bonita como uma ponte branca.

Guy ficou parado olhando o meio litro em cima da mesa. O burburinho que chegava pela janela dava-lhe a sensação de que ele, ele e Anne eram objetos de troça geral. A garrafa na mesa era parte daquilo tudo, um velho clichê humorístico que costumava comparecer aos casamentos tradicionais. No casamento com Miriam bebera uísque. Guy apanhou a garrafa e arremessou-a

contra um canto da sacristia. O barulho que fez ao espatifar-se interrompeu, por não mais do que um segundo, o ruído festivo das buzinas, as vozes e o ridículo trêmulo do órgão. Em seguida os ruídos se restabeleceram.

— Desculpe, Bob. Desculpe mesmo.

Bob não tirara os olhos de cima dele.

— Não o censuro nem um pouco — sorriu.

— Mas eu me censuro!

— Escute aqui, meu velho...

Guy percebia que Bob estava indeciso entre rir e permanecer sério.

— Espere um instante — disse Treacher. — Vou conseguir outra para nós.

A porta se abriu no exato momento em que Bob a alcançava e a figura magra de Peter Wriggs entrou por ela. Guy apresentou-o a Treacher. Peter viera de Nova Orleans especialmente para o casamento. Se o casamento fosse com Miriam, conjeturou Guy, ele não teria vindo. Peter tinha horror a Miriam. Suas têmporas começavam a ficar grisalhas, mas o rosto era ainda enxuto como o de um rapaz de dezesseis anos. Guy retribuiu-lhe o rápido abraço, reparando que passara a agir com absoluto automatismo, como uma máquina sobre os trilhos. Exatamente como naquela noite de sexta-feira.

— Está na hora, Guy — disse Bob abrindo a porta.

Guy caminhou a seu lado. Eram doze degraus até o altar. Os rostos acusatórios, pensava Guy. Todos mudos de horror, como os Faulkner no banco de trás do automóvel, naquele dia. Quando iriam intervir e pôr fim àquilo tudo? Quanto tempo mais pretendiam esperar?

— Guy — sussurrou alguém.

Seis, contou Guy, sete.

— Guy! — Do meio dos rostos a voz continuava a chegar debilmente, e Guy relanceou à sua esquerda, viu duas mulheres que acompanhavam a cerimônia olhando por cima dos ombros e, depois, nem mais nem menos do que o rosto de Bruno.

Guy olhou outra vez. Seria mesmo Bruno ou era uma alucinação sua? O sorriso ávido, os olhos cinzentos a alfinetá-lo... Dez, onze, contou. *Doze degraus, pule o sete... Não há erro possível.* Sentiu o couro cabeludo a formigar-lhe. Não seria uma prova de que era uma visão e não Bruno realmente? Rezou: Senhor, não permita que eu desmaie. Seria melhor desmaiar do que se casar, argumentou a voz interior.

Estava de pé, ao lado de Anne, e ali estava Bruno, entre eles. Não era um acontecimento isolado, um momento passageiro, e sim uma situação permanente, algo que sempre fora assim e sempre haveria de sê-lo. Bruno, ele e Anne. E os trilhos sobre os quais deveria sempre movimentar-se. Para todo o

sempre em cima dos trilhos, até que a morte os separasse, pois era este o castigo. Que outra espécie de castigo procurava ainda?

Por toda parte via rostos sorridentes e aprovadores e sentia-se um palhaço a fazer macaquices para todos. O Clube de Vela e Tênis comparecera em peso. Havia um bufê e todos tomaram uma taça de champanhe, até ele. E Bruno não estava à vista. Tudo o que se podia ver em volta eram perfumadas e inofensivas senhoras enchapeladas e cobertas de adereços. A Sra. Faulkner envolveu-o pelo pescoço e beijou-o na face e então, por sobre os ombros dela, viu os olhos de Bruno a fitá-lo através da porta, com o mesmo sorriso e o mesmo olhar a alfinetá-lo. Bruno avançou direto para ele e parou balançando-se nos pés.

— Meus votos de muitas, muitas felicidades, Guy. Você não fica aborrecido por eu ter vindo, fica? É um dia de festa!

— Saia. Saia já daqui.

O sorriso de Bruno desapareceu lentamente.

— Acabo de voltar de Capri — disse com a voz arranhada de sempre. Estava com um terno novo de gabardine azul-rei, as lapelas largas com as de um terno para a noite. — Como tem passado, Guy?

Uma tia de Anne sussurrou-lhe um recado ao ouvido, com bafo de perfume, e ele murmurou algo à guisa de resposta. Guy virou-se e ia começando a afastar-se.

— Só queria desejar-lhe felicidades — declarou Bruno. — Só isso.

— Vá embora — disse Guy. — A porta está bem atrás de você. — Mas achou que não devia dizer mais nada. Acabaria por perder o controle.

— Me dê uma trégua, Guy. Quero ver a noiva.

Guy deixou-se levar por duas mulheres de meia-idade, uma em cada braço. Embora não pudesse vê-lo, sabia que Bruno se afastara, com um sorriso de mágoa e impaciência, rumo ao bufê.

— Aguentando firme, Guy? — O Sr. Faulkner tomou-lhe da mão o copo pela metade. — Vamos conseguir alguma coisa melhor no bar.

Guy ganhou um copo cheio até a metade de uísque escocês. Conversava sem saber o que dizia. Tinha certeza de que acabara de dizer: Chega, mande todo mundo embora. Mas não devia ter dito nada disso, do contrário o Sr. Faulkner não estaria às gargalhadas. Ou será que estaria?

Quando cortaram o bolo, Bruno os observava de uma das pontas da mesa. Anne principalmente, reparou Guy. A boca de Bruno era um risco que o sorriso enlouquecido desenhava. Os olhos faiscavam como o alfinete de diamante em sua gravata azul-marinho, e em seu rosto Guy podia ver a combinação de carência, medo, determinação e humor que vira no momento mesmo em que o conhecera.

Bruno chegou-se a Anne.

— Acho que já a vi em algum lugar. Você tem algum parentesco com Teddy Faulkner?

Guy viu-os apertarem-se as mãos. Pensara que jamais poderia tolerar aquilo, mas tolerava-o, incapaz de um único gesto.

— É meu primo — disse Anne com um sorriso, o mesmo que concedera a alguém um minuto atrás.

Bruno balançou a cabeça, afirmativo.

— Joguei golfe com ele em uma ou duas ocasiões.

Guy sentiu o toque de uma mão no ombro.

— Posso conversar um instante com você, Guy? Eu... — Era Peter Wriggs.

— Agora não. — Guy dirigiu-se para onde estavam Bruno e Anne. Envolveu na sua a mão esquerda de Anne.

Ao lado dela, Bruno saracoteou muito à vontade, carregando num prato um pedaço do bolo de casamento em que ainda não tocara.

— Sou um velho amigo de Guy. Um velho conhecido. — Por trás de Anne, Bruno piscou para ele.

— É mesmo? De onde vocês dois se conhecem?

— Da escola. Somos velhos colegas de escola. — Bruno abriu um sorriso. — Sra. Haines, saiba que é a mais bonita noiva que vejo em muitos anos — disse ele com tão enfática convicção que fez Anne tornar a sorrir.

— Tive muito prazer em conhecê-lo — replicou ela.

— Espero poder vê-los qualquer dia desses. Onde vão morar?

— Em Connecticut — respondeu Anne.

— Connecticut, belo Estado — disse Bruno piscando outra vez para Guy, e afastou-se inclinando educadamente a cabeça.

— É um amigo de Teddy? — perguntou Guy a Anne. — Foi Teddy quem o convidou?

— Não se preocupe tanto, querido! — disse Anne rindo. — Já vamos embora.

— Onde está Teddy? — Ao mesmo tempo, no entanto, perguntou-se o que ganharia indo falar com Teddy e criando um caso a respeito.

— Há dois minutos estava ali na mesa — informou Anne. — Lá está Chris. Tenho de dizer oi a ele.

Guy girou sobre si mesmo, à procura de Bruno, e achou-o a servir-se de fios de ovos e a falar animadamente a dois rapazes que sorriam para ele como enfeitiçados por um demônio.

O irônico em tudo aquilo, pensava Guy no carro, minutos depois, com amargura, era que Anne nunca pudera conhecê-lo como ele era verdadeiramente.

Quando se conheceram, era um homem taciturno. Agora fazia todos os esforços possíveis, coisa rara nele. Talvez só tivesse sido ele mesmo durante aqueles poucos dias na Cidade do México.

— O rapaz de terno azul foi seu colega na Academia Deems? — perguntou Anne.

Estavam a caminho de Montauk Point. Um parente de Anne emprestara-lhes uma pequena casa de campo para os três dias de lua de mel. A lua de mel não poderia exceder de três dias, pois ele se comprometera a começar a trabalhar dentro de um mês no máximo na firma de arquitetura Horton, Horton e Keese, e antes disso tinha de entregar as plantas detalhadas para o hospital.

— Não, no Instituto. Um período rápido. — Como pudera embarcar na mentira de Bruno?

— Ele tem uma expressão interessante — disse Anne, puxando o vestido na altura dos quadris para depois colocar os pés no assento.

— Interessante? — perguntou Guy.

— Não acho que seja atraente. Mas intenso.

Guy rangeu os dentes. Intenso? Será que ela não via que se tratava de um louco desvairado? De uma pessoa morbidamente insana? Será que ninguém via isso?

# 32

A recepcionista da Horton, Horton e Keese, arquitetos, entregou-lhe o recado de que Charles Bruno telefonara e deixara o número. Era o telefone de Great Neck.

— Obrigado — disse Guy, e continuou andando pelo saguão.

E se a firma mantivesse registros dos recados telefônicos? Não mantinha, mas e se de fato mantivesse? E se Bruno aparecesse qualquer dia. Horton, Horton e Keese, porém, eram tão corruptos que a presença de Bruno ali não faria grande contraste. E não era aliás exatamente por causa disso que estava ali, impregnando-se daquela atmosfera, numa espécie de ilusão de que a mudança radical representava uma expiação através da qual haveria de sentir-se melhor?

Guy entrou no salão iluminado por uma grande claraboia e mobiliado com peças de couro, e acendeu um cigarro. Mainwaring e Williams, dois dos arquitetos mais conceituados da firma, liam relatórios sentados em amplas poltronas de couro. Guy observava a rua da janela, sentindo os olhos deles cravados em si. Sempre o observavam, pois tinha a reputação de ser algo especial, um gênio, como provavelmente Horton, filho, andara espalhando. O que então fazia ali? Talvez passasse por sérios problemas financeiros, claro, e ao mesmo tempo casara-se há pouco. Mas afora tudo isso e mais o hospital no Bronx, sentia-se sem dúvida inseguro e perdera o controle das coisas. Mesmo aos melhores isso podia acontecer de tempos em tempos, deviam comentar uns com os outros, e nesse caso por que teriam escrúpulos em aceitar um emprego confortável? Guy contemplou lá embaixo a mixórdia dos telhados e ruas de Manhattan, que lhe pareceram um exemplo perfeito de como uma cidade não deve ser construída. Quando se virou, Mainwaring abaixou os olhos como um colegial envergonhado.

Passou a manhã cuidando preguiçosamente de um projeto em que há vários dias se ocupava. Leve o tempo que quiser, haviam-lhe dito. Tudo o que tinha a

fazer era satisfazer o cliente e colocar sua assinatura embaixo. O projeto era um grande magazine para uma pequena mas abastada comunidade em Westchester, e o que o cliente tinha em mente era algo como uma antiga mansão, de sorte a manter-se de acordo com o estilo do lugar, mas ao mesmo tempo com um toque moderno, sabe como é? Ele pedira expressamente que o responsável fosse Guy Daniel Haines. Guy poderia ter usado o seu repertório de truques para botar alguma coisa no papel, mas a verdade é que certos requisitos funcionais tinham de ser preenchidos no projeto. Passou a manhã a apontar lápis e a apagar coisas que havia riscado. Calculou que precisaria de mais quatro ou cinco dias e entrar pela semana seguinte até dispor de algum esboço, ainda que vago, para mostrar ao cliente.

— Charley Bruno vem também hoje à noite — avisou Anne da cozinha.

— O quê? — perguntou Guy aproximando-se da porta.

— Não é esse o nome dele? Aquele rapaz que estava no nosso casamento. — Anne cortava cebolinhas numa tábua de madeira.

— Você o convidou?

— Parece que ele ouviu falar, telefonou e de certo modo acabou por se convidar — explicou Anne tão distraidamente que uma violenta suspeita de que o estivesse testando gelou-o espinha acima. — Hazel, leite não, querida, há montes de creme na geladeira.

Guy viu Hazel despejar o creme na tigela de queijo gorgonzola esmigalhado.

— Você fica aborrecido se ele vier, Guy? — perguntou-lhe Anne.

— Nem um pouco, mas como você sabe ele não é meu amigo. — Foi até o quarto dos fundos e apanhou a caixa com os apetrechos de engraxar sapatos. Como detê-lo? Tinha de haver um meio, mas, por mais que desse tratos à bola, sabia que qualquer solução seria enganosa.

— Fica, sim — disse Anne, sorrindo.

— Acho apenas que ele é uma espécie de penetra, só isso.

— Você não sabe que traz má sorte negar hospitalidade a uma pessoa na inauguração de uma casa?

Bruno tinha os olhos injetados ao chegar. Todo mundo fez algum comentário sobre a casa nova, mas Bruno entrou na sala de estar de tijolos vermelhos decorada em tons de verde silvestre como se já houvesse estado ali uma centena de vezes. Ou como se morasse ali, pensou Guy ao conduzi-lo através da sala. Guy reparou que Bruno dedicava atenções repletas de simpatia e entusiasmo a ele e a Anne e mal se dava conta da presença das outras pessoas — duas ou três das quais se comportavam como se já o conhecessem —, exceção feita à Sra. Chester Boltinoff, de Muncey Park, Long Island, cuja mão Bruno

envolveu calorosamente nas suas, como se nela tivesse encontrado uma aliada. E horrorizado Guy via a Sra. Boltinoff agraciar Bruno com largos e amistosos sorrisos.

— Como vão as coisas? — perguntou Bruno a Guy após servir-se uma bebida.

— Tudo bem. Tudo ótimo. — Guy decidira manter-se calmo, mesmo que para isso fosse preciso anestesiar-se totalmente. Na cozinha já virara dois ou três goles. Pilhou-se, contudo, a bater em retirada, pela escada em espiral num canto da sala. Queria apenas dar-se um tempo, situar-se. Subiu correndo a escada e entrou em seu quarto. Passou a mão fria na testa e deixou-a escorregar lentamente rosto abaixo.

— Perdão, ainda estou em trabalhos de exploração — disse uma voz que vinha do outro lado do quarto. — Guy, é uma casa fantástica. Tive de me refugiar provisoriamente no século XIX.

Helen Heyburn, amiga de Anne dos tempos de colégio, estava ali, junto da secretária, junto do revólver, pensou Guy.

— Fique à vontade. Só vim buscar um lenço. Como é que você está de bebida? — Guy puxou a gaveta de cima, à direita, onde estavam guardados tanto o revólver que não queria quanto o lenço de que não precisava.

— A bebida está ótima. Eu, nem tanto.

Guy achou que Helen provavelmente passava por outra de suas fases "maníaco-depressivas". Era uma artista trabalhando em comércio, talentosa, segundo Anne, mas que só conseguia fazer alguma coisa de trimestre em trimestre, antes de mergulhar em nova fase de depressão. E, era o que ele pensava, não gostava dele, desde aquela noite de domingo em que não fora com Anne à sua festa. Havia desconfianças de sua parte em relação a ele. O que fazia em seu quarto, fingindo apreciar a bebida mais do que na verdade apreciava?

— Você é sempre tão sério assim, Guy? Sabe o que eu disse a Anne quando ela me contou que ia se casar com você?

— Disse-lhe que eu era um maluco.

— Eu disse: mas ele é tão sério. Um homem atraente, um gênio talvez, mas tão sério. Como é que você vai aguentar isso? — Ela ergueu o rosto claro e anguloso. — Você não tenta nem se defender. Aposto que você é sério demais para me beijar, não é?

Ele andou até onde ela estava, vencendo sua própria resistência, e beijou-a.

— Isso não é beijar.

— Mas eu decidi que não ia ser sério desta vez.

Saiu. Quem sabe ela ia contar tudo a Anne — que às dez da noite o surpreendera preocupado no quarto. Poderia também, perfeitamente, abrir a

gaveta e achar o revólver. Mas não acreditava que qualquer dessas coisas acontecesse. Helen era uma tola, e ele vivia a se perguntar por que Anne gostava dela, mas não era uma encrenqueira. E, tanto quanto Anne, não era dada a bisbilhotar. Pelo amor de Deus, sempre deixara o revólver ali na gaveta, bem ao alcance de Anne, desde que moravam naquela casa. Não tinha qualquer preocupação de que Anne pudesse vasculhar a parte que lhe cabia da secretária, da mesma maneira que não a achava capaz de abrir sua correspondência.

Ao descer, encontrou Bruno e Anne conversando no sofá junto à lareira. O copo que Bruno de vez em quando balançava na mão já marcara o pano do sofá de nódoas verde-escuro.

— Ele está me contando tudo sobre a nova Capri, Guy — disse Anne erguendo os olhos para ele. — Sempre tive vontade de conhecer esse lugar com você.

— O melhor é ficar numa casa — prosseguiu Bruno, ignorando Guy. — Alugue um castelo, quanto maior, melhor. Minha mãe e eu ficamos num castelo tão grande que nunca conseguíamos chegar à outra extremidade dele, até que uma noite simplesmente nos perdemos, não achávamos a porta de saída. Na ponta da varanda, acabamos descobrindo uma enorme família de italianos que jantavam. Nessa mesma noite eles apareceram, eram uns doze, e perguntaram se podiam trabalhar para nós. Não pediam nada, só pediam que os deixássemos ficar ali. Aceitamos, é claro.

— E vocês não aprenderam a falar italiano?

— Não é preciso! — Bruno deu de ombros, a voz arranhada, tal como Guy se acostumara a relembrar.

Guy ficou a manusear um cigarro, atento ao flerte tímido mas ávido que os olhos de Bruno dirigiam a Anne. Ela parecia entontecê-lo mais do que o tilintar estupefaciente do álcool. Com toda certeza Bruno já elogiara o vestido dela, o vestido de que ele, Guy, mais gostava, de tafetá cinza com motivos azuis a sugerir caudas de pavão. Bruno sempre prestava atenção nas roupas das mulheres.

— Guy e eu — a voz de Bruno soou claramente atrás dele, como se ele tivesse girado a cabeça — Guy e eu conversamos certa vez sobre viagens.

Guy esmagou o cigarro num cinzeiro, apagou por completo a sua brasa e se encaminhou para o sofá.

— Que tal darmos uma olhada na nossa sala de jogos lá em cima? — propôs a Bruno.

— Claro. — Bruno levantou-se. — O que é que vocês jogam?

Guy empurrou-o para um quarto forrado de vermelho e fechou a porta.

— Aonde você quer chegar?

— Guy! Você está bêbado!

— O que é que você pretende dizendo a todo mundo que somos velhos amigos?

— Não disse a ninguém. Disse a Anne.

— O que é que você pretende dizendo isso a ela ou a quem quer que seja? O que é que você pretende vindo à minha casa?

— Calma, Guy! Sh-sh-sh! — Bruno pedia-lhe silêncio balançando o copo na mão.

— A polícia ainda está de olho nos seus amigos, não?

— Nada disso me preocupa.

— Dê o fora. Já. — Sua voz vacilou, exatamente na medida em que tentava controlá-la. Em nome de que devia controlar-se? O revólver com a última bala estava bem perto, era só atravessar o corredor.

Bruno olhou com um ar de enfado para ele e suspirou. O ritmo de sua respiração lembrou a Guy a noite em que ele o visitara em seu quarto.

Guy vacilou sobre seus pés e isso o enfureceu.

— Acho que Anne é bonita — observou Bruno, com gosto.

— Se encontrar você outra vez falando com ela, vou matá-lo.

O sorriso de Bruno se dissipou e em seguida restabeleceu-se, ainda mais amplo.

— É uma ameaça, Guy?

— É uma promessa.

Meia hora depois, Bruno estava estirado atrás do sofá em que ele e Anne haviam conversado. Parecia enorme no chão, com uma cabeça pequenina junto à lareira. Três homens o ergueram sem saber o que fazer com ele.

— Levem-no... Acho que para o quarto de hóspedes — sugeriu Anne.

— Bons presságios, Anne — riu Helen. — Um convidado tem sempre de pernoitar na casa no dia da inauguração.

Christopher Nelson veio falar com Guy.

— Onde foi que você descobriu a peça? Ele ia com frequência ao Great Neck Club. Agora está proibido de entrar.

Guy conversara com Teddy depois do casamento. Teddy não havia convidado Bruno, não sabia nada a seu respeito. E não simpatizava com ele.

Guy subiu a escada, entrou no escritório e fechou a porta. Em sua prancheta viu os ainda rudes estudos para o projeto do magazine, que um lampejo de consciência profissional o fizera trazer para casa, na esperança de concluí-los no fim de semana. Sentiu enjoos ao contemplar o traçado familiar, que a bebida tornava impreciso. Pegou uma folha de papel em branco e começou a desenhar o prédio que queriam. Sabia exatamente o que queriam. Esperava poder terminar

antes de vomitar e vomitar feito um animal assim que o terminasse. Contudo, quando terminou, nada disso aconteceu. Apenas se recostou na cadeira e depois se levantou para abrir a janela.

# 33

O projeto para o magazine foi aceito e altamente elogiado, primeiro pelos Horton, depois pelo cliente, Sr. Howard Wyndham, de New Rochelle, que passou no escritório segunda-feira de manhã para ver as plantas. Guy gratificou-se passando o resto do dia a fumar em seu gabinete e a folhear o exemplar encadernado em marroquim da *Religio Medici* que acabara de comprar na Brentano's para dar a Anne de presente de aniversário. Que incumbência haveriam de confiar-lhe em seguida, ficou conjeturando. Releu trechos do livro, identificando as passagens que ele e Peter mais apreciavam... *o homem sem umbigo que sobrevive em mim...* Que coisa atroz lhe pediriam para fazer a seguir? Tá cumprira uma tarefa. Não era o suficiente? Seria intolerável ter de fazer algum outro projeto como o do magazine. À autocomplacência opunha-se a vida. Podia censurar-se por isso, mas o fato é que ainda estava vivo. Levantou-se da prancheta, pegou a máquina de escrever e começou a redigir uma carta de demissão.

Anne insistiu em que saíssem à noite para celebrar. Estava alegre, tão transbordantemente alegre, que chegou a contagiar Guy com seu alento, embora a animação dele se mostrasse ainda hesitante, como uma pipa que tenta decolar em dia de pouco vento. Viu-a puxar os cabelos para trás e prendê-los na nuca com os dedos finos.

— Guy, será que não podíamos fazer o cruzeiro agora? — perguntou ela quando desciam para a sala de estar.

Anne continuava empenhada na ideia de percorrer a costa no iate *India* — a viagem de lua de mel que haviam adiado. Guy pretendia dedicar todo seu tempo a supervisionar a execução do projeto para o hospital, mas não podia deixar de fazer a vontade de Anne.

— Quando acha que poderemos partir? Daqui a cinco dias? Uma semana?

— Cinco dias, talvez.

— Acabei de me lembrar — suspirou ela. — Tenho de ficar até o dia 23. Tem um homem da Califórnia que está chegando aí, interessado no nosso estoque de peças de algodão.

— E não há também uma exposição de moda no fim do mês?

— Ah, Lilian pode dar conta disso — ela sorriu. — Maravilhoso da sua parte me lembrar disso.

Ele a viu colocar o capuz do casaco de pele de leopardo. Parecia antegozar a perspectiva de discutir negócios com o homem da Califórnia, na semana seguinte. Não ia deixar aquilo nas mãos de Lilian. Na loja era ela quem cuidava desses assuntos. Guy viu na mesa do café as flores alaranjadas de hastes longas.

— De onde vieram? — perguntou.

— Charley Bruno. Com um bilhete pedindo desculpas por sexta-feira à noite. — Ela riu. — Simpático.

Guy examinou-as.

— São o quê?

— Margaridas africanas. — Abriu e segurou a porta da frente para ele, e os dois saíram para pegar o carro.

Guy reparou que estava envaidecida pelas flores. Mas sabia também que Bruno caíra um pouco em sua estima depois da noite da festa. Avaliou de novo o atual grau de comprometimento entre ele e Bruno. A qualquer momento a polícia começaria a investigá-lo. Era certo que iriam investigá-lo, disse a si mesmo, como uma advertência. E por que não estava mais preocupado? Qual vinha a ser aquele seu estado de espírito, que não conseguia mais definir satisfatoriamente? Resignação? Suicídio? Ou simplesmente um torpor imbecilizado?

Nos dias seguintes teve de passar algum tempo em Horton, Horton e Keese, concluindo as plantas para o interior do grande magazine. Chegou a considerar a possibilidade de estar sofrendo de alguma perturbação mental. Será que uma forma sutil de loucura não se teria apossado dele? Lembrava-se de que até uma semana depois daquela noite de sexta-feira sua existência, sua segurança pareciam oscilar em precário equilíbrio. Um pequeno gesto, uma pequena falha poderiam fazer desmoronar tudo. Agora já não sentia nada disso. Continuava, porém, sonhando que Bruno invadia seu quarto. Se despertava ao amanhecer, tinha a mesma visão de si mesmo — de pé no quarto, o revólver na mão. Ainda sentia que precisava, e tão depressa quanto possível, encontrar uma maneira de expiar o que fizera. E nada, nenhum sacrifício que até agora tivesse concebido, parecia-lhe suficiente para caracterizar a expiação. Sentia-se como se em si coexistissem duas pessoas, uma das quais era capaz de criar e, ao criar, harmonicamente sintonizar-se com Deus. A outra era capaz de matar. Qualquer

pessoa é capaz de matar, dissera Bruno no trem. O homem que há dois anos, em Metcalf, explicara a Bobbie Cartwright o princípio de sustentação das sacadas? Não, nem o homem que projetara o hospital ou mesmo o magazine, ou que gastara meia hora, semana passada, decidindo de que cor devia pintar a cadeira metálica para o jardim dos fundos, mas sim o homem que se olhara no espelho a noite passada e num lampejo vira o assassino, como um irmão secreto.

E como podia ele sentar-se diante de uma mesa, pensando em assassinato, se em menos de dez dias estaria com Anne em um iate branco? Por que Anne lhe fora dada? Ou, senão, por que lhe fora dada a capacidade de amá-la? E será que havia tão prontamente concordado com o cruzeiro apenas por desejar livrar-se de Bruno por três semanas? Bruno, se quisesse, podia tirar-lhe Anne. Sempre admitira essa possibilidade e sempre tentara enfrentá-la. Mas desde que os vira juntos, desde o dia do casamento, tinha consciência de que tal possibilidade o aterrorizava especialmente.

Levantou, colocou o chapéu e saiu para almoçar. Quando atravessava o saguão ouviu um zumbido de chamada na mesa telefônica. A moça lhe fez um sinal.

— Pode atender aqui mesmo, se quiser, Sr. Haines.

Guy pegou o telefone já sabendo que era Bruno e que concordaria em encontrar-se com ele ainda hoje. Bruno propôs que almoçassem juntos e Guy marcou dali a dez minutos no Mario’s Villa d’Este.

Motivos em rosa e branco adornavam as cortinas nas janelas do restaurante. Guy tinha a sensação de que Bruno preparara uma armadilha, pressentia investigadores de polícia escondidos atrás das cortinas. Mas nem por um segundo isso o preocupou.

Bruno avistou-o do bar e escancarou um sorriso enquanto escorregava para fora da banqueta. Ali estava Guy, de novo perdido, pensou ele, e de novo à sua mercê. Bruno pôs a mão no ombro de Guy.

— Olá, Guy. Reservei uma mesa ali adiante, nessa ala.

Bruno vestia o velho terno cor de ferrugem. Guy relembrou a primeira vez que seguira aquelas pernas compridas, rumo à cabine, ao balanço do trem, mas a recordação não lhe chegou carregada de qualquer espécie de arrependimento. A rigor experimentava um sentimento de franca simpatia em relação a Bruno, como já lhe ocorrera — mas sempre à noite, nunca durante o dia. Não chegava sequer a sentir qualquer rancor diante do evidente prazer manifestado por Bruno porque concordara em almoçar com ele.

Bruno encarregou-se de pedir os aperitivos e a comida. Para si fígado grelhado — imposição da dieta que estava fazendo, explicou — e para Guy uma omelete, pois sabia ser um prato de sua preferência. Guy fiscalizava a mesa mais

próxima. As quatro bem postas quarentonas que a ocupavam despertaram-lhe suspeitas enigmáticas. Todas sorriam de olhos semicerrados, a bebericar coquetéis. Adiante, um senhor robusto de aspecto europeu enviava um sorriso cheio de dentes a um invisível comensal do outro lado da mesa. Garçons trotavam prestimosos para cima e para baixo. Não parecia aquilo tudo um espetáculo concebido e interpretado por loucos, Bruno e ele nos papéis principais e, entre todos, os mais loucos? Pois uma nota de extravagância e um tom grandiloquente parecia revestir cada gesto que via e cada palavra que ouvia.

— Que tal? — dizia Bruno. — Comprei no Clyde's hoje de manhã. Você não vai encontrar coisa mais fina. Moda para o verão, de acordo?

Bruno abriu quatro caixas de gravatas diante de Guy. Eram de tecidos variados — linho, tricô, seda — e no meio delas sobressaía uma gravata borboleta de linho duro, num tom muito claro de violeta. Guy notou também uma outra, de xantungue azul-esverdeado, da cor de um vestido de Anne.

Bruno ficou triste. Guy parecia não ter gostado delas.

— Muito berrantes? São gravatas de verão.

— São simpáticas — disse Guy.

— Esta é a minha preferida. Nunca vi nada parecido. — Bruno apanhou uma gravata branca de tricô, com uma fina risca vermelha de alto a baixo. — Eu as escolhi para mim, mas gostaria que você ficasse com elas. São para você, Guy.

— Obrigado. — Guy sentiu uma desagradável contração no lábio superior. Parecia que era alguma amante de Bruno, passou-me de repente pela cabeça, uma namorada a quem Bruno oferecesse como proposta de reconciliação.

— Um brinde à viagem — disse Bruno, levantando o copo. Bruno conversara de manhã com Anne pelo telefone e ela lhe contara sobre o cruzeiro, explicou. Com a sofreguidão habitual, pôs-se a falar de como achava Anne maravilhosa.

— Ela tem uma expressão tão pura. Não é todo dia que se encontra uma moça com a delicadeza que ela tem. Você deve estar se sentindo inteiramente realizado, Guy. — Calculava que Guy iria dizer alguma coisa, uma frase, duas palavras que fossem, para de algum modo explicar por que se sentia feliz. Mas Guy não disse nada e Bruno se sentiu rejeitado. Um bolo sufocou-lhe o peito e o percorreu pescoço acima até a garganta. O que Guy poderia considerar injurioso nisso? Bruno estava morto de vontade de tomar na sua a mão de Guy displicentemente apoiada na beira da mesa — como um irmão o teria feito — mas reprimiu-se. — Ela gostou de você na mesma hora ou levou algum tempo? Guy?

Guy ouviu-o repetir a pergunta. Aquela época parecia-lhe pertencer ao passado remoto.

— Como posso responder a uma pergunta dessas, envolvendo questões de tempo? É um fato, e pronto. — O rosto pequeno e rechonchudo de Bruno e a mecha de cabelos que lhe caía pela testa davam-lhe um quê de persistente imaturidade, mas seus olhos exprimiam muito mais confiança e muito menos fragilidade do que quando o conhecera. Guy imaginou que a causa poderia ser a circunstância de ele agora dispor de seu próprio dinheiro.

— Claro. Entendo o que você quer dizer. — Mas Bruno na verdade não o entendia. Guy era feliz com Anne apesar de viver constantemente acossado pelo fantasma de seu crime. Guy seria capaz de sentir-se feliz com ela ainda que fosse um homem financeiramente falido. Bruno tremia à simples ideia de um dia ter cogitado de oferecer dinheiro a Guy. Podia perfeitamente ouvir Guy a dizer: Não, com aquele olhar ausente de quem está a muitos quilômetros de distância. Bruno sabia que jamais teria aquilo que Guy tinha, não importa a quantidade de dinheiro à sua disposição, sequer o que pudesse fazer com ele. Chegara à conclusão de que ter a mãe a seu lado e voltada para ele não lhe preenchia os anseios de felicidade. Bruno forçou um sorriso. — Você acha que Anne me considera um bom sujeito?

— Acho.

— O que é que ela gosta de fazer além de desenhar moda? Gosta de cozinhar, esse tipo de coisa? — Bruno viu Guy pegar o martini e esvaziá-lo em três goles. — Entende? Gosto de saber que tipo de coisas vocês fazem juntos. Passear, por exemplo, ou resolver palavras cruzadas.

— Fazemos coisas assim.

— O que é que vocês fazem à noite?

— Anne trabalha às vezes. — Seus pensamentos fixaram-se, como nunca acontecera antes na presença de Bruno, no escritório do andar de cima em que ele e Anne frequentemente passavam as noites trabalhando. De vez em quando Anne dizia-lhe ou mostrava-lhe alguma coisa, à espera de um comentário. Ela parecia trabalhar sem esforço. E ele ouvia um som de riso quando ela agitava o pincel num copo d’água.

— Há uns dois meses vi a fotografia dela no *Harper’s Bazaar*, entre as de outros figurinistas. Ela é uma craque, não é?

— É.

— Eu... — Bruno pôs um antebraço em cima do outro, sobre a mesa. — Sério mesmo que fico muito contente sabendo que você é feliz com ela.

Sem dúvida. Os ombros de Guy relaxaram-se e ele sentiu também a respiração tornar-se mais fluente. Nesse exato momento, contudo, era difícil

acreditar que ela lhe pertencia. Ela lhe parecia uma deusa que descia para resgatá-lo de batalhas nas quais ele certamente teria sucumbido, como as deusas da mitologia que salvavam os heróis e, no entanto, introduziam um elemento de estranheza, de iniquidade, até, no desfecho das histórias. Quando, criança, as lia, aquilo nunca deixara de afligi-lo. Em noites de insônia, quando saía de casa com um sobretudo por cima do pijama e andava até o alto da pequena colina vizinha, nas quietas noites de verão, não se permitia pensar em Anne.

— *Dea ex machina* — murmurou Guy.

— O quê?

Por que estava ali sentado com Bruno, comendo à mesma mesa que ele? Tinha vontade de brigar com Bruno, tinha vontade de chorar. Os insultos que cresciam dentro dele, porém, foram no mesmo instante arrastados numa torrente de compaixão. Bruno não sabia amar, e saber amar era tudo de que precisava. Estava perdido demais e demasiado cego para amar ou inspirar amor. E aquilo tudo tinha conotações trágicas.

— Você nunca se apaixonou, Bruno? — Guy captou um lampejo de inquietação nos olhos de Bruno.

Bruno acenou para o garçom, pedindo outra bebida.

— Não, apaixonado mesmo acho que não. — Umedeceu os lábios. Não apenas jamais estivera apaixonado como tampouco se preocupava especialmente em correr atrás de mulheres para que dormissem com ele. No fundo sempre achou uma coisa meio boba. Nessas ocasiões tinha frequentemente a sensação de observar-se de fora. Uma vez até, que coisa terrível, chegou a ter um acesso de riso. Um estremecimento percorreu Bruno. Sentia que aquela era a mais dolorosa diferença a distanciá-lo de Guy. Por causa de uma mulher, Guy era capaz de esquecer a própria existência. Por causa de Miriam ele virtualmente atentara contra a própria vida.

Guy ficou olhando para Bruno e Bruno abaixou os olhos. Bruno mostrara um ar de expectativa, como se esperasse que ele lhe revelasse como se apaixonar.

— Você sabe, Bruno, qual é a maior sabedoria entre todas as sabedorias?

— Já ouvi uma porção de ensinamentos e sabedorias — disse Bruno, sorrindo com uma ponta de afetação. — A qual delas você se refere?

— Que o contrário de cada coisa está junto dela.

— A atração dos opostos?

— Isso é uma simplificação. Quero dizer... Você me traz gravatas de presente. Mas pela minha cabeça passou que, por sugestão sua, a polícia estivesse aqui à minha espera.

— Pelo amor de Deus, Guy, você é meu *amigo*. — declarou Bruno, frenético, atropelando as palavras. — Gosto de você!

Gosto de você, não o odeio, pensou Guy. Mas Bruno não diria isso, porque na verdade o odiava. Da mesma maneira que nunca diria a Bruno: Gosto de você. Ao contrário, diria: Odeio você, porque na verdade gostava dele. Guy cerrou os dentes e esfregou a testa com os dedos. Percebia, nítido, um equilíbrio de forças positivas e negativas, capaz de paralisar qualquer gesto seu antes mesmo de esboçá-lo. Era, por exemplo, o que o mantinha ali sentado. Levantou-se bruscamente, entornando um pouco das bebidas sobre a toalha.

Bruno olhou atônito para ele.

— Guy, qual é o problema? — E foi atrás dele. — Espere, Guy! Você acha que eu seria capaz de fazer uma coisa dessas? Nem que o mundo se acabasse!

— Não chegue perto de mim!

— *Guy!* — Bruno estava a ponto de chorar. Por que as pessoas o tratavam assim? *Por quê?* Pôs-se a gritar da calçada: — Nem que o mundo se acabasse! Nem que me dessem um milhão de dólares! Confie em mim, Guy!

Guy manteve Bruno à distância empurrando-lhe a mão contra o peito e fechou a porta do táxi. Tinha a convicção de que Bruno não iria traí-lo por nada no mundo. Mas se, como acreditava, tudo era tão ambíguo, como podia de fato ter certeza?

# 34

— Qual é exatamente a natureza de suas relações com a Sra. Guy Haines?

Bruno já esperava a interpelação. Gerard verificara suas despesas mais recentes, e entre elas incluíam-se as flores que mandara para Anne.

— Sou amigo dela. Amigo do marido dela.

— Sei. Amigo?

— Conhecido — Bruno deu de ombros. Sabia que a expectativa de Gerard era a de que ele se jactasse, por ser Guy uma pessoa famosa.

— Você o conhece há muito tempo?

— Não muito. — Refestelado na espreguiçadeira, Bruno esticou o braço para pegar o isqueiro.

— E por que você decidiu mandar flores?

— Acho que estava de bom humor. Eu ia a uma festa na casa deles, de noite.

— Você tem intimidade para isso?

Bruno tornou a dar de ombros.

— Ah, era uma festa comum, não tinha nada de especial. Ele foi um dos arquitetos em quem pensamos quando fizemos planos para construir uma casa. — A ideia acabara de ocorrer-lhe, e achou-a perfeita.

— Matt Levine. Vamos voltar um pouco a ele.

Bruno suspirou. Guy descartado — porque estava viajando ou simplesmente porque Gerard o descartava. Matt Levine em pauta. Impossível suspeitar dele. Mas, sem sequer se dar conta de que poderia tirar algum partido disso, Bruno se lembrou de que vira Matt uma porção de vezes antes do crime.

— Sim, o que há com ele?

— O que você tem a dizer do fato de tê-lo visto nos dias 24, 28 e 30 de abril? E nos dias 2, 5, 6 e 7 de março, e na antevéspera do crime?

— É mesmo? — sorriu. Gerard só levantara três das datas mais recentes. Matt também não gostava dele. E provavelmente não lhe fizera grandes elogios. — Ele queria comprar meu carro.

— E você queria vendê-lo? Por quê? Porque achava que brevemente teria um novo?

— Minha ideia era comprar um carro pequeno — disse Bruno sem qualquer ênfase especial. — Esse aí que está na garagem. O Crosley.

Gerard sorriu.

— Há quanto tempo conhece Mark Lev?

— Desde a época em que ele se chamava Mark Levitski — respondeu. — Volte um pouco no tempo e você descobrirá que ele matou o próprio pai na Rússia. — Bruno olhou Gerard bem nos olhos. O "próprio" soou esquisito, não devia ter dito aquilo, mas Gerard também não tinha nada que bancar o espertinho com nomes, pseudônimos e apelidos.

— Matt também não vai sair de seus cuidados para defendê-lo. Qual é o problema, por que vocês dois não chegam a um acordo?

— Quanto ao carro?

— Charles — disse Gerard com uma inflexão de tolerância.

— Eu não disse absolutamente nada. — Bruno examinou as unhas roídas e mais uma vez lhe ocorreu o quanto Matt se encaixava na descrição que Herbert fez do assassino.

— Ultimamente você não tem se encontrado muito com Ernie Schroeder...

Bruno abriu a boca num bocejo para responder.

# 35

Descalço, calças brancas de brim, Guy espairecia, as pernas displicentemente cruzadas, no convés de proa do *India*. Long Island acabara de tornar-se visível, mas ainda não queria vê-la. O balanço suave do barco era agradável e familiar, como se ele tivesse passado no mar toda a sua vida. Recordava como uma espécie de alucinação a última vez que vira Bruno, no restaurante. Com certeza devia estar perdendo a razão. E com toda certeza Anne percebia isso.

Dobrou os braços e beliscou a pele bronzeada que lhe cobria a musculatura. Estava bronzeado como Egon, o jovem marinheiro de ascendência portuguesa que haviam contratado no porto de Long Island, ao iniciarem a viagem. Apenas a pequena cicatriz que lhe cortava a sobrancelha direita permanecia branca.

As três semanas que passara no mar trouxeram-lhe uma paz e uma quietude que até um mês antes lhe eram inteiramente desconhecidas. Acabara por concluir que sua expiação, qualquer que viesse a ser, fazia parte de seu destino. E, como se passava com tudo o mais que pertencia a seu destino, não precisaria ir atrás dela para achá-la. Sempre confiara em sua intuição quanto às coisas do destino. Ainda menino, amigo de Peter, já tinha certeza de que seus projetos não eram meros sonhos infundados, assim como de algum modo intuía também que Peter nada faria além de sonhar. Ele, não. Sabia que haveria de realizar projetos que se tornariam célebres. Sabia que a arquitetura reservava um lugar para o seu nome e sabia por fim — o que sempre vira como a chave de ouro de uma carreira — que um dia construiria uma ponte. Quando garoto, imaginava que havia de ser uma ponte branca com um vão aberto a sugerir a asa de um anjo. Sua inspiração era a ponte branca de traçado em curva, de Robert Maillart, que via nos livros de arquitetura. Talvez fosse uma atitude arrogante antever o próprio destino com tanta certeza. Quem, no entanto, poderia ser mais genuinamente humilde do que aquele que se dispunha a obedecer cegamente às leis do próprio destino? Hoje

acreditava que o assassinato, inicialmente interpretado como um desvio abominável, um pecado cometido contra si mesmo, também fazia parte de seu destino. Era impossível pensar diferente. Desse modo, confiava em que lhe seria concedido um meio de expiação, assim como a força para enfrentá-la. E se antes disso a justiça o agarrasse e lhe impusesse a morte, confiava também em que lhe seria concedida a força para encará-la. Esperava, além disso, ser capaz de comunicar a Anne a força de que ela precisaria para enfrentar tal situação. Sentia-se, curiosamente, mais insignificante do que o menor dos peixes do mar e ao mesmo tempo mais forte do que a maior das montanhas da terra. Mas não agia com arrogância. A arrogância fora para ele uma forma de defesa e atingira o ápice na altura do rompimento com Miriam. E mesmo então, obcecado por ela e sentindo-se um trapo, vislumbrara que algum dia haveria de encontrar outra mulher, uma mulher com quem poderia manter uma estável e duradoura relação amorosa. E que melhor prova conseguiria de que tudo aquilo possuía fundamento senão o fato de ele e Anne, ao longo das três semanas no mar, terem estado mais próximos e em maior harmonia do que nunca?

Girou sobre si mesmo e a viu, apoiada no mastro grande. Um discreto sorriso brincava em seus lábios quando ela o olhou, um sorriso contido mas cheio de orgulho, como o de uma mãe que tivesse feito o filho chegar são e salvo ao fim de uma longa enfermidade. Ao retribuir-lhe o sorriso, Guy assombrou-se com a confiança que depositava na clarividência e na infalibilidade dela, quando na verdade Anne não passava de um ser humano como todos os outros. Assombrava-o, acima de tudo, estar ela ali, e ser sua. Olhou em seguida as próprias mãos entrelaçadas e pensou no trabalho que começaria amanhã no hospital, em todo o trabalho que teria ainda pela frente e nos acontecimentos que o destino lhe reservava no futuro.

Bruno telefonou algumas noites depois. Disse que estava por Perto e gostaria de dar uma passada. Parecia sóbrio e um pouco deprimido.

Guy disse que não. Firme e calmamente, disse-lhe que nem ele nem Anne queriam voltar a vê-lo. Mas no momento mesmo em que pronunciava as palavras, sentiu ceder o chão sobre o qual assentava sua serenidade. A saudável regularidade das últimas semanas começou a esboroar-se sob a evidência do completo desvario que significava estarem simplesmente os dois a conversar.

Bruno sabia que Gerard ainda não conversara com Guy. Não acreditava que Gerard fosse gastar mais do que alguns minutos interrogando Guy. Mas Guy pareceu-lhe tão frio que não se encorajou a informá-lo de que Gerard já o localizara e a qualquer momento ele poderia ser convidado a dar-lhe esclarecimentos. Se Guy tivesse permitido, também teria dito que de agora em diante só pretendia encontrá-lo secretamente — nada de festas, sequer almoços.

— Ok — disse Bruno com voz abafada e desligou.

O telefone tornou a tocar pouco depois. Com uma expressão preocupada, Guy pôs de lado o cigarro que, aliviado, acabara de acender, e atendeu.

— Alô. Aqui é Arthur Gerard, da Agência de Detetives Particulares... — Gerard queria saber se podia fazer uma visita.

Guy relanceou à sua volta, percorrendo a sala com olhos desconfiados e remoendo a sensação de que Gerard acabara de interceptar sua conversa com Bruno, ou até de prender Bruno. Subiu para contar a Anne.

— Um detetive particular? — perguntou Anne, surpresa. — É sobre o quê?

Guy teve um momento de hesitação. Havia tantos motivos para hesitar! Bruno, desgraçado! O que é que ele tinha de ter ficado atrás dele?

— Não sei.

Gerard chegou em seguida. Cumprimentou Anne educadamente e, após pedir desculpas por perturbá-los à noite, fez alguns comentários simpáticos sobre a casa e o jardim da frente. Guy olhou-o um tanto perplexo. A aparência de Gerard era de cansaço, desânimo e um certo desmazelo. Talvez o julgamento de Bruno a seu respeito não fosse inteiramente equivocado. O ar distraído e a maneira lenta de falar não sugeriam que fosse dotado da percepção aguçada própria dos detetives mais brilhantes. Mas quando Gerard acomodou-se, manipulando um charuto e um *highball*, Guy reconheceu um brilho de perspicácia nos olhos cor de avelã e a concentração de energia nas mãos grossas. Uma sensação de desconforto assaltou-o. Gerard parecia ser um homem imprevisível.

— É amigo de Charles Bruno, Sr. Haines?

— Sim, conheço-o.

— Como devem saber, o pai dele morreu assassinado no mês de março e o assassino ainda não foi descoberto.

— Eu não sabia disso! — disse Anne.

Os olhos de Gerard deslocaram-se lentamente de Anne para Guy.

— Nem eu — disse Guy.

— Então não têm maior intimidade com ele?

— Conheço-o superficialmente.

— Quando e onde o conheceu?

— No... — Guy olhou Anne de passagem — Instituto Parker de Artes, mais ou menos por volta de dezembro do ano passado. — Guy achou que acabara de cair numa armadilha. Repetira a resposta intempestiva de Bruno no casamento só porque Anne ouvira Bruno dizer aquilo. E provavelmente ela até já se esquecera. Teve a impressão de que Gerard olhava para ele como se não acreditasse numa só de suas palavras. Por que Bruno não o prevenira quanto a Gerard? Por que

não haviam acertado em detalhes a história que uma vez Bruno propusera — de se terem conhecido no balcão de um bar qualquer?

— E quando tornou a vê-lo? — perguntou Gerard por fim.

— Bem, depois disso, só no meu casamento em junho. — Sentia-se a assumir o ar intrigado da pessoa que ainda não sabe o que pretende seu inquisidor. Felizmente, pensou, felizmente garantira a Anne que a afirmativa de Bruno de que eram velhos amigos não passava de uma manifestação típica do humor dele. — Não o convidamos — acrescentou Guy.

— Ele simplesmente apareceu? — A inflexão de Gerard era a de quem entendia o que acontecera. — Mas convidaram-no para a festa que deram em julho? — Olhou também para Anne.

— Ele telefonou — explicou Anne —, perguntando se podia vir. Eu disse que sim.

Gerard perguntou então se Bruno poderia ter sabido da festa através de algum convidado e Guy respondeu que talvez e deu o nome da loura que ficara sorrindo de maneira detestável para Bruno aquela noite. Nenhum outro nome lhe ocorria. Nunca vira Bruno com quem quer que fosse.

Gerard recostou-se.

— Gostam dele? — perguntou com um sorriso.

— Parece boa pessoa — respondeu Anne cortesmente.

— É — concordou Guy, já que Gerard esperava que se manifestasse. — Só me pareceu um pouco intrometido. — As sombras ocultavam o lado direito de seu rosto. Guy ficou a imaginar se Gerard esquadrinhava seu rosto à procura de cicatrizes.

— Um adorador de heróis. O que de certo modo se traduz num culto do poder. — Gerard sorriu, mas seu sorriso deixara de ser espontâneo, se é que o fora alguma vez. — Desculpe-me por incomodá-lo com essas perguntas, Sr. Haines.

Cinco minutos depois já tinha ido embora.

— O que significa isso tudo? — perguntou Anne. — Será que ele suspeita de Charles Bruno?

Guy trancou a porta.

— Talvez suspeite de algum amigo dele. Provavelmente acha que Charles sabe de alguma coisa, já que odiava o pai. Bem, pelo menos foi isso o que Charles me disse.

— Você acha que Charles sabe mesmo de alguma coisa?

— Impossível dizer. Não acha? — Guy pegou um cigarro.

— Deus do céu. — Anne olhava para o canto do sofá, como se ainda estivesse vendo Bruno onde ele se sentara na noite da festa. E, num sussurro,

exclamou: — Coisas incríveis acontecem na vida das pessoas!

# 36

— Escute aqui — disse Guy, tenso, ao telefone. — Escute aqui, Bruno! — Não foi difícil perceber que Bruno estava mais bêbado do que nunca. Mas Guy decidiu penetrar, custasse o que custasse, naquele cérebro enevoado. De repente ocorreu-lhe que Gerard poderia estar ao lado e sua voz tornou-se ainda mais sussurrante e cheia de cuidados pusilânimes. Descobriu por fim que Bruno estava sozinho, numa cabine telefônica. — Você disse a Gerard que nos conhecemos no Instituto de Artes?

Bruno disse que sim, entre resmungos de bêbado. Bruno queria passar lá. Guy não conseguiu fazê-lo entender que Gerard já viera interrogá-lo. Desligou o telefone com impaciência e escancarou o colarinho. Que ideia de Bruno, telefonar! Gerard já deixara bem claro o perigo que representava. Guy considerava ainda mais imperativo afastar-se completamente de Bruno do que acertar em comum uma versão que não apresentasse discrepâncias. O que mais o aborrecia era não poder saber, após ouvir as sandices de Bruno, o que lhe acontecera, sequer qual era seu estado de espírito.

Guy estava no escritório com Anne quando ouviu a campainha da porta.

Abriu só uma fresta, mas Bruno empurrou a porta, entrou aos tropeções pela sala e desabou no sofá. Guy ficou parado à sua frente, emudecido, primeiro de raiva, depois cheio de repugnância. O pescoço gordo e flácido de Bruno saltava pelo colarinho. Mais do que a bebedeira, chamava a atenção nele o intumescimento de todo o corpo, como se um edema maligno o inflasse. Até as cavidades oculares pareciam túrgidas, e os olhos mostravam-se esbugalhados. Bruno ficou a olhá-lo de seu lugar. Guy andou até o telefone para chamar um táxi.

— Quem é, Guy? — perguntou Anne, sussurrante, do alto da escada.

— Charles Bruno. Está bêbado.

— Bêbado, não! — protestou Bruno.

Anne desceu até o meio da escada e o viu.

— Não seria melhor se o trouxéssemos para cima?

— Não quero que ele fique aqui. — Guy consultava o livrinho de telefones, tentando achar o número de alguma companhia de táxis.

— Sss-sim! — sibilou Bruno, produzindo o som de um pneu a esvaziar-se.

Guy voltou-se. Bruno fitava-o com um olho só. O olho parecia o único núcleo de vida naquele corpo esparramado como o de um cadáver. Ele murmurava alguma coisa, ritmadamente.

— O que é que ele está dizendo? — perguntou Anne, aproximando-se de Guy.

Guy andou até Bruno e agarrou-o pela camisa. Aquela cantilena idiota o deixava furioso. Bruno babou em sua mão ao tentar colocá-lo de pé.

— Levante-se e vá embora! — Foi quando distinguiu as palavras:

— Vou contar a ela, vou contar a ela, vou contar a ela, vou contar a ela — resmungava Bruno sem cessar. Abriu os olhos injetados. — Não me mande embora, vou contar a ela. Vou...

— O que está acontecendo, Guy? O que ele está dizendo?

— Vou levá-lo para cima — anunciou Guy.

Empregou toda a sua força na tentativa de apoiar Bruno sobre seus ombros, mas o corpanzil largado era inarredável. Por fim deixou-o estendido sobre o sofá. Foi até a janela da frente. Não havia carro nenhum lá fora. Parecia que Bruno caíra do céu. Bruno ressonava pesadamente e Guy sentou-se e ficou fumando, a observá-lo.

Bruno acordou por volta de três da madrugada e tomou dois drinques para colocar as coisas no lugar. Instantes depois, exceto pelo intumescimento, parecia perfeitamente normal. Sentia-se extremamente feliz por ver que se achava na casa de Guy, mas não se lembrava de como chegara.

— Tive outro pega com Gerard — sorriu. — Durou três dias. Tem lido os jornais?

— Não.

— Você é mesmo um sujeito puro. Não se dá nem ao trabalho de ler jornal! — comentou Bruno, simpático. — Gerard está farejando caça. É esse vigarista amigo meu, Matt Levine. Não tem álibi para aquela noite. Herbert acha que pode ter sido ele. Por três dias mantive diálogos com cada um deles. Matt pode ser acusado.

— E morrer por causa disso?

Bruno hesitou, ainda sorrindo.

— Morrer, não. Só pagar o pato. Já tem uns dois ou três assassinatos nas costas. Os tiras vão ficar muito contentes por poder agarrá-lo. — Bruno teve um estremecimento e esvaziou seu copo.

Guy teve vontade de apanhar o cinzeiro grande à sua frente e esmigalhar a cabeça inchada de Bruno para aliviar de uma vez por todas a tensão que, sabia, haveria de ser cada vez mais violenta, até o dia em que matasse Bruno, ou se matasse. Segurou Bruno e sacudiu-lhe os ombros.

— Você vai ou não vai embora? Juro que esta é a última vez!

— Não — disse Bruno calmamente, sem qualquer gesto de resistência, e Guy reconheceu em sua atitude a mesma indiferença à dor e à morte que vira nele quando haviam brigado no terreno da casa dos Faulkner.

Guy cobriu o rosto com as mãos e reparou que seus músculos tremiam.

— Se esse Matt for acusado do crime — disse em voz baixa — vou contar a eles a história inteira.

— Mas não será acusado. Não há provas suficientes. É só uma brincadeira, meu rapaz! — Bruno riu. — Matt é a pessoa certa com as provas erradas. Você é a pessoa errada com as provas certas. Você é um cara importante, palavra de honra! — Tirou algo do bolso e passou-o a Guy. — Vi isso semana passada. Parabéns, Guy.

Guy viu a fotografia do magazine de Pittsburgh, cercada por uma fúnebre tarja negra. Era um folheto do Museu de Arte Moderna. Leu: “Guy Daniel Haines, trinta anos incompletos, é um seguidor da tradição de Wright[8]. Desenvolveu um estilo pessoal, notável por sua simplicidade rigorosa, mas sem rigidez, e por seu encanto decididamente poético...” Guy fechou nervosamente a publicação, revoltado com a última palavra, invenção do próprio museu.

Bruno recolocou o folheto no bolso.

— Sua cotação está em alta. Se mantiver a calma, podem até virá-lo pelo avesso que nunca suspeitarão de você.

Guy olhou-o de cima para baixo.

— Mas não é razão para você me ver. Por que insiste nisso? — Sabia por que, contudo. Porque sua vida com Anne fascinava Bruno. E porque para ele era também, de um modo ou de outro, vantajoso continuar vendo Bruno, como se estranhamente buscasse alguma espécie de conforto naquela tortura.

Bruno olhou-o como se soubesse tudo o que passava por sua cabeça.

— Gosto de você, Guy, mas lembre-se: muito mais facilmente eles reuniriam provas contra você do que contra mim. Se você me apontasse, eu poderia me safar. Você, não. Primeiro, Herbert poderia reconhecê-lo. Além disso, Anne talvez se lembre de que naquela época você andava se comportando de maneira muito estranha. Há também os arranhões, a cicatriz. Enfim, uma

infinidade de pequenas pistas que levantariam contra você, como o revólver, os fragmentos da luva... — Bruno enunciou-as lenta e prazerosamente, como velhas recordações. — Se eu ficasse contra você, aposto que estaria liquidado.

# 37

Assim que Anne o chamou, Guy teve certeza de que acabara de descobrir a mossa na amurada. Pensara em fazer o conserto mas esqueceu-se. Primeiro disse que não sabia como acontecera, depois que sim. Saíra com o barco semana passada, explicou, e batera numa boia.

— Não se sinta tão penalizado — disse ela, num tom em que o imitava —, não vale a pena. — Levantou-se e pegou a mão dele. — Egon disse que você saiu de barco uma dessas tardes. Foi por isso que não falou nada?

— Acho que sim.

— Foi você mesmo quem o pilotou? — Anne sorriu, pois ele não era um marinheiro bem dotado a ponto de poder encarar essas aventuras.

Bruno telefonara e insistira para que fizessem um passeio de barco. Gerard chegara a outro beco sem saída em suas investigações sobre Matt Levine. Por toda parte deparava com becos sem saída, e Bruno achou que deviam celebrar.

— Saí nele uma tarde com Charles Bruno — contou. Levara também o revólver.

— Tudo bem, Guy. Mas por que tornou a vê-lo? Pensei que você não gostasse nada dele.

— Deu na veneta — murmurou. — Foi num daqueles dois dias em que fiquei trabalhando em casa. — Guy sabia muito bem que não fora uma atitude cem por cento. Anne mantinha cintilantes, sem uma só mancha, os metais e a madeira pintada de branco do *India*. E Bruno! Ela começava a desconfiar de Bruno.

— Guy, ele não é o sujeito que vimos naquela noite em frente ao seu apartamento, é? O que falou conosco debaixo de neve?

— É. É ele mesmo. — Os dedos de Guy apalparam com aflição o revólver no bolso.

— Que interesse ele tem em você? — Anne andou a seu lado, despreocupadamente, no convés. — Ele não tem qualquer interesse especial em arquitetura. Conversei com ele na noite da festa.

— E não tem interesse nenhum em mim. Apenas não sabe o que fazer da própria vida. — Imaginou que talvez conseguisse conversar quando se tivesse livrado do revólver.

— Você o conheceu na escola?

— Foi. Ele estava perambulando num corredor. — Como era fácil mentir quando era *preciso* mentir! Mas qualquer dia desses acabaria por deixar escapar o que não devia. Estava condenado a perder Anne. Talvez até já a tivesse perdido no exato momento em que acendia um cigarro e ela o olhava, apoiada ao mastro grande. O revólver, pesando no bolso, parecia mantê-lo preso ao ponto em que se achava, e ele precisou de toda deliberação para virar-se e andar em direção à proa. Ouviu, atrás, os passos de Anne no convés. Pisava macio com seus tênis, andando de volta à cabine.

O dia estava carregado, com prenúncios de chuva. O *India* balançava suavemente na superfície encrespada e não parecia mais distante da costa acinzentada do que uma hora atrás. Guy apoiou-se no gurupés e olhou a calça branca que vestia e o casaco azul com botões dourados que tirara do paiol do *India* — que provavelmente pertencera ao pai de Anne. Bem poderia ter-se tornado marinheiro em vez de arquiteto, pensou. Aos quatorze anos tivera uma vontade enorme de fazer-se ao mar. O que o detivera? Como sua vida teria sido diferente sem... O quê? Miriam, é claro. Endireitou-se, impaciente, e tirou o revólver do bolso do casaco.

Segurou-o com ambas as mãos, sobre a água, o cotovelo apoiado no gurupés. Uma joia, pensou, e como parecia inofensiva naquele momento. Sua própria pessoa... Deixou-o cair. Com sua espontânea beleza tão familiar para ele, o revólver descreveu uma curva harmônica no ar e desapareceu.

— O que foi?

Guy voltou-se e viu-a no convés, junto à cabine. Calculou que estaria a três ou quatro metros dele. Nada, absolutamente nada lhe ocorreu para dizer a ela.

# 38

Bruno ficou indeciso com o copo de bebida na mão. Parecia que as paredes do banheiro iam rachar-se em mil pedaços, como se não pertencessem àquela realidade. Ou então era ele que não estava ali.

— Mãe! — Mas, envergonhado pelo gritinho apavorado, virou a bebida.

Entrou nas pontas dos pés no quarto da mãe e acordou-a ao apertar o botão junto à cama, que dava a Herbert, na cozinha, um sinal para trazer o desjejum.

— Ooohh — bocejou ela, e sorriu. — Como vai você? — Fez um agrado em seu braço, saiu de baixo das cobertas e entrou no banheiro para lavar-se.

Bruno sentou-se calado na cama e ali ficou até que ela saísse do banheiro e tornasse a se enfiar sob os lençóis.

— Hoje à tarde temos um encontro com aquele agente de viagem. Como é mesmo o nome dele? Saunders? Acho melhor você vir comigo.

Bruno concordou em silêncio. Era a viagem que iam fazer à Europa, como parte de um roteiro de volta ao mundo. Aquela manhã, a ideia não o atraía nem um pouco. Talvez se dispusesse a dar a volta ao mundo com Guy. Levantou-se, pensando se tomaria ou não outro drinque.

— Como está se sentindo?

Sua mãe sempre fazia aquele tipo de pergunta nas horas erradas.

— Tudo bem — respondeu, voltando a sentar-se. Alguém bateu à porta, e Herbert entrou.

— Bom dia, madame. Bom dia, senhor — disse Herbert, sem olhar para nenhum dos dois.

Queixo apoiado nas mãos, Bruno lançava olhares de crítica para os impecáveis sapatos bem engraxados de Herbert. Ultimamente a insolência de Herbert tornara-se insuportável! Gerard o induzira a acreditar que era ele a chave para a elucidação do caso, se conseguissem chegar ao homem certo. Todos

louvavam-lhe a bravura por ter rechaçado o assassino. E no testamento seu pai lhe deixara vinte mil dólares. Herbert *precisava* tirar umas férias!

— Madame pode me dizer se serão seis ou sete pessoas para o jantar?

Enquanto Herbert falava, Bruno reparava em seu queixo róseo e pontudo, pensando que Guy o nocauteara acertando bem ali.

— Ainda não estou certa, Herbert, mas acho que sete.

— Perfeitamente, madame.

Rutledge Overbeck II, pensou Bruno. Sabia que a mãe acabaria por chamá-lo, embora fingisse hesitar, sob a alegação de que com ele teriam um número ímpar. Rutledge Overbeck estava loucamente apaixonado por sua mãe, ou fingia que estava. Bruno teve vontade de lhe dizer que fazia seis semanas Herbert não providenciava que suas roupas fossem passadas, mas a ideia de começar a falar deixou-o nauseado.

— Você sabe que morro de vontade de conhecer a Austrália — disse ela, provando uma torrada, após abrir um mapa em cima da xícara de café.

Ele se levantou sentindo um formigamento espalhar-se pelas nádegas.

— Mãe, não estou muito entusiasmado.

Ela o olhou com ar de preocupação, o que o deixou ainda mais amedrontado, por se dar conta de que a mãe não poderia fazer nada para ajudá-lo.

— Qual é o problema, querido? O que é que você está querendo?

Ele saiu correndo do quarto com uma sensação de enjoo. O banheiro escureceu. Saiu de lá cambaleando, e deixou a garrafa de uísque ainda arrolhada escapulir de suas mãos, em cima da cama.

— O que foi, Charley? O que é que você tem?

— Quero me deitar um pouco. — Deixou-se cair pesadamente, mas isso não o aliviou. Fez sinal para que a mãe se afastasse, de modo a permitir-lhe levantar-se, mas quando se sentou teve outra vez vontade de deitar-se. Ficou de pé. — Estou com sensação de que vou morrer!

— Deite-se, querido. Que tal um... Que tal um chá bem quente?

Bruno abriu ansiosamente o robe, depois o paletó do pijama. Sentia-se sufocar. A respiração era ofegante. Parecia-lhe realmente que ia morrer!

Ela se precipitou em sua direção com uma toalha molhada.

— O que é, é o estômago?

— É tudo. — Ele chutou longe os chinelos. Foi até a janela para abri-la, mas já estava aberta. Voltou suando. — Mãe, talvez eu esteja morrendo. Você acha que estou morrendo?

— Vou lhe fazer uma bebida.

— Não, chame um médico! — gritou. — E me dê uma bebida também! — Puxou fracamente o cordão do pijama e deixou arriarem-se as calças. O que era aquilo? Não era a tremedeira habitual. Sentia-se muito fraco até para isso. O entorpecimento atingia também as mãos. Levantou-as. Os dedos fechavam-se enrijecidos. Não conseguia abri-los. — Mãe, o que é que há com as minhas mãos? Olhe só, mãe, o que é isso, o que é isso?

— Beba, vamos!

O gargalo da garrafa matraqueou na borda do copo. Ele não podia esperar. Atirou-se para o corredor e abaixou-se cheio de terror, a olhar as mãos crispadas e sem força. Eram os dois dedos do meio, em ambas as mãos. Fechavam-se cada vez mais, quase a tocar as palmas.

— Querido, ponha o robe! — sussurrou ela.

— *Chame um médico!* — O robe! Estava preocupada com o robe! Que importância tinha agora que estivesse completamente nu? — Mãe, não deixe me levarem! — Pendurava-se à mãe enquanto ela pegava o telefone. — Feche todas as portas! Sabe o que é que eles fazem? — Falava depressa e num tom de quem segreda. Sentia invadi-lo uma sensação de letargia, e agora sabia qual era o problema. Ele era um caso médico! Ia ser assim a vida inteira! — Sabe o que é que eles fazem, mãe, eles põem a gente numa camisa de força, e isso para mim seria a morte!

— Dr. Packer? Aqui é a Sra. Bruno. Há algum médico aqui nas redondezas que o senhor pudesse recomendar?

Bruno deu um grito. Como é que um médico ia conseguir chegar lá, àquele mato em Connecticut? Ele arquejava. Não conseguia falar, não conseguia mexer a língua. As cordas vocais também tinham sido atingidas!

— Aaaaagh! — Esquivava-se do robe que a mãe tentava colocar em cima dele. Herbert que ficasse ali olhando para ele embasbacado!

— Charles!

As mãos gesticularam nervosas diante de sua boca. Ele se precipitou até o espelho do armário. O rosto estava branco, achatado em volta da boca, como se o tivessem esbordoado. A boca abria-se num esgar, mostrando os dentes. E as mãos! Não seria capaz de segurar um copo, ou de acender um cigarro. Tampouco conseguiria dirigir um carro, sequer ir ao banheiro sozinho!

— Beba isso!

Sim, álcool, álcool. Tentou sorver a bebida que se derramava sobre os lábios endurecidos. O uísque rolou queimando-lhe o rosto e escorreu pelo peito. Fez sinal de que queria mais. Tentou relembrá-la da necessidade de trancar as portas. Oh, meu Deus, se escapasse ficaria agradecido pelo resto da vida! Deixou que Herbert e a mãe o carregassem para a cama.

— Mlevá — balbuciou, num engasgo. Torceu o robe da mãe e quase puxou-a para cima dele. Pelo menos já conseguia segurar alguma coisa. — N'deix'm'levá — murmurou, a respiração ainda difícil, e ela garantiu que não deixaria. Disse-lhe também que trancaria todas as portas.

*Gerard*, pensou. Gerard continuava a agir contra ele, e assim haveria de ser para todo o sempre. E não apenas Gerard, mas um exército inteiro de bisbilhoteiros, a esmiuçar e reesmiuçar coisas, a visitar pessoas, a martelar relatórios em máquinas de escrever, a correr para cima e para baixo com peças novas para o quebra-cabeça — as peças de Santa Fé, por exemplo — e algum dia Gerard conseguiria juntá-las todas, direitinho. Algum dia — a manhã de hoje, por que não? — Gerard entraria em sua casa e lhe faria algumas perguntas. E ele confessaria tudo. Assassinara uma pessoa. E se você mata alguém, eles matam você. Talvez não fosse capaz de enfrentar uma situação assim. No meio do teto viu o globo de luz. Lembrou-lhe a rolha de metal da pia na casa de sua avó em Los Angeles. Por que teria sido?

A dolorosa picada da agulha hipodérmica aguçou-lhe a consciência.

O jovem médico de maneiras nervosas conversava com a mãe a um canto do quarto em penumbra. Mas ele se sentia melhor. Não iam levá-lo desta vez. Tudo bem, por enquanto. Fora vítima de um acesso de pânico, nada mais. Cautelosamente, por baixo dos lençóis, fez os dedos se mexerem.

— Guy — sussurrou. A língua estava grossa, mas já podia articular palavras. Viu o médico sair.

— Mãe, não quero ir para a Europa! — disse, monocórdico, quando ela se aproximou.

— Está bem, querido, não vamos. — Ela se sentou com suavidade ao lado da cama e ele imediatamente se sentiu melhor.

— Mas o médico não disse que eu não podia ir, ou disse? — Como se temesse ser proibido de fazer o que quisesse — se, por exemplo, quisesse viajar.

Do que tinha medo? Não, certamente, de outra crise como aquela! Tocou o ombro da mãe e encontrou o enchimento de seu robe. Pensou na presença de Rutledge Overbeck no jantar de hoje à noite e deixou a mão cair. Tinha certeza de que a mãe mantinha um caso com ele. Andava frequentando demais o apartamento dele em Silver Springs e ficava muito tempo lá. Relutava em admiti-lo, mas era afinal uma evidência bem diante de seu nariz. Era o primeiro caso amoroso, mas que impedimento poderia ter ela, uma vez que o pai estava morto? Só não se conformava que tivesse escolhido um idiota como aquele. No quarto em sombras, os olhos dela pareciam mais foscos. Após a morte do pai não notara nenhuma melhora nela. Bruno se deu conta de que daqui para a frente ela seria exatamente assim. Nunca mais seria jovem, como gostava de vê-la.

— Não fique triste assim, mãe.

— Querido, prometa que vai parar de beber. O médico disse que isso é o começo do fim. Será que não vê que o que você teve foi um aviso? É a natureza que está advertindo. — Ela umedeceu os lábios e Bruno achou insuportável a proximidade morna da boca pintada de batom.

Fechou os olhos e apertou-os. Estaria mentindo, se lhe prometesse.

— Que diabo, não estou com *delirium tremens*, ou estou? Nunca tive isso.

— Mas o que você tem é pior. Conversei com o médico. Ele disse que o seu tecido nervoso está sendo destruído, e isso pode matá-lo. Será que não significa nada para você?

— Significa, mãe.

— Promete? — Reparou em suas pálpebras, que se fechavam trêmulas, e ouviu-o suspirar. O trágico não tinha sido hoje, pensou ela, mas anos atrás, quando ele tomara o primeiro drinque. E aliás o trágico não fora sequer o primeiro drinque, porque o primeiro drinque não era a primeira, mas a última instância. Antes fora preciso que tudo tivesse fracassado — ela e Sam, os amigos dele, suas esperanças, seus interesses. E por mais que se esforçasse não conseguia descobrir por que ou quando tudo aquilo começara. Charles sempre tivera tudo, e ela e Sam haviam feito todo o possível para encorajá-lo em tudo por que mostrasse interesse. Se ao menos conseguisse localizar em que altura do passado aquilo havia começado... Levantou-se, com a sensação de que era ela quem precisava de um drinque.

Bruno experimentou abrir os olhos. Embalava-o uma deliciosa sensação de peso e sonolência. Viu-se de pé no meio do quarto, como se se observasse numa tela. Estava vestido com o terno marrom ferrugem. Era na ilha em Metcalf. Via seu corpo mais jovem e mais esbelto a arquear-se sobre Miriam e a arremessá-la sobre a terra. Era uma cena nitidamente destacada do que vinha antes e depois. Achava que naqueles momentos realizara movimentos muito especiais e pensara coisas especialmente brilhantes. Tinha a impressão de que se tratava de um instante que nunca se repetiria. Assim como Guy, quando construíra o Palmyra, conforme lhe contara outro dia, no barco. Bruno alegrava-se de que esses momentos especiais houvessem acontecido em alturas próximas na vida de cada um. Às vezes pensava que poderia morrer sem queixas, pois o que mais seria capaz de fazer que se igualasse àquela noite em Metcalf? O que mais poderia fazer sem que lhe parecesse um anticlímax? Às vezes, como agora, tinha a impressão de que suas energias se esgotavam e alguma coisa nele, talvez sua curiosidade, estava morrendo. Mas não se importava, porque de algum modo, neste momento, sentia-se dotado de sabedoria, e na verdade satisfeito consigo mesmo. Ainda ontem tinha planos de dar a volta ao mundo. Para quê? Só para

dizer que dera a volta ao mundo? No mês passado escrevera a William Beebe, apresentando-se como voluntário para tripular o novo superbatiscafo que estavam testando, por enquanto sem tripulantes. Para quê? Tudo era ridículo comparado com aquela noite em Metcalf. Comparadas com Guy, todas as pessoas que conhecia eram ridículas. E, de tudo, o mais ridículo era pensar que tivera vontade de conhecer uma porção de mulheres europeias! Talvez as putas do Capitão o tivessem tornado um sujeito amargo. E daí? Muitas pessoas acreditavam que havia uma supervalorização do sexo. Amor nenhum dura para sempre, diziam os psicólogos. Mas realmente não achava que era o que aconteceria com Guy e Anne. Tinha a impressão de que o amor deles seria duradouro, só não sabia dizer por quê. Não era apenas porque Guy estivesse tão voltado para ela que não conseguia ver mais nada em redor. Nem porque Guy agora tivesse muito dinheiro. Era algo invisível, algo em que ainda não pensara devidamente. Por vezes achava que estava a ponto de encontrar a resposta. Mas não, não queria encontrar ele mesmo a resposta. Que fosse reservada para as investigações de um espírito puramente científico.

Mudou de lado, na cama, um sorriso nos lábios, abrindo e fechando a tampa do isqueiro Dunhill de ouro. Não veriam o agente de viagem nem hoje nem em dia nenhum. Sua casa e seu país eram lugares infinitamente mais confortáveis do que a Europa. E Guy estava por perto.

# 39

Gerard perseguia-o através da floresta, brandindo-lhe todas as pistas — os fragmentos de luva, o retalho do sobretudo e até o revólver, porque Gerard já apanhara Guy. Guy estava amarrado no meio da floresta e sua mão direita sangrava sem parar. Se não conseguisse dar a volta para alcançá-lo, Guy perderia sangue até morrer. Gerard dava gargalhadinhas enquanto corria, como se tudo fosse uma grande piada, uma grande tramoia montada por eles todos, mas que ele percebera. Dali a um minuto Gerard o agarraria com suas mãos abomináveis!

— Guy! — a voz saiu fraca. E Gerard já quase o alcançava. E o jogo acabaria quando Gerard tocasse nele!

Bruno reuniu todas as suas forças tentando sentar-se. O pesadelo deslizou para fora de sua cabeça como um pesado bloco de pedra.

Gerard! Ali estava ele!

— Qual foi o problema? Um sonho mau?

As mãos cheias, de pintinhas rosa e púrpura o tocaram e Bruno rodopiou para sair da cama e pôr-se de pé no chão.

— Acordei você na hora exata, hein? — riu Gerard.

Bruno cerrou os dentes com tanta força que lhe pareceu que iam quebrar-se. Disparou para o banheiro e tomou um gole com a porta escancarada. No espelho, o rosto parecia um devastado campo de batalha.

— Desculpe-me a intromissão, mas acho que tenho um dado novo — declarou Gerard num tom de voz estridente e tenso, um indício de que acabara de conseguir alguma vitória. — É sobre o seu amigo Guy Haines. Era com ele que você estava sonhando, não?

O copo partiu-se na mão de Bruno, e com todo cuidado ele recolheu os cacos na pia e colocou-os no fundo do que restou do copo. Voltou, aborrecido e trôpego, à sua cama.

— Quando, o conheceu, Charles? Não foi em dezembro do ano passado. — Gerard acendeu um charuto, apoiando-se à cômoda. — Você não o terá conhecido há um ano e meio? No trem em que viajava para Santa Fé? — Gerard fez uma pausa. Tirou algo de debaixo do braço e jogou-o em cima da cama. — Lembra-se disso?

Era o volume de Platão de Guy, que levara consigo para Santa Fé. Estava ainda encapado, com o endereço semiapagado.

— Claro que me lembro. — Bruno empurrou-o. — Perdi-o a caminho do correio.

— Estava na portaria do Hotel La Fonda. Como é que você foi pedir emprestado um livro de Platão?

— Achei-o no trem. — Bruno olhou para ele. — Tinha o endereço de Guy e pensei em mandar para ele. Se quer saber, encontrei-o no vagão-restaurante. — Olhou fixo para Gerard, que o observava com seus olhinhos espertos e firmes, nos quais raramente se podia perceber o que quer que fosse.

— Quando foi que o conheceu, Charley? — tornou a perguntar-lhe Gerard com o tom paciente de quem interroga uma criança que evidentemente está mentindo.

— Em dezembro.

— Você soube, sem dúvida, do assassinato da mulher dele.

— Claro, li as notícias a respeito. E depois li que ele ia construir o Palmyra Club.

— E aí pensou: Que interessante. Pois seis meses antes tinha encontrado um livro que pertencia a ele.

Bruno hesitou.

— É.

Gerard grunhiu e olhou para o chão com um breve sorriso de quem não está gostando do andamento das coisas.

Bruno sentia-se embaraçado, pouco à vontade. Quando é que vira aquela cena — um sorriso rápido após um grunhido? Uma vez, quando mentira a respeito de alguma coisa — mentira claramente e sustentara a mentira contra todas as evidências —, seu pai resmungara e sorrira com incredulidade. A situação deixou-o envergonhado. Bruno se deu conta de que seus olhos suplicavam a Gerard que o perdoasse e por isso desviou a vista para a janela.

— E você fez uma porção de chamadas para Metcalf sem sequer conhecer Guy Haines. — Gerard pegou seu bloco.

— Que chamadas?

— Muitas.

— Uma, talvez, quando eu estava bêbado.

— Muitas. Com que propósito?

— Era o livro, o raio do livro! — Se Gerard o conhecia tão bem assim, devia saber que era exatamente o tipo de coisa que faria. — Acho que telefonei quando soube que a mulher dele tinha sido assassinada.

Gerard balançou a cabeça.

— Você ligou antes dela ser assassinada.

— E daí? Talvez tenha telefonado, mesmo.

— E daí? Terei de perguntar ao Sr. Haines. Considerando o seu interesse em assassinatos, é digno de nota que não tenha telefonado para ele depois da morte de sua esposa, não?

— Estou cheio dessa história de assassinato! — gritou Bruno.

— Tenho certeza de que está mesmo, Charley, tenho certeza! — Gerard saiu lentamente para o corredor, a caminho do quarto da mãe.

Bruno tomou um banho de chuveiro e vestiu-se com todo capricho. Julgava que Gerard ficara muito, muito mais excitado ao investigar Matt Levine. Tanto quanto podia se lembrar, não dera mais do que dois telefonemas para Metcalf do Hotel La Fonda, onde Gerard por certo obtivera as notas de pagamento. Podia perfeitamente alegar que a mãe de Guy estava enganada quanto às outras chamadas: absolutamente não fora ele quem as dera.

— O que é que Gerard queria? — perguntou à mãe.

— Nada de especial. Queria saber se eu conhecia um amigo seu. Guy Haines. — Escovava os cabelos numa sequência de movimentos rápidos de baixo para cima, de modo a deixá-los revoltos à volta do rosto calmo e cansado. — É um arquiteto, não é?

— É. Não o conheço muito bem. — Andou um pouco numa área do quarto onde não podia ser visto por ela. Exatamente como calculara, esquecera-se dos recortes que ele lhe mostrara em Los Angeles. Graças a Deus não lhe dissera que conhecia Guy quando começaram a aparecer as fotografias do Palmyra! No fundo de sua mente algo lhe dissera que aquilo poderia ser fatal para Guy.

— Gerard estava me dizendo que você o procurou no verão passado. Que história toda é essa?

— Ah, mãe, eu estou tão cheio dessas idiotices de Gerard!

# 40

Pouco depois, naquela mesma manhã, Guy saía do gabinete do diretor da Hanson e Knapp Projetistas, feliz como há muito não se sentia. A firma finalizava a última de suas plantas para o hospital, o mais complexo trabalho jamais supervisionado por Guy. Os materiais de construção haviam obtido a aprovação final e de manhã cedo ele recebera um telegrama de Bob Treacher que o encheu de alegria pelo sucesso do velho amigo. Bob fora indicado para integrar um conselho consultivo de engenheiros que supervisionaria a construção da nova represa de Alberta, no Canadá. Era um trabalho pelo qual esperara ao longo dos últimos cinco anos.

Ao percorrer seu caminho rumo à porta de saída, sentiu-se observado por um ou outro desenhista que o acompanhavam de suas longas mesas de trabalho. Guy respondeu ao cumprimento do chefe da seção, sentindo invadi-lo um perturbador sentimento de autoestima. Talvez, pensou, fosse apenas porque usasse um terno novo, o terceiro que mandara fazer sob medida em toda sua vida. Fora Anne quem escolhera o tecido, de xadrez bem fino, azul-acinzentado. E também ela escolhera, hoje de manhã, a gravata para combinar com o terno — uma gravata de lã, cor de tomate, antiga, mas da qual ele gostava muito. No espelho entre os elevadores, ajustou o nó da gravata. Um rebelde fio grisalho destacava-se no meio das espessas sobrancelhas negras. Os olhos cresceram nas órbitas, surpresos. Ajeitou o teimoso fio de cabelo entre os outros. Era o primeiro cabelo grisalho que via em si mesmo.

Um desenhista abriu a porta do escritório.

— Sr. Haines? Que sorte tê-lo alcançado. Há uma chamada telefônica para o senhor.

Guy voltou, torcendo para que não fosse nada demorado, porque tinha almoço marcado com Anne dali a dez minutos. Atendeu numa sala vazia, ao

lado da dos desenhistas.

— Alô, Guy? Escute, Gerard descobriu aquele livro de Platão... É, em Santa Fé. Escute, isso não muda nada...

Cinco minutos depois Guy estava de volta ao saguão dos elevadores. Sabia que o Platão acabaria sendo achado. Segundo Bruno, era impossível. Bruno podia enganar-se. E podia, portanto, ser apanhado. Guy arregalou os olhos como se fosse inacreditável a ideia de que Bruno pudesse ser apanhado. Até então, de fato fora uma ideia inacreditável.

Por um breve momento, ao deparar com a luz do sol na rua, reparou outra vez no terno novo e fechou os punhos, cheio de frustração e raiva de si mesmo.

— Achei o livro no trem, certo? — dissera Bruno. — Quando telefonei para você em Metcalf, era por causa do livro. Mas só nos conhecemos em dezembro... — A voz parecia mais ansiosa e amedrontada do que Guy jamais a ouvira. Tão tensa, tão perseguida, não parecia nem um pouco a voz de Bruno.

Guy examinou a fabulação que Bruno acabara de lhe apresentar como algo alheio a si mesmo. Parecia estar diante de uma amostra de tecido que poderia ou não usar para fazer um terno. Não, realmente não havia falhas, mas quem poderia garantir que cairia bem? Não iria cair bem, por exemplo, se alguém se lembrasse de tê-los visto juntos no trem. Digamos o garçom que os servira na cabine de Bruno.

Tentou ralentar a respiração e o ritmo dos passos. Viu ao alto a diminuta auréola do sol de inverno. As sobrancelhas negras com o fio de cabelo grisalho e a cicatriz branca, as sobrancelhas que segundo Anne se tornavam cada vez mais hirsutas, apararam o clarão e protegeram os olhos. Lembrava-se de ter lido em algum lugar que quem olha fixamente o sol durante quinze segundos pode ter a córnea queimada. Anne também o protegia. Seu trabalho o protegia. *O terno novo, a imbecilidade do terno novo.* Sentiu-se subitamente deslocado, apático e desamparado. A morte abrira uma frente em sua cabeça. E o envolvera. Há tanto tempo respirava aquela atmosfera que talvez já estivesse acostumado com ela. Já que era de fato o que se passava, tudo bem, não estava com medo. Endireitou os ombros e continuou a andar.

Anne ainda não estava no restaurante quando ele chegou. Lembrou-se de que ela lhe dissera que apanharia as fotos feitas domingo em casa. Guy tirou do bolso o telegrama de Bob Treacher e leu e releu-o seguidamente:

> ACABO DE SER INDICADO PARA COMITÊ DE ALBERTA. SUGERI SEU NOME. É UMA PONTE, GUY. LIBERE-SE ASSIM QUE PUDER. APROVAÇÃO CERTA. SEGUE CARTA.

BOB

Aprovação certa. Não importa como construísse a própria vida, sua capacidade para construir uma ponte pairava acima de qualquer julgamento. Pensativo, Guy bebericou o martini, mantendo a bebida em perfeito equilíbrio à superfície.

# 41

— Andei dando uma olhada num outro caso — murmurou Gerard com amabilidade, os olhos no relatório datilografado em cima de sua mesa. Ainda não dirigira o olhar para Bruno desde que o rapaz entrara. — O assassinato da primeira mulher de Guy Haines. Um caso até hoje sem solução.

— É, eu sei.

— Suponho que você deva saber uma porção de coisas sobre ele. Conte-me tudo o que sabe — disse Gerard acomodando-se para escutar.

Bruno concluiu que ele mergulhara no caso de segunda-feira para cá, depois que encontrou o livro de Platão.

— Nada — respondeu. — Ninguém sabe nada a respeito. Ou sabe?

— O que é que você acha? Deve ter conversado bastante com Guy sobre isso.

— Não especialmente. Nunca toquei no assunto. Por quê?

— Porque você costuma se interessar por assassinatos.

— O que é que você quer dizer com isso?

— Ora, Charles, se eu não percebesse isso em você mesmo, bastaria ter conhecido seu pai para saber! — exclamou Gerard numa explosão de impaciência, coisa rara nele.

Bruno ia pegar um cigarro mas desistiu.

— Conversei com ele sobre o assunto — admitiu afinal, com voz calma e pausada. — Ele não sabe de nada. Na época, ele quase não tinha nenhum contato com a mulher.

— Quem você acha que a matou? Alguma vez lhe passou pela cabeça que o Sr. Haines pudesse ter planejado tudo? Talvez você se tenha interessado pelo método eventualmente empregado por ele para executar o crime e escapar. — Sereno outra vez, Gerard recostou-se com as mãos cruzadas atrás da cabeça,

como se os dois mantivessem uma conversa sobre as boas condições do tempo naquela manhã.

— Claro que não acho que ele tenha tido alguma coisa a ver com aquilo — declarou Bruno. — Parece que você não se dá conta do alto calibre da pessoa de quem está falando.

— O único calibre que merece ser levado em conta é o do revólver, Charles. — Gerard apanhou o telefone. — Com o quê, de resto, creio que você será o primeiro a concordar. Peça ao Sr. Haines que entre, sim?

Bruno teve um pequeno sobressalto, notado por Gerard, que ficou a observá-lo em silêncio enquanto ouviam os passos de Guy aproximando-se no corredor. Já esperava que Gerard fosse fazer isso. E daí, e daí, e daí?

Guy parecia nervoso, observou Bruno, mas sua habitual aparência de nervosismo e pressa constante era um bom disfarce. Cumprimentou Gerard e acenou para Bruno.

Gerard ofereceu-lhe a cadeira de espaldar alto, a única vaga na sala.

— Meu objetivo ao pedir-lhe que passasse por aqui, Sr. Haines, era lhe fazer uma pergunta muito simples. Sobre o que Charles costuma conversar com o senhor? — Gerard estendeu a Guy um maço de cigarros que na opinião de Bruno devia estar ali há anos e Guy tirou um.

Bruno viu franzirem-se as sobrancelhas de Guy, com o que seu rosto assumiu uma aparência de irritação bastante adequada para as circunstâncias.

— De vez em quando conversa comigo sobre o Palmyra Club — disse Guy.

— E sobre o que mais?

Guy olhou para Bruno, que, com ar displicente, mordiscava a unha de um dedo da mão sobre a qual apoiava o rosto.

— Não sei dizer exatamente — respondeu Guy.

— Já comentou sobre o assassinato de sua esposa?

— Já.

— Como é que ele se refere ao assassinato? — perguntou Gerard, amável. — Isto é, ao assassinato de sua esposa.

Guy sentiu o rosto afoguear-se. Tornou a fitar Bruno, como, ocorreu-lhe, teria feito qualquer um na presença de uma pessoa que está em discussão mas é deliberadamente ignorada.

— Perguntou-me muitas vezes se eu tinha alguma ideia sobre quem poderia ter cometido o crime.

— E o senhor tem?

— Não.

— Gosta de Charles? — Os dedos gordos de Gerard mostravam-se ligeiramente trêmulos e começaram a brincar com uma caixa de fósforos sobre a

mesa forrada de papel de mata-borrão.

Guy lembrou-se dos dedos de Bruno no trem e da caixa de fósforos com que brincavam até deixá-la cair em cima do bife.

— Sim, gosto dele — respondeu com um ar intrigado.

— Ele não o incomodou? Não lhe impôs sua presença algumas vezes?

— Não creio — disse Guy.

— Ficou aborrecido quando o viu em seu casamento?

— Não.

— Alguma vez Charles lhe disse que odiava o pai?

— Disse.

— E disse que desejava matá-lo?

— Não — respondeu ele no mesmo tom neutro.

Gerard tirou o livro encapado em papel pardo de uma das gavetas da secretária.

— Eis o livro que Charles pretendia lhe enviar pelo correio. Desculpe não devolvê-lo imediatamente, mas acontece que poderei precisar dele. Como explica que seu livro tenha ido parar nas mãos de Charles?

— Ele me disse que o achou no trem. — Guy estudou o sorriso sonolento e enigmático de Gerard. Já tivera uma amostra daquele sorriso na noite em que Gerard fora à sua casa, mas não ficara impressionado como agora. Era um sorriso calculista, com o qual procurava despertar antipatia. Tratava-se, sem dúvida, de uma arma profissional. Guy ficou a pensar o que não seria conviver diariamente com aquele sorriso. Sem querer, deu mais uma olhada para Bruno.

— E vocês dois não se encontraram no trem? — Gerard observou Guy e depois Bruno.

— Não — disse Guy.

— Andei conversando com o garçom que lhes serviu um jantar na cabine de Bruno.

Guy manteve o olhar fixo em Gerard. Aquele sentimento de pura vergonha que tomou conta dele era mais devastador do que a culpa. Aniquilado, era como se sentia naquele momento, embora se mantivesse aprumado em sua cadeira, olhando Gerard bem de frente.

— E daí? — interveio Bruno com uma nota estridente na voz.

— E daí que estou tentando descobrir por que vocês dois fazem esforços tão complicados — e Gerard meneou divertido a cabeça — para sustentar que só se conheceram meses depois. — Calou-se, à espera, deixando que se consumissem angustiosamente enquanto os segundos se escoavam. — Não poderão responder. Bem, a resposta é óbvia. Uma delas, ao menos, se quisermos especular.

Os três pensavam na resposta, refletiu Guy. Naquele momento ela era visível no ar, a ligá-lo a Bruno, Bruno a Gerard e Gerard a ele. A resposta inimaginável, segundo Bruno, o elemento que jamais seria encontrado.

— Que tal, Charles, se me desse a resposta, você que é um leitor assíduo de histórias policiais?

— Não sei aonde você quer chegar.

— Alguns dias depois sua esposa é assassinada, Sr. Haines. Alguns meses depois, o pai de Charles. A primeira e óbvia ideia que me ocorre é a de que ambos sabiam que esses crimes iam ser cometidos...

— Pelo amor de Deus! — exclamou Bruno.

— ... e trocaram ideias a respeito. Mera especulação, naturalmente. Para isso teriam de ter se conhecido no trem. Onde se conheceram? — Gerard sorriu. — Sr. Haines?

— É verdade — disse Guy —, nos conhecemos no trem.

— E por que estava com tanto medo de admiti-lo? — Gerard apontou-lhe um dedo sardento e de novo Guy se deu conta do poder de inspirar terror que Gerard tinha com seu jeito prosaico.

— Não sei — respondeu Guy.

— Não terá sido porque Charles lhe revelou que gostaria de ter o pai assassinado? E então sentiu-se constrangido, Sr. Haines, porque passou a saber disso?

Seria o trunfo de Gerard? Guy disse pausadamente:

— Charles não falou nada a respeito de matar o pai.

O olhar de Gerard desviou-se para Bruno a tempo de surpreender-lhe o dissimulado sorriso de satisfação.

— Especulação pura, é claro.

Guy e Bruno saíram juntos do prédio. Gerard os dispensara ao mesmo tempo e os dois percorreram a pé o quarteirão até o pequeno parque onde ficavam a estação do metrô e o ponto de táxis. Bruno olhou para trás e viu o edifício alto e estreito do qual acabavam de sair.

— Tudo bem, ele ainda não tem nada palpável — argumentou Bruno. — De qualquer ângulo que você veja a coisa, ele não conseguiu nada.

Bruno estava sombrio, mas calmo. Súbito Guy se deu conta da frieza que Bruno revelara sob o assédio de Gerard. Guy costumava imaginá-lo histérico sob qualquer espécie de pressão. Relanceou o vulto alto e arqueado de Bruno a seu lado e reconheceu, como naquele dia no restaurante, o mesmo sentimento de primitiva e descuidada camaradagem. Mas não tinha nada a dizer. Ocorreu-lhe que sem dúvida Bruno devia saber que Gerard não lhes revelaria todas as suas descobertas.

— Sabe o que acho mais engraçado? — continuou Bruno. — É que Gerard não está atrás de nós, e sim de outras pessoas.

# 42

Gerard introduziu um dedo por entre as grades e abanou-o para o passarinho que esvoaçava cheio de terror do outro lado da gaiola. Gerard assobiou uma única e melodiosa nota.

Do centro da sala, Anne observava-o com desconforto. Não gostara de que lhe tivesse dito que Guy mentira nem de suas brincadeiras para assustar o canário. Não gostara de Gerard nos últimos quinze minutos, e como na primeira visita ele lhe deixara boa impressão, sentia-se aborrecida por ter-se enganado.

— Como é o nome dele? — perguntou Gerard.

— *Sweetie* — respondeu Anne. Confusa, balançou a cabeça e desviou o olhar. Sentia-se alta e graciosa em suas novas sandálias de couro de crocodilo. Ao comprá-las, à tarde, achara que Guy gostaria delas e sorriria quando se sentassem para tomar um coquetel antes do jantar. Mas a chegada de Gerard estragara tudo.

— Tem alguma ideia do motivo de seu marido para não admitir que conheceu Charles em junho do ano passado?

O mês em que Miriam fora assassinada, tornou a pensar Anne. Junho do ano passado não lhe evocava mais nada.

— Foi um mês difícil para ele — explicou. — Foi o mês em que a mulher dele morreu. Provavelmente esqueceu quase tudo o que aconteceu nesse mês. — Franziu a testa, achando que Gerard fazia muito alarido a propósito de sua pequena descoberta, considerando que Guy não voltara a se encontrar com Charles nos seis meses seguintes.

— Não creio, dadas as circunstâncias — observou Gerard despretensiosamente, tornando a sentar-se. — Não, suponho que Charles tenha conversado sobre o pai com seu marido, no trem.

Deve ter dito que gostaria de vê-lo morto, talvez tenha até revelado como pretendia agir...

— Não consigo imaginar Guy ouvindo esse tipo de história — interrompeu-o Anne.

— Não sei — prosseguiu Gerard com delicadeza —, não sei, mas tenho fortes suspeitas de que Charles já tinha conhecimento do assassinato do pai e naquela noite no trem confidenciou-o a seu marido. Charles é um jovem capaz de fazer essas coisas. E, pelo tipo de pessoa que o seu marido é, calculo que terá silenciado a respeito e tentado evitar Charles daí em diante. Não concorda?

Explicaria de fato algumas coisas, pensou Anne. Mas ao mesmo tempo tornava Guy uma espécie de cúmplice.

— Tenho certeza de que meu marido não teria admitido qualquer espécie de relacionamento com Charles — afirmou ela —, se Charles lhe tivesse dito o que quer que fosse a esse respeito.

— Uma tese muito boa. Contudo... — Gerard deixou a frase no ar, como que perdido em seus próprios pensamentos lerdos.

Não agradava a Anne a visão de sua careca sardenta; por isso ficou a olhar para a caixa azulejada dos cigarros sobre a mesa do café e da qual acabou por tirar um cigarro.

— Acha que seu marido suspeita de que alguém em particular assassinou a esposa dele, Sra. Haines?

Anne soprou a fumaça com uma expressão de desafio.

— Estou certa de que não.

— Veja bem, se naquela noite no trem Charles abordou o assassinato, deve ter sido inteiramente explícito. E se seu marido tinha algum motivo para acreditar que a vida da esposa estava em perigo e tocou no assunto com Charles... Nesse caso, os dois passariam a ser donos de uma espécie de segredo mútuo e a enfrentar também um mesmo perigo. Não passa de uma especulação — apressou-se a acrescentar —, mas todo investigador sempre é obrigado a especular.

— Sei que meu marido não poderia ter dito nada a respeito do perigo que sua mulher corria. Eu estava com ele na Cidade do México quando a notícia chegou e tinha estado com ele dias antes em Nova York.

— E março deste ano, o que lhe evoca? — perguntou Gerard no mesmo tom de invariável tranquilidade. Pegou o copo de *highball*, agora vazio, e Anne o apanhou em suas mãos para tornar a enchê-lo.

Diante do bar, de costas para Gerard, Anne rememorou março, o mês em que o pai de Charles fora morto, e relembrou o estado de apreensão de Guy

nesse período. Aquela briga ocorrera em fevereiro ou março? E não teria sido com Charles Bruno que brigara?

— Acha que seu marido pode ter se encontrado uma vez ou outra com Charles ao longo do mês de março, sem seu conhecimento?

Claro, raciocinou ela, o que explicava tudo: Guy, sabendo que Bruno estava disposto a matar o pai, tentara impedi-lo e brigara com ele num bar.

— É possível que sim, suponho — disse ela, sem convicção.

— Não sei.

— Consegue se lembrar do comportamento de seu marido no correr do mês de março, Sra. Haines?

— Andava nervoso. Acho que sei por quê.

— O quê?

— O trabalho dele... — Era tudo o que podia conceder-lhe acerca de Guy. Sentia que cada uma de suas palavras era incorporada por Gerard ao impreciso retrato que ele compunha, no qual tentava vislumbrar Guy. Deteve-se, à espera; também Gerard se manteve à espera, como se não quisesse ser ele a quebrar o silêncio.

Por fim sacudiu a cinza do charuto e disse:

— Se alguma coisa lhe ocorrer, relativa a Charles nesse período, poderia fazer o favor de me comunicar? Telefone a qualquer hora do dia ou da noite. Haverá sempre alguém para anotar o recado. — Escreveu outro nome em seu cartão e estendeu-o a Anne. Após fechar a porta, Anne foi até a mesa para recolher o copo que ele usara. Pela janela da frente viu-o entrar no carro e cabecear como se estivesse morto de sono, enquanto, supunha ela, tomava notas. Sentiu uma pontada ao pensar que ele talvez escrevesse que Guy eventualmente vira Charles em março sem o conhecimento dela. Por que disse aquilo? Sabia o que se passara. Guy dissera que não vira Charles entre dezembro e o casamento.

Quando Guy chegou, cerca de uma hora depois, Anne estava na cozinha, de olho na caçarola quase pronta no forno. Viu Guy esticar a cabeça, farejando o ar.

— Caçarola de camarões — esclareceu. — Acho que eu devia ter ventilado a cozinha.

— Gerard esteve aqui?

— Esteve. Você sabia que ele ia passar?

— O charuto — explicou, lacônico. Claro que Gerard lhe falara sobre o encontro no trem. — E dessa vez o que queria? — perguntou.

— Queria mais informações sobre Charles Bruno. — Da janela da frente, Anne lançou-lhe um rápido olhar. — Se você tinha me falado de alguma suspeita sua a respeito dele. E me perguntou também sobre o que aconteceu em março.

— Em março? — Ele se aproximou de Anne, subindo o degrau para o piso mais alto onde ela estava.

Parou bem na frente dela e Anne reparou na repentina contração de suas pupilas. Via-lhe as quase imperceptíveis cicatrizes sobre a maçã do rosto, resultado daquela noite de março ou fevereiro.

— Queria saber se você tinha alguma ideia de que Charles planejava matar o pai nesse mês. — Guy limitou-se a olhá-la, a boca compondo o sorriso de sempre, sem revelar nem alarma nem culpa. Ela se desviou e desceu o degrau, a caminho da sala. — É uma coisa terrível, não é — disse ela —, um homicídio?

Guy bateu um cigarro sobre o mostrador de seu relógio. Para ele era uma tortura ouvi-la dizer "homicídio". Desejava poder varrer toda e qualquer lembrança de Bruno da cabeça de Anne.

— Você não sabia de nada, não é, Guy? Em março?

— Não, Anne. O que foi que você disse a Gerard?

— Você acha que Charles planejou o assassinato do pai?

— Não sei. Acho possível. Mas não temos nada a ver com isso. — Por alguns segundos não se deu conta de que se tratava de uma mentira.

— Está certo. Não temos nada a ver com isso. — Tornou a olhá-lo. — Gerard disse também que você e Charles se conheceram no trem, em junho do ano passado.

— É verdade.

— Muito bem... E que importância tem isso?

— Não sei.

— Terá sido porque Charles lhe contou alguma coisa no trem? É por isso que você não gosta dele?

Guy afundou as mãos nos bolsos do paletó. Sentiu de repente necessidade de tomar um conhaque. Tinha consciência de que revelava seus sentimentos, e sabia também que seria impossível nesse momento ocultá-los de Anne.

— Escute, Anne — disse ele, depressa. — Bruno me disse no trem que gostaria que o pai morresse. Não falou de plano nenhum, não mencionou nome nenhum. Não gostei do modo como ele falou e daí por diante passei a não gostar dele. Recuso-me a tocar no assunto com Gerard porque não sei se Bruno planejou ou não o assassinato do pai. É algo que cabe à polícia descobrir. Homens inocentes têm sido executados porque as pessoas fizeram declarações desse gênero.

Considerou, contudo, que, acreditasse ela ou não, era o fim para ele. Parecia-lhe a mais abjeta mentira que jamais dissera, a coisa mais abjeta que jamais fizera — transferir sua própria culpa para uma outra pessoa. Nem Bruno teria sido capaz de mentir daquela maneira, nem ele conseguiria mentir assim

para incriminá-lo. Sentiu-se falso da cabeça aos pés, uma mentira total. Acendeu o cigarro na lareira e cobriu o rosto com as mãos.

— Guy, acho que você está fazendo tudo certo — disse Anne, solidária.

Seu rosto era uma mentira, assim como o olhar sensato, a boca firme, as mãos ansiosas.

— Daria tudo por um conhaque.

— Foi com Charles que você teve aquela briga em março? — perguntou, enquanto lhe servia a bebida no bar.

Não havia nenhuma razão para que não mentisse também a respeito daquilo, mas não conseguiu.

— Não, Anne. — Pelo olhar de esguelha que ela lhe lançou, concluiu tranquilamente que não acreditava nele. Imaginava talvez que ele lutara com Bruno tentando detê-lo. Quem sabe, até se sentia orgulhosa dele! Será que haveria de ter sempre aquela espécie de proteção que nem pedira? Será que as coisas seriam assim sempre tão fáceis para ele? Contudo, Anne não estava convencida. Voltaria ao assunto quantas vezes fosse necessário, até convencer-se. Ele sabia disso.

Aquela noite, pela primeira vez no ano, Guy acendeu a lareira. Era a primeira vez na casa nova. Anne estendeu-se no sofá diante da lareira, a cabeça apoiada numa almofada. Pairava no ar a nostálgica friagem do outono, insuflando em Guy uma inquieta e melancólica energia. Nada tinha a ver com a energia eufórica dos outonos de sua juventude. Ao contrário, marcavam-na um furor e um desespero típicos de uma vida que se encerra e busca sorver um último alento. Que melhor prova poderia obter do esgotamento de sua vida senão a completa falta de medo a respeito do que aconteceria em seguida? Será que Gerard já não dispunha de todos os dados, sabendo que ele e Bruno haviam conversado no trem? Será que as evidências não lhe ocorreriam um desses dias ou uma noite dessas, no exato momento em que levasse o charuto à boca? O que esperavam Gerard e a polícia? Às vezes achava que Gerard desejava reunir cada um dos fatos mais insignificantes, cada grama de prova contra os dois, para repentinamente atirá-los contra eles e arrasá-los. Por mais que o demolissem, pensou Guy, não conseguiriam demolir os prédios que construíra. E mais uma vez experimentou a estranha sensação de que seu espírito se divorciava de sua carne, e até da cabeça.

E se, no entanto, o segredo que partilhava com Bruno nunca fosse descoberto? Ainda o assaltavam confusos pensamentos a horrorizá-lo pelo que fizera e também a deixá-lo em abatimento profundo, quando sentia que uma mágica inviolabilidade protegia esse segredo. Talvez por isso, conjeturou, não temia Gerard nem a polícia — porque continuava a acreditar em sua

inviolabilidade. Se até então ninguém o descobrira, depois de todos os descuidos, depois de todas as sugestões deixadas por Bruno, não se deveria concluir que se tratava de algo inexpugnável?

Anne adormecera. Contemplou a suave curva de sua testa, prateada pelos reflexos da luz do fogo. Abaixou-se e beijou-lhe a testa docemente para não acordá-la. Sua dor interior podia ser traduzida em palavras: “Eu perdoo você.” Queria ouvir Anne dizê-lo, ninguém mais.

Em seu entendimento, o prato da balança sobre o qual pusera a sua culpa pesava irremediavelmente acima dos próprios limites da balança. No outro prato, porém, insistia em depositar suas levíssimas alegações de autodefesa, irremediáveis como a contraparte. Argumentou consigo mesmo que cometera o crime para defender-se. Relutava, contudo, em aceitar integralmente a teoria. Se acreditasse numa completa manifestação do mal em si mesmo, deveria forçosamente acreditar num impulso natural para exprimi-la. Reparou então que de vez em quando lhe passava pela cabeça a ideia de que de algum modo tivera alguma satisfação pessoal cometendo o crime, ou que ao fazê-lo realizara algum desejo primitivo. De que outro modo seria possível explicar a persistente tolerância da humanidade às guerras ou o entusiasmo com que eram saudadas, quando eclodiam? Não seria isso o reflexo de um prazeroso instinto primitivo de matar? E, por tantas vezes ter-lhe ocorrido tal dúvida, acabou por admitir que tivera alguma satisfação naquilo tudo.

# 43

O promotor público Phil Howland, esguio e impecável em suas roupas, contrastando com o desalinho geral de Gerard, sorriu indulgente por trás da fumaça do cigarro.

— Por que não deixa o rapaz sossegado? Concordo em que você encontrou um ponto de partida pertinente. Investigamos a fundo também os amigos dele. Não encontramos nada, Gerard. E não há como prender uma pessoa com base em suposições sobre sua personalidade.

Gerard voltou a cruzar as pernas, permitindo-se um sorriso condescendente. Chegara a sua hora. Sentia-se ainda mais seguro por recordar que estivera ali sentado, com o mesmo sorriso nos lábios, cuidando de casos muito menos importantes.

Com as pontas dos dedos, Howland empurrou uma folha datilografada até a ponta da mesa.

— Aqui estão doze novos nomes, caso esteja interessado. Amigos do falecido Sr. Samuel. Foram as companhias de seguros que nos forneceram — explicou Howland com voz calma e até entediada. Gerard sabia que o objetivo dele era mesmo deixar as coisas correrem. Como promotor público, com tantas centenas de funcionários à sua disposição, seus objetivos eram muito mais abrangentes.

— Pode rasgar essa lista — disse Gerard.

Howland disfarçou sua surpresa com um sorriso, mas não conseguiu disfarçar a súbita curiosidade expressa nos escuros olhos arregalados.

— Devo imaginar que já encontrou a pessoa que procurava. Charles Bruno, sem dúvida.

— Claro — exultou Gerard, reprimindo o riso. — Só que cheguei a ele através de outro assassinato.

— Um só? Segundo você ele era capaz de cometer quatro ou cinco.

— Nunca disse isso. — Pôs-se a desdobrar sobre os joelhos papéis diversos.

— Assassinato de quem?

— Curioso? Não faz nenhuma ideia? — Gerard sorriu com o charuto entre os dentes. Puxou uma cadeira de espaldar alto e começou a cobrir o assento com seus papéis. Nunca usava a secretária de Howland, fosse qual fosse a quantidade de papéis que trouxesse, e Howland já não se dava mais ao trabalho de oferecê-la. Gerard sabia que Howland não gostava dele, nem pessoal nem profissionalmente. Acusava-o de não colaborar com a polícia. A polícia jamais lhe dera ajuda de qualquer espécie, mas, apesar de todos os obstáculos que lhe impunha, na última década Gerard solucionara um número significativo de casos a respeito dos quais os policiais se sentiam completamente perdidos.

Howland levantou-se e deu alguns passos na direção de Gerard, com suas pernas compridas e finas. Foi até o meio do caminho e parou, apoiando-se na borda da mesa.

— Mas será que isso tudo lança alguma luz sobre o caso?

— O problema da polícia é que seu raciocínio é sempre linear — comentou Gerard. — Esse caso, como tantos outros, requer um raciocínio multilinear. Sem isso, nunca poderia ser resolvido.

— Quem e quando? — suspirou Howland.

— Já ouviu falar de Guy Haines?

— Sem dúvida. Nós o interrogamos na semana passada.

— A mulher dele. No dia 11 de junho do ano passado, em Metcalf, Texas. Por estrangulamento, se está lembrado. A polícia não solucionou o caso.

— Charles Bruno? — sugeriu Howland franzindo a testa.

— Sabia que Charles Bruno e Guy Haines viajaram no mesmo trem que ia para o sul em 10 de junho? Dez dias depois a mulher de Haines foi assassinada. O que é que você deduz?

— Você quer dizer que se conheceram antes de junho do ano passado?

— Não, quero dizer que estiveram juntos nesse trem e tiveram uma conversa. Seria capaz agora de juntar todas as peças? Estou lhe fornecendo o elo que faltava.

O promotor público esboçou um sorriso.

— Você quer dizer que Charles Bruno matou a mulher de Guy Haines?

— É o que estou dizendo. — Gerard olhou-o após ter arrumado os papéis na cadeira. — A pergunta seguinte é: Que provas tenho eu? Aí estão elas, à sua disposição. — Indicou os papéis que se enfileiravam como cartas sobrepostas num jogo de paciência. — Leia do debaixo para o de cima.

Enquanto Howland lia, Gerard encheu uma caneca com água do filtro a um canto da sala e acendeu outro charuto na ponta do que acabara de fumar. O último depoimento, do motorista de táxi que servira Charles em Metcalf, fora obtido hoje de manhã. Ainda nem tomara um drinque para comemorar, mas pretendia tomar três ou quatro assim que deixasse o gabinete de Howland, no bar de um trem para Iowa.

Os papéis constavam de declarações assinadas de mensageiros do Hotel La Fonda, de um certo Edward Wilson, que vira Charles embarcar na estação de Santa Fé em um trem com destino ao leste, no dia do assassinato de Miriam Haines, do motorista de táxi de Metcalf que levara Charles ao parque de diversões do Lago Metcalf e do barman do lugar em que Charles entrou pedindo uma bebida forte, além de contas telefônicas de interurbanos para Metcalf.

— Mas você naturalmente já tem conhecimento dessas coisas — observou Gerard.

— Da maioria delas — respondeu Howland calmamente, ainda lendo.

— Você sabia também que ele fez uma rápida viagem a Metcalf naquele dia, não? — perguntou Gerard, mas na verdade estava de muito bom humor para se dar a atitudes sarcásticas. — Foi duro localizar esse motorista de táxi. Acabamos indo parar em Seattle. Mas quando o achamos ele não teve dificuldade nenhuma para se lembrar. As pessoas não esquecem facilmente um rapaz como Charles Bruno.

— Você sustenta então que Charles Bruno gosta tanto de assassinatos — observou Howland com ironia — que mata a mulher de um homem que conheceu num trem uma semana antes? Uma mulher que nunca tinha visto... Ou tinha?

Gerard tornou a rir em triunfo.

— Claro que não. O meu Charles tinha um plano. — Aquele “meu” lhe escapara, mas Gerard estava pouco ligando. — Será que não vê? É de uma obviedade gritante.

— Sente-se, Gerard, você vai acabar tendo um ataque cardíaco.

— Não, os fatos não são claros para você. Porque não conhece a personalidade de Charles. Você não leva em conta a circunstância de que ele passa a maior parte do tempo planejando tipos diversos de assassinatos perfeitos.

— Muito bem, qual é o resto de sua teoria?

— Que Guy Haines matou Samuel Bruno.

— Oh, não! — gemeu Howland.

Gerard retribuiu o primeiro sorriso que Howland lhe concedia desde que ele, Gerard, cometera um erro em determinado caso, anos atrás.

— Ainda não completei as investigações sobre Guy Haines — disse Gerard num tom de deliberada ingenuidade, tirando uma baforada do charuto. — Quero fazer tudo com muito cuidado, e essa foi a única razão que me trouxe aqui. Gostaria de lhe pedir que fosse camarada comigo. Estou certo de que você desejaria prender Charles, com todas as evidências de que dispõe contra ele.

Howland alisou o bigode preto.

— Tudo o que você está dizendo confirma minha convicção de que devia ter se aposentado há uns — quinze anos.

— Bem, solucionei alguns casos nos últimos quinze anos.

— Um homem como Guy Haines? — Howland tornou a rir.

— Enfrentando um camarada como Charles? Olhe lá, não estou afirmando que Guy Haines tenha feito isso por livre e espontânea vontade. Foi levado a fazê-lo, em retribuição pelo favor que não pediu, mas Charles lhe fez, livrando-o da mulher. Charles odeia mulheres — observou, entre parênteses. — Era esse o plano de Charles. Uma troca. Todas as pistas estariam eliminadas, percebe? Da mesma forma, os motivos. Posso perfeitamente ouvi-lo a fazer a proposta! Mas até Charles é humano. Estava interessado demais em Guy Haines para depois deixá-lo em paz. E Guy Haines estava assustado demais para tomar alguma providência. Eis o que se passou — Gerard sacudiu a cabeça, enfatizando suas palavras, e as bochechas balançaram. — Haines foi coagido. O quão terrivelmente é algo que talvez nunca ninguém poderá dizer.

O sorriso de Howland desapareceu ante o fervor de Gerard. A história parecia altamente improvável, mas ainda assim poderia ter alguma probabilidade, mesmo remota.

— Humm.

— A não ser que ele nos conte — acrescentou Gerard.

— E o que sugere fazermos para que nos conte?

— Bem, ele ainda pode confessar. A coisa toda o atormenta. Mas o método teria de ser o de confrontá-lo com os fatos. E reunir os fatos é exatamente o que os meus colaboradores fazem neste momento. Só uma coisa, Howland... — Gerard espetou um dedo nos papéis em cima da cadeira. — Quando você e os seus... e o seu exército de zebus saírem em campo para verificar esses depoimentos, não interroguem a mãe de Guy Haines. Não quero que Haines fique prevenido.

— Sei. A técnica de gato e rato contra o Sr. Haines — sorriu Howland. Ele se virou para dar um telefonema sobre um assunto sem importância e Gerard ficou à espera, sentindo uma ponta de indignação por ser obrigado a passar a Howland toda aquela massa de informações e a abandonar o espetáculo Charles-Guy Haines. — Bem... — Howland expeliu todo o ar dos pulmões num longo

suspiro — o que é que você espera que eu faça, que trabalhe o seu rapazinho com base nisso aí? Você acha que ele vai entregar os pontos e contar tudo acerca de seu brilhante plano com Guy Haines?

— Não, não quero que ele seja trabalhado. Gosto de serviços limpos. Preciso de mais alguns dias, talvez mais algumas semanas para concluir as investigações sobre Haines. Aí, então, eu colocarei os dois frente a frente. Estou lhe passando o material sobre Charles porque de agora em diante estarei pessoalmente fora do caso, ou isso, pelo menos, é o que eles irão concluir. Estou de partida para Iowa, vou tirar umas férias e farei com que Charles fique sabendo disso. — Um enorme sorriso iluminou o rosto de Gerard.

— Vai ser difícil segurar o pessoal — comentou Howland com tristeza —, principalmente por causa do longo tempo de que você vai precisar para reunir provas contra Guy Haines.

— A propósito... — Gerard apanhou o chapéu e brandiu-o para Howland. — Você não conseguiria derrubar Charles com tudo isso aí, mas posso derrubar Guy Haines só com o que já tenho.

— Ah, sim, você quer dizer que nós não conseguiríamos derrubar Guy Haines?

Gerard olhou-o desdenhosamente.

— Mas você não está interessado em derrubá-lo, está? Você não acredita que seja ele o nosso homem.

— Tire as suas férias, Gerard!

Com movimentos metódicos, Gerard juntou seus papéis e já ia recolocá-los no bolso.

— Pensei que você fosse deixar isso comigo.

— Bem, se acha que pode precisar deles... — Gerard estendeu-os cortesmente, deu-lhe as costas e andou em direção à porta.

— Importa-se de me revelar qual é o seu trunfo para derrubar Guy Haines?

A garganta de Gerard produziu um som de pura arrogância.

— O rapaz está torturado pela culpa — disse e saiu.

# 44

— Não há lugar no mundo, Anne — disse Bruno e, como as lágrimas lhe aflorassem aos olhos, disfarçou abaixando-os para a comprida pedra da lareira sob seus pés — em que eu preferisse estar hoje à noite. — Apoiou, muito elegante, o cotovelo sobre a alta cornija.

— Gentileza sua — sorriu Anne, colocando na mesa um prato com queijo fundido e canapés de anchova. — Coma enquanto estão quentes.

Bruno tirou um, embora soubesse que não seria capaz de fazê-los descer. A mesa estava bonita, posta para dois, com uma fina toalha cinzenta e grandes pratos no mesmo tom. Gerard saíra de férias. Haviam derrotado Gerard, Guy e ele, e fundido sua cabeça! Imaginou que teria tentado beijar Anne, se ela não pertencesse a Guy. Endireitou-se e ajeitou os punhos da camisa. Tinha muito orgulho de comportar-se como um perfeito cavalheiro com Anne.

— Então Guy acha que vai gostar de lá? — perguntou Bruno. Guy estava no Canadá, trabalhando na grande represa de Alberta.

— Que bom que todos esses inquéritos estúpidos terminaram, assim ele vai poder se dedicar despreocupadamente ao seu trabalho. Não é difícil imaginar como me sinto. Tenho vontade de comemorar! — Ele riu, pensando principalmente no sentido oculto de suas palavras.

Anne contemplou a figura alta e inquieta junto à lareira e ficou imaginando se Guy, apesar do ódio, sentia o mesmo fascínio que ela. Ainda não sabia, contudo, se Charles Bruno teria ou não sido capaz de planejar o assassinato do pai. Passara o dia inteiro em sua companhia, tentando encontrar uma resposta. Ele se esquivara a certas perguntas, dando-lhes respostas bem-humoradas e, ao responder outras, mostrara-se sério e meticuloso. Odiava Miriam como se a houvesse conhecido. Anne ficou verdadeiramente surpresa de que Guy lhe houvesse contado tanta coisa a respeito de Miriam.

— Por que você não queria contar a ninguém que conheceu Guy no trem? — perguntou Anne.

— Não me importava. Só que logo no começo cometi o erro de fazer uma brincadeira, inventar que tínhamos sido colegas. Depois vieram os interrogatórios e Gerard começou a fazer o maior estardalhaço a esse respeito. Francamente, acho que foi porque ia parecer esquisito. Miriam assassinada pouco tempo depois, sabe como são essas coisas. Acho que foi perfeito da parte de Guy, no inquérito sobre Miriam, não ventilar o nome de pessoas que tivesse conhecido por puro acaso. — Deu uma risada alta e breve e se deixou cair na cadeira de braços. — Não que meu comportamento possa ser considerado suspeito, de maneira nenhuma!

— Mas isso não tinha nada a ver com as investigações sobre a morte de seu pai.

— Claro que não. Mas Gerard não dá importância alguma à lógica. Ele devia ter escolhido o ofício de inventor!

Havia apreensão no rosto de Anne. Não podia acreditar que Guy tivesse embarcado na história de Charles só porque teria parecido esquisito dizer a verdade, ou mesmo porque Charles, no trem, lhe dissera odiar o pai. Tornaria a perguntar a Guy. Aliás, tinha muitas perguntas a lhe fazer. Por exemplo, quanto à hostilidade de Charles em relação a Miriam apesar de não conhecê-la. Anne foi até a cozinha.

Bruno caminhou até a janela da frente, o drinque na mão, e acompanhou a passagem de um avião cujas luzes vermelhas e verdes piscavam alternadamente contra o céu negro. Parecia uma pessoa a fazer exercícios de ginástica, tocando as pontas dos dedos nos ombros e tornando a esticar os braços. Quisera que Guy estivesse naquele avião, a caminho de casa. Olhou o mostrador rosa-escuro de seu novo relógio de pulso, conjeturando mais uma vez, antes de ver que horas eram, que Guy provavelmente gostaria de um relógio como aquele por causa de suas linhas modernas. Dali a mais três horas seriam vinte e quatro horas na companhia de Anne, um dia inteiro. Aparecera de carro, na noite anterior, em vez de telefonar. Ficara tão tarde que Anne o convidara a pernoitar. Instalou-se no quarto de hóspedes, o mesmo em que o haviam colocado na noite da festa, e Anne trouxe-lhe um caldo quente antes de ele ir dormir. Era extremamente atenciosa. Gostava mesmo dela! Girou nos calcanhares e viu-a chegando de volta da cozinha com os pratos.

— Não sei se sabia que Guy gosta muito de você — comentou Anne durante o jantar.

Bruno olhou-a e instantaneamente abandonou o tema anterior da conversa.

— Não há *nada* que eu não fosse capaz de fazer por ele! Sinto uma ligação profunda com ele, como se fosse meu irmão. Acho que por todas essas coisas terem começado a acontecer com ele depois de nos conhecermos no trem. — Ele começara a se mostrar alegre e até engraçado, mas acabou por prevalecer a seriedade de seus verdadeiros sentimentos em relação a Guy. Percorreu com os dedos os cachimbos de Guy enfileirados em sua estante sobre uma mesa de canto junto dele. Seu coração batia acelerado. As batatas recheadas estavam lindas, mas era-lhe impossível dar mais uma garfada que fosse. Tampouco o animava o vinho tinto. Teve vontade de fazer uma tentativa para passar outra noite na casa. Não conseguiria dar um jeito de passar mais uma noite se não estivesse se sentindo bem? A casa nova, no entanto, ficava mais perto do que Anne supunha. Sábado ele ia dar uma grande festa. — Tem certeza de que Guy estará de volta este fim de semana? — perguntou.

— Foi o que ele disse. — Anne comeu pensativa a salada. — Mas não sei se estará com vontade de ir a uma festa. Quando se deixa absorver por algum trabalho, o máximo que faz é velejar.

— Gostaria de dar uma volta de barco. Se não se incomodam que eu vá com vocês.

— Venha, sim. — Lembrou-se então de que Charles já saíra no *India*, depois de impor-se a Guy como convidado, amassara a amurada, e de repente sentiu-se confusa e lograda, como se até aquele momento algo a tivesse impedido de lembrar-se. E pilhou-se a pensar que Charles seria provavelmente capaz de fazer qualquer coisa, coisas atrozes, e de ludibriar todo mundo com a mesma cativante candura, com o mesmo sorriso acanhado. Exceto Gerard. É claro que teria sido capaz de planejar o assassinato do pai. Se a hipótese não fosse viável, Gerard não a investigaria. Era bem possível que estivesse sentada diante de um assassino. Sentiu um pequeno calafrio de terror ao levantar-se, talvez demasiado abruptamente, como se empreendesse uma fuga, e tirou os pratos do jantar. E o feroz e impiedoso prazer com que falava de seu horror a Miriam? Ocorreu a Anne que ele teria gostado de matá-la. Uma vaga suspeita de que ele a matara cruzou-lhe o pensamento como uma folha seca soprada pelo vento.

— Depois do encontro com Guy no trem, você foi a Santa Fé, não foi? — disse ela da cozinha, quase gaguejando.

— Hum hum — Bruno estava de novo afundado na cadeira verde de braços.

Anne deixou cair uma colher de café que fez um barulho infernal ao chocar-se com o resto da louça. O mais estranho, refletiu ela, era que nada do que se dissesse ou perguntasse a Charles parecia afetá-lo. Nada o chocava. Mas em vez

de tornar-lhe mais fácil a conversa com ele, era precisamente aquilo que a fazia hesitar e escolher as palavras.

— Conhece Metcalf? — ela ouviu o som da própria voz sair da cozinha para a sala.

— Não — respondeu Bruno. — Não, sempre quis conhecer. E você?

Bruno bebericava o café colocado em cima da cornija. Anne estava no sofá, a cabeça inclinada para trás. A curva da garganta logo acima da gola pregueada do vestido era nela o ponto mais luminoso. Anne é como a luz para mim, lembrou-se Bruno de ter ouvido Guy dizer certa vez. Se estrangulasse Anne também, Guy e ele poderiam realmente aproximar-se. Bruno assumiu um ar de seriedade, depois riu e descruzou as pernas.

— Do que é que você está rindo?

— Estava aqui pensando — sorriu ele. — Estava pensando no que Guy vivia dizendo sobre a duplicidade de todas as coisas. Sabe como é, o positivo e o negativo entrelaçados. Toda decisão implica uma razão contrária. — Ele reparou de repente que estava ofegante.

— O que você quer dizer é que todas as coisas têm dois lados?

— Não, não, isso é simplificar muito a coisa toda! — As mulheres às vezes eram tão pouco sutis! — As pessoas, os sentimentos, tudo! Tudo tem o seu duplo! Duas pessoas numa só. Há sempre uma pessoa, que é exatamente o seu oposto, como a parte invisível de cada um, à sua espera, pronto para emboscá-lo em algum lugar do mundo. — Era emocionante para ele repetir as palavras de Guy, mesmo lembrando-se de que não gostara de ouvi-las, porque Guy observara também serem essas duas pessoas inimigos mortais. E Guy referia-se a si mesmo e a ele, Bruno.

Anne afastou lentamente a cabeça do encosto do sofá. As palavras lembravam-lhe Guy, mas ele nunca lhe falara a respeito daquilo. Anne pensou na carta anônima que recebera na primavera passada. Charles era provavelmente o autor. Guy, sem dúvida, se referia a Charles quando falava de emboscada. Guy não tinha reações violentas em relação a ninguém, exceto Charles. Era Charles, com toda certeza, quem abrigava atitudes alternadas de ódio e devoção.

— Não é só também uma questão de bem e de mal, mas na prática é como esse princípio se revela melhor — prosseguiu Bruno, animadamente. — Aliás, não posso me esquecer de contar a Guy sobre o episódio da doação de mil dólares a um mendigo. Sempre disse que, quando pudesse dispor do meu próprio dinheiro, daria mil a um mendigo. Pois dei, mas você acha que ele me agradeceu? Gastei vinte minutos para provar que o dinheiro era verdadeiro! Tive de levar uma nota de cem a um banco e trocá-la para ele! Aí ele passou a reagir como se eu fosse maluco! — Bruno olhou para os sapatos e balançou a cabeça.

Achara que seria uma experiência memorável, mas aí, na mesma esquina, pouco tempo depois, lá estava o vagabundo mendigando de novo, e muito ofendido com ele porque não lhe trouxera mais mil! — Mas como eu estava dizendo antes...

— A respeito do bem e do mal — ajudou-o Anne. Detestava-o. Agora sabia o que Guy sentia por ele. Contudo, ainda não atinava com o motivo pelo qual o tolerava.

— Ah! Bom, essas coisas se refletem nos atos das pessoas. Por exemplo, os assassinos. Puni-los nos tribunais não irá torná-los pessoas melhores, é o que Guy diz. Todo homem é o seu próprio juiz e o seu próprio carrasco e já se impõe suficiente castigo. Na verdade, na opinião de Guy, um homem pode resumir praticamente tudo! — Ele riu. Estava tão bêbado que mal conseguia ver o rosto dela, mas queria contar-lhe todas as suas conversas com Guy, cada um de seus mais bem guardados segredos, até mesmo os que jamais poderia revelar-lhe.

— As pessoas destituídas de consciência não podem se punir, ou podem? — perguntou Anne.

Bruno olhou para o teto.

— É verdade. Algumas pessoas são estúpidas demais para ter consciência, outras são perversas demais para isso. Geralmente os estúpidos são apanhados. Mas pegue, por exemplo, os que mataram a mulher de Guy e meu pai. — Bruno procurou assumir um ar de seriedade. — Ambos agiram como pessoas excepcionalmente brilhantes, não acha?

— Então eles são dotados de consciência e por isso não merecem ser apanhados?

— Não estou dizendo isso. Claro que não! Mas não posso acreditar que não estejam sofrendo um pouco. À maneira deles! — Tornou a rir, embriagado demais para se dar conta de onde pisava. — Não se tratava de loucos furiosos, como pintaram o assassino da mulher de Guy. O que mostra como as autoridades estão realmente mal informadas sobre a verdadeira ciência criminalística. Um crime como esse exige planejamento. — Ocorreu-lhe, no meio de seu delírio alcoólico, que o crime não fora absolutamente planejado, ao contrário, porém, do de seu pai, o que ilustrava perfeitamente seu ponto de vista. — Algum problema?

Anne pousou os dedos frios na testa.

— Nenhum.

Bruno preparou-lhe um *highball* no bar que Guy fizera ao lado da lareira. Em sua nova casa Bruno pretendia ter um bar como aquele.

— Onde foi que Guy arrumou todos aqueles arranhões no rosto, no mês de março?

— Que arranhões? — Bruno voltou-se para ela. Guy lhe dissera que ela não sabia dos arranhões.

— Mais do que arranhões. Cortes. E uma equimose na cabeça.

— Não sei, não vi nada.

— Ele brigou com você, não foi? — Charles ficou a olhá-la com um estranho brilho avermelhado nos olhos. Ela não tinha a malícia suficiente para arriscar um sorriso naquele momento. Sabia muito bem o que se passava. Sentia que Charles estava a ponto de atravessar a sala e apanhá-la, mas manteve o olhar fixo no dele. Raciocinou que, se dissesse a Gerard, a briga poderia constituir uma prova de que Charles tinha conhecimento do assassinato. O sorriso voltou aos lábios dele.

— Não! — respondeu ele, rindo, e tornou a sentar-se. — O que foi que ele contou sobre os arranhões? Nem estive com ele em março. Eu estava fora na época. — Pôs-se de pé. De repente sentiu-se mal do estômago. E não era por causa das perguntas, era realmente um problema no estômago. E se agora tivesse uma crise? Ou então amanhã de manhã. Não podia deixar aquilo acontecer, não podia deixar que Anne o visse naquele estado! — Acho melhor ir andando — murmurou.

— O que foi? Não está se sentindo bem? Você está um pouco pálido.

Não estava sendo simpática. Via pela voz dela. Que mulher seria capaz de tratá-lo bem, exceto sua mãe?

— Muito obrigado, Anne, por... Pelo dia todo.

Ela lhe passou o casaco e ele saiu vacilante pela porta, rangendo os dentes ao iniciar a longa caminhada até o carro estacionado junto ao meio-fio.

A casa estava às escuras quando Guy chegou algumas horas mais tarde. Rondou a sala de estar, viu os tocos de cigarro na lareira, a estante com os cachimbos desalinhada em cima da mesa, reparou no afundamento em uma pequena almofada sobre o sofá. Era uma desordem de características muito específicas, que não poderia ter sido produzida por Anne e Teddy, ou Chris, ou Helen Heyburn. Como não vira logo?

Subiu depressa ao quarto de hóspedes. Bruno não estava lá mas ele achou um jornal amassado na mesa de cabeceira e ao lado algumas moedas. Havia um quê de caseiro na composição do cenário. Pela janela viu o dia que começava a nascer exatamente como aquele outro dia. Deu as costas para a janela e a respiração suspensa saiu-lhe afinal como um soluço. O que pretendia Anne agindo assim com ele? Era especialmente intolerável num momento como aquele — metade dele no Canadá e a outra aqui, aprisionada nas garras de Bruno, Bruno com a polícia em seu rastro. A polícia só lhe estava dando uma

pequena trégua. Mas ele ultrapassara todos os limites. Não havia mais como aguentar por muito mais tempo.

Foi ao quarto de dormir dos dois e ajoelhou-se ao lado de Anne. Beijou-a tenso, assustado, e sentiu por fim que ela o envolvia em seus braços. Enterrou o rosto no macio emaranhado dos lençóis sobre seu peito. Parecia-lhe que uma tempestade vociferava à sua volta, à volta dele e dela, e que Anne era o único ponto de equilíbrio, como se fosse o núcleo da tormenta, e o ritmo de sua respiração o único indício de pulsação regular num mundo convulsionado. Tirou a roupa de olhos fechados.

— Senti sua falta — foram as primeiras palavras de Anne. Guy estava de pé, junto à cama, as mãos fechadas e enterradas nos bolsos do robe. Sentia-se ainda muito tenso, e a tormenta parecia concentrar-se agora em seu próprio âmago.

— Vou passar três dias aqui. Sentiu falta de mim?

Anne ergueu-se alguns poucos centímetros na cama.

— Por que está me olhando assim?

Guy não respondeu.

— Só estivemos juntos uma vez, Guy.

— Uma vez só... Não importa. Por quê?

— Porque... — Guy reparou que o rosto dela se ruborizou até ficar com a mesma tonalidade rósea da mancha em seu ombro. A barba dele lhe arranhara o ombro. Nunca falara com ela naquele tom. E o fato de que ela se preparava para lhe dar uma resposta razoável só parecia justificar a sua raiva. — Porque ele apareceu...

— Ele sempre aparece. Sempre telefona.

— Por quê?

— Ele dormiu aqui! — Guy explodiu e, por um tremor nas pestanas e um quase imperceptível movimento de cabeça, reparou que Anne se retraiu.

— Dormiu. Na noite de anteontem — desafiou-o com sua voz firme. — Ele chegou muito tarde e eu disse que podia ficar.

No Canadá passara-lhe pela cabeça que Bruno poderia fazer investidas sobre Anne só porque ela era sua, e que Anne poderia encorajá-lo apenas por desejar saber o que ele não lhe contara. Não acreditava que Bruno pudesse ir longe demais, mas atormentava-o a ideia de que lhe tocasse a mão e ela permitisse, ainda mais considerando o motivo pelo qual consentiria.

— E ele ficou aqui até ontem à noite?

— Por que isso o preocupa tanto?

— Porque ele é perigoso. Não é muito bom da cabeça.

— Não acredito que seja por isso que você se preocupa — disse Anne no mesmo tom de voz calmo e lento. — Não sei por que o defende, Guy. Não sei por que não quer admitir que foi ele quem me escreveu aquela carta e quase levou você à loucura em março.

Guy retesou-se, numa atitude defensiva, mas que não excluía o sentimento de culpa. Em defesa de Bruno, refletiu, sempre defendendo Bruno! Tinha certeza de que Bruno não admitira ter sido ele quem mandara a carta. Só que Anne, como Gerard, mas a partir de outros fatos, estava juntando as peças. Gerard desistira; Anne jamais desistiria. Anne estava lidando com as peças imponderáveis, e eram elas que permitiriam formar o quadro. Ainda não o completara, contudo. Isso levaria tempo, um pouco mais de tempo, e era o que o torturava! Virou-se para a janela com um movimento que denotava profundo cansaço, tão profundo que ele não se dispunha sequer a cobrir o rosto ou a abaixar a cabeça. Não se daria nem mesmo ao trabalho de perguntar a Anne sobre o que ela e Bruno haviam conversado. De algum modo *adivinhava* exatamente o que fora dito e o que Anne sabia de novo. Súbito sentiu que havia um prazo reservado para a agonia do adiamento. O que acontecia era que já ultrapassara todas as expectativas lógicas, como ocorria às vezes com a vida em luta contra uma doença fatal.

— Conte, Guy — pediu Anne, agora calma. Sua voz não revelava mais qualquer intenção de litígio, como um dobre de sino que apenas marca a passagem das horas. — Conte para mim, está bem?

— Vou contar — respondeu, ainda olhando pela janela, mas ouvindo sua própria voz a dizê-lo e acreditando no que dizia. Sentia-se tomado por uma sensação de leveza e Anne certamente a percebia na metade do rosto que podia ver, na totalidade de seu ser. Seu primeiro impulso foi o de repartir aquela sensação com ela, embora por alguns segundos não conseguisse afastar os olhos da claridade do sol refletida no parapeito. *Leveza*, pensou ele. A supressão das trevas e também do peso. Imponderabilidade. Haveria de contar a Anne.

— Guy, venha cá. — Ela estendeu os braços para ele e ele se sentou a seu lado, passou os braços à sua volta e envolveu-a bem apertada contra o seu corpo. — Uma criança vem por aí — disse ela. — Vamos ser felizes. Você vai ser feliz, Guy?

Olhou-a com vontade de rir de felicidade, de surpresa, ou então do jeito tímido dela.

— Um filho! — sussurrou.

— O que é que vamos fazer esses dias que você vai passar aqui?

— Para quando, Anne?

— Ah, não vai demorar tanto. Maio, acho. O que é que vamos fazer amanhã?

— Vamos sair de barco, faço questão. Isto é, se o mar não estiver muito agitado. — E o tolo tom conspiratório de sua voz o fez dar uma sonora gargalhada.

— Guy!

— Você está chorando?

— É tão bom ouvir você rir!

# 45

Bruno telefonou sábado de manhã para felicitar Guy por sua indicação para o Comitê de Alberta e perguntar-lhe se ele e Anne podiam ir à sua festa naquela noite. A desesperadamente alvoroçada voz de Bruno exortava-o a celebrar.

— Estou usando minha linha particular, Guy. Gerard foi para Iowa. Venham, quero que conheçam minha casa nova. — E pediu: — Deixe-me falar com Anne.

— Anne não está.

Guy já sabia que as investigações estavam encerradas. A polícia o informara, assim como Gerard, com seus agradecimentos.

Guy voltou para a sala, onde, com Bob Treacher, terminava seu desjejum. Bob voara para Nova York um dia antes dele, e Guy o convidara a passar o fim de semana em sua casa. Conversavam sobre Alberta, as pessoas com quem trabalhavam no Comitê, as condições do terreno, a pesca da truta, e o que mais lhes passasse pela cabeça. Guy riu de uma piada que Bob contou em dialeto franco-canadense. Era uma fresca e ensolarada manhã de novembro; quando Anne voltou das compras, os dois se preparavam para entrar no carro e ir até Long Island para um passeio de barco. Guy sentia um prazer infantil — com sabor dos feriados — em ter Bob em sua companhia. Bob simbolizava o Canadá e seu trabalho lá, o projeto através do qual Guy fazia sua introdução a um mais vasto território de si mesmo, e a que Bruno não podia ter acesso. E o segredo da criança por nascer dava-lhe um sentimento de generosidade equânime e mágica ascendência.

No exato momento em que Anne entrava em casa, o telefone voltou a tocar. Guy levantou-se mas foi Anne quem atendeu. Bruno, pensou ele, sempre ligava na hora certa. Mal podia acreditar na conversa que estava ouvindo, acerca do passeio de barco que fariam naquela tarde.

— Venha, então — disse Anne. — Ah, sim, se quiser trazer alguma coisa, venha com umas cervejas.

Guy viu Bob a olhá-lo com estranheza.

— O que é que há? — perguntou Bob.

— Nada. — Guy tornou a sentar-se.

— Era Charles. Você não fica muito aborrecido que ele venha conosco, não é Guy? — Anne atravessou animadamente a sala com o saco de compras. — Quinta-feira ele disse que gostaria de ir velejar conosco, se saíssemos, e eu praticamente o convidei.

— Não me importo — disse Guy, ainda a olhá-la. Estava eufórica e alegre, e seria difícil imaginá-la recusando algo a alguém. Guy, contudo, sabia que o convite a Bruno tinha outras motivações. Queria vê-los juntos de novo e não parecia disposta a esperar outra ocasião. Uma vaga de rancor dominou-o por um instante e ele argumentou consigo mesmo: ela não percebe, ela não tem condições de perceber, e afinal a culpa é toda dela pela grande trapalhada que arrumou. Assim, tratou de rechaçar a raiva, recusando-se até mesmo a admitir que Bruno com certeza acordaria o seu ódio hoje à tarde. Decidiu manter-se sob o mesmo estrito controle ao longo do dia.

— Os nervos, meu velho, você precisa cuidar deles — disse-lhe Bob. Ele ergueu a xícara de café e esvaziou-a com gosto. — Bem, pelo menos você deixou de ser fanático por café. Quanto era mesmo que você tomava, dez xícaras por dia?

— Por aí. — Cortara por completo o café, para ver se conseguia dormir melhor, e agora tinha horror a café.

Pegaram Helen Heyburn em Manhattan e atravessaram a Ponte Triboro rumo a Long Island. Sob o sol de inverno, a costa apresentava uma claridade glacial. A luz incidia, escassa, sobre as pálidas areias e fazia coruscar a superfície encrespada da água. O *India* parecia um iceberg ancorado, verificou Guy, ligando a alvura do barco, em sua memória, à própria essência do verão passado. Ao contornar o estacionamento viu logo o carro de Bruno, um conversível azul brilhante. Guy lembrava-se de ter ouvido Bruno contar que o cavalo que montara no carrossel era azul-rei, e por isso escolhera um carro daquela cor. No cais, viu Bruno sob um alpendre. Via-o todo, menos a cabeça: o longo sobretudo preto e os sapatos pequenos, os braços, as mãos nos bolsos. Como sempre, ansioso.

Bruno pegou a sacola com as cervejas e veio em direção ao carro com um sorriso tímido. Mesmo à distância Guy podia perceber a exultação, contida naquele momento mas prestes a explodir. Usava um cachecol azul-rei, da mesma cor do carro.

— Olá. Olá, Guy. Achei conveniente fazer essa tentativa de vê-lo enquanto é tempo. — Olhou Anne como se pedisse ajuda.

— Bom ver você! — disse Anne. — Este é o Sr. Treacher. Sr. Bruno.

Bruno cumprimentou-o.

— Vocês não podiam ir à festa hoje à noite, Guy? Vai ser uma festa e tanto. Vocês todos... — O sorriso esperançoso dirigia-se também a Helen e Bob.

Helen informou que já tinha um compromisso. Senão, adoraria ir. Quando trancava o carro, Guy viu-a apoiando-se no braço de Bruno para colocar os mocassins. Bruno passou a Anne a sacola com as cervejas. Parecia estar se despedindo.

As sobrancelhas louras de Helen franziram-se com inquietação.

— Você vem conosco, não vem?

— Não estou vestido adequadamente.

— Há montes de impermeáveis a bordo — disse Anne. Tiveram de pegar um barco a remo e Guy e Bruno discutiram delicada mas teimosamente sobre quem deveria remar, até que Helen sugeriu que ambos remassem. Guy golpeava a água com fortes remadas e Bruno, a seu lado no banco do meio, procurava acompanhá-lo. Guy podia sentir a crescente excitação de Bruno à medida que se aproximavam do *India*. Por duas vezes o vento arrancou o chapéu de Bruno, e finalmente ele se levantou e espetacularmente o arremessou rodopiando ao mar.

— A verdade é que tenho horror a chapéus! — disse, olhando para Guy.

Não quis vestir um impermeável, embora os borrifos de água fossem constantes sobre a cabine. As más condições do tempo não permitiam que as velas fossem içadas. Os motores tiveram de ser acionados para que o *India* se pusesse em movimento, com Bob no leme.

— Um brinde a Guy! — gritou Bruno, mas no mesmo tom reprimido e desarticulado que Guy notara desde a primeira vez que o ouvira falar, hoje de manhã. — Felicitações, saudações! — Pegou o belo frasco de prata trabalhada e ofereceu-o a Anne. Parecia uma potente mas primitiva máquina que não chegava a encontrar o ritmo apropriado para funcionar bem. — Conhaque Napoleón. Cinco estrelas.

Anne não aceitou, mas Helen, que começava a sentir frio, tomou um gole, e também Bob. Com seu chapéu de marinheiro, Guy segurava a mão de Anne enfiada numa mitene e tentava não pensar em nada, nem em Bruno, nem em Alberta, nem no mar. Não conseguia olhar para Helen, que estava dando força a Bruno, nem para o sorriso bem-educado e meio sem graça de Bob, que tinha os olhos fixos à frente, por sobre o leme.

— Alguém conhece *Foggy, Foggy Dew*? — perguntou Bruno, sacudindo espalhafatosamente a manga que um borrifo acabara de molhar. Os generosos

goles que tomara de sua garrafinha já o levavam a cruzar a fronteira da embriaguez.

Bruno sentia-se rejeitado porque ninguém quisera mais tomar de sua bebida, a bebida que escolhera com tanto carinho, e porque ninguém queria cantar. Também o magoara Helen ter dito que *Foggy, Foggy Dew* era uma canção que a deprimia. Ele adorava *Foggy, Foggy Dew*. Tinha vontade de cantar, de gritar, fazer alguma coisa. Quando teriam a oportunidade de estar de novo juntos, como agora? Ele e Guy. Anne. Helen. E o amigo de Guy. Torceu-se todo em seu lugar para olhar em volta. Via a linha do horizonte aparecer e desaparecer ao balanço do barco e a terra a tornar-se cada vez mais distante atrás deles. Tentou divisar a bandeirola no topo do mastro, mas a oscilação deste deixou-o zonzo.

— Qualquer dia desses Guy e eu vamos circundar o mundo como se ele fosse uma bola de gude e amarrá-lo com uma fitinha! — anunciou, mas ninguém prestava atenção.

Helen conversava com Anne, descrevendo um círculo com as mãos, e Guy explicava a Bob algo relacionado com o motor. Bruno reparou, quando Guy se abaixou, que os vincos em sua testa estavam mais fundos, e seus olhos, tristes como de hábito.

— Será que você não entende nada? — Bruno sacudiu o braço de Guy. — Por que está tão sério *hoje*?

Helen murmurou alguma coisa a respeito da permanente seriedade de Guy, mas Bruno não lhe prestou atenção, porque ela não fazia a mais vaga ideia do porquê da seriedade de Guy. Bruno retribuiu com gratidão o sorriso de Anne e tornou a oferecer o frasco.

Anne continuava não querendo, nem Guy.

— Trouxe-a especialmente para você, Guy. Achei que ia gostar — disse Bruno, num tom magoado.

— Tome um pouco, Guy — disse Anne. Guy pegou a garrafinha e deu um gole.

— A Guy! Gênio, amigo e parceiro! — declarou Bruno, tomando também um gole depois dele. — Guy é um gênio. Será que vocês se dão conta disso? — Olhou em torno, com uma súbita vontade de chamá-los de um bando de idiotas.

— Sem dúvida — disse Bob amistosamente.

— Como é um velho amigo de Guy — Bruno ergueu o frasco — saúdo você também.

— Obrigado. Muito velho amigo. Um dos mais antigos.

— Há quanto tempo o conhece? — desafiou Bruno. Bob olhou para Guy e sorriu.

— Há uns dez anos. Bruno fechou a cara.

— Conheço Guy desde sempre — declarou suavemente. — Pergunte a ele.

Guy sentiu a mão de Anne procurando esquivar-se ao aperto da sua. Viu Bob a rir sem graça e sem saber o que fazer diante daquilo tudo. Perdera já qualquer vestígio de calma, como sempre acontecia. Por que insistia em pensar que conseguiria aturar Bruno, dar-lhe mais uma chance?

— Vamos lá, Guy, diga a ele que sou eu o seu amigo mais chegado.

— É — disse Guy. Pressentia o ligeiro e tenso sorriso de Anne em silêncio a seu lado. Não teria ela àquela altura plena consciência dos fatos? Não estaria apenas à espera de que ele e Bruno os verbalizassem nos minutos seguintes? Instantaneamente ele reviveu a experiência do bar, na tarde que precedeu aquela noite de sexta-feira, quando teve a sensação de já ter dito a Anne tudo o que ia fazer. E agora decidira contar-lhe tudo, lembrou-se. Mas a evidência de que ainda não lhe contara e mais uma vez tivesse Bruno a adejar a seu redor surgiu-lhe como uma última e eficaz medida punitiva pelo adiamento.

— Claro que sou um louco! — berrou Bruno para Helen, que discretamente procurava distanciar-se dele no banco. — Suficientemente louco para abarcar em minhas mãos o mundo inteiro e açoitá-lo! E ajustarei contas pessoalmente com todo aquele que não acreditar nisso! — Riu e percebeu que seu riso apenas tornava mais perplexos os aparvalhados e difusos rostos que o cercavam e riam dele sem saber por quê. — Macacos! — agrediu-os com um tom de triunfo.

— Quem é? — perguntou Bob a Guy num sussurro.

— Guy e eu somos super-homens! — exclamou Bruno.

— Você é um super-homem da bebida — corrigiu Helen.

— Não é verdade! — protestou Bruno enquanto um de seus joelhos vacilava durante a tentativa de levantar-se.

— Acalme-se, Charles! — pediu-lhe Anne com um sorriso que ele só conseguiu retribuir com um esgar.

— Não concordo com o que ela disse sobre a bebida e eu!

— Qual é a dele? — indagou Helen em tom de franca surpresa. — Será que vocês dois cometeram um assassinato na bolsa de valores?

— Bolsa de valores, você não sabe... — Bruno deteve-se, pensando no pai. — Iaaa-huu-uu! Eu sou texano! Você já deu uma volta no carrossel de Metcalf, Guy?

Os pés de Guy acusaram o sebressalto, mas não se levantou nem olhou para Bruno.

— Tuuudo bem, vou me sentar — disse Bruno, dirigindo-se a ele. — Mas você está me decepcionando. Você está me decepcionando tanto! — Bruno sacudiu o frasco de bebida vazio e atirou-o ao mar.

— Ele está chorando! — disse Helen.

Bruno levantou-se e saiu da cabine para o convés. Queria dar uma boa caminhada longe da presença de todos eles, Guy inclusive.

— Aonde é que ele vai? — perguntou Anne.

— Vamos deixá-lo em paz — murmurou Guy, tentando acender um cigarro.

Pouco depois ouviu-se um *splash* e Guy teve certeza de que Bruno caíra no mar. Antes que qualquer um dos outros tivesse aberto a boca, já estava fora da cabine.

Correu para a popa, tentando desvencilhar-se do casaco. Alguma coisa parecia reter seus braços às costas. Ele girou, atingiu com a mão o rosto de Bob e pulou da amurada. Cessaram todas as vozes e todo barulho e um intervalo de angustiante quietude se escoou até que seu corpo reaparecesse à tona. Ele se desfez do casaco em câmara lenta, como se a água, a uma temperatura tão fria quanto a da dor, já o tivesse congelado. Ergueu a cabeça o mais alto que pôde e viu Bruno muito, muito longe, como uma pedra quase submersa pelo musgo.

— Não vai conseguir alcançá-lo! — clarinou a voz de Bob, subitamente abafada por um jorro de água em seu ouvido.

— Guy! — chamou-o Bruno de um ponto distante no mar, num lamento agonizante.

Guy praguejou. Podia chegar lá. Na décima braçada, tornou a saltar por sobre as águas.

— Bruno! — Mas já não conseguia vê-lo.

— Ali, Guy! — tentava Anne orientá-lo da popa do *India*.

Guy não conseguia avistá-lo, mas bracejou tentando guiar-se por seu senso de orientação até chegar ao ponto onde julgava tê-lo visto. Tateou, abrindo os braços, os dedos pesquisando em torno. A água tolhia seus movimentos. Como se aquilo fosse um pesadelo — ocorreu-lhe. Como no gramado dos jardins da casa, naquele dia. Engoliu água ao tentar escalar uma onda. O *India* mudara de posição, movendo-se agora em círculos. Por que não o orientavam? As pessoas lá em cima estavam pouco se importando!

— Bruno!

Quem sabe atrás de alguma daquelas instáveis montanhas líquidas? Nadou mais um pouco e percebeu enfim que tinha perdido qualquer ponto de referência. Uma onda lateral esbofeteou-lhe a cabeça e ele se pôs a lançar imprecações contra o gigantesco, o funesto ser do mar. Onde estava seu amigo, seu irmão?

Tornou a mergulhar, tão fundo quanto foi capaz, prolongando o mais que pôde seu curto fôlego. Mas tudo o que restava era um cinzento e silencioso vácuo a preencher o espaço circundante, no qual ele não passava de um diminuto foco de consciência. Um insuportável sentimento de solidão acossava-o cada vez

mais veloz e ameaçador, com se estivesse a ponto de engolir a sua própria vida. Arregalou os olhos, em desespero. O vácuo cinzento materializou-se súbito num chão cheio de espinhos.

— Vocês o encontraram? — balbuciou, erguendo-se. — Que horas são?

— Repouse, Guy — disse a voz de Bob.

— Ele foi tragado, Guy — disse Anne. — Nós vimos.

Guy fechou os olhos e chorou.

Em seu estado de semiconsciência, viu que todos, um a um, Anne inclusive, o deixavam para trás, em seu beliche.

# 46

Com todo o cuidado para não acordar Anne, Guy levantou-se da cama e desceu para a sala. Fechou as cortinas e acendeu a luz, mesmo sabendo que não conseguiria bloquear o avanço do amanhecer a infiltrar-se pelas venezianas e através das cortinas verdes como um peixe amorfo cor de prata e malva. Deitado, na escuridão do quarto lá em cima, já o aguardava, consciente de que por fim chegaria, subindo desde o pé da cama. Temia mais do que nunca ser capturado em suas engrenagens, pois tinha agora consciência de que dividira com Bruno a sua culpa. E se até então fora insuportável, como conseguiria suportá-la daí por diante? Impossível, tinha certeza.

Invejava Bruno por ter morrido tão repentinamente, tão pacificamente, tão violentamente — e tão jovem. E com tanta facilidade, como sempre lhe pareceu que Bruno fazia o que quer que fosse. Um tremor o percorreu. Sentou-se rígido na cadeira de braços, o corpo tenso e endurecido sob o tecido fino do pijama — uma sensação que lhe lembrava outros dias a amanhecer. Alertado pelo sinal espasmódico dos nervos que sempre dissipava sua tensão, levantou-se e subiu a escada para o escritório antes mesmo de se dar conta do que pretendia fazer. Contemplou a luzidia superfície das folhas de papel em sua mesa de trabalho, quatro ou cinco delas que ali haviam ficado após ter feito alguns esboços para Bob. Sentou-se em seguida e começou a escrever a partir do canto superior esquerdo, devagar a princípio e depois cada vez mais depressa. Escreveu sobre Miriam e o trem, sobre os telefonemas, Bruno em Metcalf, sobre as cartas, o revólver e como se livrara dele — e sobre a noite de sexta-feira. Como se Bruno ainda estivesse vivo, alinhou cada detalhe que julgasse capaz de contribuir para a sua compreensão. O texto preencheu três das folhas. Ele as dobrou e colocou num envelope exageradamente grande que em seguida lacrou. Permaneceu longo tempo a olhar o envelope, fruindo o relativo alívio que aquilo lhe trazia,

maravilhado com sua condição de algo inteiramente alheio a si. Inúmeras vezes pusera no papel, em garranchos, confissões arrebatadas, mesmo sabendo que ninguém nunca as leria. Aquela, porém, era para Anne. Anne abriria aquele envelope. Suas mãos haveriam de folhear aquelas páginas e seus olhos leriam cada uma daquelas palavras.

Espalmou as mãos sobre os olhos ardentes e doloridos. As horas que passara a escrever haviam-no esgotado quase até o limite da letargia. Seus pensamentos erravam sem deter-se em nada, e as pessoas sobre as quais escreveu — Bruno, Miriam, Owen Markman, Samuel Bruno, Arthur Gerard, Sra. McCausland, Anne —, as pessoas e os nomes bailavam bem diante de seu entendimento. *Miriam*. Curiosamente ela se tornara para ele uma pessoa muito mais consistente do que jamais havia sido. Tentara descrevê-la para Anne, tentara fazer uma avaliação dela. Os acontecimentos o levaram a avaliá-la diante de si mesmo. Concluíra que não valia grande coisa pelos padrões de Anne, ou de quem quer que fosse. Mas fora um ser humano. Tampouco Samuel Bruno valia grande coisa — um homem ganancioso e implacável à caça de dinheiro, odiado por seu filho e desamado por sua mulher. Quem gostava realmente dele? Quem de fato sentira a morte de Miriam ou a de Samuel Bruno? Se alguém tivesse sentido alguma dor... A família de Miriam, quem sabe? Mas Guy lembrava-se do irmão dela no banco das testemunhas, durante o processo, os olhinhos faiscando de puro ódio, mas nunca verdadeiramente pesarosos. E a mãe, vingativa, a índole viciosa de sempre, indiferente quanto ao alvo das incriminações, desde que houvesse algum alvo, empedernida, insensível mesmo diante da dor. Ainda que se dispusesse a tanto, que boa razão poderia descobrir para procurá-los e fornecer-lhes um alvo para o seu ódio? Será que os faria sentirem-se melhor? Parecia-lhe improvável. Se alguém realmente amou Miriam... Owen Markman.

Tirou as mãos de cima dos olhos. O nome insinuara-se como por acaso em sua cabeça. Até escrever a carta não pensara em Owen. Ele sempre fora um vulto obscuro, ao fundo da cena. Guy dava-lhe peso menor do que a Miriam. Mas Owen provavelmente a amava. Quem sabe ia casar-se com ela. E ela ficou grávida dele. Digamos que Owen tivesse depositado em Miriam todo o seu projeto de felicidade. Digamos que nos meses subsequentes à sua morte tenha experimentado o mesmo desgosto que ele, Guy, sentiu após a morte dela para ele, em Chicago. Guy tentou reconstituir em todos os seus detalhes o comportamento de Owen Markman no inquérito. Relembrou suas atitudes servis, suas respostas tranquilas e diretas e sua acusação de ciúme. Impossível dizer o que de fato se passava em sua cabeça.

— Owen — disse Guy.

Lentamente se pôs de pé. Em sua cabeça uma ideia adquiria contornos definidos, apesar de em sua memória ainda tentar recompor o comprido rosto moreno de Owen Markman e sua figura alta e desajeitada. Ia procurar Markman e conversar com ele, contar-lhe tudo. Se devia isso a alguém, era a Markman. Que Markman o matasse, se fosse o caso, ou chamasse a polícia, fizesse o que achasse melhor. O que quer que acontecesse, teria contado tudo a ele, com toda a honestidade, e cara a cara. De repente aquilo pareceu-lhe uma necessidade urgente. Claro. Era o único passo a ser dado em seguida, o único possível. Depois, saldada sua dívida pessoal, seria capaz de aguentar qualquer peso que a justiça lhe jogasse sobre as costas. Estaria preparado. Podia pegar um trem hoje, depois dos esclarecimentos que deviam prestar a respeito de Bruno. A polícia o convocara, com Anne, para hoje de manhã. Se tivesse sorte, poderia até achar vaga num avião à tarde. Onde era mesmo? Houston. Se é que Owen ainda morava lá. Tinha de evitar que Anne o acompanhasse ao aeroporto. Ela deveria supor que ele ia para o Canadá, como estava previsto. Ainda não queria que Anne soubesse. O encontro com Owen era mais urgente. Parecia-lhe algo capaz de transformá-lo. Ou talvez equivalesse ao ato de se despojar de um casaco velho e gasto. Sentia-se nu, mas já não tinha medo.

# 47

Guy ocupava uma cadeira extra no corredor de um avião com destino a Houston. Sentia-se acabrunhado e nervoso, deslocado e de certo modo fora das normas, como de resto lhe parecia o próprio assento em que estava, a atravancar o corredor e a perturbar a simetria no interior do avião. Errado e desnecessário. Ainda assim estava convencido de que era necessário fazer aquilo. As dificuldades que tivera de superar para colocar em prática a sua ideia acabaram por conduzi-lo a um estado de obstinada determinação.

Gerard comparecera à delegacia policial para acompanhar as formalidades do inquérito sobre a morte de Bruno. Explicou que viera de Iowa de avião. Lamentável, o fim de Charles, mas Charles nunca fora pessoa cuidadosa com respeito a coisa alguma. Era lamentável que tivesse acontecido no barco de Guy. Guy fora capaz de responder a todas as perguntas sem demonstrar qualquer emoção especial. Pareciam-lhe insignificantes os detalhes relacionados ao desaparecimento do corpo. A presença de Gerard foi o maior fator de perturbação para Guy. Não queria que Gerard viesse atrás dele no Texas. Para a sua completa segurança, não cancelou a reserva no avião para o Canadá, que partira mais cedo, à tarde. Teve de ficar quase quatro horas à espera, no aeroporto, por seu voo. Sentia-se seguro. Gerard anunciara que voltaria para Iowa naquela mesma tarde, de trem.

Mesmo assim, Guy examinou atentamente os passageiros, com mais vagar e mais cuidado da segunda do que da primeira vez. Ninguém nem de longe parecia interessado nele.

A massuda carta guardada no bolso interno do paletó produziu estalidos quando ele se debruçou sobre os papéis em seu colo. Tratava-se de relatórios sobre o trabalho em Alberta, que Bob lhe entregara. Guy não teria sido capaz de concentrar-se na leitura de uma revista e não tinha vontade de olhar pela janela,

mas sabia que era capaz de memorizar, mecânica e eficientemente, os itens dos relatórios que deviam ser memorizados. Inserida entre as folhas mimeografadas, encontrou páginas tiradas de uma revista inglesa de arquitetura. Bob destacara um parágrafo com um círculo vermelho:

> Guy Daniel Haines é o mais bem-dotado arquiteto aparecido no Sul dos EUA. Desde o seu primeiro trabalho individual, realizado aos vinte e sete anos — um prédio simples, de dois andares, que se tornou conhecido como O Entreposto de Pittsburgh —, Haines estabeleceu princípios de beleza e funcionalidade aos quais se tem mantido fiel. Através deles sua arte cresceu e alcançou as dimensões atuais. Se quisermos definir o talento singular de Haines, teremos de recorrer a essa impalpável, incorpórea categoria a que se deve denominar “graça”, ausente, até o aparecimento de Haines, na moderna arquitetura. Esse conceito de graça tornou-se clássico em nosso tempo através das realizações de Haines. O prédio principal do conhecido Conjunto Palmyra em Palm Beach, Flórida, tem sido chamado “o Partenon americano”..

Uma nota de pé de página esclarecia:

> Depois de escrito este artigo, o Sr. Haines foi designado membro do Comitê Consultivo para o Projeto da Represa de Alberta, no Canadá. As pontes sempre o fascinaram, diz o Sr. Haines. Ele calcula que, por fortuna sua, estará absorvido por esse trabalho ao longo dos próximos três anos.

— Por fortuna — repetiu ele. Onde foram achar tal expressão?

Um relógio batia nove horas quando Guy percorria a rua principal de Houston. Guy localizou o nome de Owen Markman num catálogo telefônico no aeroporto e entrou num táxi. Não ia ser fácil, pensou. Ninguém pode esperar, chegando às nove da noite, achar uma pessoa em casa, sozinha e disposta a sentar-se numa cadeira e ouvir um estranho. Talvez não estivesse em casa, talvez não morasse mais ali, talvez nem vivesse mais em Houston. A coisa podia durar vários dias.

— Pare aí nesse hotel — ordenou Guy.

Saltou do táxi, entrou e reservou um quarto. Aquela providência corriqueira o fez sentir-se melhor.

Owen Markman não estava mais no endereço da Rua Cleburne. Era um pequeno edifício de apartamentos. As pessoas que estavam no corredor do andar térreo, entre as quais o síndico, lançaram-lhe olhares cheios de suspeita e concederam-lhe o mínimo possível de informação. Ninguém sabia dizer para onde fora Owen Markman.

— O senhor não é da polícia, ou é? — indagou o síndico por fim.

Ele não pôde deixar de sorrir.

— Não.

Guy estava de saída quando um homem o fez parar na escada e, com ar de cautelosa reticência, informou-o de que poderia achar Markman num certo café do centro da cidade.

Guy achou-o finalmente num *drugstore*[9], sentado atrás do balcão com duas mulheres ao lado. Owen Markman não as apresentou. Desceu do banco e ficou de pé, os olhos castanhos um tanto arregalados. O rosto comprido parecia mais grosseiro e menos bonito do que quando Guy o vira pela primeira vez. Ele enfiou desconfiado as mãos enormes nos bolsos transversais de sua jaqueta de couro.

— Você se lembra de mim... — sugeriu Guy.

— Acho que sim.

— Se incomodaria se conversássemos um pouco? Não vai ser nada muito demorado. — Guy olhou em volta. O melhor seria convidá-lo a ir até seu quarto no hotel. — Estou no Hotel Rice.

Markman tornou a olhar Guy de alto a baixo e disse após um longo intervalo:

— Está bem.

Ao passar pela caixa registradora, Guy deparou com as prateleiras de bebidas. Achou que seria simpático oferecer um drinque a Markman.

— Você gosta de uísque?

Mais à vontade, enquanto Guy comprava a bebida, Markman comentou:

— Coca é ótimo, mas misturada com alguma coisa fica melhor ainda.

Guy comprou também algumas garrafas de Coca-Cola.

Fizeram em silêncio o caminho até o hotel, subiram no elevador em silêncio e em silêncio entraram no quarto. Como começar, perguntava-se Guy. Havia uma dúzia de possíveis começos de conversa. Guy descartou todos.

Owen sentou-se na cadeira de braços, ocupado ora em lançar a Guy olhares de remota suspeita, ora em saborear seu longo drinque de uísque escocês com Coca-Cola.

Guy começou tartamudeando:

— O... que ..

— O quê? — perguntou Owen.

— O que é que você faria se soubesse quem matou Miriam?

Markman golpeou o chão com o pé e endireitou-se na cadeira.

As sobrancelhas franzidas formaram uma negra linha cheia acima dos olhos.

— Foi você?

— Não, mas sei quem foi.

— Quem?

Que sentimentos o perpassavam naquele momento? — perguntou-se Guy vendo-o ali sentado, uma expressão de seriedade estampada no rosto. Ódio? Ressentimento? Cólera?

— Eu sei, e muito brevemente a polícia também saberá. — Guy hesitou. — Um sujeito de Nova York chamado Charles Bruno. Ele morreu ontem. Afogado.

Owen reclinou-se um pouco na cadeira. Bebericou seu drinque.

— Como é que você sabe? Ele confessou?

— Eu sei. Faz algum tempo que sei. Por isso é que acho que errei. Por não tê-lo denunciado. — Passou a língua nos lábios. Torturava-o cada sílaba que pronunciava. E por que tanta precaução no entregar-se, centímetro por centímetro? Onde haviam ido parar suas fantasias todas, o suposto prazer e o alívio que lhe daria pôr tudo para fora de um fôlego só? — É por isso que não me perdoo. Eu... — Parou de falar ao ver Owen dar de ombros. Viu Owen esvaziar seu copo e, ato contínuo, misturar outra dose.

— É por isso que não me perdoo — repetiu. — Devo relatar-lhe as circunstâncias. Foi uma situação extremamente complexa. Veja. Conheci Charles Bruno num trem, a caminho de Metcalf. Em junho, pouco antes de ela ser assassinada. O objetivo da minha viagem era tratar do divórcio. — Engoliu em seco. E ali estava ele a enunciar as palavras que nunca ousara dizer a ninguém. Pronunciava-as voluntariamente, mas soavam rasteiras, horrivelmente banais. Além do mais, não conseguia livrar-se de uma rouquidão que lhe velava a garganta. Deteve-se a examinar o atento rosto moreno e afilado de Owen. As sobrancelhas já não se contraíam como um minuto atrás. Ele voltara a cruzar as pernas e Guy lembrou-se de repente das rudes botinas de trabalho que Owen usava na ocasião do inquérito. Agora calçava botas comuns, marrons, com elásticos em cada um dos lados. — E...

— Sim... — encorajou-o Owen.

— Falei de Miriam. Disse-lhe que a odiava. Bruno tinha um plano de assassinato. Um duplo homicídio.

— Deus do céu! — sussurrou Owen.

O “Deus do céu” evocou Bruno, e pela cabeça de Guy passou de repente uma ideia terrível, absolutamente terrível: ele poderia induzir Owen a cair na mesma armadilha à qual Bruno o atraíra, e Owen por sua sua vez seduziria outro desconhecido, que seduziria outro, e assim por diante, numa infinita sucessão de caças a se tornarem caçadores de outras caças. Guy foi sacudido por um tremor e cerrou os punhos.

— Meu erro foi simplesmente ter feito confidências a ele. Meu erro foi tratar de um problema pessoal com um desconhecido.

— Ele disse a você que ia matá-la?

— Não, claro que não. Era uma ideia dele. Tratava-se de um louco desvairado. Um psicopata. Eu lhe disse que se calasse e mandei-o para o inferno. Tratei de me livrar dele. — Estava de novo na cabine e saía em busca de ar. Podia até ouvir o bater da pesada porta do trem. Livre-se dele, pensara naquele momento.

— Você não o encorajou a realizar o plano.

— Não. Ele não me disse que faria aquilo.

— Por que não toma um gole? Por que não se senta? — O lento e dissonante falar de Owen pareceu restabelecer a ordem no quarto. Sugeria a Guy uma pedra falante, uma pedra solidamente engastada num terreno seco.

Não tinha vontade de sentar-se nem de beber. Na cabine de Bruno enchera-se de uísque. Aquilo ali era o fim e ele não queria que o fim se parecesse com o começo. Só por uma questão de boa educação, preparou um copo de uísque com água que ficou a manipular, mas sem provar. Ao voltar-se viu Owen colocando mais bebida em seu copo. Ele não interrompeu seus gestos, como se pretendesse mostrar a Guy que não estava fazendo nada às escondidas.

— Bom — comentou Owen com a fala arrastada —, se o sujeito era um maluco, como você está dizendo... Afinal, era essa a opinião do tribunal, não era? Que o assassino era um louco furioso.

— É.

— Enfim, claro que entendo o que você sentiu depois, mas se foi só um papo, como você diz, não sei por que lhe provoca toda essa culpa.

Guy olhava-o incrédulo. Será que aquilo não tinha nenhuma repercussão maior em Owen? Talvez ele não tenha entendido.

— Mas olhe aqui...

— Quando foi que você descobriu? — Um borrão enevoava os olhos castanhos de Owen.

— Uns três meses depois que aconteceu. Mas olhe só, se não fosse eu, Miriam agora estaria viva. — Guy viu Owen levar outra vez o copo à boca. Imaginava o gosto nauseante do uísque misturado com Coca-Cola a descer pela

goela de Owen. O que é que Owen ia fazer? Pular da cadeira de repente, jogar o copo no chão e esganá-lo como Bruno esganara Miriam? Parecia-lhe impossível que Owen continuasse ali sentado, mas o tempo foi passando e Owen não se mexia. — Olhe aqui, tenho de conversar com você — insistiu Guy. — Eu achava que você era a pessoa que eu realmente prejudiquei, a pessoa que pode ter sofrido de fato com tudo aquilo. O filho que ela ia ter era seu. Você ia se casar com ela. Você a amava. Foi você...

— Eu não a amava coisa nenhuma. — Owen olhou Guy sem qualquer mudança de expressão no rosto.

Guy encarou-o. Não a amava, não a amava, ecoaram dentro dele as palavras de Owen. Sua mente recuou no tempo, tateante, num esforço de recompor as antigas equações, que já não lhe pareciam corretas.

— Não a amava? — perguntou.

— Não. Enfim, não no sentido em que suponho que você esteja falando. É claro que não queria que ela morresse, e, acredite, teria feito tudo para impedir que isso acontecesse. Mas achei ótimo não precisar casar com ela. O casamento tinha sido ideia dela. Foi por isso que ficou grávida. Não acho que se deva culpar um homem por isso. Você acha? — Owen olhava-o expectante, com um ar de gravidade ligeiramente ébria, a boca larga e resoluta traçando no rosto a mesma linha irregular que Guy vira no banco das testemunhas. Estava à espera de que Guy dissesse alguma coisa, desse seu veredito sobre a conduta dele com Miriam.

Guy virou para o outro lado com um gesto sem qualquer significação precisa. As equações estavam todas erradas. Não faziam qualquer sentido, exceto o da pura e simples ironia. Não via qualquer razão para se achar ali, exceto a da ironia. Não via qualquer justificativa para aquela sua torturante e dolorosa faina num quarto de hotel, seus cuidados para com um desconhecido que nem remotamente se preocupava com aquilo. Era demasiado irônico.

— O que é que você acha? — insistiu Owen, alcançando a garrafa na mesa ao lado.

Guy não conseguiu pronunciar uma única palavra. Incendiava-o por dentro um indistinto sentimento de raiva. Puxou a gravata peito abaixo, abriu o colarinho e atirou, para as janelas abertas, um olhar de quem procura um aparelho de ar condicionado.

Owen deu de ombros. Parecia perfeitamente à vontade em sua camisa desabotoada sobre o peito e em sua jaqueta de couro com o zíper aberto. Guy sentiu uma vontade absolutamente desarrazoada de enfiar algo pela goela de Owen, espancá-lo e espezinhá-lo, movido sobretudo pelo propósito de desalojá-lo de seu complacente conforto na cadeira.

— Escute aqui — começou Guy a dizer calmamente —, eu sou um...

Mas Owen pôs-se a falar ao mesmo tempo e foi em frente na sua lengalenga sem sequer notar que Guy estava parado de boca aberta no meio do quarto.

— ... a segunda vez. Dois meses depois de me divorciar me casei e aí em seguida já estava cheio de problemas. Se com Miriam ia ou não ia ser diferente, não sei, mas tenho um palpite de que seria pior. Louise se mandou há dois meses, depois de quase ter tocado fogo na casa, a maluca. Um apartamento grande. — Prosseguiu na sua arenga, pegando a garrafa bem à mão e vertendo mais uísque no copo. Guy interpretava como um desrespeito, uma afronta deliberadamente dirigida a ele, a maneira como Owen se servia. Guy recapitulou o comportamento dele no inquérito, um comportamento no mínimo indefinido diante do que se espera do marido da vítima. Que razões tinha ele para esperar respeito da parte de Owen? — O pior é que o homem sai sempre perdendo, porque as mulheres sabem tirar partido das coisas. Louise, por exemplo, se quiser voltar para aquele apartamento todo mundo vai lhe dar as boas-vindas, mas se for eu que...

— Escute! — disse Guy, sentindo-se incapaz de continuar a ouvi-lo. — Eu... Eu também matei uma pessoa! Também sou um assassino!

Os pés de Owen voltaram para o chão e ele se endireitou na cadeira. Seus olhos foram de Guy para a janela e voltaram a Guy, como se avaliassem as possibilidades de fugir ou preparar sua defesa. Mas a expressão de estupefação e susto em seu rosto era tão pouco convincente e tão composta que chegava a parecer um escárnio, uma contrafação da seriedade de Guy. Owen ia pousar o copo na mesa mas acabou por não fazê-lo.

— Como é que é? — perguntou.

— Escute! — tornou Guy a gritar. — Escute aqui, sou um homem liquidado. Aqui e agora valho tanto quanto um homem morto, porque vou entregar os pontos. Neste exato momento! Porque matei uma pessoa, será que você entende isso? Não me faça esse ar desligado nem torne a se refestelar nessa cadeira!

— Por que não? — Owen segurava com as duas mãos o copo que acabara de renovar com Coca-Cola e uísque.

— Não significa nada para você que eu seja um assassino, que eu tenha tirado a vida de um homem, coisa que nenhum ser humano tem o direito de fazer?

Owen pode ter assentido ou não. Fosse como fosse, continuava a beber devagar.

Guy fitou-o. As palavras, intraduzíveis labirintos de milhares e milhares de palavras, pareciam congestionar-lhe até mesmo o fluxo do sangue e provocar ondas de calor que lhe subiam pelos braços desde as mãos fechadas. As palavras

eram insultos a Owen, frases e parágrafos da confissão que redigira de manhã e que agora se embaralhavam porque o bêbado idiota sentado na cadeira de braços não se dispunha a ouvi-las. O bêbado idiota estava decidido a aparentar indiferença. Provavelmente ele tinha cara de assassino, com camisa imaculadamente branca, a gravata de seda e calça azul-marinho. Mesmo no rosto castigado talvez ninguém fosse capaz de ver um assassino.

— Aí é que está o erro — disse Guy falando alto —, que ninguém seja capaz de reconhecer um assassino. Um assassino é igual a qualquer um! — Pressionou a testa com as palmas da mão e abaixou-a. Reparou que suas últimas palavras lhe haviam escapado sem que pudesse detê-las. Exatamente como quando conhecera Bruno.

Num rompante Guy serviu-se de um drinque, três dedos de uísque puro que tomou num gole só.

— Que bom ver que agora tenho companhia para beber — resmungou Owen.

Guy sentou-se sobre o limpo cobertor verde da cama diante de Owen. Sentiu-se cansado de repente.

— Não significa nada — recomeçou —, não significa nada para você, não é?

— Você não é o primeiro homem que eu conheço que matou alguém. Ou mulher. Aliás acho que as mulheres geralmente se dão melhor nisso. Elas se livram com mais facilidade.

— Não vou me livrar. Não me livrei. Fiz aquilo a sangue-frio. Não tinha motivo nenhum. Será que você não percebe que isso é muito pior? Fiz porque. — Pretendia dizer que o fizera porque sua própria cota de perversidade o permitira. Pretendia explicar-lhe que o fizera pelas mesmas razões que levam os cupins a atacar a madeira, mas desistiu por saber que nada daquilo faria o menor sentido para Owen, porque Owen era um homem prático. Tão prático que jamais se daria ao trabalho de agredi-lo, fugir dele ou chamar a polícia, já que lhe parecia tão cômodo estar ali sentado naquela cadeira.

A cabeça de Owen moveu-se para baixo e para cima, como se estivesse de fato a refletir sobre as considerações de Guy. Suas pálpebras semicerravam-se sobre os olhos. Catou algo no bolso da calça, um saquinho de tabaco. De um bolso da camisa tirou papéis para enrolar cigarros.

Por um tempo que lhe pareceu infinito, Guy acompanhou-lhe os movimentos manuais.

— Pegue um — disse Guy oferecendo-lhe seus cigarros. Owen olhou-os desconfiado.

— Que cigarros são esses?

— Canadenses. De primeira qualidade. Experimente.

— Obrigado, eu... — Owen fechou o saquinho com os dentes — prefiro os meus. — Gastou pelo menos três minutos enrolando o cigarro.

— Foi exatamente como se eu tivesse puxado uma arma e atirado em alguém em praça pública — continuou Guy, decidido a ir em frente, embora fosse a mesma coisa que se dirigir a algo inanimado, um ditafone que tivesse sido posto ali em cima da cadeira. A diferença era que suas palavras de modo algum pareciam estar sendo assimiladas. Será que não passava pela cabeça de Owen que poderia de repente apontar-lhe um revólver naquele quarto de hotel? — Fui forçado a fazer aquilo. É o que vou dizer à polícia, embora não vá fazer nenhuma diferença, porque o fato é que fiz aquilo. Escute, tenho de lhe falar da ideia de Bruno. — Agora pelo menos Owen tinha os olhos nele, embora, longe de demonstrar verdadeiro interesse, seu rosto ostentasse tão-somente uma expressão de prazenteira e embriagada boa educação. Guy rechaçou a hipótese de permitir que isso o impedisse de ir adiante.

— A ideia de Bruno era a de que um mataria pelo outro: ele mataria Miriam e eu, seu pai. Veio ao Texas e matou Miriam, a minha revelia. Sem meu conhecimento ou consentimento, está percebendo? — Era abominável a sua cuidadosa seleção das palavras, mas Owen estava pelo menos escutando. As palavras, pelo menos, estavam saindo. — Eu não sabia de nada, nem sequer suspeitava, não mesmo. Até alguns meses depois. Aí ele começou a me perseguir. Disse-me que atribuiria a mim a culpa pela morte de Miriam, a menos que eu cumprisse a outra parte do plano hediondo, está entendendo? Ou seja, matar seu pai. A base da ideia era a de que seriam crimes sem motivação. Sem nenhum motivo pessoal. Ninguém teria como nos achar. Desde que não voltássemos a nos ver. Mas aí surge outra questão. O seguinte: eu o matei. Eu estava arrasado. Bruno me arrasou com cartas e chantagem e noites em claro. Pois é, me levou à loucura. E ouça o que vou lhe dizer. Acho que qualquer pessoa pode ser induzida à destruição dessa maneira. Eu poderia destruir você. Sob determinadas circunstâncias eu poderia solapar sua resistência e levar você a matar alguém. Os métodos seriam talvez diferentes dos que Bruno empregou comigo, mas o resultado seria o mesmo. O que é que você acha que mantém de pé os Estados totalitários? Ou será, Owen, que nunca parou para pensar nesse tipo de coisas? Não interessa, isso é o que vou dizer à polícia, o que não terá a menor importância, porque eles vão dizer que eu não podia ter fraquejado. Nada disso terá qualquer importância porque dirão que fui fraco. Mas nada disso me afeta mais, compreende? — Abaixou a cabeça, tentando ver o rosto de Owen mas Owen não parecia prestar-lhe atenção. Apoiada numa das mãos, a cabeça de Owen descambava para o outro lado. Era impossível conduzir Owen a qualquer

espécie de entendimento, ele simplesmente não compreendia o centro da questão, mas tampouco aquilo tinha qualquer importância. — Estou pronto para tudo, para qualquer coisa que queiram fazer comigo. Amanhã vou dizer à polícia exatamente a mesma coisa.

— Você tem alguma prova? — perguntou Owen.

— Prova de quê? Que prova eu precisaria apresentar ao declarar que matei um homem?

A garrafa escorregou por entre os dedos de Owen e caiu no chão, mas restava tão pouca coisa dentro dela que muito pouco se perdeu.

— Você é arquiteto, não? — perguntou Owen. — Acabei de me lembrar. — Colocou a garrafa de pé, com gestos canhestros, mas deixou-a no chão.

— E o que tem isso?

— Foi só uma ideia que me passou pela cabeça.

— Que ideia? — perguntou Guy, impaciente.

— É porque você me parece um pouco melindroso, se quer minha opinião sincera. Está certo, você não me perguntou nada. — Por trás da nublada expressão de Owen revelava-se agora uma atitude de alerta ante a perspectiva de que Guy se levantasse para agredi-lo por causa de sua observação. Ao notar que Guy não se mexia, voltou a recostar-se na cadeira e nela afundou ainda mais.

Guy escarafunchou os pensamentos à procura de uma ideia concreta para apresentar a Owen. Não queria perder o ouvinte, por mais desatento que se mostrasse.

— Me diga uma coisa, como é que você se sente ao lado de pessoas que sabe que mataram alguém? Como é que você as trata? Como reage diante delas? Você consegue conviver com elas do mesmo modo que com outra pessoa qualquer?

O bombardeio implacável de Guy aparentemente levou Owen a fazer uma tentativa de reflexão. Com um sorriso e um casual piscar de olhos, respondeu finalmente:

— Viva e deixe viver.

A raiva tornou a assediá-lo. Por um momento pareceu-lhe um vício inescapável a possuir seu corpo e sua mente. Não havia palavras para descrever o que sentia. Ou então havia palavras demais para a tentativa de descrever aquilo. A palavra formou-se sem qualquer ajuda de sua consciência e lhe escapou como uma disparada por entre os dentes:

— *Idiota*!

Um leve sobressalto fez Owen mexer-se na cadeira, mas seu jeito imperturbável acabou por prevalecer. Parecia hesitar entre sorrir e fechar a cara.

— O que é que eu tenho a ver com isso? — indagou firmemente.

— O que é que você tem a ver com isso? Bem, você... Você faz parte da sociedade!

— Nesse caso, o problema é da sociedade — replicou Owen com um gesto de descuidada indolência. Olhava para a garrafa de uísque escocês, na qual não restavam mais do que dois dedos de bebida.

Era um problema da sociedade, pensava Guy. Seria uma atitude genuinamente sua ou estaria ele apenas bêbado? Com certeza era aquilo mesmo o que pensava Owen. Ele não tinha qualquer motivo para mentir. Ocorreu-lhe então que fora exatamente aquela a sua atitude quando começara a suspeitar de Bruno, antes de Bruno pôr-se a atormentá-lo. Seria aquela a atitude que a maioria das pessoas assumia? Nesse caso, quem respondia pela sociedade?

Guy deu as costas a Owen. Sabia perfeitamente de que pessoas se constituía a sociedade. Mas a ideia que até então fizera da sociedade, considerando seu caso pessoal, remetia à lei, às inescapáveis regras do jogo. A sociedade, no entanto, era gente feito Owen, gente como ele mesmo, gente como... Brillhart, por exemplo, em Palm Beach. Teria sido Brillhart capaz de denunciá-lo? Não. Não conseguia imaginar Brillhart a denunciá-lo. Todo mundo deixava a tarefa para outra pessoa que a transferia para outra ainda, e afinal ninguém tomava qualquer providência. Que importância dava realmente aos cânones estabelecidos? Não fora um desses cânones que o mantivera ligado a Miriam? A vítima de assassinato fora uma pessoa, não? E tudo o que importava não era, portanto, as pessoas? E se, de Owen a Brillhart, ninguém se preocupava em entregá-lo, por que devia ele preocupar-se? Por que lhe passara pela cabeça hoje de manhã a ideia de entregar-se à polícia? Por que tal masoquismo? Não, não iria entregar-se. O que de fato naquele momento lhe pesava na consciência? Que ser humano seria capaz de delatá-lo?

— Só um alcaguete — disse Guy. — Imagino que um informante da polícia seria perfeitamente capaz de dar o serviço.

— É isso aí — concordou Owen. — Um informante sujo e fedorento. — Ele riu alto, num riso que representava um alívio ante a tensão reinante.

Guy mirava gravemente o espaço abstrato. Tentava encontrar um terreno firme através do qual pudesse alcançar o que apenas vislumbrara, muito longe de onde estava. A lei não se confundia com a sociedade, era este o ponto de partida. A sociedade era representada por gente como ele mesmo, Owen e Brillhart, que não tinham o direito de subtrair a vida a um outro membro da sociedade. A lei, contudo, tinha tal direito.

— Mas a lei é supostamente a projeção dos anseios da sociedade. Talvez nem seja isso. Ou talvez seja isso num plano estritamente coletivo — acrescentou, consciente de que contornava as indagações para evitar as respostas

finais, tornando as coisas tão complexas quanto possível, a fim de chegar a uma certeza total.

— Hummm? — murmurou Owen. Sua cabeça apoiava-se de novo contra o encosto da cadeira, o cabelo preto em desalinho sobre a testa, os olhos quase fechados.

— Bem, a coletividade é perfeitamente capaz de linchar um assassino, mas é exatamente isso o que a lei deve supostamente evitar.

— Nunca concordei com linchamentos — disse Owen. — Não é justo! Esse tipo de coisa traz pro sul uma péssima reputação, desnecessariamente.

— O que eu acho é o seguinte: Se a sociedade não tem o direito de tirar a vida de uma pessoa, a lei também não tem. Isso se nós considerarmos que a lei é um conjunto de regulamentos que foi transmitido aos seres humanos mas no qual nenhum ser humano pode mexer. Mas, afinal de contas, a lei trata dos seres humanos. Estou me referindo a pessoas como você e eu. Especialmente ao meu caso. Neste exato momento, me limito a discutir o próprio caso. É só uma questão de lógica. Mas você quer saber de uma coisa, Owen? Nem sempre a lógica funciona quando se trata de pessoas. Quando você constrói um prédio, tudo bem, o material se comporta como você espera, mas... — a argumentação dissipou-se qual fumaça. Um muro bloqueava qualquer tentativa sua de discurso dali por diante, porque dali por diante era impossível todo e qualquer pensamento. Falara alto e claro, mas sabia que Owen não prestara atenção em suas palavras, ainda que tentasse ouvi-las. Cinco minutos atrás, no entanto, Owen deixara clara sua reação de indiferença quanto à questão da culpa que ele, Guy, pudesse ter. — Me pergunto o que aconteceria se um júri examinasse o caso — disse este.

— Que júri?

— Ou consideramos que doze seres humanos compõem um júri ou então um júri não passa de um conjunto de leis. É uma questão muito interessante. Acho que sempre será uma questão interessante. — Virou o resto da garrafa no copo e bebeu. — Mas acho que nada disso tem muito interesse para você, tem, Owen? Você achou alguma graça nessa conversa?

Owen permanecia silencioso e imóvel.

— Você não se interessa por nada, não é? — Guy ficou a olhar os grandes e muito usados sapatos marrons de Owen displicentemente apoiados no tapete sobre os calcanhares, as pontas viradas uma contra a outra. Aquela desavergonhada e desleixada estupidez pareceu-lhe subitamente a própria imagem da estupidez humana. Instantaneamente remeteu-o ao velho antagonismo em relação a todos aqueles que se opuseram ao desenvolvimento pleno de seu trabalho. E antes que se tivesse dado conta do como e do porquê,

estava a cutucar, malévolo, o sapato de Owen. Ainda assim Owen não se mexeu. Guy pensou em seu trabalho. Claro, o trabalho estava à sua espera. Pensar nisso mais tarde, deixar tudo isso para depois, mas de fato havia trabalho à sua espera.

Olhou o relógio. Meia-noite e dez. Não queria dormir ali. Cogitou se conseguiria um voo ainda hoje de madrugada. Tinha de achar um meio de partir. De trem, talvez.

Sacudiu Owen.

— Owen, acorde. Owen!

Owen balbuciou algo em tom interrogativo.

— Acho que em sua casa você vai dormir melhor.

Owen ergueu-se na cadeira e disse claramente:

— Duvido muito.

Guy pegou seu casaco de cima da cama. Olhou em volta, mas não estava esquecendo nada porque não trouxera nada. Achou que seria melhor telefonar agora mesmo para o aeroporto.

— Onde é o banheiro? — perguntou Owen levantando-se. — Não estou me sentindo muito bem.

Guy não conseguia achar o telefone. Mas um fio era visível a partir da mesa de cabeceira. Ele o seguiu até debaixo da cama. O fone estava fora do gancho e na mesma hora ele percebeu que não fora parar ali por acaso. Suas partes haviam sido deliberadamente colocadas ao pé da cama, o fone sinistramente voltado na direção da cadeira em que Owen estivera sentado. Guy trouxe lentamente o telefone para si.

— Ei, será que não existe nenhuma privada por aqui? — Owen abria a porta de um armário.

— Deve ter uma aí no corredor. — Sua voz estava trêmula. Segurava o telefone e preparava-se para falar, levando o fone ao ouvido. Havia silêncio mas ele percebeu que havia alguém do outro lado. — Alô?

— Alô, Sr. Haines. — Era uma voz cheia, amável, mas com uma ponta de hostilidade.

Em vão Guy pensou interromper o diálogo e em seguida se rendeu sem qualquer palavra de protesto. Parecia uma fortaleza a ruir, um altíssimo edifício a desmoronar. Paredes pulverizando-se e caindo silenciosamente.

— Não houve tempo para a instalação de um gravador. Mas bem junto à porta, do lado de fora, pude ouvir a maior parte do que foi dito. Posso entrar?

Os meninos de Gerard deviam estar de plantão no aeroporto de Nova York, conjeturou Guy, e quem sabe ele fretou um avião para vir atrás dele. Bem possível. E era aquele o resultado. Fora suficientemente imbecil para assinar seu nome verdadeiro no registro do hotel.

— Pode entrar — ecoou Guy. Recolocou o fone no gancho e ficou parado em pé, de olho na porta. O coração batia mais depressa do que nunca, a ponto de fazê-lo acreditar que ia cair morto dali a instantes. Corra, ocorreu-lhe. Pule, ataque-o assim que ele aparecer. É a sua última chance. Mas não se mexeu. Tinha uma vaga impressão de que Owen vomitava na pia do canto atrás dele. Ouviu em seguida uma pancada seca na porta e se dirigiu para lá pensando se afinal o desfecho não deveria ser mesmo aquele: uma surpresa, a presença de um desconhecido que não entendia absolutamente nada a vomitar a um canto do quarto, os pensamentos desordenados e, pior, semirrevelados em golfadas de pura mixórdia. Guy abriu a porta.

— Olá — disse Gerard, entrando com seu chapéu e seus braços a balançar desordenados, em seu jeito de sempre.

— Quem é? — perguntou Owen.

— Amigo do Sr. Haines — respondeu Gerard despreocupadamente e, olhando para Guy com sua cara redonda tão séria quanto antes, piscou para ele. — Suponho que você vai para Nova York esta noite, não é?

Guy fixava o rosto familiar de Gerard, a grande verruga de sua face, o brilhante e vivo olho que piscara para ele, que sem dúvida piscara para ele. Gerard era a lei. Gerard estava do seu lado, tanto quanto qualquer pessoa poderia estar, pois Gerard conhecera Bruno. Guy soube disso agora, como se o tivesse sabido o tempo todo, embora nunca lhe tivesse ocorrido antes. Sabia também que tinha de encarar Gerard. Isso fazia parte de tudo, sempre fizera. Era inevitável e predeterminado, assim como o girar da Terra, e não havia sofisma com que pudesse libertá-lo.

— Não é? — insistiu Gerard.

Guy tentou falar, e disse algo inteiramente diferente do que havia pretendido.

— Leve-me.

[1] A autora monta um pequeno jogo com as palavras *doghouse*, canil, e *dogwood*, árvore conhecida como corniso. (N. do T.)

[2] No original, *Hangover*; jogo verbal da autora. (N. do T.)

[3] *Miss Carriage*, por *miscarriage*, no original. A autora parece acionar também os significados de desencaminhar, fazer extraviar, em *miscarry*. (N. do T.)

[4] Cutty Sark, famosa marca de uísque escocês. (N. do T.)

[5] *Rye* é um uísque de centeio, de consumo local, diverso do uísque escocês, de cevada, e do bourbon, também norte-americano, de milho. (N. do T.)

[6] Aparelho que toca música, nos bares e restaurantes, quando acionado por moedas. (N. do T.)

[7] Uísque (bourbon), açúcar, hortelã e gelo. Drinque muito apreciado nos EUA. (N. do T.)

[8] Frank Lloyd Wright, arquiteto norte-americano (1869-1959). (N. do T.)

[9] Nos EUA, um estabelecimento que vende basicamente remédios, mas também bebidas e outros artigos. (N. do T.)